

A SEQUÊNCIA DA SÉRIE INICIADA COM
EU SOU O NÚMERO QUATRO
O LIVRO QUE ORIGINOU O FILME

O DESTINO DA NÚMERO DEZ

**PITTACUS
LORE**

A SEQUÊNCIA DA SÉRIE INICIADA COM
EU SOU O NÚMERO QUATRO

O LIVRO QUE ORIGINOU O FILME

O DESTINO DA NÚMERO DEZ

PITTACUS
LORE



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

O DESTINO DA NÚMERO DEZ

OS LEGADOS DE LORIEN

LIVRO SEIS

PITTACUS LORE

TRADUÇÃO DE VIVIANE DINIZ



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

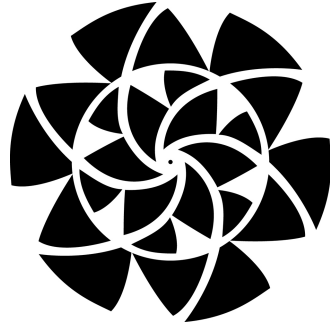
É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.





OS EVENTOS NESTE LIVRO SÃO REAIS.

NOMES E LUGARES FORAM MODIFICADOS
PARA PROTEGER OS SEIS LORIENOS,
QUE CONTINUAM ESCONDIDOS.

OUTRAS CIVILIZAÇÕES REALMENTE EXISTEM.

E ALGUMAS QUEREM DESTRUIR VOCÊS.

A PORTA DA frente começa a tremer. É o que sempre acontece quando batem o portão de ferro da entrada do prédio, dois andares abaixo, desde que eles se mudaram para o apartamento no Harlem há três anos. Entre a entrada do edifício e as paredes finas como papel do apartamento, sempre ficam sabendo das idas e vindas de todos os moradores. Eles colocam a televisão no silencioso para ouvir melhor: uma garota de quinze anos e um homem de cinquenta e sete, filha e padrasto que raramente olham nos olhos um do outro, mas que colocaram suas muitas diferenças de lado para acompanhar a invasão alienígena. O homem passou a maior parte da tarde murmurando orações em espanhol, enquanto a garota assistiu aos noticiários em um silêncio reverente. Para ela, tudo aquilo era uma espécie de filme, tanto que ainda não sente medo. A menina se pergunta se o garoto louro bonito que tentou combater o monstro está morto. O homem se pergunta se a mãe da menina, que trabalha como garçonete em um pequeno restaurante do centro, sobreviveu ao ataque inicial.

Um dos vizinhos sobe a escada correndo, passando pelo andar deles e gritando:

— Eles estão no quarteirão! Eles estão no quarteirão!

O homem bufa, descrente.

— O camarada está ficando maluco. Aqueles esquisitões pálidos não estão nem aí para o Harlem. Estamos seguros aqui — diz ele, tentando tranquilizar a enteada e aumentando o volume da televisão.

A garota não tem tanta certeza disso. Ela vai furtivamente até a porta e espia pelo olho mágico. O corredor está vazio e mal iluminado.

Como a área de Midtown atrás dela, a repórter na tevê está destruída, o rosto e o cabelo louro repletos de terra e cinzas. Na boca, uma mancha de sangue seco. A mulher está visivelmente desesperada.

— Confirmando: o bombardeio parece ter diminuído — diz a repórter, com a voz trêmula, o homem ouvindo tudo absorto. — Os... os... os mogadorianos, eles

tomaram as ruas e parecem estar, hmmm, fazendo prisioneiros, embora tenhamos visto alguns novos atos de violência à... à... menor provocação...

A repórter abafa um soluço. Atrás dela, há centenas de alienígenas pálidos em uniformes escuros marchando pelas ruas. Alguns deles viram a cabeça e direcionam seus olhos negros vazios para a câmera.

— Jesus Cristo — diz o homem.

— Mais uma vez, para reiterar, estamos sendo... hmmm, estão nos deixando transmitir. Eles... eles... os invasores, eles parecem nos *querer* aqui...

Lá embaixo, o portão balança novamente. Há um som estridente de metal sendo arrancado do lugar e um estrondo alto. Alguém não tinha uma chave. Alguém precisou derrubar o portão.

— São eles — diz a menina.

— Cala a boca — responde o homem. Ele abaixa o volume da tevê novamente.

— Quer dizer, fica quieta. Merda.

Eles ouvem passos pesados subindo a escada. A menina se afasta do olho mágico quando ouve outra porta ser derrubada. Os vizinhos de baixo começam a gritar.

— Vá se esconder — fala o homem para a garota. — Rápido.

O homem segura com mais força o taco de beisebol que pegou no armário do corredor quando a nave mãe alienígena apareceu pela primeira vez no céu. Ele se aproxima da porta tremelicante, posiciona-se em um dos lados, de costas para a parede. Um barulho vindo do corredor. Um estrondo, a porta do vizinho sendo arrancada das dobradiças, palavras ásperas em um inglês gutural, gritos, e, finalmente, um som como se um relâmpago comprimido tivesse irrompido. Eles já tinham visto as armas dos alienígenas na televisão, assistindo pasmos os raios crepitantes de energia azul que disparavam.

Novamente o som de passos, que dessa vez param em frente à sua porta oscilante. Os olhos do homem estão arregalados, as mãos firmes no bastão. Ele percebe que a garota não se moveu. Está paralisada.

— Acorda, idiota — dispara ele. — *Vai*.

Ele acena a cabeça em direção à janela da sala. Está aberta, a saída de incêndio à espera lá fora.

A garota detesta quando o homem a chama de idiota. Mesmo assim, pela primeira vez que se lembra, a menina faz o que o padrasto lhe diz, saindo pela janela da mesma maneira que já fugiu do apartamento tantas vezes antes. A garota sabe que não deveria ir sozinha. Seu padrasto precisa fugir também. Ela se vira para chamá-lo no exato instante em que a porta da frente é derrubada.

Os aliens são muito mais feios pessoalmente do que pela televisão. Sua singularidade faz a menina congelar. Ela observa a pele muito pálida do primeiro através da janela, os olhos negros que não piscam e as tatuagens bizarras. São quatro alienígenas ao todo, todos armados. É o primeiro que vê a menina na saída de incêndio. Ele para à porta, a estranha arma apontada na direção dela.

— Renda-se ou morra — diz o alien.

Um segundo depois, o padrasto da garota acerta o alienígena no rosto com o taco. É um golpe poderoso — o velho ganhava a vida como mecânico, as doze horas diárias de trabalho resultando em braços fortes e musculosos. Ele afunda a cabeça do alienígena e a criatura imediatamente se desintegra, transformando-se em cinzas.

Antes que seu padrasto puxe o taco de volta, o alien mais próximo atira em seu peito.

O homem é lançado para trás, os músculos contraídos, a camisa queimada. Ele aterrissa na mesa de centro de vidro e rola, acabando por fim de frente para a janela, encarando a menina.

— Corra! — De alguma forma o padrasto encontra forças para gritar. — Corra, droga!

A menina sai em disparada. Quando chega à escada, ouve tiros que vêm do seu apartamento. Tenta não pensar no que isso significa. Um rosto pálido põe a cabeça para fora da janela e aponta a arma para ela.

Ao fim dos degraus, ela pula, caindo no beco lá embaixo, o ar ao seu redor crepitando. Os pelos de seus braços se arrepiam e a menina percebe que há

eletricidade correndo pelo metal da escada de incêndio. Mas ela não está ferida. O alienígena errou o tiro.

A menina salta sobre alguns sacos de lixo e corre para sair do beco, dando uma olhada ao virar a esquina para ver a rua em que cresceu. Há um hidrante jorrando água, o que faz a garota se lembrar das festas que aconteciam no bairro durante o verão. Ela vê um caminhão dos correios virado, o motor fumegando como se fosse explodir a qualquer momento. Mais para a frente no quarteirão, no meio da rua, a menina se depara com a pequena nave espacial dos aliens, uma das muitas que ela e o padrasto viram sair da imensa nave que ainda paira sobre Manhattan. Todos os noticiários transmitiram aquelas imagens incessantemente. Quase tantas vezes quanto exibiram o vídeo sobre o menino de cabelo louro.

John Smith. Esse é o seu nome. A garota que narrava o vídeo disse isso.

“Onde ele está agora?”, pergunta-se a garota. “Salvando pessoas no Harlem é que não está, isso é certo.”

A menina sabe que ela mesma terá que se salvar.

Ela está prestes a correr novamente quando vê outro grupo de alienígenas saindo de um prédio de apartamentos do outro lado da rua. Leva uma dúzia de seres humanos com ele, rostos familiares do bairro, algumas crianças que a menina reconhece da escola. Sob a mira de armas, as pessoas são forçadas a ficar de joelhos no meio-fio. Um dos alienígenas grandes e bizarros caminha pela fila de pessoas, clicando um pequeno objeto em sua mão, como um carcereiro de prisão. Estão fazendo uma contagem. A garota não tem certeza de que quer ver o que vai acontecer em seguida.

Então ouve guinchos de metal atrás dela. Vira-se e vê um dos alienígenas que estavam em seu apartamento descendo a escada de incêndio.

Ela corre. A garota é rápida, conhece aquelas ruas como ninguém. O metrô fica a apenas alguns quarteirões dali. Certa vez, em uma espécie de desafio, ela desceu da plataforma e se aventurou pelos túneis. Nem de longe a escuridão e os ratos a assustaram tanto quanto aqueles aliens. Por isso, é para lá que vai. Ela pode se esconder, talvez até chegar ao centro da cidade, tentar encontrar a mãe.

A menina não sabe como vai contar sobre o padrasto. Ela mesma ainda não acredita que tudo aquilo é real. Continua esperando acordar do pesadelo.

A menina dobra uma esquina e dá de cara com três aliens. Na mesma hora ela tenta dar meia-volta e sair dali, mas acaba torcendo o tornozelo, suas pernas sumindo de baixo dela. Ela cai, batendo com força na calçada. Um dos aliens deixa escapar um ruído curto e áspero — a garota percebe que ele está rindo dela.

— Renda-se ou morra — diz ele, e a menina sabe que não é realmente uma escolha. Os alienígenas já estão com as armas levantadas e apontadas, os dedos quase acionando os gatilhos.

Renda-se e morra. Eles vão matá-la independentemente do que faça em seguida. A garota tem certeza disso.

Ela levanta as mãos para se defender. É um reflexo. Ela sabe que isso não adiantará nada contra as armas deles.

Só que adianta.

As armas dos alienígenas viram para cima com força, escapando de suas mãos. E então saem voando vinte metros pelo quarteirão.

Os aliens olham para a menina, atordoados e confusos. Ela também não entende o que acabou de acontecer.

Mas sente algo diferente dentro de si. Algo novo. É como se ela fosse um titereiro, manipulando cordas ligadas a todos os objetos à sua volta. Tudo o que precisa fazer é empurrar e puxar. A menina não faz ideia de como sabe disso. Parece natural.

Um dos aliens corre em direção a ela e a menina move a mão direita para a esquerda. Ele voa até o outro lado da rua, debatendo-se, e acerta o para-brisa de um carro estacionado. Os outros dois trocam um olhar e começam a recuar.

— Quem está rindo agora? — pergunta ela, levantando-se.

— Garde — sussurra um deles em resposta.

A menina não sabe o que isso significa. A forma como o alien diz aquilo faz a palavra parecer um xingamento, o que faz a garota sorrir. Sente prazer ao ver que aquelas coisas devastando seu bairro estão com medo dela agora.

Ela pode lutar contra eles.

Ela vai matá-los.

A garota ergue uma das mãos rapidamente e, então, um dos alienígenas começa a se erguer do chão. Depois ela abaixa a mão com a mesma velocidade, atirando o alien em cima de um de seus companheiros. Ela repete o movimento até os dois se transformarem em cinzas.

Quando acaba, a menina olha para as mãos. Ela não sabe de onde veio aquele poder. Não sabe o que significa.

Mas vai usá-lo.

CAPÍTULO

UM

PASSAMOS CORRENDO PELA asa quebrada de um avião de caça, o metal cravado no meio de uma rua como uma barbatana de tubarão. Quanto tempo se passou desde que vimos os jatos passarem zunindo no céu, em direção ao subúrbio e a *Anúbis*? Parecem dias, mas devem ter sido apenas horas. Algumas das pessoas com quem estamos — os sobreviventes — gritaram e comemoraram quando viram os jatos, como se a maré fosse virar.

Eu sabia que não seria bem assim. Fiquei quieto. Apenas alguns minutos depois, ouvimos o estrondo, a *Anúbis* explodindo aqueles jatos no céu, espalhando pedaços das aeronaves militares mais sofisticadas da Terra por Manhattan inteira. Depois disso, não mandaram mais nenhum jato.

Quantos morreram até agora? Centenas. Milhares. Talvez mais. E é tudo culpa minha. Porque não consegui matar Setrákus Ra quando tive a chance.

— À esquerda! — grita uma voz de algum lugar atrás de mim. Viro a cabeça e, sem pensar, lanço uma bola de fogo e incinero um mensageiro mog que dobra a esquina.

Eu, Sam e os cerca de doze sobreviventes que se juntaram a nós ao longo do caminho andamos sem parar. Estamos na parte mais baixa de Manhattan agora. Corremos para cá. Lutamos para chegar aqui. Quarteirão a quarteirão. Tentando nos afastar o máximo

possível de Midtown, onde o ataque dos mogs acontece com mais intensidade, onde vimos a *Anúbis* pela última vez.

Estou exausto.

Eu tropeço. Mal consigo sentir os pés de tão cansados. Estou prestes a desabar. Sinto alguém passar o braço pelos meus ombros e me segurar.

— John? — chama Sam, preocupado. Sua voz faz eco, como se estivesse vindo de dentro de uma caverna. Tento responder, mas as palavras não vêm. Sam vira a cabeça e fala com um dos outros sobreviventes: — Temos que sair daqui e fazer uma parada. Ele precisa descansar.

Quando dou por mim, estou encostado em uma parede do hall de entrada de um prédio residencial, cambaleando. Devo ter apagado por um minuto. Tento me firmar, me recuperar. Preciso continuar lutando.

Mas não consigo — meu corpo se recusa a aceitar mais uma punição. Deslizo pela parede até me sentar no chão. O chão está coberto de poeira e cacos de vidro, provavelmente resultado de alguma explosão do lado de fora. Há cerca de vinte e cinco de nós amontoados ali. Foram todos os que conseguimos salvar. Sujos de sangue e poeira, alguns deles feridos, todos nós cansados.

Quantos ferimentos eu curei hoje? No início, foi fácil. Mas, depois de um tempo, e de tantas pessoas, comecei a sentir meu Legado de cura drenando todas as minhas energias. Devo ter atingido o meu limite.

Lembro-me das pessoas não pelo nome, mas pelo lugar onde as encontrei ou por que parte do corpo delas curei. Braço-Quebrado e Preso-Embaixo-do-Carro parecem preocupados, com medo.

Uma mulher, Saltou-da-Janela, coloca a mão em meu ombro e pergunta se estou bem. Faço que sim com a cabeça, e ela parece aliviada.

Bem à minha frente, Sam conversa com um policial na casa dos cinquenta anos. Um dos lados do rosto do homem está coberto por sangue seco, que escorreu de um corte no alto da cabeça que curei. Esqueci o nome dele e onde o encontramos. Suas vozes soam distantes, como se estivessem viajando por um túnel. Tenho que me concentrar para entender as palavras, e mesmo isso exige um esforço colossal. Minha cabeça parece envolta em algodão.

— Fiquei sabendo pelo rádio que temos um ponto de apoio na ponte do Brooklyn — diz o policial. — Polícia de Nova York, Guarda Nacional, Exército... enfim, todo mundo. Eles estão cercando a ponte. Evacuando sobreviventes a partir de lá. Fica só a alguns quarteirões de distância e eles disseram que os mogs estão concentrados na parte alta da cidade, mais longe. Podemos chegar lá.

— Então é pra lá que vocês devem ir — responde Sam. — Vão agora, enquanto a barra está limpa, antes que mais mogs cheguem.

— Vocês deviam vir com a gente, garoto.

— Não podemos — responde Sam. — Um dos nossos amigos ainda está lá. Temos que encontrá-lo.

Nove. É por ele que estamos procurando. Na última vez que o vimos, ele estava lutando contra Cinco em frente à ONU. *Através* da ONU. Precisamos encontrá-lo antes de deixarmos Nova York. Precisamos encontrá-lo e salvar o maior número de pessoas que pudermos. Estou um pouco melhor, embora ainda exausto demais

para me mover. Abro a boca para falar, mas o máximo que consigo é soltar um gemido.

— Ele está esgotado — diz o policial para Sam, e sei que está se referindo a mim. — Vocês dois já fizeram bastante. Venham embora com a gente agora, enquanto podem.

— Ele vai ficar bem — diz Sam.

A dúvida em sua voz me faz cerrar os dentes e me concentrar em ficar bom logo. Preciso seguir em frente, buscar forças lá no fundo e continuar lutando.

— Ele desmaiou — diz o policial.

— Ele só precisa descansar um pouco — retruca Sam.

— Eu estou bem... — murmuro, mas acho que eles não me ouvem.

— Vocês vão morrer se ficarem, garoto — continua o policial, balançando a cabeça com firmeza. — Vocês não podem continuar com isso. Eles são muitos, e vocês são só dois. Deixem o Exército cuidar disso, ou...

Ele para de falar. Todos sabemos que o Exército já fez tudo que podia. Manhattan está perdida.

— Vamos embora o mais rápido possível — responde Sam.

— Você está me ouvindo? — O policial se dirige a mim, no mesmo tom professoral de Henri. Eu me pergunto se ele tem filhos. — Não há mais nada que vocês possam fazer. Você nos trouxe até aqui, deixe que a gente faça o resto. Podemos carregá-lo até a ponte, se for preciso.

As pessoas reunidas em torno do policial assentem, soltando murmúrios de aprovação. Sam olha para mim, as sobrancelhas erguidas, como se perguntando o que deveríamos fazer. O rosto

dele está sujo de terra e cinzas. Ele parece fraco e abatido, como se mal conseguisse se manter de pé. No quadril, uma arma mog presa por um pedaço cortado de cabo elétrico. É como se o corpo inteiro de Sam tombasse para o lado, aquele peso extra ameaçando derrubá-lo.

Eu me forço a ficar de pé, mas meu corpo está debilitado, é praticamente inútil. Estou tentando mostrar ao policial e aos outros que ainda estou em condições de lutar, mas, pelo olhar cheio de pena que dirigem a mim, não fui muito convincente. Não consigo sequer impedir que meus joelhos tremam. Por um momento, parece que vou desabar no chão. Mas então algo acontece — sinto como se uma força estivesse me levantando e me puxando, esticando minhas costas e endireitando meus ombros. Não sei como estou fazendo isso, de onde vem esse impulso. É quase sobrenatural.

Não. Na verdade, não é nenhum evento sobrenatural. É Sam. O telecinético Sam, concentrando-se em mim, fazendo parecer que ainda me restava um pouco de energia.

— Nós vamos ficar — digo com firmeza, a voz um pouco rouca.
— Há mais pessoas a serem salvas.

O policial balança a cabeça, espantado. Atrás dele, uma menina que me lembro vagamente de ter resgatado em uma escada de incêndio desabando começa a chorar. Não sei se ela ficou emocionada com o que falei ou se é só minha aparência que está horrível. Sam permanece completamente focado em mim, impassível, uma nova gota de suor se formando em sua testa.

— Procurem um lugar seguro — digo aos sobreviventes. — E ajudem quem vocês puderem. É o seu planeta. Vamos salvá-lo

juntos.

O policial dá alguns passos à frente e aperta minha mão com força.

— Não vamos esquecer você, John Smith — afirma ele. — Nenhum de nós. Devemos nossas vidas a você.

— Acabe com eles — diz outra pessoa.

E, em seguida, todos começam a se despedir e a agradecer. Cerro os dentes no que espero que seja um sorriso. A verdade é que estou cansado demais para isso. O policial — que agora é o líder do grupo e precisará manter os sobreviventes em segurança — conduz as pessoas para fora do hall do prédio e em direção à ponte do Brooklyn, garantindo que todos sejam rápidos e não façam barulho.

Assim que ficamos sozinhos, Sam interrompe o controle telecinético que estava exercendo sobre mim e eu volto a cambalear, me encostando à parede para não desabar por completo, procurando continuar de pé de qualquer jeito. Ele está sem fôlego e encharcado de suor. Sam não é loriene e não teve um treinamento adequado, mas de alguma forma desenvolveu um Legado e começou a usá-lo da melhor forma possível. Considerando a nossa situação, ele não teve escolha a não ser aprender depressa, na marra. Sam com um Legado... se as coisas não estivessem tão caóticas e conturbadas, eu estaria mais animado. Não sei bem como ou por que isso aconteceu com ele, mas os recém-descobertos poderes de meu amigo são praticamente a única vitória que tivemos desde que chegamos a Nova York.

— Obrigado — digo, as palavras saindo com um pouco mais de facilidade agora.

— Não esquenta — responde Sam, ofegante. — Você é o símbolo da resistência da Terra; não podemos deixar que o vejam caído por aí.

Tento me erguer, mas minhas pernas ainda não estão prontas para suportar o peso do meu corpo. É mais fácil continuar me apoiando na parede e me arrastar até a próxima porta.

— Olha para mim. Não sou símbolo de coisa alguma — resmungo.

— Deixa disso — diz ele. — Você só está esgotado.

Ele me ajuda, passando o braço pela minha cintura e me conduzindo pelo corredor. Vejo que também está se locomovendo com dificuldade, então tento não fazer muito peso. Passamos por um verdadeiro inferno nas últimas horas. Minhas mãos ainda formigam, de tanto que precisei usar meu Lúmen, atirando bolas de fogo em um grupo hostil de mogs atrás do outro. Espero que minhas terminações nervosas não estejam permanentemente queimadas ou algo assim. Só de pensar em acender meu Lúmen agora sinto meus joelhos quase cederem.

— Resistência — digo, com amargura. — Resistência é o que acontece depois que se perde uma guerra, Sam.

— Você entendeu o que eu quis dizer — responde ele.

Sua voz está trêmula, e me dou conta do esforço que Sam precisa fazer para permanecer otimista depois de tudo o que vimos hoje. Mas ele está tentando.

— Muitas dessas pessoas sabiam quem você era — continua ele. — Disseram ter visto um vídeo no noticiário em que você

aparecia. E tudo o que aconteceu na ONU... você basicamente desmascarou Setrákus Ra em frente a uma audiência internacional. Todo mundo sabe que você está lutando contra os mogadorianos. Que tentou impedir o ataque deles.

— Então todo mundo sabe que eu falhei.

A porta do apartamento do primeiro andar está entreaberta. Nós a abrimos por completo e Sam a fecha depois que entramos. Tento o interruptor de luz mais próximo, e fico surpreso ao ver que ainda tem eletricidade ali, porque os pontos de energia estão irregulares pela cidade. Imagino que os ataques àquele bairro não tenham sido muito numerosos. Desligo as luzes rapidamente — em nossa atual condição, não queremos atrair a atenção de quaisquer patrulhas mogadorianas que possam estar na área. Enquanto me jogo em um futon, Sam corre para fechar as cortinas.

O apartamento é pequeno e só tem um quarto. A cozinha é bem pequena, separada da sala por um balcão de granito. Fora isso, apenas um armário e um banheiro apertado. Quem quer que more ali com certeza deixou o lugar às pressas; há roupas espalhadas pelo chão, uma tigela de cereal virada no balcão e um porta-retratos quebrado próximo à porta que parece ter sido esmagado pelos pés de alguém. Na foto, um casal de vinte e poucos anos posa em frente a uma praia tropical, um pequeno macaco empoleirado no ombro do rapaz.

Essas pessoas tinham uma vida normal. Mesmo que tenham conseguido sair de Manhattan em direção a um lugar seguro, está tudo acabado agora. A Terra nunca mais será a mesma. Eu costumava imaginar uma vida tranquila assim para mim e para Sarah quando os mogs fossem derrotados. Não um apartamento

minúsculo em Nova York, mas um lugar simples e calmo. Ouço uma explosão a distância, provavelmente os mogs destruindo algo na parte alta da cidade. Percebo agora como eram ingênuos aqueles sonhos da vida pós-guerra. Nada voltará ao normal depois disso.

Sarah. Espero que ela esteja bem. Era o rosto dela que eu buscava em minha mente durante os momentos mais difíceis da nossa batalha quarteirão a quarteirão por Manhattan. “Continue lutando e a verá de novo”, era o que eu me dizia. Queria falar com ela. *Preciso* falar com ela. Não só com Sarah, mas com Seis também — preciso entrar em contato com os outros, para saber que informações Sarah obteve com Mark James e seu contato misterioso e o que aconteceu com Seis, Marina e Adam no México. Deve ter algo a ver com Sam de repente ter desenvolvido um Legado. E se ele não for o único? Preciso saber o que está acontecendo fora de Nova York, mas meu telefone via satélite foi destruído quando caí no East River, e as linhas regulares de celular não estão funcionando. Por enquanto, somos só Sam e eu. Sobrevivendo.

Na cozinha, Sam abre a geladeira. Ele faz uma pausa e olha para mim.

— É errado pegarmos um pouco da comida dessa pessoa? — pergunta ele.

— Tenho certeza de que não vão se importar — respondo.

Fecho os olhos pelo que parece um segundo, mas deve ter sido mais, porque quando os abro novamente, um pedaço de pão está batendo no meu nariz. Com uma mão estendida de maneira teatral, como se fosse um personagem de quadrinhos, Sam faz

flutuar um sanduíche de manteiga de amendoim, uma vasilha com compota de maçã e uma colher, todos bem em frente ao meu rosto. Mesmo em péssimo estado, não consigo deixar de sorrir diante do esforço dele.

— Me desculpe, eu não queria bater em você com o sanduíche — diz Sam, enquanto pego a comida no ar. — Ainda estou me acostumando com isso. Claro.

— Não se preocupe. É fácil empurrar e puxar usando telecinesia. Precisão é a parte mais difícil.

— Não brinca! — diz ele.

— Você está se saindo muito bem para alguém que descobriu seus poderes há apenas quatro horas, cara.

Sam se senta no futon ao meu lado com o próprio sanduíche.

— Ajuda se eu imaginar que tenho, tipo, mãos fantasmas. Faz sentido?

Penso em como treinei minha própria telecinesia com Henri. Parece que faz tanto tempo.

— Eu costumava visualizar o objeto se movimentando, e então concentrava toda a minha vontade para fazer aquilo acontecer — explico a Sam. — Começamos com coisas pequenas. Henri me atirava bolas de beisebol no quintal e eu tentava pegá-las com a mente.

— Sim, bem, não acho que pegar bolas seja realmente uma opção para mim agora — diz Sam. — Vou procurar outras formas de praticar.

Sam faz seu sanduíche flutuar do colo. Ele inicialmente o levanta alto demais para que possa morder, mas consegue levá-lo à altura da boca após mais um segundo de concentração.

— Nada mau — digo.

— É mais fácil quando não tenho que pensar.

— Como quando estávamos lutando por nossas vidas, por exemplo?

— Exatamente — diz Sam, balançando a cabeça, surpreso. — Não vamos falar sobre como isso aconteceu comigo, John? Ou por que isso aconteceu? Ou... Sei lá. O que isso significa?

— Os Gardes desenvolvem Legados na adolescência — digo, dando de ombros. — Talvez você só tenha começado tarde.

— Cara, você esqueceu que não sou loriense?

— Nem o Adam, mas ele tem Legados — respondo.

— É, aquele pai nojento dele usou uma Garde morta para isso...

Ergo a mão e interrompo Sam.

— Só estou dizendo que nem tudo é tão certinho assim. Não acho que os Legados funcionem da forma como meu povo sempre imaginou — explico, e faço uma pausa, pensativo. — O que aconteceu com você só pode ter algo a ver com o que Seis e os outros fizeram no Santuário.

— Seis fez isso... — diz Sam.

— Eles foram até lá para encontrar Lorien na Terra, e acho que conseguiram. E talvez Lorien tenha escolhido você.

Só então me dou conta de que já devorei o sanduíche e a compota de maçã. Meu estômago ainda ronca, mas me sinto um pouco melhor, começando a recobrar a força.

— Bem, é uma honra — diz Sam, olhando para suas mãos e pensando sobre isso. Ou, mais provavelmente, pensando em Seis.

— Uma honra assustadora.

— Você se saiu bem lá fora. Eu não teria salvado todas aquelas pessoas sem você — respondo, dando um tapinha nas costas dele. — A verdade é que não sei que diabos está acontecendo. Não sei como ou por que de repente você desenvolveu um Legado. Só estou feliz que tenha acontecido. Estou feliz por haver um pouco de esperança misturada à morte e à destruição.

Sam se levanta, limpando inutilmente algumas migalhas da calça jeans toda suja de terra.

— Sim, esse sou eu, a grande esperança para a humanidade, - nesse momento louco por outro sanduíche. Quer um?

— Posso fazer — digo a Sam, mas, quando me inclino para a frente para me levantar, fico zozzo na mesma hora e tenho que me sentar novamente.

— Vai com calma — diz Sam, fingindo não notar meu estado deplorável. — Eu cuido dos sanduíches.

— Vamos ficar aqui só por mais alguns minutos — respondo, grogue. — Então vamos atrás do Nove.

Fecho os olhos, ouvindo a bagunça de Sam na cozinha, tentando usar a telecinesia para controlar uma faca e passar manteiga de amendoim no pão. Ao fundo, sempre ao fundo agora, ouço o estrondo constante de lutas em algum outro ponto em Manhattan. Sam está certo — nós somos a resistência. Devíamos estar lá fora resistindo. Só preciso descansar mais alguns minutos...

Só abro os olhos novamente quando Sam sacode meu ombro, e me dou conta de que cochilei. O quarto está com uma iluminação diferente, as luzes da rua invadindo o cômodo, um brilho de um amarelo esmaecido atravessando as cortinas. Um prato cheio de - sanduíches espera por mim no sofá ao lado. Fico tentado a comer

tudo de uma vez. É como se todas as necessidades fossem primitivas: dormir, comer, lutar.

— Por quanto tempo apaguei? — pergunto a Sam, me sentando no futon.

Estou um pouco melhor fisicamente, mas é inevitável não me sentir culpado por ter dormido enquanto há pessoas morrendo pela cidade.

— Cerca de uma hora — responde Sam. — Eu ia deixar você descansar, mas...

Sam aponta para a pequena televisão de tela plana atrás dele. O noticiário local está realmente sendo transmitido. Sam colocou no mudo e a imagem falha algumas vezes, mas lá está: a cidade de Nova York em chamas. Um vídeo com a imagem granulada mostra a imensa *Anúbis* deslizando pelo céu, seus canhões laterais bombardeando os andares mais altos de um prédio até não restar nada além de poeira.

— Nem tinha pensado em ver se estava funcionando até alguns minutos atrás — diz Sam. — Achei que os mogs tivessem destruído as emissoras de tevê por, você sabe, razões de guerra.

Não esqueci o que Setrákus Ra me disse quando eu estava pendurado em sua nave sobre o East River. Ele quer que eu assista à queda da Terra de camarote. Voltando para uma lembrança mais antiga, me vem à mente a visão de Washington que compartilhei com Ella; lembro que a cidade parecia bem destruída, mas não completamente devastada. E havia sobreviventes para servir a Setrákus Ra. Acho que estou começando a entender o que ele quis dizer.

— Não é um acidente — digo a Sam, pensando em voz alta. — Ele quer que os humanos vejam a destruição que está causando. Não é como em Lorien, em que sua frota aniquilou tudo e todos. Foi por isso que ele fez aquela encenação na ONU, foi por isso que bolou toda aquela história obscura de ProMog, para fazer com que a Terra ficasse sob seu controle pacificamente. Ele está planejando viver aqui depois. E se seus súditos humanos não vão adorá-lo como os mogs, ele quer que, pelo menos, eles o temam.

— Bem, a estratégia do medo definitivamente está funcionando — responde Sam.

Na tela, a destruição causada pela *Anúbis* dá lugar à âncora do telejornal em sua bancada. O prédio que abriga o canal provavelmente sofreu alguns danos causados pelos combates, porque parece que mal estão conseguindo se manter no ar. Apenas metade das luzes no estúdio está acesa e a câmera está torta, a imagem não tão nítida quanto deveria. A apresentadora tenta manter uma imagem profissional, mas seu cabelo está coberto de pó e seus olhos, vermelhos de tanto chorar. Ela olha fixamente para a câmera e apresenta a próxima filmagem.

A mulher desaparece, substituída por uma imagem trêmula gravada por um celular. No vídeo, no meio de um cruzamento, uma figura borrada rodopia várias e várias vezes, como um atirador de discos se aquecendo. Só que a pessoa não está segurando um disco. Com força sobre-humana, ele está girando outra pessoa pelo tornozelo. Após uma dúzia de voltas, o homem solta o corpo, arremessando-o na porta de vidro de um cinema. O vídeo continua mostrando o atirador, enquanto ele, erguendo os ombros, vocifera o que provavelmente é um palavrão.

É o Nove.

— Sam! Aumenta o volume!

Enquanto Sam procura o controle remoto, quem quer que tenha filmado Nove se joga atrás de um carro para se proteger. É terrivelmente desorientador, mas a pessoa com a câmera não para de gravar em nenhum momento, agora estendendo uma das mãos sobre a mala do carro para continuar captando as imagens. Um grupo de mogadorianos aparece no cruzamento, atirando na direção de Nove. Vejo quando ele dança agilmente para o lado, usando sua telecinesia para lançar um carro nos mogs.

— ...repetindo, essa gravação foi feita na Union Square momentos atrás — diz a voz trêmula da âncora do noticiário quando Sam aumenta o volume. — Sabemos que esse adolescente aparentemente superpoderoso e, hmmm, provavelmente alienígena também estava presente no tumulto ocorrido na ONU com o jovem identificado como John Smith. Vocês podem ver no vídeo que ele está combatendo os mogadorianos, fazendo coisas humanamente impossíveis...

— Eles sabem o meu nome — digo em voz baixa.

— Olha isso — fala Sam, batendo no meu braço.

A câmera estava mostrando novamente a entrada do cinema, onde uma forma corpulenta se erguia lentamente em meio aos estilhaços. Ainda que a qualidade da gravação fosse precária, identifico na mesma hora a vítima de Nove. Ele sai voando, acerta alguns mogs ainda no cruzamento e, então, desce furiosamente em direção a Nove.

— Cinco — diz Sam.

A câmera não consegue mais filmar Cinco e Nove enquanto eles se arrastam pela grama de um pequeno parque nas proximidades, arrancando enormes pedaços de terra.

— Eles estão se matando — digo. — Temos que ir até lá.

— Um segundo adolescente extraterrestre está lutando contra o primeiro, pelo menos quando não estão combatendo os invasores — relata a âncora, perplexa. — Nós... nós não sabemos por quê. Temo que não tenhamos muitas respostas por enquanto. Só... tente se proteger, Nova York. Se você conseguir uma rota segura até a ponte do Brooklyn, os esforços de evacuação estão em curso. Se estiver próximo aos pontos de conflito, mantenha-se abrigado e...

Pego o controle remoto das mãos de Sam e desligo a tevê. Ele me observa enquanto me levanto, checando se estou bem. Meu corpo geme em protesto e fico zozzo por um segundo, mas eu vou em frente. Tenho que ir. Nunca antes a expressão “lute como se não houvesse amanhã” fez tanto sentido. Se vou consertar as coisas... se vamos salvar a Terra de Setrákus Ra e dos mogadorianos, então os primeiros passos são encontrar Nove e defender Nova York.

— Ela falou Union Square — digo. — É para lá que vamos.

CAPÍTULO

DOIS

O MUNDO NÃO mudou. Pelo menos, não que eu tenha percebido.

O ar da selva é quente e úmido, uma mudança bem-vinda em relação à umidade fria das profundezas subterrâneas do Santuário. Tenho que proteger os olhos quando saímos em meio ao sol de fim de tarde, e, um de cada vez, nos abaixamos para passar por um arco estreito de pedra que apareceu na base do templo maia.

— Eles não poderiam ter deixado a gente entrar por aqui? — resmungo, estalando as costas e olhando para as centenas de pedras calcárias rachadas que escalamos mais cedo.

Quando chegamos ao topo de Calakmul, nossos pingentes ativaram algum tipo de portal lórico que nos teleportou para o Santuário escondido sob a estrutura construída há séculos pelo homem. Então nos vimos em um recinto obviamente criado pelos Anciões em uma de suas visitas à Terra. Acho que manter o lugar em segredo era mais importante do que criar uma entrada acessível. De qualquer forma, a saída não exigiu uma caminhada tão difícil e não envolveu nenhum teleporte desorientador — apenas uma vertiginosa e empoeirada escada em espiral de cem metros e uma porta simples que, é claro, não estava lá quando entramos.

Adam sai do Santuário atrás de mim, semicerrando os olhos por causa da claridade extrema.

— E agora? — pergunta ele.

— Não sei — respondo, olhando para o céu crepuscular. — Eu meio que contava que o Santuário fosse responder isso.

— Eu... Eu ainda não sei bem o que vimos lá dentro. Ou o que fizemos — diz Adam, hesitante.

Ele afasta alguns fios soltos do cabelo preto do rosto e me encara.

— Nem eu — digo a ele.

Na verdade, não sei exatamente quanto tempo ficamos embaixo da terra. Acho que é normal ficar desorientada quando se está profundamente envolvida em uma conversa com um ser de outro mundo feito de pura energia lórica. Tínhamos reunido todo e qualquer objeto da nossa Herança — basicamente tudo que não fosse uma arma. Quando entramos no Santuário, colocamos todas aquelas pedras e bugigangas inexplicáveis em um poço escondido conectado a uma fonte de energia loralítica adormecida. Acho que isso foi o suficiente para acordar a Entidade, a personificação viva de Lorien. Nós conversamos.

Sim. Isso aconteceu.

Mas a Entidade falou basicamente em enigmas e, no final da conversa, a coisa virou uma supernova, sua energia saindo como uma torrente do Santuário e se espalhando por todos os lados. Como Adam, não sei bem o aquilo significou.

Esperava sair do templo e encontrar... *algo*. Talvez raios de energia lórica riscando os céus, prontos para incinerar o mogadoriano mais próximo que não se chamasse Adam? Talvez mais um pouco de energia para os meus Legados, fazendo com que eu seja capaz de provocar uma tempestade forte o bastante para acabar com todos os nossos inimigos? Não tive essa sorte. Até onde sei, a frota mogadoriana ainda está fechando o cerco à Terra. John, Sam, Nove e os outros devem estar na linha de frente agora, e eu não sei bem se o que fizemos irá ajudá-los de alguma forma.

Marina é a última a passar pela porta do Santuário. Ela envolve os braços ao redor do corpo, os olhos arregalados e cheios de lágrimas, piscando à luz do sol.

Sei que ela está pensando em Oito.

Antes de sair em disparada, a fonte de energia conseguiu ressuscitá-lo, ainda que apenas por alguns breves minutos. Tempo suficiente para Marina dizer adeus. Mesmo agora, já suando no calor opressivo da selva, fico arrepiada pensando em Oito voltando à vida, inundado pelo brilho da loralite, sorrindo novamente. Foi o tipo de momento incrivelmente belo ao qual procurei me tornar imune ao longo dos anos — estamos em uma guerra, e pessoas vão morrer. Amigos vão morrer. Eu aprendi a aceitar a dor, a esperar pelo que há de mais feio. Por isso, é um pouco atordoante quando algo dessa magnitude realmente acontece.

Por mais reconfortante que tenha sido ver Oito novamente, ainda assim tivemos que dizer adeus. Não consigo nem imaginar o que Marina deve estar sentindo. Ela o amava e agora ele se foi. Mais uma vez.

Marina para e olha de novo para o templo, quase como se fosse voltar lá para dentro a qualquer momento. Ao meu lado, Adam limpa a garganta.

— Ela vai ficar bem? — me pergunta ele, baixinho.

Depois que Cinco nos traiu, depois que ele matou Oito, ainda na Flórida, Marina se isolou de todos e se afastou de mim. Dessa vez me parece que a situação é outra — ela não está irradiando um frio constante, e não parece estar prestes a estrangular quem se atrever a chegar perto. Quando se vira para nós, sua expressão é quase serena. Ela está lembrando, guardando aquele momento com Oito para sempre consigo e se preparando para o que está por vir. Não estou preocupada com ela.

Sorrio quando Marina pisca os olhos e passa uma das mãos pelo rosto.

— Estou ouvindo você, Adam — diz ela. — Eu estou bem.

— Que bom — diz Adam, sem graça, desviando o olhar. — Eu só queria dizer... sobre o que aconteceu lá dentro, hmmm, que eu...

Adam para de falar de repente, e Marina e eu o encaramos, aguardando. Sendo um mog, acho que ele ainda acha um pouco desconfortável se abrir com a gente dessa forma. Sei que ele ficou maravilhado com o espetáculo de luz lórica dentro do Santuário, mas provavelmente deve se sentir uma

espécie de intruso, como se não fosse digno o bastante para estar na presença da Entidade.

Quando a pausa de Adam se alonga, bato de leve nas costas dele.

— Vamos deixar para abrir o coração durante o caminho, OK?

Adam parece aliviado. Caminhamos de volta para o nosso Escumador, a nave parada ao lado de uma dúzia de outras aeronaves mogs na pista de pouso. O acampamento mog em frente ao templo está exatamente do jeito que o deixamos — destruído. Nas muitas vezes em que tentaram invadir o Santuário, os mogs abriram uma clareira na selva em um círculo preciso em torno do templo, aproximando-se o máximo que o poderoso campo de força do local permitia.

Só quando passamos do campo coberto de videiras em frente ao templo para o solo marrom queimado do acampamento mog é que me dou conta de que o campo de força desapareceu. A barreira mortal que protegeu o Santuário por anos não existe mais.

— O campo de força deve ter se desfeito enquanto estávamos lá dentro — digo.

— Talvez o templo não precise mais de proteção — sugere Adam.

— Ou talvez a Entidade tenha desviado seu poder para outro lugar — replica Marina. Ela faz uma pausa por um instante, pensando. — Quando beijei Oito... eu a senti. Por uma fração de segundo, eu era parte do fluxo de energia da Entidade. Ela estava se espalhando por *toda parte*, por toda a Terra. Aonde quer que a energia lórica tenha ido, agora está dividida. Talvez ela não tenha mais como se fortalecer aqui.

Adam olha para mim, como se esperasse que eu tivesse entendido o que Marina acabou de dizer.

— Como assim se espalhou pela Terra? — pergunto.

— Não tem como explicar melhor — diz Marina, olhando para o templo, agora coberto em parte pelas sombras do sol poente. — Foi como se eu fosse parte de Lorien. E nós estivéssemos por toda parte.

— Interessante — diz Adam, olhando para o Santuário e, em seguida, para o chão, com uma mistura de cautela e espanto. — Para onde você acha que essa energia foi? Seus Legados estão...?

— Não me sinto nem um pouco diferente — digo a ele.

— Nem eu — fala Marina. — Mas algo mudou. Lorien está *lá fora* agora. Na Terra.

Definitivamente não é o resultado tangível que eu estava esperando, mas Marina parece muito otimista quanto a isso. Não quero jogar um balde de água fria.

— Acho que vamos ver se alguma coisa mudou quando voltarmos à civilização. Talvez a Entidade esteja lá fora mandando ver.

Marina observa o templo novamente.

— Devemos deixá-lo assim? Sem proteção?

— O que resta para proteger? — pergunta Adam.

— Ainda há, pelo menos, alguma coisa da, hmmm, *Entidade* ali — responde Marina. — Mesmo agora, eu acho que o Santuário ainda é uma forma de... eu não sei exatamente... Entrar em contato com Lorien?

— Nós não temos escolha — respondo. — Os outros vão precisar de nós.

— Espere um segundo — diz Adam, olhando ao redor. — Onde está o Poeira?

Com tudo o que aconteceu no Santuário, esqueci completamente o Chimæra que deixamos fora do templo montando guarda. Não há sinal do lobo em lugar algum.

— Será que ele foi atrás daquela mulher mog na floresta? — pergunta Marina.

— Phiri Dun-Ra — diz Adam, referindo-se à mog nascida naturalmente que sobreviveu ao nosso ataque inicial. — Ele não sairia por aí sozinho assim.

— Talvez o show de luzes do Santuário o tenha assustado — sugiro.

Adam franze o cenho, levando as mãos à boca, como se fossem duas conchas, e gritando:

— Poeira! Vem aqui, Poeira!

Ele e Marina começam a procurar qualquer sinal do Chimæra. Subo em nosso Escumador para dar uma olhada melhor na área em volta. Dali de cima, algo chama minha atenção. Uma forma cinzenta se debatendo embaixo de um tronco podre no limite da selva.

— O que é aquilo? — grito, apontando para a figura se mexendo.

Adam corre até lá, com Marina logo atrás. Um instante depois, Adam leva a pequena forma até onde estou, seu rosto contraído de preocupação.

— É Poeira — diz Adam. — Quer dizer, eu acho que é.

Adam está com um pássaro cinzento nas mãos. Está vivo, mas seu corpo está duro e contorcido, como se tivesse levado um choque e não tivesse se recuperado dos espasmos. Suas asas se projetam em ângulos estranhos e seu bico está semiaberto, e congelado. Muito embora não se pareça em nada com o lobo poderoso que deixamos para trás há pouco tempo, tem algo nele que reconheço imediatamente. É Poeira, com certeza. Por pior que seja seu estado, seus olhos pretos correm de um lado para o outro freneticamente. Ele está vivo, e sua mente está trabalhando, mas seu corpo não responde.

— Que diabos aconteceu com ele? — pergunto.

— Não sei — diz Adam, e por um instante acho que vejo lágrimas em seus olhos. Ele se acalma. — Ele está... ele está do mesmo jeito que os outros Chimæra quando eu os resgatei da ilha Plum. Faziam experiências com eles.

— Está tudo bem, Poeira, vai ficar tudo bem — sussurra Marina.

Ela acaricia as penas da cabeça dele com delicadeza, tentando acalmá-lo. E usa seu Legado para curar a maior parte dos arranhões que cobrem seu corpo, mas isso não faz Poeira se libertar da paralisia.

— Não podemos fazer mais nada por ele aqui — digo. Eu me sinto mal por ser tão direta, mas não podemos perder mais tempo. — Se aquela mog fez isso com ele, ela já foi embora há muito tempo. Vamos embora o quanto antes. Talvez John e os outros saibam o que fazer.

Adam entra com Poeira no Escumador e o envolve em um cobertor. Ele tenta deixar o Chimæra paralisado o mais confortável possível antes de se acomodar no cockpit.

Quero entrar em contato com John, descobrir como as coisas estão indo fora da selva mexicana. Pego o telefone via satélite na minha mochila e me sento ao lado de Adam. Enquanto ele começa a acionar a nave, tento fazer a ligação.

O telefone toca, mas ninguém atende. Após cerca de um minuto, Marina se inclina para a frente e me encara, dizendo:

— Devemos ficar superpreocupados com o fato de ele não estar atendendo? — pergunta ela.

— Não, só o normal — respondo. Só por precaução, dou uma olhada em meu tornozelo. Nenhuma cicatriz nova... como se eu não fosse ter sentido a dor lancinante. — Pelo menos sabemos que eles ainda estão vivos.

— Tem algo errado — diz Adam.

— Isso a gente não tem como saber — respondo rapidamente. — Só porque eles não responderem neste exato segundo não quer dizer...

— Não. Com a nave.

Quando afasto o telefone do ouvido, ouço o ruído estranho que o motor do Escumador está fazendo. As luzes do console à minha frente piscam de forma irregular.

— Pensei que você soubesse como fazer essa coisa funcionar — digo.

Adam fecha a cara e, com raiva, começa a abaixar algumas chaves no painel, desligando a nave. Abaixo de nós, o motor engasga, como se algo não estivesse funcionando.

— Sei como fazer essa coisa funcionar, Seis — diz ele. — Não sou eu que estou fazendo isso.

— Desculpe — respondo, e ele espera o motor parar antes de ligar a nave de novo. O motor, feito com tecnologia mogadoriana e que, portanto, devia

estar completamente silencioso, mais uma vez parece soluçar e sofrer um espasmo. — Talvez devêssemos tentar algo além de desligar e religar.

— Primeiro o Poeira, e agora isso. Não faz sentido algum — resmunga Adam. — A parte eletrônica ainda está funcionando. Bem, tudo menos o diagnóstico automatizado, que é exatamente o que nos diria o que há de errado com o motor.

Aperto um botão e a cúpula de vidro se abre acima de nossas cabeças.

— Vamos dar uma olhada — digo, me levantando.

Todos nós saímos da nave. Adam vai examinar a parte de baixo, mas eu permaneço no alto, ao lado da cabine. Então me pego observando o Santuário, a antiga estrutura de calcário projetando uma sombra majestosa, graças ao sol poente. Marina fica ao meu lado, apreciando silenciosamente a vista.

— Você acha que vamos ganhar? — pergunto a ela, de repente. Não sei se quero ouvir a resposta.

Marina não diz nada a princípio. Depois de um instante, ela descansa a cabeça em meu ombro.

— Acho que estamos mais perto hoje do que estávamos ontem — diz ela.

— Eu queria ter certeza de que vir aqui valeu a pena — digo, segurando o telefone via satélite, torcendo para tocar logo.

— Você precisa ter fé — responde Marina. — Estou dizendo a você, Seis, a Entidade fez alguma coisa...

Tento confiar em Marina, mas só consigo pensar nos aspectos práticos. Eu me pergunto se a torrente de energia lórica que saiu do Santuário foi o que estragou nosso Escumador.

Ou talvez haja uma explicação mais simples.

— Ei, pessoal? — chama Adam de baixo da nave. — É melhor vocês darem uma olhada nisso.

Pulo do Escumador, e Marina faz o mesmo. Encontramos Adam entre os suportes metálicos do trem de pouso, e logo avistamos um painel amassado

da parte inferior blindada da nave no chão.

— É esse o nosso problema? — pergunto.

— Isso já estava solto — explica Adam, chutando a peça. — E olhem para isso...

Adam faz sinal para eu me aproximar. Vou até ele e tenho uma visão do funcionamento interno da nave. O motor do Escumador é quase do tamanho do de uma caminhonete, mas é muito mais complicado do que qualquer coisa construída aqui na Terra. Em vez de pistões ou engrenagens, o motor tem uma série de esferas que se sobrepõem. Elas giram intermitentemente quando Adam as empurra, movimentando-se inutilmente contra as extremidades expostas de alguns cabos grossos que vão mais para o interior da nave.

— Veja, os sistemas elétricos ainda estão intactos — diz Adam, mexendo nos cabos. — É por isso que ainda temos alguma energia. Mas isso não basta para fazer a propulsão antigravitacional funcionar. Está vendo esses rotores centrífugos aqui? — Ele passa a mão pelas esferas que se sobrepõem. — São eles que nos tiram do chão. A questão é que eles também não estão quebrados.

— Então você está me dizendo que o Escumador deveria estar funcionando? — pergunto, meus olhos vidrados enquanto observo o motor.

— Deveria — diz Adam, mas então ele balança a mão em um espaço vazio entre os rotores e os fios. — Só que você está vendo isso?

— Não tenho a menor ideia do que estou vendo, cara — respondo. — Está quebrado?

— Está faltando um conduto — explica ele. — É o que transfere a energia gerada pelos motores para o resto da nave.

— E você está me dizendo que ele não caiu.

— Obviamente não.

Eu me afasto um pouco da nave e observo as árvores ao redor em busca de qualquer movimento. Nós já matamos todos os mogs que tentaram invadir o

Santuário. Todos menos um.

— Phiri Dun-Ra — digo, pensando na mog que conseguiu fugir. Estávamos muito focados em entrar no Santuário para ir atrás dela, e agora...

— Ela nos sabotou — diz Adam, chegando à mesma conclusão que eu. Quando chegamos ao templo, Phiri Dun-Ra deu uma coronhada em Adam e estava prestes a assar o rosto dele no campo de força do Santuário quando estragamos a festa dela. Adam ainda não superou o episódio. — Ela deu um jeito no Poeira e depois nos deixou presos aqui. Devíamos tê-la matado quando tivemos a chance.

— Ainda podemos fazer isso — respondo, franzindo o cenho. Não vejo nada nas árvores, mas isso não significa que Phiri Dun-Ra não esteja por aí nos observando.

— Será que dá para pegar essa peça que está faltando de outra nave? — pergunta Marina, apontando para as naves mogs de reconhecimento espalhadas pela área de pouso.

Adam solta um grunhido e sai de baixo do Escumador. Ele caminha em direção à nave mais próxima, a mão esquerda segurando a arma mog que tirou de um dos guerreiros que matamos.

— Aposto que os painéis de motor de todas essas naves estão como o nosso — queixa-se Adam. — Espero que, pelo menos, isso tenha machucado as mãos já feridas dela.

Lembro-me das mãos enfaixadas de Phiri Dun-Ra, feridas por terem entrado em contato com o campo de força do Santuário. Deveríamos saber que deixar um deles vivo era loucura. Mesmo antes de Adam chegar à nave mais próxima, o desânimo se abate sobre mim.

Adam se abaixa sob a outra nave para examiná-la. Ele suspira e me lança um olhar antes de delicadamente bater com o cotovelo no casco blindado acima da sua cabeça. O painel do motor cai como se não houvesse nada o mantendo no lugar.

— Ela está brincando com a gente — diz ele, a voz baixa e rouca. — Ela podia ter atirado na gente quando saímos do Santuário e ter acabado logo com essa história. Em vez disso, quer nos manter aqui.

— Ela sabe que não pode acabar com a gente sozinha — digo, erguendo um pouco a voz, pensando que talvez possa provocar Phiri Dun-Ra e fazê-la sair de seu esconderijo.

— Tem certeza que ela só tirou essas peças? — pergunta Marina. — Serão que ela não as destruiu?

— Não, parece que só tirou mesmo — responde Adam. — Provavelmente não quer ser a responsável por destruir tantas naves, depois de ter o esquadrão inteiro exterminado. Se ela nos mantiver aqui por tempo suficiente para que reforços mogs nos capturem e nos matem, provavelmente vai ganhar pontos com seu Adorado Líder e conseguir escapar.

— Ninguém vai ser capturado ou morto — digo. — Além de Phiri Dun-Ra.

— Existe alguma outra forma de fazer nossa nave funcionar? — pergunta Marina a Adam. — Você poderia... não sei, improvisar alguma coisa?

Adam coça a nuca, observando as outras naves em volta.

— Imagino que seja possível — diz ele. — Depende do que a gente encontrar. Posso tentar, mas não sou mecânico.

— Essa é uma possibilidade — digo, olhando para o céu para ver quanta luz do dia ainda nos resta. Não muita. — Ou podemos entrar nessa selva, rastrear Phiri Dun-Ra e pegar nossas peças de volta.

Adam concorda.

— Prefiro esse plano.

Olho para Marina.

— E você?

Eu não precisava nem perguntar. As gotas de suor em meus braços se agitam — ela está irradiando uma aura fria.

— Vamos caçar — diz Marina.

CAPÍTULO TRÊS

NAS CONDIÇÕES IDEAIS, a caminhada até a Union Square devia levar uns quarenta minutos. São só dois quilômetros e meio. Mas estamos longe das condições ideais. Sam e eu estamos voltando pelos mesmos quarteirões pelos quais passamos a tarde toda lutando. Voltando para o local onde os mogadorianos estão em peso.

Com sorte, chegaremos antes de Nove e Cinco terem se matado. Sem eles, não teremos a menor chance de ganhar essa guerra.

Precisamos dos dois.

Sam e eu permanecemos escondidos nas sombras. Alguns quarteirões ainda têm eletricidade, então as luzes da rua estão acesas, brilhando como se fosse uma noite normal na cidade - grande, como se as estradas não estivessem cheias de carros virados de cabeça para baixo e de pavimento destruído. Evitamos esses quarteirões, porque sabemos que seria muito fácil para os mogs nos localizarem.

Cruzamos o que antes era Chinatown. Parece que um tornado passou por ali. As calçadas estão intransitáveis de um lado, o equivalente a um quarteirão inteiro de prédios reduzido a escombros. Há centenas de peixes mortos no meio da rua. Temos que escolher cuidadosamente por onde andar em meio aos obstáculos.

Quando saímos da ONU, ainda havia pessoas em quase todos os quarteirões. A polícia de Nova York tentava organizar a evacuação, mas a maioria dos habitantes fugia desordenadamente, tentando apenas ficar à frente dos esquadrões de mogs que pareciam igualmente dispostos a matar civis ou aprisioná-los. Todo mundo estava em pânico e em choque diante daquela nova realidade horrível. Sam e eu fomos reunindo os que se dispersaram dos demais, aqueles que não conseguiram sair rápido o suficiente, ou cujos grupos foram separados pelas patrulhas mogs. Era muita gente. Agora, dez quarteirões depois, não vemos mais nenhuma alma viva. Talvez a maioria das pessoas na parte baixa de Manhattan tenha chegado ao local da evacuação na ponte do Brooklyn — se os mogs não a tivessem atacado ainda. De qualquer forma, acho que qualquer um que tenha conseguido sobreviver durante o dia é inteligente o bastante para passar a noite escondido.

À medida que avançamos furtivamente pelo próximo quarteirão desolado, Sam e eu contornando cuidadosamente uma ambulância abandonada, ouço sussurros vindo de um beco próximo. Coloco a mão no braço de Sam e, quando paramos de andar, o ruído também para. Percebo que estamos sendo observados.

— O que foi? — pergunta Sam, a voz baixa.

— Tem alguém ali.

Ele estreita os olhos em direção à escuridão e diz, depois de alguns segundos:

— Vamos continuar. Eles não querem a nossa ajuda.

É difícil para mim deixar alguém para trás. Mas Sam está certo — quem quer que sejam as pessoas ali estão se saindo perfeitamente bem em seu esconderijo, e nós só iríamos colocá-las em um perigo maior levando-as conosco.

Cinco minutos depois, viramos uma esquina e vemos a primeira patrulha mogadoriana da noite.

Os mogs estão na extremidade oposta do quarteirão, assim temos espaço para observá-los em segurança. Há uma dúzia de guerreiros, todos armados. Acima deles, um Escumador zune, varrendo a rua com um holofote preso à parte inferior da nave. A patrulha se move metodicamente pelo quarteirão, um grupo de quatro guerreiros se separando em intervalos do resto para entrar em prédios não iluminados. Eles fazem isso duas vezes, e em ambas suspiro aliviado quando vejo os guerreiros saírem sem nenhum prisioneiro humano.

O que aconteceria se esses mogs encontrassem um ser humano em um desses prédios e o arrastassem aos berros para a rua? Eu não poderia simplesmente deixar isso acontecer, certo? Teria que lutar.

E depois que Sam e eu seguirmos em frente? Eles são predadores. Se nós os deixarmos vivos, vão acabar encontrando presas.

Quando estou pensando nisso, Sam me cutuca, apontando para um beco próximo que nos protegerá dos mogs.

— Venha — diz ele, baixinho. — Antes que eles cheguem muito perto.

Fico parado no lugar, avaliando nossas chances. Eles são apenas doze, mais a nave. Já enfrentei e venci grupos maiores antes. Tudo

bem, ainda estou cansado de passar uma tarde inteira lutando sem parar, mas teríamos o elemento surpresa. Eu poderia derrubar o Escumador antes que eles sequer percebessem que estão sendo atacados, e os outros perderiam facilmente.

— Podemos cuidar deles — concluo.

— John, você está maluco? — pergunta Sam, segurando meu ombro. — Não podemos lutar contra cada mog em Nova York.

— Mas podemos derrotar esses. Estou me sentindo mais forte agora e, se algo der errado, posso curar a gente depois.

— Isso supondo que nós não vamos, sei lá, levar um tiro no meio da cara e morrer logo. Batalha após batalha nos curando depois... quanto mais você pode aguentar?

— Não sei.

— Eles são muitos. Temos que escolher nossas batalhas.

— Você está certo — admito, a contragosto.

Seguimos pelo beco, pulamos uma cerca de arame e emergimos no quarteirão seguinte, deixando a patrulha mogadoriana em sua caçada. Logicamente, sei que Sam está certo. Eu não deveria desperdiçar meu tempo com uma dúzia de mogs quando há uma guerra maior a vencer. Depois de um dia exaustivo, deveria me preocupar em poupar forças. Sei que tudo isso é verdade. Mas, mesmo assim, não posso deixar de me sentir um covarde por fugir da luta.

Sam indica as placas da First Street e da Second Avenue.

— Ruas numeradas. Estamos chegando perto.

— Eles estavam brigando perto da Fourteenth Street, mas isso foi há pelo menos uma hora. Do jeito como as coisas estavam indo, eles poderiam ter seguido para qualquer direção a partir de lá.

— Então vamos manter nossos ouvidos atentos para explosões e xingamentos criativos — sugere Sam.

Só andamos mais alguns quarteirões na parte alta da cidade antes de cruzarmos com outra patrulha mogadoriana. Sam e eu nos escondemos atrás de um caminhão de entrega, carrinhos abandonados de pães recém-assados ainda na rampa de descarga. Estico o pescoço para espiar na frente do caminhão. Mais uma vez, há doze guerreiros com um Escumador dando cobertura. Mas esse grupo se comporta de forma diferente do último. A nave está pairando em um mesmo lugar, o holofote fixo na vitrine estilhaçada do banco. Todos os mogs do lado de fora estão com suas armas apontadas para o prédio. Alguma coisa os assustou.

Reconto as cabeças pálidas sob a luz do holofote. Onze. Apenas onze onde, antes, definitivamente havia doze. Será que um deles virou cinzas sem que eu notasse?

— Vamos — diz Sam, com cautela, provavelmente pensando que estou louco por uma briga de novo. — É melhor irmos enquanto eles estão distraídos.

— Espera — respondo. — Está acontecendo alguma coisa aqui.

Com os outros dando cobertura, dois mogs aproximam-se discretamente da frente do banco. Eles tentam não fazer barulho e seguram as armas, prontos para atirar, à procura de algo além do alcance do holofote do Escumador.

Quando chegam à entrada do banco, os dois jogam as armas para cima. O esquadrão inteiro congela, sem entender o que acaba de acontecer.

É telecinesia. Alguém acabou de desarmar aqueles mogs com um Legado.

Eu me viro para Sam de olhos arregalados e digo:

— Nove ou Cinco. Eles estão encurralados.

Incitados à ação, o restante dos mogs abre fogo em direção à escuridão do banco. Os dois guerreiros desarmados são erguidos do chão, novamente por telecinesia, e usados como escudos. Eles se desintegram na enxurrada de tiros de seu pelotão. Em seguida, uma mesa sai voando de dentro do banco. Dois mogs são esmagados pelo móvel flutuante, e os outros recuam em busca de proteção. Enquanto isso, o Escumador manobra para mais perto da rua e aponta suas armas para o banco.

— Eu cuido da nave, você, dos guerreiros — digo.

— Vamos — responde Sam, balançando a cabeça uma vez. — Só espero que não seja Cinco escondido lá dentro.

Salto de trás do caminhão e corro para a batalha, disparando meu Lúmen. As terminações nervosas das minhas mãos parecem fritas. Na verdade, sinto o calor do meu próprio Lúmen, como se estivesse passando a mão sobre a chama de uma vela. A dor é suportável, um efeito colateral óbvio por ter exagerado hoje. Sigo em frente, atirando depressa uma bola de fogo no Escumador. Meu primeiro ataque explode seu holofote, escurecendo a rua. A nave cambaleia enquanto dispara em direção ao banco, a rajada de tiros perfurando o edifício. Com a arma principal distraída, espero ver Nove sair do banco e entrar na briga.

Ninguém sai. Talvez esteja ferido, quem quer que seja o Garde lá dentro. Depois de um longo dia lutando um contra o outro e com os mogs, provavelmente estão mais cansados do que eu.

Ouçõ um chiado de eletricidade atrás de mim — Sam disparando sua arma — e vejo os dois mogs mais próximos

virarem nuvens de cinzas. Ao nos ver chegando pela retaguarda, outro mog tenta se esconder atrás de um carro estacionado. Sam arranca-o de lá com sua recém-descoberta telecinesia e acaba com ele.

Um dos mogs grita palavras rudes mogadorianas em um comunicador. Provavelmente pedindo ajuda por rádio. Transmitindo a nossa localização — isso não é nada bom.

Salto no capô de uma SUV estacionada convenientemente embaixo do Escumador. No caminho, atiro uma bola de fogo no mog com o comunicador. Ele é engolido por chamas e, em pouco tempo, não passa de um monte de cinzas em torno de um aparelho derretido. Ainda assim, o estrago está feito. Eles sabem que estamos aqui. Precisamos ir embora logo.

Pulo do teto da SUV, e meu impulso deixa um grande amassado no metal. Ao mesmo tempo, acerto o Escumador com um soco telecinético. Não tenho poder para derrubá-lo, mas bato com tanta força que um lado da aeronave em forma de disco se inclina para baixo, em minha direção. Aterrisso bem em cima da coisa, dois pilotos mogadorianos olhando para mim chocados.

Algumas semanas atrás, teria sido bom ver os mogs recuarem de medo. Eu até teria dito algo engraçado, pegado emprestado alguma piadinha típica do Nove antes de matá-los. Mas agora, depois do terror que eles desencadearam, não gasto saliva à toa.

Arranco a porta da cabine das dobradiças, atirando-a longe em direção à noite lá fora. Os mogs tentam se soltar de seus assentos, tateando em busca das armas. Antes que possam fazer qualquer coisa, desencadeio uma explosão, fogo ardente disparando como um funil. O Escumador imediatamente começa a adernar fora de

controle. Salto da nave, aterrissando com força na calçada abaixo, minhas pernas cansadas mal suportando meu peso. O Escumador bate na frente de uma loja do outro lado da rua e explode, fumaça preta subindo da vitrine quebrada.

Sam chega correndo ao meu lado, sua arma apontada para o chão. O restante da área está livre de mogs. Por enquanto.

— Doze já foram, agora restam uns cem mil — diz Sam ironicamente.

— Um deles conseguiu fazer um pedido de socorro. Temos que ir — conto a Sam, mas, enquanto estou falando, sinto a mesma tontura de antes. Passada a agitação da batalha, meu cansaço volta. Tenho que me apoiar no ombro de Sam por um minuto, até me recuperar.

— Ninguém saiu do banco — diz Sam. — Duvido que seja o Nove lá dentro. A não ser que esteja machucado. Está quieto demais.

— Cinco — rosno, movendo-me cautelosamente em direção à entrada destruída do banco.

Não tenho certeza de que aguento uma luta com ele a essa altura. Minha única esperança é que Nove tenha feito um bom trabalho enfraquecendo-o.

— Lá — diz Sam, apontando para o saguão escuro. Alguém está se movendo. Quem quer que seja, parece ter passado a batalha se escondendo atrás de um sofá.

— Ei, a barra está limpa por aqui — grito para dentro do banco, rangendo os dentes enquanto o ilumino com meu Lúmen. — Nove? Cinco?

Não é nenhum dos Gardes que aparece ressabiado no meu feixe de luz. É uma garota. Provavelmente tem a nossa idade, apenas alguns centímetros mais baixa do que eu, com um corpo esguio de velocista. O cabelo está puxado para trás em fileiras apertadas de tranças. As roupas estão meio rasgadas por causa da luta ou do caos geral, mas, fora isso, ela está bem. Carrega uma valise que parece pesada no ombro esquerdo. Ela olha de Sam para mim com olhos castanhos arregalados, e acaba focando na luz que irradia da palma da minha mão.

— Você é ele — diz a garota, se aproximando. — Você é o cara da tevê.

Agora que ela está perto o suficiente para enxergar, apago meu Lúmen. Não quero revelar nossa localização para os reforços mogs que estão a caminho.

— Meu nome é John.

— John Smith. Sim, eu sei — diz a garota, assentindo avidamente. — Meu nome é Daniela. Você realmente detonou aqueles aliens.

— Hmm, obrigado.

— Havia mais alguém lá com você? — interrompe Sam, esticando o pescoço para olhar atrás dela. — Um cara com problemas para controlar a raiva e mania de tirar a camisa? Um cara estranho de um olho só?

Daniela inclina a cabeça para o lado olhando para Sam, as sobrancelhas erguidas.

— Não. O quê? Por quê?

— Tivemos a impressão de que alguém atacou aqueles mogs com telecinesia — digo, observando Daniela outra vez, com uma

mistura de curiosidade e cautela. Já fomos enganados antes por potenciais aliados.

— Você quer dizer isso? — Daniela estende a mão e a arma de um dos mogs mortos flutua na direção da garota, que a pega e a apoia no ombro que não está com a sacola. — É. Isso é novidade para mim.

— Eu não sou o único — sussurra Sam, me encarando de olhos arregalados.

Minha mente pensa em tantas possibilidades rapidamente que me deixa sem fala. Posso não ter entendido a razão disso, mas Sam receber Legados fez sentido para mim em um nível visceral. Ele passou muito tempo ao nosso lado, dos Gardes, fez muito para nos ajudar — se algum humano tivesse que, de repente, desenvolver Legados, tinha que ser ele. As últimas horas desde a invasão têm sido tão loucas que realmente não tive muito tempo de pensar a respeito. Não precisava, na verdade. Sam ter Legados só parecia lógico. Quando imaginava outros humanos além dele desenvolvendo Legados, pensava em pessoas que conhecemos, pessoas que têm nos ajudado. Pensava em Sarah, principalmente. Definitivamente não uma garota qualquer. Mas o fato de aquela garota, Daniela, ter Legados significava que algo maior do que eu imaginava tinha acontecido.

Quem é ela? Por que tem poderes? Quantos mais como ela existem por aí?

Enquanto isso, Daniela me encara com aquele olhar fascinado novamente.

— Então, hmmm, posso perguntar por que você me escolheu?

— Escolhi você?

— Sim, para transformar em um mutante — explica Daniela. — Eu não podia fazer essas coisas até hoje, quando você e os caras pálidos...

— Mogadorianos — esclarece Sam.

— Eu não podia mover coisas com a mente até você e os mogadorianos babacas aparecerem — conclui Daniela. — Qual é o lance, cara? Nenhuma das outras pessoas que eu vi por aqui tem poderes.

Sam pigarreja e levanta a mão, mas Daniela o ignora. Ela está muito empolgada, falando sem parar.

— Estou radioativa? O que mais posso fazer? Você faz aquele lance de mãos de lanterna. Vou conseguir também? Por que eu? Responda a última pergunta primeiro.

— Eu... — Esfrego a nuca, me sentindo pressionado. — Não faço ideia de por que você foi escolhida.

— Ah. — Daniela franze a testa, olhando para o chão.

— John, não deveríamos ir embora?

Faço que sim quando Sam me lembra da iminente chegada dos reforços mogadorianos. Já ficamos ali conversando por muito tempo. Diante de mim — e ao meu lado também, aliás — estão... o quê, exatamente? Novos membros da Garde? Humanos. É diferente de tudo o que já imaginei. Preciso entender o novo status quo rapidamente porque, se houver mais Gardes humanos lá fora, eles vão procurar orientação. E com todos os Cêpans mortos...

Bem, cabe a nós. Os lorienos.

Primeiro, o mais importante: preciso garantir que Daniela permaneça conosco. Preciso de tempo para conversar com ela,

para tentar descobrir o que exatamente desencadeou seus Legados.

— Aqui não é seguro, é melhor você vir com a gente — digo a ela.

Daniela olha toda a destruição à nossa volta.

— O lugar para onde vão é seguro?

— Não. É claro que não.

— O que John quer dizer é que este quarteirão especificamente vai ficar cheio de mogs a qualquer minuto — explica Sam.

Ele começa a se afastar do banco, nos estimulando a fazer o mesmo. Daniela não vai, então eu também fico.

— Seu parceiro é nervoso — observa Daniela.

— Meu nome é Sam.

— Você é um cara nervoso, Sam — retruca ela, uma das mãos no quadril. Ela está olhando para mim de novo, me avaliando. — Se mais desses aliens aparecerem, você não pode acabar com eles?

— Eu... — Me vejo tendo que usar a lógica do “escolha suas batalhas” que me deixou tão irritado quando Sam usou comigo. — Há muitos deles para enfrentarmos. Pode não parecer agora, porque você acabou de começar a usá-los, mas nossos Legados não são um recurso ilimitado. Se forçarmos demais, nos esgotamos e não conseguimos usá-los.

— Bom conselho — observa Daniela. E permanece congelada no mesmo lugar. — Pena que você não pôde responder mais nenhuma das minhas perguntas.

— Olha, eu não sei por que você tem Legados, mas isso é uma coisa incrível. Uma coisa boa. É o destino, talvez. Você pode nos ajudar a vencer esta guerra.

Daniela bufa.

— Sério? Não estou lutando em nenhuma guerra, John Smith de Marte. Estou tentando sobreviver aqui. Estamos nos Estados Unidos. O Exército vai cuidar desses aliens de meia-tigela. Eles atacaram primeiro, foi só isso.

Balanço a cabeça, incrédulo. Não temos tempo para eu explicar a Daniela tudo o que ela precisa saber sobre os mogadorianos — sua tecnologia avançada, a infiltração nos governos da Terra, suas quantidades infinitas de monstros e guerreiros nascidos artificialmente. Nunca tive que explicar essas coisas para os outros membros da Garde. Sempre tivemos noção dos perigos; fomos criados sabendo da nossa missão na Terra. Mas Daniela e outros Gardes recém-surgidos que podem estar andando por aí... E se não estiverem prontos para lutar? Ou não quiserem?

Uma explosão faz o chão tremer. Vem de alguns quarteirões de distância, mas ainda é poderosa o bastante para disparar alarmes de carros e fazer meus dentes baterem. Uma fumaça espessa mais escura que o céu noturno surge ao norte. Parece que um edifício acabou de desabar.

— Sério — diz Sam. — Alguma coisa está vindo em nossa direção.

Outra explosão, mais perto, confirma a suspeita de Sam. Dirijo-me desesperadamente a Daniela.

— Nós podemos ajudar uns aos outros. Temos que fazer isso, ou não vamos sobreviver — digo, pensando não só em nós três, mas nos humanos e lorientos. — Estamos procurando nosso amigo. Assim que o encontrarmos, vamos sair de Manhattan. Ouvimos

que o governo estabeleceu uma zona de segurança em torno da ponte do Brooklyn. Vamos até lá e...

Daniela balança a mão descartando todo o meu plano e vem em minha direção. Ela ergue a voz, e sinto sua telecinesia acertar meu peito, como um dedo indicador apontado para mim.

— Meu padrasto foi torrado por esses vermes pálidos e agora estou aqui procurando minha mãe, cara do espaço. Ela trabalhava aqui. Você está dizendo que eu deveria deixar tudo isso para trás e me juntar ao seu exército de dois, correndo pela minha cidade que você ajudou a destruir? Está me dizendo que o amigo que vocês estão procurando é mais importante do que a minha mãe?

Outra explosão. Ainda mais perto. Não faço ideia do que dizer para Daniela. Que sim, salvar a Terra é mais importante do que salvar a mãe dela? É esse o meu discurso de recrutamento? Eu teria ouvido se alguém tivesse dito isso sobre Henri ou Sarah?

— Ah, meu Deus — diz Sam, exasperado. — Podemos pelo menos concordar em corrermos todos na mesma direção?

E é então que vemos os reforços. Não é um esquadrão de Escumadores ou guerreiros que vêm nos matar.

É a *Anúbis*.

CAPÍTULO

QUATRO

A IMENSA NAVE de guerra, maior do que um porta-aviões, surge no céu noturno a cerca de cinco quarteirões de distância. Ela desliza lentamente pela fumaça acre que seus bombardeios recentes levantaram. Sam e eu tínhamos conseguido nos manter à frente da *Anúbis* mais cedo naquela tarde, abrindo caminho para o sul, enquanto a nave passava devagar pelo horizonte rumo a leste. Mas agora, ali está ela, assomando pela avenida, bem na direção da Union Square.

Cerro os punhos. Setrákus Ra e Ella estão a bordo da nave. Se eu pudesse entrar lá, talvez conseguisse lutar até chegar ao líder mogadoriano. Talvez pudesse matá-lo desta vez.

Sam está ao meu lado.

— O que quer que esteja pensando, é uma péssima ideia. Precisamos correr, John.

E, como se para pontuar a declaração de Sam, uma bola crepitante de energia elétrica se forma no cano do enorme canhão montado no casco da *Anúbis*. Uma espécie de sol em miniatura se forma dentro do cano, e, por um instante, ilumina os quarteirões em volta com um tom fantasmagórico de azul. Então, com um som como o de mil armas mogs sendo disparadas ao mesmo tempo, a energia irrompe do canhão, cortando a fachada de um prédio de

escritórios nas proximidades, a estrutura de vinte andares implodindo quase imediatamente.

Uma onda de poeira corre pela rua na nossa direção. Tossindo, somos obrigados a proteger os olhos. A poeira pode nos dar alguma cobertura, mas isso não faz muita diferença quando a nave de guerra tem uma arma que pode destruir edifícios inteiros. A *Anúbis* aproxima-se lentamente, já se preparando para outro disparo. Não sei dizer ao certo se está mirando nas emissões de calor nos prédios ou se está apenas destruindo coisas ao acaso, na esperança de nos atingir. Isso não importa. A *Anúbis* é como uma força da natureza e vem em nossa direção.

— Mas que diabos — ouço Daniela xingar, e depois ela sai correndo.

Sam vai atrás dela e eu também, nós três fugindo pelo caminho por onde Sam e eu viemos. Temos que encontrar outra forma de rastrear Nove. Se ele ainda estiver na área, espero que consiga escapar deste bombardeio.

— Você sabe para onde está indo? — grita Sam para Daniela.

— O quê? Vocês estão *me* seguindo agora?

— Você conhece a cidade, não é?

Outro prédio explode atrás de nós. A poeira é mais espessa dessa vez, sufocante, e sou atingido nas costas por pequenos pedaços de argamassa e cimento. As explosões estão muito perto de nós. Talvez a gente não consiga fugir da próxima a tempo.

— Precisamos sair da rua! — grito.

— Por aqui! — berra Daniela, fazendo uma curva brusca e momentaneamente nos tirando do dilúvio de escombros de prédios que convergem para a avenida.

Quando Daniela vira, algo escapa pelo zíper quebrado da sacola dela. Por uma fração de segundo, meus olhos acompanham uma nota de cem dólares flutuando e rapidamente sendo engolida pela imensa nuvem de detritos. É estranho o que você percebe quando está correndo para tentar se salvar.

Espera. O que exatamente ela estava fazendo naquele banco quando os mogs a encurralaram?

Não há tempo para perguntar. Outra explosão estremece a área, tão perto e tão forte que derruba Sam. Eu o levanto novamente e seguimos adiante aos tropeços, nós dois cobertos pela poeira asfixiante dos prédios destruídos. Ainda que Daniela esteja apenas alguns metros à frente, só vejo sua silhueta.

— Por aqui! — grita ela.

Tento iluminar o caminho com meu Lúmen, mas não adianta muito em meio aos fragmentos de prédios esvoaçantes. Não faço ideia de para onde Daniela está nos levando, não até o chão desaparecer sob os meus pés e eu cair de cabeça em um buraco.

— Ai! — grita Sam quando bate no chão de concreto ao meu lado.

Daniela está de pé a alguns metros da gente. Minhas mãos e joelhos estão arranhados da aterrissagem, mas, fora isso, estou bem. Olho por cima do ombro e vejo uma escada no escuro que está sendo coberta pela chuva de detritos. Estamos em uma estação de metrô.

— Um pequeno aviso teria sido bom — digo para Daniela.

— Você disse que tínhamos que sair da rua — responde ela. — Aqui estamos... fora da rua.

— Você está bem? — pergunto a Sam, ajudando-o a se levantar. Ele faz que sim, recuperando o fôlego.

A estação começa a vibrar. As roletas de metal tremem e mais poeira cai do teto. Mesmo através da barreira de concreto, ouço o poderoso rugido dos motores da nave de guerra. A *Anúbis* deve estar logo acima de nós. Uma luz azul elétrica inunda o interior da estação.

— Vão! — grito, empurrando Sam, enquanto Daniela já está pulando uma roleta. — Para os túneis!

O canhão descarrega com um ruído agudo. Mesmo protegidos por camadas de concreto, sinto o corpo formigar até os ossos com a eletricidade. A estação do metrô treme e, acima de nós, um prédio deixa escapar um gemido triste quando suas estruturas de aço se retorcem e colapsam. Começo a correr e também pulo nos trilhos com Sam e Daniela. Olho para trás quando o teto começa a desabar, primeiro bloqueando as escadas por onde acabamos de cair, depois se espalhando mais para dentro da estação. A estrutura não vai aguentar.

— Corram! — grito novamente, esforçando-me para ser ouvido por cima do ruído da construção que desmorona.

Corremos para dentro da escuridão do túnel. Acendo meu Lúmen, a luz cintilando nos trilhos de aço. Sinto movimento ao meu lado e levo um instante para perceber que há um bando de ratos correndo ao nosso lado, também fugindo do desabamento. Em algum lugar ali embaixo, um cano deve ter estourado, porque tem água até a altura dos meus tornozelos.

Com minha audição melhorada, escuto a construção de pedra à nossa volta rangendo e ruindo. O que quer que a *Anúbis* tenha

destruído no nível da rua causou grandes danos à fundação da cidade. Olho para o teto bem a tempo de ver uma rachadura se espalhar pelo cimento, dividindo-se em afluentes que correm pelas paredes cobertas de mofo. É como se estivéssemos tentando ser mais rápidos do que o dano estrutural.

Não podemos vencer essa corrida. O túnel vai desabar.

Estou prestes a gritar alertando os outros quando o túnel cede sobre Daniela. Ela só tem tempo de olhar para cima e gritar quando um pedaço grande de cimento despenca em sua direção.

Concentro toda a minha força na telecinesia e empurro o concreto.

Consigo sustentar o teto. Detenho o desmoronamento a centímetros da cabeça de Daniela. Faço tanta força para suportar o enorme peso que caio de joelhos. Sinto as veias em meu pescoço saltando, o suor molhando minhas costas. É como carregar um peso tremendo quando você já está esgotado. E, enquanto isso, novas rachaduras se formam a partir do buraco quebrado no teto. É a física — o peso tem que ir para algum lugar. E esse lugar vai ser bem em cima de nós.

Não vou aguentar. Não por muito tempo.

Sinto gosto de sangue na boca e percebo que estou mordendo o lábio. Não consigo nem gritar para os outros pedindo ajuda. Se eu afastar meu foco da telecinesia mesmo que só um pouquinho, o peso vai ser demais para mim.

Felizmente, Sam percebe o que está acontecendo.

— Temos que conter o teto! — grita ele para Daniela. — Precisamos ajudá-lo!

Sam está ao meu lado e joga as mãos para cima. Sua força telecinética se junta à minha e alivia parte da pressão. Consigo me levantar.

Pelo canto do olho, vejo Daniela hesitar. A verdade é que, se ela corresse agora, enquanto Sam e eu seguramos o peso do túnel, provavelmente conseguiria escapar para um lugar seguro. Nós estaríamos ferrados, mas ela se salvaria.

Daniela não sai correndo. Ela vai para o meu outro lado e empurra também. O cimento do teto range e mais rachaduras irrompem nas paredes do túnel. É um equilíbrio delicado — nossa telecinesia só força o peso da construção quebrada a se deslocar para outro lugar. Não importa o que a gente faça, uma hora o túnel vai desabar.

Agora a carga já foi aliviada o suficiente para eu conseguir falar de novo. Ignoro a dor e a queimação nos músculos, o peso afundando meus ombros. Sam e Daniela estão aguentando, esperando minhas instruções.

— Andem... andem para trás. — Finalmente deixo escapar um grunhido. — Deixem que o teto caia... devagar.

Ombro a ombro, nós três marchamos lentamente para trás no túnel. Mantemos a pressão telecinética diretamente sobre nós, soltando gradualmente as partes do teto por onde já passamos com segurança. Vamos ouvindo o estrondo do desabamento em nosso rastro. Em determinado momento, vejo alguns carros caírem dentro do túnel, rapidamente engolidos por mais detritos. A rua acima de nós está desmoronando, mas nós três conseguimos contê-la.

— Mais quanto tempo? — pergunta Sam com os dentes cerrados.

— Não sei — respondo. — Continue.

— Merda, merda, merda — diz Daniela sem parar, sua voz um sussurro rouco.

Vejo os braços dela tremendo. Tanto ela quanto Sam são inexperientes, não estão habituados com a telecinesia. Eu nunca suportei tanto peso antes, e certamente não cheguei nem perto disso no meu primeiro dia com Legados. Sinto a força deles se esvaindo, começando a falhar.

Eles só precisam aguentar mais um pouco. Se não conseguirem, estamos mortos.

— Vamos escapar daqui — rosno. — Continuem!

Percebo o túnel do metrô inclinando-se gradualmente para baixo sob os meus pés. Quanto mais fundo chegamos, mais resistente está o teto acima de nós. Passo a passo, a contrapressão telecinética que precisamos fazer diminui, até que, finalmente, chegamos a uma seção do túnel onde o teto está firme.

— Podem soltar — digo, num gemido. — Está tudo bem, podem soltar.

Juntos, soltamos o teto. A dez metros de distância, o último pedaço que vínhamos contendo cai, bloqueando o caminho por onde chegamos. Acima de nós, o concreto range, mas fica no lugar. Desabamos na água suja do fundo do túnel. Sinto como se um peso literalmente tivesse sido tirado dos meus ombros. Ouço um barulho ao meu lado e vejo que Daniela está vomitando. Tento me levantar para ajudá-la, mas meu corpo não colabora. Caio de cara na água.

Um segundo depois, as mãos de Sam estão sob os meus braços, me levantando. Seu rosto está pálido e contraído, como se não

tivesse muito mais força.

— Ah, cara, ele está morrendo? — pergunta Daniela a Sam.

— Por maior que fosse o peso do teto que estávamos aguentando, ele provavelmente estava segurando quatro vezes mais — responde Sam. — Me ajuda aqui.

Daniela passa a mão sob meu outro braço. Ela e Sam me levantam e me arrastam pelo túnel.

— Ele acabou de salvar minha vida — diz Daniela, ainda sem fôlego.

— Sim, ele faz muito esse tipo de coisa. — Sam vira a cabeça, falando no meu ouvido. — John? Você pode me ouvir? Pode apagar as luzes. Podemos seguir no escuro por um tempo.

É quando percebo que ainda estou iluminando o túnel com meu Lúmen. Já quase não tenho energia, e ainda estou, instintivamente, mantendo as luzes acesas. Só com um esforço consciente consigo apagar meu Lúmen e deixar de lutar contra minha própria exaustão, me deixando ser carregado.

Finalmente relaxo um pouco. Confio em Sam.

E então não sinto mais os braços deles dois ao redor do meu corpo. Não sinto mais meus pés sendo arrastados por aquela água grossa dos túneis do metrô. Todas as minhas dores parecem se esvanecer até eu estar flutuando tranquilamente pela escuridão.

Uma voz feminina interrompe meu descanso.

— John...

Sinto um toque frio. A mão é delicada, frágil, mas aperta a minha com força suficiente para me acordar.

— Abra os olhos, John.

Faço o que ela diz e me vejo estendido numa mesa de operação em uma sala austera, uma série de máquinas cirúrgicas sinistras espalhadas ao meu redor. Bem ao lado da minha cabeça está uma máquina que parece um aspirador de pó — um tubo de sucção com dentes afiados como bisturis na ponta está ligado a um barril cheio de uma substância preta e viscosa que se contorce. Aquela espécie de gosma flutuando pela máquina me lembra aquilo que tirei das veias do secretário de Defesa. Só de olhar me dá arrepios. É inerentemente antinatural e mogadoriano.

Isso não está certo. Onde estou? Fomos capturados enquanto eu estava inconsciente?

Não consigo sentir meus braços nem minhas pernas. E, no entanto, estranhamente, não entro em pânico. Por alguma razão, não sinto como se estivesse em algum perigo real. Já tive esse tipo de experiência extracorpórea antes.

Eu me dou conta de que estou em um sonho. Mas não no meu próprio sonho. Outra pessoa está controlando isso.

Com certo esforço, viro a cabeça para o lado. Não há nada naquela direção, além de mais equipamentos bizarros, uma mistura de instrumentos médicos de aço inoxidável e maquinaria complexa como as coisas que encontramos em Ashwood Estates. Mas na parede oposta há uma janela. Uma escotilha, na verdade. Estamos no ar, o céu escuro lá fora iluminado apenas pelos incêndios na cidade abaixo.

Estou a bordo da *Anúbis*, flutuando sobre a cidade de Nova York.

Tentando captar cada detalhe, viro a cabeça para a direita. Uma equipe de mogadorianos usando jalecos e luvas esterilizadas está

reunida em torno de uma mesa de metal exatamente como aquela em que estou. Há um pequeno corpo na mesa. Um dos mogs segura o tubo de outra das máquinas de gosma, enquanto o pressiona no esterno da garota na mesa.

Ella.

Ella não grita quando as lâminas no tubo perfuram seu peito. Não sou capaz de fazer nada quando aquela gosma preta mogadoriana começa lentamente a ser bombeada para dentro do seu corpo.

Quero gritar. Antes que eu consiga, Ella vira a cabeça e olha bem no fundo dos meus olhos.

— John — diz ela, a voz totalmente calma, apesar da cirurgia terrível a que está sendo submetida. — Levanta. Não temos muito tempo.

CAPÍTULO

CINCO

— PODEMOS FAZER ISSO, mas primeiro vocês precisam entender como Phiri Dun-Ra pensa — sussurra Adam.

— Você é o especialista em psicologia mog aqui — argumento, observando Adam usar um galho quebrado para desenhar um quadrado na terra. — Então nos ilumine.

Nós três estamos agachados ao lado do nosso Escumador sem vida na faixa de terra que os mogs usavam como pista de decolagem. Está escuro agora, mas aproveitamos os lampiões elétricos portáteis que os mogs tinham sempre à mão para iluminar suas constantes tentativas de entrar no Santuário. Acho que Phiri não pensou em roubar todas as baterias, então pelo menos há um pouco de luz. Temos também alguns holofotes grandes posicionados em torno do perímetro do templo, mas os deixamos desligados. Não precisamos facilitar a vida dela em nos espionar.

A selva ao redor parece mais barulhenta agora que o sol se põe, o chilrear dos pássaros tropicais substituído pelo zumbido estridente de milhões de mosquitos. Dou um tapa na nuca ao sentir um deles tentando me picar.

— Tenho certeza absoluta de que ela está aí fora em algum lugar agora, nos observando — diz Adam. — Todo guerreiro mog do nível dela recebe treinamento de vigilância.

— Sim, nós sabemos — concordo, observando a escuridão. — Vocês têm nos perseguido desde sempre, lembra?

Adam me ignora, e continua:

— Ela provavelmente consegue ficar pelo menos três dias sem dormir. E não vai permanecer num lugar só, vai se manter em movimento. Não

encontraremos um acampamento ou nada parecido. Se formos atrás dela, Phiri vai sair de onde está e encontrar um novo lugar, sempre à frente da gente. Ela tem muitos lugares onde se esconder, essa floresta é enorme. Então, o instinto dela será o de ficar por perto. Ela vai querer ficar de olho na gente.

Marina franze o cenho ao ouvir a explicação de Adam, observando o mog enquanto ele rabisca algumas linhas na terra em volta do quadrado. Percebo que ele está desenhando o Santuário e a selva em volta.

— Então precisamos fazer com que ela saia da floresta — diz Marina.

— E você sabe como fazer isso? — pergunto a Adam.

— Vamos lhe dar algo a que nenhum mog pode resistir — responde Adam, e desenha um "M" na parte ocidental da selva. Então, encara Marina com um olhar penetrante. — Uma Garde vulnerável.

Imediatamente, sinto o ar à nossa volta ficar um pouco mais frio. Marina se inclina para a frente, aproximando-se de Adam, estreitando os olhos de forma ameaçadora.

— Eu pareço vulnerável para você, Adam?

— Claro que não. Só queremos que passe essa impressão.

— Uma armadilha — digo, tentando acalmar os ânimos. — Marina, relaxa. Ela me lança um olhar sério, mas sinto sua aura gelada se dissipar.

— Então — continua Adam —, primeiramente, vamos nos separar.

— Nos separar? — repete Marina. — Você só pode estar brincando.

— Essa é sempre a pior ideia — digo.

— É melhor entrarmos logo na selva e caçá-la — diz Marina. — Seis pode nos deixar invisíveis. Phiri Dun-Ra não terá nenhuma chance.

— Isso pode levar a noite toda — responde Adam. — Talvez mais.

— E não é exatamente fácil se deslocar por uma selva completamente no breu — digo, lembrando Marina de nossa viagem pelas Everglades.

— Nós vamos nos separar *porque* é um movimento estúpido — explica Adam. — Temos que fingir que estamos tentando encontrá-la, como se

quiséssemos cobrir uma parte maior do terreno. Phiri Dun-Ra verá isso como uma oportunidade...

Adam desenha três linhas afastando-se do templo, cada uma seguindo para um lado da selva.

— Seis, você vai para o leste, eu vou para o sul e, Marina, você vai para o oeste. — Adam olha para mim. — Quando derem duzentos passos para dentro da selva, Seis, você fica invisível. Ela não estará mais observando você.

— O que faz você pensar que ela não vai me atacar? — pergunto. — Posso ser vulnerável.

Marina bufa. Adam balança a cabeça.

— Primeiro ela vai atrás de quem tem o Legado da cura. Tenho certeza.

— Porque é o que você faria? — pergunta Marina.

Adam olha para ela.

— Sim.

Marina e eu trocamos um olhar. Pelo menos Adam está sendo sincero. Fico feliz que ele esteja do nosso lado.

— Acho que faz sentido — diz Marina, examinando os desenhos na terra. Ela se vira subitamente para Adam. — Espera. Você está dizendo que os mogs sabem que posso curar?

— É claro — responde ele. — Qualquer Legado que eles tenham observado em campo foi incluído em seus dossiês. E todos os mogs estudam esses relatórios. É a leitura preferida deles depois do Grande Livro.

— Que ótimo — digo.

Marina pensa a respeito.

— Eles provavelmente não sabem sobre a minha visão noturna. Não é algo que possam observar.

Adam ergue os olhos de seu plano de batalha.

— Você tem visão noturna?

Marina assente.

— Se você estiver certo e Phiri realmente me atacar, vou conseguir ver a mog se aproximando.

— Hmm — responde Adam. — Bem, isso é um bônus.

— Então o que eu faço depois de ficar invisível? — pergunto.

— Você me encontra, eu fico invisível com você, e então voltamos e vamos atrás da Marina. Para ajudá-la quando Phiri Dun-Ra atacar.

— E se ela me atacar antes de vocês chegarem? — pergunta Marina.

Adam sorri.

— Acho que é melhor você evitar matá-la até recuperarmos os condutos.

— Você acha que ela vai simplesmente entregá-los? — pergunta Marina, com um olhar desafiador.

— Com sorte, ela estará carregando todos eles — responde Adam.

— E se não estiver?

— Eu... — Adam olha de Marina para mim, tentando avaliar nossas reações. — Há maneiras de fazer as pessoas falarem. Até mogadorianos.

— Nós não torturamos — diz Marina enfaticamente. Mesmo depois de tudo por que passou, mesmo depois de perder Oito, ela ainda manteve seus princípios. Ela olha para mim em busca de apoio. — Certo, Seis?

— Vamos ver — respondo, sem querer tomar posição nesse momento. — Primeiro o mais importante: vamos pegar a safada.

Nós três fazemos uma grande encenação para mostrar que estamos nos separando, cada um de nós levando um dos lampiões elétricos para a selva ameaçadora. Enquanto me agacho em meio às grossas videiras e galhos que parecem garras na mata densa, tento intensificar minha audição o máximo possível. Estou torcendo para encontrar Phiri logo e encurtar todo esse plano que Adam bolou, mas não dou sorte. Só consigo amplificar os sons incessantes da selva. À minha esquerda, algo escuro e peludo solta um grito de alerta enquanto atravesso seu território. Há tanto movimento e barulho ali — Adam estava certo, seria quase impossível rastrear Phiri Dun-Ra.

Empurro um galho com mais força do que o necessário. Ele volta e acerta meu ombro. Cerro os dentes de raiva, me perguntando se não seria melhor simplesmente invocar um furacão e pegar logo Phiri Dun-Ra.

Uma mog. Estamos aqui atrás de uma única mog estúpida. Isso deve ser exatamente o que ela queria, nos tirar do jogo, enquanto sabe-se lá que diabos está acontecendo em Nova York. Uma invasão pode estar em andamento. Penso em John e Nove tentando combater hordas de mogadorianos, Sam correndo para se salvar, o mundo inteiro engolido pelas chamas.

Sim. Precisamos nos apressar.

Antes de nos separarmos e adentrarmos a selva, ligamos as grandes luzes de halogênio ao redor do Santuário, para que encontremos o caminho de volta sem dificuldade. Quando estou longe o suficiente, a ponto de não conseguir mais ver as luzes por entre as árvores, fico invisível. Só para o caso de Phiri Dun-Ra estar me vigiando, e não indo atrás de Marina. Uso minha telecinesia para fazer o lampião à minha frente flutuar. Espero alguns segundos para ver se alguma forma sombria emerge à minha volta e começa a seguir meu lampião fantasmagórico, mas nada acontece, então penduro o lampião em um galho e o deixo para trás.

Sinto-me confortável com a minha invisibilidade, tendo desenvolvido um bom senso de percepção espacial depois de anos de prática. Ainda assim, não é fácil me movimentar sem nenhuma luz. Pelo menos tenho alguma experiência da época da Flórida. Avanço devagar, prestando bastante atenção no terreno lamacento à minha frente, me abaixando para passar sob os galhos. Em determinado momento, tenho que pular uma cascavel listrada, e o bicho mal se mexe quando eu passo.

Pouco tempo depois, vejo o lampião de Adam balançando pela selva. Ele está se movendo devagar de propósito, esperando que eu o alcance. Adam não me ouve chegar. Quando encosto minha mão na dele, no instante antes

de torná-lo invisível, ouço-o prendendo a respiração, e percebo que seus ombros estão tensos.

— Assustei você? — sussurro para ele.

Com a telecinesia, faço o lampião sair de sua mão e se pendurar em um galho, exatamente como fiz com o meu.

— Me surpreendeu, só isso — responde ele, baixinho. — Vamos lá.

Avançamos pela selva em direção ao lugar em que Marina deveria estar. Tenho muito cuidado para não ir muito rápido no início, mas Adam não está tendo problemas para me acompanhar. Sua mão é surpreendentemente fria e seca, apesar do ar úmido. Ele está tranquilo. Toda essa situação não é nem um pouco estranha para ele. Acabo deixando escapar uma risadinha.

— O que foi? — pergunta ele, sua voz um sussurro na escuridão.

— Só nunca imaginei chegar a um ponto na minha vida em que estaria de mãos dadas com um mogadoriano — respondo.

— Somos aliados — responde Adam. — É pela missão.

— Sim, obrigada por esclarecer isso. Ainda assim, não é estranho para você?

Adam faz uma pausa.

— Na verdade, não.

Adam não diz mais nada. Lembro-me de algo que ele disse durante o voo até o Santuário.

— Eu faço você se lembrar de quem? — pergunto, enquanto passamos com cuidado por cima de um tronco caído.

— Hein?

— Lá no Escumador. Você disse que eu lhe lembrava alguém.

— Você quer falar sobre isso *agora*? — pergunta ele.

— Estou curiosa — respondo, atenta a qualquer sinal do lampião de Marina. Nada ainda.

Adam fica calado por tempo suficiente para eu achar que decidiu não falar mais nada, como se seu silêncio fosse uma repreensão por eu não me

concentrar na tarefa. Estou prestes a lhe dizer que posso rastrear tranquilamente um mogadoriano enquanto converso, muito obrigada, quando ele finalmente responde:

— A Número Um. É quem você me lembra.

— A Um? A Garde de quem você tomou os Legados?

Sua mão fica tensa junto à minha, como se ele tivesse que se conter para não soltá-la.

— Ela me *deu* seu Legado — dispara Adam. — Eu não tomei nada.

— Tudo bem — respondo. — Desculpa. Péssima escolha de palavras. Não tinha me dado conta de que você chegou a conhecê-la.

— Nós tínhamos uma... relação complexa.

— Tipo, você era o líder dos mogs que a perseguiram ou algo assim?

Adam suspira.

— Não. Depois que ela foi morta, a consciência da Um foi implantada em meu cérebro. Por um tempo, nós basicamente compartilhamos um corpo. Acho que é por isso que não fico preocupado em dar as mãos ou com qualquer coisa juvenil que tem deixado você desconfortável pelos últimos cinco minutos. Já estive muito, muito próximo a uma Garde antes.

Agora é a minha vez de ficar em silêncio. Eu nem sequer conheci a Número Um. Ela permanece um mistério completo para mim, quase como um conceito. A azarada. A primeira a se arriscar. A primeira a ser morta. E, no entanto, Adam sabe tanto sobre ela, a conhece tão bem. É estranho imaginar que um mogadoriano já pensou mais a respeito da Número Um do que eu. Não só isso. Parece que ele realmente se importava com ela. Nosso mundo está cada vez mais esquisito.

— Lá está ela — digo, ao ver o lampião de Marina, poupando-nos de continuar aquela estranha conversa.

— Que bom — diz Adam, parecendo aliviado. — Agora nós a seguimos e esperamos Phiri Dun-Ra morder a is...

Adam é interrompido por um disparo azul-cobalto crepitando através do ar, em direção ao lampião de Marina. Mesmo com todo o ruído da selva, ouço Marina gritando:

— Merda! Vai!

Solto a mão de Adam e corro, usando minha telecinesia para afastar os galhos emaranhados e as folhagens densas. Tenho certeza de que devo estar cheia de arranhões, mas não me importo. As criaturas à minha volta gritam de pânico enquanto passo zunindo pela selva. Ao longe, vejo Adam correndo atrás de mim, aproveitando o caminho que vou abrindo.

Mais à frente, noto raios de luz em várias direções por entre os galhos das árvores e deduzo que o lampião de Marina caiu no chão.

Corro a todo vapor e levo menos de um minuto para alcançar a pequena clareira onde o lampião está caído, e me deparo com Marina passando a mão sobre uma queimadura em seu braço. Ela olha para mim enquanto cura a carne empolada.

— O plano deu certo — diz Marina casualmente.

— Você está ferida — respondo.

— Isso? Não foi nada.

Suspiro, aliviada, e então me viro para a esquerda e encontro Phiri Dun-Ra de joelhos, nos lançando um olhar furioso. Há uma trilha formada pelos pingos de sangue que escorrem de suas tatuagens mogs e das tranças firmemente puxadas para trás, provavelmente do ferimento causado por Marina. A arma de Phiri está ao lado dela, mas fora de alcance e inutilizada por um ataque telecinético. Suas mãos e tornozelos estão presos pelo que eu rapidamente identifico como algemas feitas de gelo. Parece que Marina está lidando com seu novo Legado cada vez melhor.

Adam chega à clareira alguns segundos depois de mim. O olhar de ódio de Phiri Dun-Ra fica ainda mais intenso quando ele aparece.

— Você a pegou — diz Adam, e Marina faz que sim, e até sorri um pouco.

— Você está bem?

— Estou — responde Marina. — O que fazemos com ela agora?

— Vocês deveriam me matar — rosna Phiri Dun-Ra, cuspidando na terra à frente dela. — Ver um mog nascido naturalmente do lado de vocês, o lixo lórico, fere tanto meus olhos que não quero mais viver.

— Olá para você também, Phiri — diz Adam, revirando os olhos. — O que você fez com o meu Chimæra?

Os olhos de Phiri Dun-Ra se iluminam.

— Um pequeno truque que aprendi com os cientistas da ilha Plum usando frequências blaster. Seu animalzinho morreu? Não tive tempo de checar o corpo dele.

— Ele sobreviveu. Diferente do que vai acontecer com você.

— Nós não vamos matá-la... — começo a dizer, mas Phiri se debate na terra, me interrompendo.

— Porque são covardes — sibila ela. — Querem me reabilitar, como fizeram com esse aí? Fazer de mim outro bichinho mogadoriano? Sem chance.

— Você não me deixou terminar — digo, me aproximando dela. — Não vamos matá-la ainda.

— Você a revistou? — pergunta Adam a Marina.

— Ela só estava carregando a arma — responde Marina.

O restante da roupa de Phiri é a armadura reluzente que todos os guerreiros mogs usam. Não há lugar para esconder um monte de peças.

— Onde estão os condutos? — pergunto. — Se você os devolver, vou cuidar para que sua morte seja pelo menos rápida.

Marina me lança um olhar confuso, as sobrancelhas erguidas. Adiei responder essas perguntas antes — o que fazemos com um mogadoriano capturado e até onde vamos para conseguir o que desejamos? Tortura. O pensamento me dá um calafrio de repulsa, principalmente quando me lembro do tempo que passei sendo prisioneira deles. Torturá-los seria cruzar uma linha, porque é algo que eles fariam conosco. É diferente de matá-los

em batalha, quando estão lutando e tentando nos matar também. Phiri Dun-Ra está impotente, é nossa prisioneira. Mas uma prisioneira mog é inútil e precisamos sair logo daquela selva. Sei que não devíamos nos rebaixar ao nível deles, mas nossa situação é desesperadora. *Até onde as ameaças vão nos levar?*, eu me pergunto.

— Tenha uma morte lenta, escória lórica — rebate Phiri.

Então ela não vai facilitar as coisas.

Antes que eu decida o que fazer, Adam passa por mim e dá um soco em Phiri. Ela grita e cai de lado. Phiri está surpresa. Ela não estava esperando por aquele golpe. Talvez estivesse contando que Marina e eu não teríamos estômago para torturá-la. Adam, por outro lado...

— Você esqueceu com quem está lidando — diz Adam entredentes. Ele se ajoelha na terra ao lado dela e agarra-a pela camisa, erguendo um pouco o tronco da mog. — Você acha que porque passei algum tempo com a Garde me esqueci dos nossos métodos? Você sabe quem era meu pai. Para o desgosto dele, minhas notas eram sempre mais altas nas matérias não ligadas a combate. Mas ainda assim... o general encontrou maneiras de me fazer focar em meu treinamento. Interrogatório. Anatomia. Imagine como ele foi rigoroso para treinar seu herdeiro. Eu lembro bem.

Adam enfia o polegar atrás da orelha dela. Phiri grita, debatendo-se. Marina dá um passo em direção aos dois mogs, lançando-me outro olhar. Engulo em seco e balanço a cabeça, detendo-a.

Não vou me intrometer. Independentemente do que aconteça.

— Posso não concordar com sua ideologia, Phiri Dun-Ra — diz Adam, erguendo a voz —, mas nossa natureza física é a mesma. Sei onde estão seus nervos, onde você sente mais dor. Vou passar o resto da noite transformando sua vida em um inferno até você implorar para eu desintegrá-la.

Adam solta Phiri, deixando-a cair para trás. Ela está ofegante, lutando para respirar.

— Ou você pode nos dizer onde escondeu os condutos — diz Adam calmamente. — Agora.

— Eu nunca vou...

Phiri Dun-Ra não termina a frase, encolhendo-se quando Adam de repente se levanta. Ele perdeu o interesse nela.

Adam viu a mesma coisa que eu: os olhos de Phiri Dun-Ra se movendo rapidamente na direção de um tronco coberto de musgo na borda da clareira. Adam vai até lá enquanto ela se contorce no chão, tentando não perdê-lo de vista. O tronco está podre, esburacado por cupins. Adam enfia a mão lá dentro e puxa uma pequena sacola. Phiri deve ter colocado a bolsa no interior do tronco antes de atacar Marina.

— A-ha — diz ele, sacudindo a sacola. Então ouvimos o retinir das peças metálicas. — Obrigado pela ajuda.

Marina e eu nos olhamos, aliviadas, e Phiri grita mais uma provocação.

— Não importa, traidor — diz ela. — Nada do que você fizer importa mais!

Dou um chute não muito suave nas costas de Phiri para fazê-la rolar e olhar para mim.

— O que isso significa? — pergunto. — O que você está querendo dizer?

— A guerra veio e se foi — responde Phiri, rindo. — A Terra já é nossa.

Sinto um aperto no estômago só de pensar nisso, mas não deixo transparecer. Temos que sair do México e ver o que realmente está acontecendo.

— As peças estão intactas? — pergunto a Adam.

— Ela está mentindo para você, Seis. É o que ela faz — me tranquiliza ele, talvez detectando um tremor de nervosismo na minha voz. Ele joga a sacola no chão e se agacha para analisá-las.

— O que devemos fazer com ela? — pergunta Marina, virando-se para mim. Ela se concentra em Phiri Dun-Ra por um segundo, reforçando as algemas de gelo que começaram a derreter.

Estou pensando na resposta quando Adam grunhe ao puxar o zíper da bolsa, que parece estar preso em algo. Quando o zíper finalmente se solta, algo dentro da mochila faz um clique, como se um temporizador tivesse sido acionado.

— Cuidado! — grita Adam, jogando a sacola longe.

Tudo acontece muito rápido. Vejo o chão se levantar em frente à sacola e percebo que Adam está usando seu Legado sísmico para tentar nos proteger. Com um lampejo de luz laranja e um estouro alto, a bomba dentro da bolsa explode bem na frente dele. Pedacos de terra e estilhaços mortais voam pela clareira. Sou arremessada no chão pelo impacto da explosão. Sinto uma dor na perna — um pedaço pontudo de metal, provavelmente uma peça da nave, está preso na minha coxa.

Ainda com os ouvidos zumbindo, ouço Phiri rindo histericamente.

CAPÍTULO

SEIS

SINTO ALGO PESADO cair em minhas pernas, empurrando o estilhaço cravado em minha coxa ainda mais fundo. É Phiri Dun-Ra. Ela está com lacerações novas no rosto e nos braços, resultado de sua própria bomba improvisada. Seus pulsos e tornozelos ainda estão firmemente presos por algemas de gelo, mas isso não a impediu de se jogar em cima de mim. Ainda estou atordoada por causa da explosão, então não reajo tão rápido quanto deveria. Phiri me dá uma cabeçada no esterno enquanto rasteja, cada vez mais perto.

— Agora você morre, lixo lórico — diz ela, com um olhar insano e ainda atordoada com o sucesso de sua armadilha.

Não sei muito bem qual é o plano da mogadoriana — talvez pretenda me morder ou me sufocar com seu corpo, mas não estou com medo, e não vou deixar nenhuma dessas coisas acontecer. Com um golpe rápido de telecinesia, tiro Phiri Dun-Ra de cima de mim. Ela cai no chão, rolando sobre pedaços incandescentes da sacola queimada. Phiri tenta ficar de pé, gritando de frustração por ter seus movimentos restringidos pelas algemas.

Ela se cala quando chuto seu rosto com toda a força que consigo reunir. Phiri desaba, inconsciente.

— Fica comigo!

Se os gritos de Marina não tivessem me acordado do meu ataque de raiva, eu provavelmente mataria Phiri ali mesmo. Eu me viro e a vejo no chão, inclinada sobre Adam.

— Ele está...?!

Mancando, vou até eles, ignorando o fato de um pedaço pontudo de quinze centímetros de aço estar perfurando minha coxa. Ignoro a dor. Adam está muito pior do que eu.

Cambaleio em volta da pequena colina de terra que Adam conseguiu construir nos poucos segundos antes da explosão. O monte absorveu boa parte dos estilhaços, mas não o suficiente. A bomba basicamente detonou bem na frente dele, então Adam sofreu a maior parte do impacto. Ele está de costas agora, Marina curvada sobre seu corpo, e me encolho ao ver seu estado. Sua barriga está destroçada, como se ele tivesse sido escavado. Ele deveria ter se atirado para longe, em vez de ficar lá como um escudo humano. Mog estúpido, tentando bancar o herói.

Surpreendentemente, Adam ainda está consciente. Ele não consegue falar — usa todos os resquícios de força para respirar. Seus olhos estão arregalados e assustados enquanto ele busca o ar em inspirações úmidas e ruidosas. Suas mãos, molhadas de sangue, estão firmemente cerradas.

— Eu posso fazer isso, eu posso fazer isso... — repete Marina para si mesma, sem hesitar nem um pouco enquanto coloca as mãos na ferida horrenda de Adam.

Impotente diante disso, percebo como essa situação deve ser tristemente familiar para Marina. É o mesmo que aconteceu com Oito.

À medida que a respiração de Adam fica cada vez mais ofegante, vejo suas entranhas começarem a se unir novamente sob o toque de Marina. E então algo perturbador acontece — ouvimos um crepitar e um silvo, como se algo estivesse prestes a pegar fogo, e um pedaço da barriga de Adam faísca brevemente antes de se desintegrar sob a forma familiar das cinzas da morte mogadorianas.

Marina grita, surpresa, afastando as mãos.

— Mas que diabos foi isso? — pergunto, os olhos arregalados.

— Eu não sei! — grita Marina. — Algo está lutando contra mim, Seis. Tenho medo de estar machucando Adam.

No segundo em que Marina para a cura, a ferida ainda aberta de Adam começa a sangrar novamente. Ele está ficando pálido. Mais pálido do que o normal, até. Ele arrasta a mão pela terra à procura de Marina.

— Não... ai, não pare — consegue gorgolejar Adam, e, quando faz isso, posso ver que sua boca está repleta de um sangue escuro. — Aconteça o que acontecer... não pare.

Marina volta a pressionar o ferimento de Adam. Ela estreita os olhos e se concentra, o suor começando a escorrer pelo rosto sujo de terra. Já vi Marina curar uma série de ferimentos antes, mas aquele definitivamente é o maior esforço que já a vi fazer. O corpo de Adam começa lentamente a se regenerar, até outra parte de suas entranhas faiscar e se desintegrar, como se o estopim de uma bomba estivesse queimando dentro dele. Quando isso acaba, no entanto, o restante da cura ocorre sem problemas.

Leva alguns minutos, mas Marina finalmente consegue fechar o corpo de Adam. Ela cai para trás, respirando como se tivesse acabado de correr muito, as mãos tremendo. Adam permanece de costas, correndo os dedos sobre a pele do abdômen que minutos atrás não estava lá. Finalmente, ele se levanta, apoiando-se no cotovelo, e olha para Marina.

— Obrigado — diz ele, seu rosto uma mistura de espanto e gratidão.

— Não foi nada — responde Marina, recuperando o fôlego.

— Hmm, Marina... você se importaria? — Aponto para o pedaço de metal ainda saindo da minha perna.

Marina geme em razão do esforço, mas faz que sim, movendo-se para ficar de joelhos na minha frente.

— Você quer que eu puxe ou...?

Antes que ela termine a pergunta, arranco o estilhaço da coxa. O sangue começa a escorrer. A dor é horrível, mas Marina rapidamente entorpece minha perna com uma rajada de ar frio antes de utilizar seu Legado de cura para fechar a ferida. Comparado ao tempo que foi necessário para curar Adam, não demorou nada.

Marina se vira para Adam.

— O que foi aquilo quando eu estava curando você? — pergunta. — Por que foi tão difícil?

— Eu... Eu não sei, exatamente — responde Adam, com o olhar perdido no horizonte.

— Você começou a se desintegrar um pouco — digo. — Como se estivesse morrendo.

— Eu estava morrendo — diz Adam. — Mas isso não devia acontecer comigo. Os guerreiros nascidos artificialmente que você enfrentou viram cinzas porque são feitos inteiramente dos experimentos genéticos de Setrákus Ra. Alguns nascidos naturalmente, como eu, são modificados para se desintegrarem quando morrerem. Mas não fizeram nada disso comigo. Quer dizer...

— Não que você saiba — concluo o pensamento para ele.

— Sim — responde Adam, olhando para si mesmo como se de repente não confiasse no próprio corpo. — Passei anos em coma. É possível que meu pai tenha feito algo comigo. Mas eu não sei o quê.

— Seja o que for, acho que a minha cura tirou de você — diz Marina.

— Espero que sim — responde Adam.

Nós três ficamos em silêncio. Com as emergências médicas resolvidas, avaliamos nossa situação, e fica claro como estragamos tudo. Vou até o pedaço de terra queimada onde a bomba de Phiri Dun-Ra explodiu, chutando para o lado tecidos rasgados da sacola e pedaços disformes de metal. A bolsa provavelmente estava cheia de condutos, mas não acho nada nem mesmo ligeiramente aproveitável.

Agora estamos presos ali de vez.

Quando me viro, vejo que Adam se levantou e agora está de pé junto ao corpo inconsciente de Phiri.

— O melhor a fazer é matá-la — diz ele com frieza. — Não há nenhuma razão para mantê-la viva.

— Nós não fazemos isso — responde Marina, a voz suave, sensata. — Ela não vai nos machucar se estiver amarrada.

Adam abre a boca para responder, mas parece mudar de ideia. Marina acabou de salvar sua vida, então acho que ele se sente na obrigação de ouvi-la. Na verdade, me pego concordando com os dois — Phiri Dun-Ra não passa de um problema, e ficar com ela é implorar que nos ferre de novo. Mas matá-la enquanto está inconsciente me parece errado.

— Bem, vamos esperar que ela acorde primeiro — digo, diplomaticamente. — Então pensamos no que fazer.

Os outros fazem que sim, concordando de forma silenciosa e taciturna. Voltamos para o Santuário. Uso a telecinesia para levar o corpo inconsciente de Phiri flutuando com a gente. Quando chegamos, Marina mantém as algemas de gelo firmes e grossas até usarmos um cabo elétrico para prender bem a mog nascida naturalmente ao volante de uma das muitas naves quebradas. A essa altura, tenho certeza de que ela está fingindo estar desmaiada. Deixa pra lá. Marina tem razão: ela não pode nos ferir enquanto estiver amarrada, e se ela se libertar, bem, vou cuidar para que Adam tenha seu desejo atendido.

Sem saber mais o que fazer, tento o telefone por satélite novamente. John continua não atendendo. Me vem à mente a provocação de Phiri Dun-Ra: a guerra veio e se foi. Não tenho nenhuma cicatriz nova, o que significa que John e Nove ainda estão vivos, mas isso não quer dizer que esteja tudo bem em Nova York.

— Adam, podemos acessar a comunicação mog a partir de uma dessas naves? — pergunto. — Quero saber o que está acontecendo.

— Claro — responde ele, animado diante da possibilidade de fazer algo produtivo.

Subimos a bordo de nosso velho Escumador e Adam se acomoda no assento do piloto. Ele consegue acionar os sistemas elétricos, embora as luzes pisquem espasmodicamente e algo no núcleo da nave pareça gemer

diante da tentativa. Adam começa girando um dial no painel de controle, sem conseguir captar nada, apenas uma estática intermitente.

— Só preciso encontrar a frequência certa — diz ele.

Eu suspiro.

— Está tudo bem. Não vamos a lugar nenhum mesmo.

Ao meu lado, Marina observa o Santuário pela janela do Escumador. Como deixamos os holofotes acesos, o templo inteiro está iluminado, o calcário antigo praticamente brilhando.

— Não perca a esperança, Seis — diz Marina calmamente. — Vamos resolver isso.

Quando Adam gira o dial de novo, a estática é substituída por uma voz mogadoriana gutural. O mog fala de um jeito prático e direto, como se estivesse lendo itens de uma lista. Obviamente, não entendo uma palavra sequer do que está sendo dito.

Cutuco Adam com o cotovelo.

— Você vai traduzir?

— Eu...

Adam fita o rádio como se o objeto estivesse possuído. O mog não sabe o que dizer. Logo me dou conta de que ele não quer me contar o que está ouvindo.

— É muito ruim? — pergunto, mantendo a voz tranquila. — Só me diga se é muito ruim.

Adam limpa a garganta e começa a traduzir o comunicado, a voz trêmula.

— Moscou, resistência moderada. Cairo, nenhuma resistência. Tóquio, nenhuma resistência. Londres, resistência moderada. Nova Déli, resistência moderada. Washington, nenhuma resistência. Pequim, alta resistência, protocolos de preservação revogados...

— O que é isso? — interrompo, perdendo a paciência. — Os planos de ataque deles?

— São os relatórios de status, Seis — diz Adam, baixinho. — As naves de guerra estão relatando como a invasão está indo. Cada uma dessas cidades tem uma das imensas naves de guerra dando apoio à operação de ocupação, e elas não são as únicas...

— Está acontecendo? — pergunta Marina, inclinando-se para a frente. — Pensei que tivéssemos mais tempo.

— A frota está na Terra — responde Adam, o rosto pálido.

— O que são esses protocolos de preservação? — pergunto. — Você disse que eles foram revogados em Pequim.

— Protocolos de preservação são a forma de Setrákus Ra manter a Terra intacta para uma ocupação a longo prazo. Se foram revogados em Pequim, isso significa que estão destruindo a cidade — diz Adam. — E usando-a para mandar uma mensagem para outras cidades que possam causar problemas.

— Meu Deus... — sussurra Marina.

— Uma única nave de guerra poderia destruir uma cidade em poucas horas — continua Adam. — Se eles...

Ele para de falar, algum novo status no rádio chamando sua atenção. Adam engole em seco e gira o dial com força, diminuindo o volume dos relatos sobre o sucesso mogadoriano.

Balanço seu ombro.

— O que foi? O que você ouviu?

— Nova York... — começa ele de maneira soturna, apertando a ponte do nariz. — Nova York, resistência assistida pela Garde...

— Somos nós! É o John!

Adam faz que não com a cabeça, terminando a tradução.

— Resistência assistida pela Garde *dominada*. Incursão bem-sucedida.

— O que isso significa? — pergunta Marina.

— Significa que eles ganharam — responde Adam sombriamente. — Eles conquistaram Nova York.

Eles ganharam. A frase ecoa na minha mente.

Eles estão dominando o mundo e nós estamos presos aqui.

Na falta de um alvo melhor, soco o console que continua emitindo o zumbido grave do avanço mogadoriano. Faíscas saem do painel de controle e Adam dá um pulo na cadeira do piloto, assustado. Marina fica de pé e tenta me abraçar e me acalmar, mas eu a afasto.

— Seis! — grita ela para mim quando me levanto abruptamente do assento. — Não acabou ainda!

Estou no alto do Escumador, sentindo a raiva queimar dentro de mim e sem ter como canalizá-la. Olho para o Santuário, banhado em luz. Aquele lugar deveria ser a nossa salvação. Mas nossa viagem até ali não mudou nada. Quase nos matou e agora estamos fora da guerra. Quantas pessoas estão morrendo porque não estamos lá para ajudar John a salvar Nova York?

Sinto uma coceira na nuca. Alguém está me observando. Eu me viro, meu olhar correndo para a pista de pouso e para as outras naves. Phiri Dun-Ra está acordada, amarrada onde nós a deixamos.

Ela sorri para mim.

CAPÍTULO

SETE

QUANDO ELLA FALA, sinto um choque. De repente, consigo me mover novamente. Salto da mesa de operação e tento afastar os médicos mogadorianos em volta de Ella.

Minhas mãos atravessam os corpos deles, como se fossem fantasmas. Agora, eles estão congelados no espaço, imóveis, o momento uma fotografia diante de mim. Preciso me lembrar de que tudo está acontecendo dentro da minha cabeça, ou na de Ella, ou talvez até em algum lugar entre as duas. Em nossos sonhos.

— Não se preocupe com eles — diz Ella. Então se senta, passando pela máquina de gosma ligada ao seu peito e depois pelos mogs, quando desce da mesa. — Nem posso sentir o que eles estão fazendo comigo.

— Ella... — Não sei por onde começar. *Me desculpe por ter deixado que você fosse sequestrada em Chicago, me desculpe por não ter salvado você em Nova York...*

Ela me abraça, seu pequeno rosto apertado contra meu peito. Isso parece real, pelo menos.

— Está tudo bem, John — diz ela. Sua voz é quase serena, como a de alguém que aceitou o próprio destino. — Não é culpa sua.

Existe a Ella que estou abraçando e a Ella congelada no tempo, ainda presa à mesa de operação sob as máquinas mogadorianas, cercada por inimigos. Não consigo parar de olhar para além da

Ella em meus braços e encarar as consequências terríveis de sua prisão mogadoriana. Ela parece pálida e esgotada, com fios cinza em seu cabelo castanho-avermelhado. Já existem veias negras visíveis sob sua pele. Sinto um arrepio percorrer meu corpo e me obrigo a desviar o olhar, apertando Ella um pouco mais forte.

O abraço termina e Ella olha para mim. Essa versão dela parece quase com a imagem que eu lembro — a menina inocente de olhos expressivos —, embora seus olhos estejam cansados, carregando uma espécie de sabedoria cansada, que não estava lá na última vez em que a vi. Não posso imaginar pelo que ela passou.

— O que eles estão fazendo com você? — pergunto, minha voz calma.

— Setrákus Ra diz que é seu Presente para mim — diz Ella, os lábios se curvando de desgosto. Ela olha para trás, observando a si mesma passando por aquelas experiências, e abraça o próprio corpo. — Aquela coisa que ele está colocando em mim, não tenho certeza da sua origem. É a mesma porcaria genética usada para criar os guerreiros nascidos artificialmente. É o material que ele usou para melhorar alguns dos seres humanos... você conhece?

Faço que sim, pensando no secretário de Defesa Sanderson e na resistência cancerosa que senti em seu corpo quando o curei.

— Ele está fazendo isso com você. Com a... — Ainda hesito em dizer essa parte em voz alta. — A própria neta.

Ella balança a cabeça com tristeza.

— Pela segunda vez.

Eu me lembro de como Ella parecia desorientada durante a batalha na ONU.

— Ele fez isso com você antes da grande aparição pública — digo, juntando as peças. — Drogou-a para que você não pudesse arruinar aquele momento.

— Foi um castigo por tentar escapar com Cinco. O Presente... atrapalha minha concentração, não consigo focar em nada quando estou sob os efeitos dele, pelo menos quando estou acordada. Não sei como, mas ele usa isso para me controlar. Pode estar relacionado a um dos seus Legados. Tentei entender tudo o que ele pode fazer, John, tentei detê-lo, mas...

Os ombros de Ella afundam. Coloco minha mão suavemente em sua nuca.

— Você fez tudo o que podia — digo a ela.

Ela bufa.

— É...

Fico olhando para a máquina presa a Ella, tentando memorizar os detalhes. Talvez, se um dia conseguirmos nos encontrar de novo com Adam, ele possa nos dar alguma indicação sobre como exatamente essa coisa funciona.

— Ele não está controlando você agora — digo, mostrando a cena congelada ao nosso redor. — Você está fazendo isso. Ainda está lutando contra ele.

— Tenho conseguido esconder que sou telepata — responde Ella, empertigando-se um pouco. — Sempre que ele me machuca, me escondo dentro da minha própria mente. Tenho praticado. Meus Legados estão ficando mais fortes. Pude sentir você lá embaixo da *Anúbis*. Consegui trazê-lo para o meu, hmmm... meu sonho? Seja lá o que for isso.

— Assim como em Chicago — pondero, tentando entender. — Só que daquela vez você precisou me tocar.

— Já não preciso mais. Acho que estou ficando mais forte.

Aperto de leve o ombro de Ella. Este deveria ser um momento de orgulho, em que ela está descobrindo seu potencial, aprendendo a dominar um Legado tão poderoso apesar de ainda ser tão jovem. Mas nossa situação é desesperadora demais para qualquer comemoração.

Olho em direção à porta, para além da ala médica, e depois me volto para Ella.

— Você pode me mostrar o lugar? Será que é possível?

Ella dá um sorriso trêmulo.

— Quer fazer um tour?

— Pode ser útil saber como é a nave. Para quando eu vier aqui resgatar você.

Ella dá uma risada triste, desviando o olhar. Espero que ela não tenha perdido a esperança. As nossas chances podem ser pequenas agora, mas não vou deixá-la como a neta de estimação de Setrákus Ra para sempre. Vou dar um jeito. Antes que eu consiga lhe dizer tudo isso, Ella assente.

— Posso lhe mostrar o lugar. Já estive por toda a nave. Se é algo que já vi, fica armazenado aqui em cima — diz Ella, batendo com o dedo na têmpora.

Saímos da ala médica e chegamos ao corredor. As paredes são todas de metal inoxidável, e a iluminação é vermelha e fraca, um lugar frio e econômico. Ella me conduz pela *Anúbis*, mostrando o deque de observação, a sala de controle, os alojamentos, todas

essas áreas completamente vazias. Tento guardar todos os detalhes na memória para desenhar um mapa quando acordar.

— Onde estão os mogs? — pergunto.

— A maioria está lá embaixo, na cidade. A *Anúbis* conta com uma equipe mínima agora.

— Bom saber.

Bem no interior da nave, paramos em frente a uma janela de vidro de outro laboratório. Lá dentro, o piso está completamente tomado por um tonel com um líquido preto e viscoso. Há dois passadiços que se cruzam sobre o tonel, cada um equipado com uma variedade de painéis de controle, equipamento de monitorização e, curiosamente, armamento pesado acoplado. Saindo do líquido, vejo uma forma oblonga que lembra vagamente um ovo, só que está coberta por uma espécie de mofo roxo-escuro e latejantes veias negras.

Apoio a mão na janela do laboratório e me viro para Ella.

— Mas que diabos é esse lugar?

— Não sei. Ele não me deixa entrar. Mas...

Ella pressiona os nós dos dedos na testa e parece se concentrar muito por um instante. Dentro do laboratório, algumas figuras de repente se manifestam. Cerca de seis mogs usando máscaras de gás estão de pé nos passadiços, operando silenciosamente as estranhas máquinas. No meio deles está o próprio Setrákus Ra. Ao vê-lo avanço em direção ao vidro. Preciso resistir ao impulso de atacá-lo, lembrando que aquilo não é real.

— Isso é... uma lembrança? — pergunto a Ella.

— Sim, algo que eu vi — responde ela. — Eu acho... não sei. Pode ser importante.

Enquanto observamos, Setrákus Ra ergue seus pingentes lóricos roubados. Segura-os nas mãos grossas por um instante, contemplando as joias de loralite azuis. Ele tem várias — três pertenciam aos Gardes que ele matou, e as outras provavelmente foram tomadas dos Gardes que capturou em um momento ou outro. Ele parece quase nostálgico durante algum tempo enquanto admira seus troféus.

Então, ele os joga no tonel. Quatro pequeninas bocas se abrem no ovo e sugam os pingentes, apagando seu brilho.

— O que foi isso? — pergunto, sentindo que talvez esteja enjoado, mesmo naquele estado de sonho. — Quando isso aconteceu? O que ele está fazendo?

O olhar de Setrákus Ra de repente se volta para nós e ele grita alguma coisa. Um segundo depois, ele e o resto dos mogs desaparecem.

— Foi quando ele me pegou espionando — explica Ella, mordendo o lábio. — Não sei o que ele estava fazendo, John. Sinto muito. As coisas estão um pouco... confusas.

Nós seguimos em frente. Ella acaba me levando ao convés de pouso. É uma área enorme, com teto alto, cheia de fileiras e mais fileiras de Escumadores. É dali que levantaram voo os esquadrões de mogs que estão aterrorizando Nova York.

— Eles estão sempre indo e voltando daqui — diz Ella, acenando para as grandes portas de metal no fim do convés. — Talvez você consiga entrar por aqui, se estiver aberto. Foi por aqui que Cinco e eu tentamos escapar.

Procuro memorizar as portas do convés. Só teríamos que descobrir uma maneira de fazer os mogs abrirem-nas. Seria muito

fácil subir a bordo se tivéssemos alguém que pudesse nos levar voando até lá.

— Sobre o Cinco... — digo, hesitante, sem ter certeza do que Ella já ouviu. — Você sabe o que ele fez?

Ella morde o lábio, olhando para o chão.

— Ele matou Oito.

— Mas ele também tentou ajudar você a escapar — digo, tentando descobrir a opinião dela sobre Cinco. — Ele é...?

— Você está tentando descobrir o quanto ele é mau?

— Estou procurando por ele agora. Tentando descobrir se devo matá-lo quando encontrá-lo.

Ella franze a testa e se afasta de mim, olhando para um amassado no chão. Imagino que tenha sido resultado da tentativa de fuga dela e do Cinco.

— Ele está confuso — explica ela depois de um instante. — Eu não sei... Eu não sei o *que* ele vai fazer. Não confie nele, John. Mas não o mate.

Lembro-me da última vez em que Ella me levou a um desses estados de sonho, na época em que o Legado dela estava começando a se manifestar, ainda fora de controle. Foi em Chicago. Naquela ocasião, ela não me levou a seu encontro. Em vez disso, estávamos presos em uma visão do futuro, assistindo a Setrákus Ra governar o povo de Washington em um mundo onde os mogadorianos haviam vencido a guerra.

— Mas já sabemos o que ele faz, não? — pergunto, cerrando os punhos por reflexo. — Você mostrou para mim. Cinco volta até Setrákus Ra. Ele trabalha para o inimigo. Ele captura Seis e Sam...

Eu paro, sem querer cavar mais fundo a lembrança de testemunhar a execução dos meus amigos. Não quero me lembrar daquela maldita profecia sobre como vamos perder. Ella balança a cabeça. Depois abre a boca, e de repente percebo que há algo importante que ela não está me contando.

— Esse futuro não existe mais, John — diz ela depois de um longo instante. — Minhas visões... não são como os pesadelos que Setrákus Ra costumava fazer vocês terem. E não são profecias. Não estamos presos dentro delas, como Oito pensava. São premonições. Possibilidades.

— Como você sabe disso?

Ella pensa um pouco.

— Não tenho certeza. Como você sabe como fazer bolas de fogo? Você simplesmente sabe. É um instinto.

Dou um passo em direção a ela.

— Então aquela visão de Washington, em que todo mundo estava morto e você estava...?

— Já não posso mais vê-la. Algo no presente mudou o que vai acontecer.

— Se é um Legado como meu Lúmen... — Meus olhos se arregalam enquanto penso nas possibilidades. — Você pode controlar as visões agora? Pode ver o futuro quando quiser?

Ella está com a testa franzida, como se não tivesse certeza de como descrever suas visões.

— Não posso controlar muito bem. As visões... não são confiáveis. Não sei se é por minha causa, porque ainda estou aprendendo, ou se é porque o futuro é muito instável. De qualquer jeito, passei bastante tempo investigando...

Agora sei por que Ella parece tão exausta mesmo ali, no sonho, por que de repente parece tão sábia para sua idade. Ela mencionou antes quanto tempo tem passado se escondendo na segurança da própria mente. Me pergunto quanto desse tempo passou lutando com visões do futuro. Deve ser angustiante examinar todas essas realidades.

— O que você tem procurado? — pergunto.

Ella hesita, evitando meu olhar.

— Eu queria... Queria ver se havia algum futuro em que eu morro.

— Ella, não — digo, sério. Cinco me contou sobre o tortuoso encantamento lórico que Setrákus Ra usou em si mesmo e em Ella, aquele que os une e faz com que tenhamos que matá-la para atingi-lo. — Vamos descobrir uma maneira de quebrar o encantamento. Deve haver algum ponto fraco.

Ella balança a cabeça, sem acreditar em mim. Ou talvez já sabendo que estou errado.

— Não estou me colocando à frente do mundo inteiro, John. Eu queria ver um futuro onde Setrákus Ra é morto, independentemente das consequências. — Agora ela olha diretamente para mim, com fogo no olhar. — Queria ver um futuro em que *alguém* tem a coragem de fazer o que precisa ser feito.

Engulo em seco. Não tenho certeza se realmente quero saber os detalhes das visões de Ella, mas não consigo deixar de perguntar.

— O quê... o que você viu?

— Muitas coisas — diz Ella, acalmando-se. Então fica com um olhar distante enquanto tenta explicar como é ver o futuro. — As

visões começam como possibilidades embaçadas. Existem milhões, eu acho. Algumas mais sólidas do que outras... são essas que eu consigo ver. As que parecem... Eu não sei. Prováveis? Mas mesmo isso não é uma garantia. Você se lembra do futuro que vimos em Chicago. Parecia real, implacável, claro como o dia. E se perdeu completamente agora. O futuro mudou muito. E continua a mudar.

Minha cabeça dói. Eu me sinto um pouco louco só por ouvir Ella. Precisamos de um Cêpan, alguém que possa ajudá-la a controlar esses Legados mentais antes que a enlouqueçam. Pelo menos evitamos o futuro sombrio que testemunhei. Mas o trocamos pelo quê?

— Ella, você se viu morrer?

Ela hesita, e sinto um nó de medo no estômago.

— Sim — diz ela. Seu corpo treme e percebo que é porque está prendendo um soluço. Eu me agacho diante dela e coloco as mãos em seus ombros.

— Isso não vai acontecer — insisto, mantendo a voz o mais firme possível. — Nós vamos mudar o futuro.

— Mas nós *ganhamos*, John.

Ella agarra minhas mãos. Lágrimas escorrem livremente pelo seu rosto. Então percebo uma coisa... a maneira como olha para mim, a maneira como aperta minhas mãos. Não está triste por si mesma.

Está triste por mim.

— Isso vai causar tanto sofrimento em você, John — diz ela, a voz embargada. — Você tem que ser forte.

— Sou eu? — Não posso acreditar. — Sou eu que...?

Não consigo nem terminar a pergunta. Me afasto de Ella. Eu nunca a machucaria, nem mesmo se isso representasse o fim da guerra.

— Tem que haver outra maneira — digo. — Use seu Legado e encontre um futuro melhor para nós.

Ella balança a cabeça.

— Você não entende...

Num piscar de olhos, Ella fica diferente. E parece a garota estendida na mesa de operação, a gosma negra adentrando sua pele. Ela se esforça para se concentrar em mim. A ala médica à nossa volta fica estranhamente nebulosa e começa a se desmanchar.

— Ella? O que está acontecendo?

— A *Anúbis* está saindo de alcance — diz ela, estreitando os olhos, tentando reforçar nossa conexão telepática. — Vou perder você. Rápido! Há mais uma coisa que você precisa ver!

Ella segura minha mão e então estamos correndo para a entrada do convés. Nós passamos por ela e...

Sinto meus pés triturarem a terra. Raios de sol aquecem minha nuca, o ar é quente e úmido. É desorientador ser subitamente transportado da escuridão estéril da *Anúbis* para o calor da selva, um verde vívido para todos os lados, pássaros tropicais chilreando alto. Estou de pé sobre o que parece ser uma pista de pouso aberta na selva. Os cascos pretos blindados de vários Escumadores mogadorianos refletem o sol forte da tarde.

Meus olhos são atraídos para a pirâmide de pedra calcária que fica a poucos metros da pista, todo o equipamento mog aparentemente posicionado a uma distância segura da antiga

estrutura. Instintivamente reconheço o templo, mesmo que nunca o tenha visto antes. Talvez seja só minha imaginação, mas é como se algo enterrado naquela construção maia de séculos de idade estivesse me chamando. Sinto-me seguro ali.

— É o Santuário — digo, minha voz calma e reverente.

— Sim — diz Ella, e percebo que ela também está admirando o templo.

— Seis, Marina e Adam... — Faço uma pausa, percebendo que Ella nunca conheceu nosso aliado mogadoriano. — Adam é um...

— Eu sei quem ele é — diz Ella, num tom de voz que não revela muito. — Nós nos conheceremos em breve.

— OK, bem, eles estavam lá — continuo, procurando por sinais dos nossos amigos. — Provavelmente devem estar voltando agora. Você vai me mostrar o que eles fizeram para dar Legados aos humanos?

— Este não é o passado ou o presente, John. Nós estamos no futuro. Um futuro que eu posso ver muito, muito claramente.

Eu deveria saber disso desde o começo. Eu me viro para olhar para Ella, sentindo que não me levou ali para me dar boas notícias.

— Por que está me mostrando essas coisas?

— Por causa *disso*.

Ella aponta para o céu ao norte do Santuário. Lá, como uma nuvem de tempestade cruzando o céu azul e límpido, está a *Anúbis*, voando lentamente em direção ao templo. Minhas pernas se contraem de repente, os reflexos ainda ligados à ideia de que devo correr para me esconder depois de mal sobreviver ao

bombardeio de Nova York. Me obrigo a ficar parado e ver a nave de guerra se aproximar.

— Quando? — pergunto. — Quando isso acontece?

Antes que Ella consiga responder, sua forma se contorce, ficando novamente pálida e cheia de veias negras. A imagem pisca, a selva de repente se mescla à sala de operação da *Anúbis* e também ao que parece ser o interior de um vagão de metrô — todos os três lugares aparecendo simultaneamente, como três películas transparentes sobrepostas. Por um segundo, é impossível me concentrar em qualquer detalhe, pois tudo se mistura de tal forma que chego a me sentir totalmente desvinculado da realidade. Mas então Ella grita, de frustração ou dor, ou talvez ambos, e a selva e o Santuário se solidificam outra vez.

— Você está se esforçando demais — digo, vendo olheiras se formando em seu rosto. — Estamos nos afastando muito.

— Não se preocupe comigo — responde ela, às pressas. — Não importa. É para lá que estamos indo *agora*, John. A *Anúbis* está indo para o Santuário neste exato segundo.

— Então Setrákus Ra vai chegar lá...

— Ele vai chegar lá ao pôr do sol — diz Ella. — Ele para em West Virginia para conseguir reforços depois de deixar tantos guerreiros para trás em Nova York, e então...

Ella acena em direção a *Anúbis*. Está mais próxima agora, a longa sombra da nave se estendendo sobre as pedras do Santuário.

— O que ele quer?

— Ele quer o que está lá dentro! — grita Ella. E, mesmo que esteja falando mais alto, sua voz está cada vez mais longe. — Acho

que é o que ele sempre quis! Eles abriram a porta do Santuário! O lugar não está mais protegido!

— O quê...?

Ela me corta, segurando meu braço.

— John, escuta! Seis, os outros, você tem que avisá-los! Contar a eles...

As mãos de Ella atravessam meu corpo. Eu vejo tudo de novo — o Santuário e a *Anúbis*, Ella se contorcendo na mesa de operação, o carro escuro do metrô — e então todas as cores se misturam, não há mais nada sólido onde eu possa me agarrar. Ella grita algo para mim, mas está muito longe. As palavras não chegam onde estou.

Em seguida, escuridão.

CAPÍTULO

OTTO

ACORDO DE REPENTE em um banco duro de plástico, minhas pernas penduradas para fora, na ponta do assento. Sei que estou de volta ao meu corpo, e não mais no mundo de sonho de Ella, por causa da intensa dor que imediatamente toma conta de todos os meus músculos. Estou de lado, de frente para os encostos cor de laranja e amarelos do banco do metrô. Nunca estive em um desses carros antes, mas já vi filmes e programas de tevê o suficiente para reconhecê-los imediatamente. Na parede acima da minha cabeça vejo um pôster em que se lê: SE VIR ALGUMA COISA, FALE ALGUMA COISA.

Com um gemido, levanto, me apoiando em um cotovelo. Sam está jogado no assento de dois lugares ao lado do meu banco, com a cabeça apoiada na janela, roncando baixinho. Fora da janela, só vejo escuridão. O trem está parado em algum lugar no subterrâneo, no interior do túnel. Os passageiros devem tê-lo abandonado mais cedo durante o ataque. O carro está desligado, imóvel e sem energia, os painéis de luzes do teto completamente apagados.

E, no entanto, há uma luz vindo de algum lugar.

Eu me sento e olho em volta, e imediatamente vejo uma fileira de celulares espalhados pelo corredor principal do trem. Com os aplicativos de lanterna ligados, os telefones funcionam como

velas a bateria. No banco em frente ao meu, acordada e me observando, está Daniela. Os pés dela estão apoiados na sacola com a qual saiu do banco, a que provavelmente está cheia de dinheiro roubado.

— Você está vivo — diz ela, mantendo a voz baixa para não acordar Sam. Faço o mesmo, embora Sam esteja roncando como se nem outro bombardeio da *Anúbis* fosse capaz de acordá-lo.

— Por quanto tempo fiquei apagado? — pergunto.

— Está de manhã de acordo com os telefones — responde Daniela. — Umas seis horas, acho.

Já amanheceu. Balanço a cabeça. Uma noite inteira desperdiçada. Não encontramos Nove nem Cinco, e só Deus sabe em que parte de Nova York eles se meteram agora. Para piorar as coisas, sei para onde Setrákus Ra e a *Anúbis* estão indo — direto para a última localização conhecida do restante da Garde. Como perdi contato com Ella no último minuto, não tenho certeza do que fazer com essas informações, mesmo que conseguisse entrar em contato com Seis e os outros. Eles devem se preparar para voltar para o Santuário? Ou será que Ella quer que eu os mantenha o mais longe possível de lá?

Preciso me mover, fazer algo produtivo. Mas meu corpo ainda não está cem por cento e Sam está completamente apagado.

— Ainda estamos no metrô? — pergunto a Daniela, sabendo a resposta, mas querendo entender melhor a nossa situação antes de tomar qualquer decisão.

— Sim. Obviamente. Arrastamos você para cá depois que desmaiou.

— Desmaiei — repito, com uma careta. — Eu apaguei de exaustão.

— Tanto faz. De qualquer forma, estávamos todos muito esgotados depois daquela proeza do desmoronamento — continua Daniela, talvez percebendo minha irritação. — Dormi praticamente assim que chegamos aqui. — Daniela olha para Sam, um sorriso discreto no rosto. — Seu colega Sam ia ficar de guarda, mas acho que não deu muito certo. Nada de mais. Ninguém ia procurar a gente aqui embaixo mesmo.

— Pelo menos não por enquanto — respondo, pensando nos mogadorianos na superfície e me perguntando como está indo sua ocupação de Nova York.

Um dos telefones apaga. Daniela aperta alguns botões, mas a bateria morreu.

— Pessoas dormiram em frente a lojas para comprar essas coisas — diz ela, segurando o telefone morto para eu ver. — Mas, quando a situação fica difícil... muita gente larga tudo e sai correndo. O que isso faz você pensar sobre a humanidade, cara do espaço?

— Que definiram bem suas prioridades — respondo, olhando de novo para a valise cheia de dinheiro.

— É, acho que sim — diz Daniela, então joga casualmente o telefone na outra extremidade do vagão, onde ele bate no chão e quebra. Nem o barulho do telefone quebrando perturba o sono de Sam. — Isso foi surpreendentemente bom — diz Daniela, sorrindo para mim. — Você devia tentar.

— Onde você conseguiu todos esses telefones? — pergunto a Daniela, observando-a atentamente enquanto ela se senta.

Ainda não sei como agir. Ela é uma humana *com* Legados, o que nem sequer temos uma palavra para definir. Mas ela parece achar toda essa situação uma grande piada. Não sei dizer se está meio perturbada como Cinco ou se escondendo atrás de um grande mecanismo de defesa. Ela comentou antes que os mogs mataram seu padrasto e que a mãe está desaparecida. Sei como é isso: perder alguém, não saber o que está acontecendo com seus entes queridos. Eu poderia lhe dizer isso, mas não acho que Daniela seja do tipo que se abre facilmente. Queria que Seis estivesse ali. Tenho a sensação de que as duas se dariam muito bem.

— Acordei primeiro — diz ela, acenando para os lados. — Passei por todos os carros. As pessoas deixaram um monte de coisas para trás.

— Lá no banco, alguém deixou todo aquele dinheiro para trás também? — pergunto, apontando o queixo para a valise dela.

— Ah, sim, isso — diz Daniela, olhando para o lado, fingindo sentir-se culpada, mas incapaz de tirar o sorriso do rosto. — Me perguntei se você tinha notado.

— Notei.

— A coisa é mais pesada do que eu imaginava — diz ela, cutucando a sacola com a ponta suja do tênis.

Passo a mão no rosto, pensando em como eu deveria abordar esse assunto. Não é como se eu nunca tivesse roubado. Mas sempre o fiz por necessidade, e nunca bem no meio de uma invasão em larga escala.

— Estranho você ter arrumado tempo para roubar um banco enquanto estava procurando sua mãe.

— Em primeiro lugar, eu não roubei. Quer dizer, tecnicamente não. Havia uns caras se escondendo dos mogs naquele banco. Eram eles que estavam roubando. Só fui procurar abrigo lá. Eles foram explodidos, e você apareceu. Então pensei: por que desperdiçar uma bolsa tão boa?

Faço cara feia e balanço a cabeça. Não faço ideia se Daniela está dizendo a verdade. Aliás, nem sei se importa como ela ganhou esse dinheiro. Estou mais preocupado em descobrir se esta nova Garde é alguém em quem podemos confiar. Alguém com quem podemos contar.

— Em segundo lugar — continua ela, inclinando-se em minha direção —, minha mãe ficaria uma *fera* se descobrisse que perdi uma oportunidade como essa.

Ela tenta manter a voz indiferente, mas percebo um tremor quando menciona a mãe. Talvez essa atitude seja só fachada, uma maneira de lidar com o caos que seu mundo virou nas últimas vinte e quatro horas. Eu entendo isso. Mas minha expressão deve ter sido compreensiva demais, ou talvez ela tenha percebido que notei sua voz falhar, porque Daniela levanta o tom e continua falando, mais alterada do que antes. Então me ocorre que, assim como eu estou tentando entender quem ela é, ela também está tentando me entender.

— Em terceiro lugar, não pedi esses superpoderes que você nem sabe por que eu tenho. E com toda certeza também não pedi para lutar nessa sua guerra alienígena. Muito menos minha família.

— Você acha que passaram uma folha de inscrição para participar da invasão alienígena? — pergunto, rispidamente, tentando sem sucesso conter meu temperamento. — Ninguém

pediu por isso. Nós, loriens, não pedimos para os mogs destruírem nosso planeta natal. Mas aconteceu mesmo assim.

Daniela levanta as mãos, na defensiva.

— Está bem, então você sabe como é. Tudo o que estou dizendo é que você não devia julgar o que escolho fazer durante a invasão alienígena do meu planeta. Essa merda é uma loucura.

— Eu era muito jovem para lutar quando atacaram Lorien. Mas você...

— Ah, merda, lá vem. O discurso de recrutamento. — Daniela começa a fazer uma encenação, sua voz de repente mais aguda, as palavras teatralmente enunciadas. — Olhem pela janela — recita ela. — Os mogadorianos estão aqui. A Garde vai enfrentá-los. Você vai defender a Terra?

Balanço a cabeça, confuso.

— O que é isso?

— É do *seu* vídeo, cara. Toda aquela coisa de *apoiar a Garde*. Mostraram no noticiário.

Balanço mais uma vez a cabeça.

— Não faço ideia do que você está falando.

Daniela analisa meu rosto por um instante e em algum momento acaba parecendo satisfeita com a minha perplexidade.

— Ah, você não sabe mesmo. Acho que não tem assistido muito à tevê, não é? Agora eu? Estava com os olhos grudados na tela quando aquelas naves começaram a aparecer. Era como se, de repente, estivéssemos vivendo em um daqueles filmes de invasão alienígena. Foi muito legal até, bem...

Daniela balança a mão, querendo englobar não só nossa situação atual, de refugiados no subsolo, mas a destruição da cidade pela

qual nós dois passamos. Noto que a mão dela treme um pouco. Ela tenta disfarçar, cruzando os braços com firmeza.

— Sam e eu ajudamos um grupo de pessoas a sair de Manhattan ontem. Estranhei que alguns deles soubessem meu nome, mas estava tudo caótico demais para perguntar. Apareceu no noticiário? Eu apareci lutando na ONU?

Daniela assente.

— Mostraram algumas coisas. Só que, quando aquele maluco parecido com o Clooney se transformou em um verdadeiro monstro alienígena, as pessoas começaram a surtar e as câmeras, a balançar. Mas você já estava aparecendo bastante no noticiário antes disso.

Viro a cabeça de lado, sem entender.

— Como assim?

— Tinha aquele, tipo, vídeo do YouTube. Foi postado primeiro em um site idiota de teoria da conspiração...

— Espera... era o *Eles Estão Entre Nós*?

Daniela dá de ombros.

— *Nerds Estão Entre Nós*, algo assim. Começa com uma imagem da Terra que com certeza pegaram do Google e tem a voz de uma garota narrando algo do tipo “Este é o nosso planeta, mas não estamos sozinhos na galáxia, blá-blá-blá”. Ela tenta soar toda profissional, como se fosse um daqueles documentários sobre a natureza ou algo assim, mas dá para ver que tem a nossa idade. Por que você está fazendo essa cara de idiota?

Enquanto Daniela fala, não consigo segurar um sorriso bobo que se forma no meu rosto.

Tento manter a expressão neutra enquanto me inclino para a frente.

— O que mais acontece?

— Então mostram algumas fotos de mogadorianos e dizem que eles vieram para escravizar a humanidade. Esses aliens pálidos... parece que passaram aquela maquiagem ridícula de monstro no rosto. Ninguém teria levado essa besteira a sério se, sabe, não houvesse uma tonelada de óvnis ameaçando cidades. E aí ela começa a falar sobre você. Tem um vídeo surreal de você pulando de uma casa em chamas, e depois cenas de você curando o rosto queimado de um agente do FBI e... bem, a imagem é muito granulada, mas os efeitos especiais teriam que ser muito bons para ser mentira.

— O que... O que ela diz sobre mim?

Daniela sorri, me olhando.

— Ela diz que seu nome é John Smith. Que você é um Garde. Que foi enviado ao nosso planeta para lutar contra esses aliens. E que agora precisa da nossa ajuda.

Era a isso que Daniela estava se referindo antes. Aquela era uma terrível imitação da Sarah. Encosto no banco, pensando no vídeo que Sarah e Mark fizeram, na forma como conseguiram contribuir, mesmo não estando na linha de frente. Ainda que ela esteja debochando, o vídeo parece ter deixado Daniela bastante impressionada. Ela sabia as falas de cor. Os sobreviventes que encontramos na rua com certeza tinham visto também. Eles confiaram em mim. Estavam prontos para entrar na luta. Mas será que foi tudo tarde demais?

Faço uma careta involuntariamente, pensando em voz alta.

— Passei a vida inteira me escondendo dos mogadorianos que estavam me caçando aqui na Terra. Fiquei treinando e me fortalecendo. A guerra estava acontecendo em segredo. Mas estávamos começando a reunir nossos aliados, a entender as coisas. Fico me perguntando: se tivéssemos vindo a público mais cedo, se Nova York estivesse preparada para um ataque como esse, quantas vidas teríamos salvado?

— Não — diz Daniela, balançando a mão, descartando essa ideia. — Ninguém teria acreditado nessa história nem mesmo há uma semana. Não sem pessoas gritando na CNN sobre naves espaciais que apareceram sobrevoando Nova York. Quer dizer, foi preciso toda aquela luta na ONU para que a ficha realmente caísse. Antes disso, os apresentadores de jornal estavam debatendo se era uma farsa, um golpe publicitário viral para um filme, ou sei lá o quê. Eu vi uma senhora na tevê dizendo que você era um anjo. Muito engraçado.

Dou uma risada seca, não me sentindo no clima para isso.

— Sim. Hilário.

Percebo que Daniela está tentando me confortar de sua maneira ácida. Nunca vou saber o que teria acontecido se tivéssemos passado os últimos meses tentando trazer à tona nossa guerra com os mogadorianos. Havia humanos de cargos importantes envolvidos com o ProMog que teriam dificultado ao máximo, ou até impedido, qualquer tentativa de expor os mogs. Na teoria, sei disso tudo. Mas ainda assim não consigo deixar de sentir que a perda colossal de vidas de ontem foi culpa minha. Eu deveria ter feito mais.

— Quantos anos você tem, afinal? — pergunta Daniela.

— Dezesseis — digo a ela.

— Sim. — Daniela assente, como se já soubesse disso. — Você é como a garota que narra o vídeo. Tem todo esse jeito de quem é muito maduro para a sua idade, isso é verdade. E parece que já passou por maus bocados. Mas presta atenção... — Ela para de falar, estalando a língua enquanto pensa. — Você devia estar terminando o ensino médio, cara. E não salvando o mundo.

Não posso deixar o que aconteceu em Nova York me soterrar de culpa. Tenho que garantir que nada disso aconteça novamente. Preciso encontrar meus amigos e descobrir uma maneira de matar Setrákus Ra, de uma vez por todas.

Ajeito o corpo e sorrio para Daniela, dando de ombros, fingindo indiferença.

— Alguém tem que fazer isso.

Daniela sorri para mim por um segundo, então disfarça e desvia o olhar. Por um segundo, acredito que ela vai se voluntariar para participar da luta. Não posso fazê-la seguir com a gente depois que sairmos do metrô. Só posso confiar que ela e alguns outros humanos lá fora desenvolveram seus Legados por uma razão.

— Precisamos ir andando — digo.

Balanço o ombro de Sam, que está roncando, e ele acorda. Seus olhos parecem turvos por um instante, adaptando-se lentamente à iluminação azulada de LCD do vagão do metrô.

— Então não foi um pesadelo — diz ele, suspirando, enquanto se levanta lentamente e estica a coluna. Seu olhar encontra Daniela. — Você decidiu ficar então, hein?

Daniela dá de ombros, como se a pergunta a deixasse sem graça.

— Você falou sobre tirar algumas pessoas de Nova York... — diz ela para mim.

— Sim. O Exército e a polícia estão protegendo a ponte do Brooklyn. Estão evacuando aquela área. Pelo menos, estavam na noite passada.

— Eu gostaria de ir até lá — responde Daniela, levantando-se. Ela arruma a camisa coberta de poeira e manchada de sangue. — E quem sabe ver se minha mãe conseguiu chegar lá.

— Tudo bem — digo. Não quero pressioná-la a aderir à nossa luta. Se tiver que acontecer, é ela quem tem que decidir. Isso não significa que não deveríamos ficar juntos por enquanto. — Nós vamos para lá também.

Sam esfrega os olhos, ainda tentando umedecer os lábios.

— Você acha que Nove e Cinco tentaram chegar até o ponto de evacuação?

— Duvido — respondo. — Mas Nove já é bem grandinho, pode cuidar de si mesmo um pouco mais. As prioridades mudaram. Preciso entrar em contato com Seis o mais rápido possível. Se vamos achar um telefone funcionando em algum lugar, acho que vai ser no ponto de evacuação. — Eu me viro para Daniela. — Você pode nos tirar daqui?

Daniela assente.

— Só há uma maneira de chegar lá agora com esse desabamento. Seguimos os trilhos por mais algumas estações, e devemos alcançar a ponte.

— Espera. Como foi que as prioridades mudaram enquanto nós dormíamos aqui embaixo? — pergunta Sam.

Conto a Sam que Ella entrou em contato comigo telepaticamente de sua prisão, a bordo da *Anúbis*, e explico que Setrákus Ra está indo para o Santuário. Daniela escuta com atenção, os olhos arregalados e fixos em mim, a boca ligeiramente aberta. Quando termino de descrever a paisagem do sonho, as profecias e o local histórico ameaçado de Lorien, ela balança a cabeça completamente perplexa.

— Minha vida ficou tão absurdamente estranha — diz ela, descendo do vagão do metrô em direção à saída.

— Ei — chama Sam. — Você esqueceu sua sacola!

Daniela olha para trás e, em seguida, para mim. Não sei se ela quer permissão ou se está me desafiando a detê-la. Quando não digo nada, ela volta e levanta a pesada valise com um grunhido.

— Use a telecinesia — digo casualmente. — É bom para praticar.

Daniela olha para mim por um instante, então assente e sorri. Ela se concentra e faz a sacola flutuar à sua frente.

— O que tem aí dentro, afinal? — pergunta Sam.

— Minhas economias para a faculdade — responde ela.

Sam me lança um olhar. Eu simplesmente dou de ombros.

Quando Daniela chega ao fim do vagão, ela faz a bolsa levitar para o lado e abre a porta de metal com um ruído metálico alto. Ela pisa na passagem de um vagão para outro. Sam e eu seguimos alguns passos atrás dela.

— Ei, ei — diz Daniela, suas palavras não dirigidas a nós.

A valise volta de repente para nosso vagão, e Sam e eu temos que pular para fora do caminho. Daniela leva telecineticamente a sacola para baixo de um banco, como se estivesse tentando escondê-la. Um segundo depois, ela passa pela porta, andando

para trás, as mãos erguidas em sinal de rendição. Imediatamente meus músculos ficam tensos. Pensei que estivéssemos seguros aqui embaixo, nos túneis.

Mas não estamos sozinhos.

Um cano de metralhadora com uma lanterna presa a ele está a centímetros do rosto de Daniela. Uma forma sombria, coberta por um equipamento volumoso e roupa protetora, entra cautelosamente no vagão, fazendo Daniela recuar. Tarde demais, noto luzes de lanterna no vagão seguinte — pelo menos uma dúzia delas, talvez mais. Um segundo raio de halogênio brilha bem nos meus olhos, um segundo atirador entrando em nosso vagão. Sem pensar, acendo meu Lúmen, o fogo deslizando pelos meus punhos.

— Espera — avisa Sam. — Não são mogs.

Ouçó um clique que denuncia uma arma sendo engatilhada, provavelmente em resposta à bola de fogo que criei. O corredor do vagão é estreito, Daniela está no caminho e a luz no meu rosto torna difícil ver. Definitivamente as condições não são ideais. Eu provavelmente poderia desarmá-los com a minha telecinesia, mas não quero arriscar que acabem disparando assim tão perto. Melhor esperar e ver o que acontece.

Deixo meu Lúmen se apagar e, ao mesmo tempo, o soldado à minha frente tira a luz da lanterna do meu rosto, apontando a arma para o chão. Ele está usando um capacete, uniforme e óculos de visão noturna. Apesar de tudo isso, percebo que é apenas alguns anos mais velho do que eu.

— É você — diz o soldado, com um pouco de espanto transparecendo na voz. — John Smith.

Ainda não estou acostumado com essa coisa de ser reconhecido, então levo um instante para responder.

— Isso.

O soldado pega um walkie-talkie do cinto e fala no aparelho.

— Nós o pegamos — diz ele, sem tirar os olhos de mim.

Daniela se aproxima, olhando para mim e para Sam e depois para os soldados, enquanto mais deles entram no carro, espalhando-se e deixando o lugar ainda mais apertado.

— Seus amigos? — pergunta ela.

— Mais ou menos — respondo, em voz baixa.

— Às vezes o governo gosta de nós, outras vezes nem tanto — explica Sam.

— Ótimo — responde Daniela. — Por um segundo, pensei que eles estivessem aqui para *me* prender.

O walkie-talkie do soldado crepita, e uma voz feminina familiar preenche o vagão.

— Peçam a eles educadamente, mas tragam-nos aqui — ordena a mulher.

O soldado limpa a garganta, desconfortável, nos encarando.

— Por favor, venham conosco — diz ele. — A agente Walker gostaria de falar com vocês.

CAPÍTULO

NOVE

OS SOLDADOS NOS apressam ao longo dos túneis do metrô. Saímos na primeira estação com que nos deparamos e finalmente vemos a luz do dia. Os homens nos cercam por todos os lados, um escudo humano, nos tratando como se fôssemos o presidente. Eu me deixo ser empurrado para a frente, sabendo que posso facilmente me livrar deles ao primeiro sinal de problemas. Não encontramos nenhuma patrulha mogadoriana no caminho de volta para os tanques de guerra blindados do Exército, e em pouco tempo os veículos estão roncando pelas ruas cheias de destroços de prédios, resultado do bombardeio da *Anúbis* da noite anterior.

Chegamos à ponte do Brooklyn muito depressa e sem incidentes. No lado de Manhattan, o Exército estabeleceu um posto de controle fortemente armado — soldados com metralhadoras em suportes vigiam as ruas de trás de uma barricada de sacos de areia. Atrás deles, há três fileiras de tanques na ponte, suas torres armadas com mísseis terra-ar e apontadas para o céu. Helicópteros carregados com mais mísseis patrulham os céus e vários barcos grandes e resistentes estão a postos no rio. Se os mogadorianos tentarem invadir o Brooklyn, com certeza vão encontrar alguma resistência.

— Vocês já tiveram que lutar contra muitos deles? — pergunto ao soldado dirigindo o nosso tanque enquanto somos autorizados

a passar pelo posto de controle de segurança e seguimos lentamente costurando pelos pontos obstruídos da ponte.

— Nenhum até agora, senhor — responde ele. — Os inimigos ficaram só em Manhattan até agora. Aquela nave grande voou logo acima de nós esta manhã e não atacou. Na minha opinião, eles não querem nada conosco, com o Exército.

— Senhor — repete Daniela, arqueando uma sobrancelha para mim e rindo.

— Eles tomaram somente Manhattan — digo, me recostando e franzindo o cenho, sem entender por que os mogs não intensificaram seu ataque.

— É como se Setrákus Ra estivesse mandando uma mensagem — diz Sam, baixinho. — “Vejam o que eu posso fazer.”

— Se vierem até nós, estaremos prontos — fala o soldado.

Pela janela, observo os *snipers* escondidos entre as torres da ponte, observando Manhattan através de suas miras.

Eu e Sam trocamos um olhar, ambos receosos. Quero acreditar nessa demonstração de força do Exército e nutrir a mesma confiança do soldado, mas já vi o que os mogs são capazes de fazer, o tipo de destruição que podem causar. A única razão para aquele acampamento do Brooklyn ainda estar de pé é Setrákus Ra ter permitido.

O soldado estaciona nosso tanque no meio de um quarteirão da cidade que foi transformado em uma área de concentração de tropas. Há barracas, mais tanques de guerra e muitos soldados armados e ansiosos. Há também uma grande fila de civis, muitos deles sujos e levemente feridos, agarrados a seus escassos bens enquanto esperam, abatidos. À frente da fila, alguns voluntários

da Cruz Vermelha com pranchetas anotam dados das pessoas exaustas antes de lhes indicarem os ônibus que os militares estão usando para tirá-las da cidade.

O soldado que nos acompanha me vê observando a lenta procissão dos refugiados.

— A Cruz Vermelha está tentando registrar todos os desalojados — explica. — Depois nós os levaremos para Long Island, Nova Jersey, para qualquer lugar seguro. Nós os afastaremos do combate até podermos retomar Nova York.

O soldado lança um olhar para Sam e Daniela, então se vira para mim. Só então me dou conta de que ele está à espera de ordens minhas.

— Você quer que esses dois sejam evacuados? — pergunta o soldado, referindo-se aos meus companheiros.

— Eles estão comigo — respondo, e ele assente, sem contestar.

Daniela vê os voluntários registrando um casal de idosos e ajudando-os a entrar em um ônibus.

— Eles têm uma lista ou algo assim em que eu pudesse dar uma olhada? Estou... procurando alguém.

O soldado dá de ombros, como se aquilo não fosse problema seu.

— Claro. Você pode dar uma sondada.

Daniela se vira para mim.

— Eu vou...

— Vá — digo. — Espero que você a encontre.

Daniela sorri para Sam, depois para mim.

— Hmmm, sobre aquela coisa toda de salvar o mundo... — diz ela, hesitante.

— Quando estiver pronta, venha me procurar — digo a ela.

— Supondo que um dia estarei pronta — responde Daniela.

Ela não menciona a sacola de dinheiro roubado desde que a deixou para trás no metrô.

— Sim. Estou.

Daniela se demora ali mais um segundo, os olhos fixos nos meu. Então, assentindo, ela se vira e corre para perturbar a Cruz Vermelha. Sam olha para mim como se eu fosse louco.

— Você vai simplesmente deixá-la ir embora? Uma das únicas...

Ele olha para o soldado ao nosso lado, não muito certo do que pode revelar.

— Não posso forçá-la a se juntar a nós, Sam — respondo. — Mas o que aconteceu com ela, o que aconteceu com *você*... tem que haver uma razão. Tenho fé de que não foi em vão.

— A agente Walker está à sua espera, senhor — diz o soldado, fazendo sinal para Sam e eu o seguirmos.

— Os celulares já estão funcionando? — pergunto, enquanto caminhamos pelo acampamento agitado. — Preciso fazer uma ligação. É importante.

— Os métodos tradicionais ainda não estão funcionando, senhor. Os inimigos cuidaram disso. Mas provavelmente temos algo que você poderá usar no centro de comunicações — diz o soldado, apontando para uma barraca próxima, fervilhando de atividade. — Mas antes tenho que levá-lo direto até a agente Walker. Se você permitir.

— Se eu permitir?

— Fomos informados sobre seu histórico de... problemas com autoridades — diz o soldado, olhando timidamente para o cabo do rifle. — Fomos orientados a não contrariá-lo ou forçá-lo a fazer

qualquer coisa. Os parâmetros da missão limitam-se a, hmmm, gentilmente chamar sua atenção.

Balanço a cabeça, perplexo. Não faz muito tempo eu era considerado um inimigo do Estado. Agora estou sendo tratado como um dignitário estrangeiro pelo Exército.

— Tudo bem — digo, resolvendo não dificultar a vida de nossa escolta. — Me mostre onde a agente Walker está e depois ajude meu amigo Sam a conseguir um telefone via satélite.

Momentos depois, estou caminhando ao longo do cais de concreto com vista para o East River e Manhattan. O ar está fresco, embora ainda dê para sentir o cheiro acre de queimado que sopra de Manhattan. Daqui, tenho uma visão clara da destruição que os mogadorianos causaram. Colunas de fumaça escura sobem em direção ao céu azul brilhante, e ainda vejo coisas queimando. Há lacunas no horizonte da cidade, espaços onde sei que devia haver edifícios, todos destruídos pelas poderosas armas de energia da *Anúbis*. De vez em quando, vejo um Escumador zunindo entre prédios e mogs patrulhando a ruas.

A agente Walker está sozinha junto ao parapeito, observando a cidade.

— Como me encontrou? — pergunto ao me aproximar.

A agente do FBI que uma vez tentou me prender sorri para mim.

— Alguns sobreviventes que chegaram mencionaram ter visto você — responde Walker. — Mandamos equipes para a área atacada. Imaginamos que seria melhor começar por onde a nave alfa estava liberando a artilharia pesada.

— Bom palpite — respondo.

— Fico feliz que esteja vivo — diz ela bruscamente.

O cabelo vermelho grisalho de Walker está puxado para trás em um rabo de cavalo apertado. Ela parece exausta, e tem bolsas inchadas sob os olhos. Em algum momento, ela trocou seu habitual terninho e casaco do FBI por um colete à prova de balas e uniforme, provavelmente emprestado do grande contingente do Exército responsável pela segurança daquela área. Ela usa uma tipoia no braço esquerdo e na testa há um curativo feito às pressas.

— Você quer que eu cure isso? — pergunto.

Walker olha em volta. Estamos sozinhos no momento, no pequeno parque sob a ponte do Brooklyn. Melhor dizendo, tão sozinhos quanto duas pessoas podem estar no que basicamente se tornou um campo de refugiados da noite para o dia. A colina gramada atrás da gente está cheia de barracas improvisadas, novaiorquinos feridos e assustados comprimidos em pequenos espaços. Acredito que essas sejam as pessoas que se recusaram a serem despachadas pela Cruz Vermelha, ou que estão muito feridas para fazer a viagem. As barracas se espalham pelos quarteirões vizinhos, e muito provavelmente algumas pessoas ocuparam ilegalmente os apartamentos caros de frente para o rio ali por perto. Em meio aos sobreviventes, mantendo a ordem e cuidando dos feridos, estão soldados, policiais e alguns médicos, apenas uma pequena parte dos milhares de profissionais que vi reunidos perto da ponte. É essencialmente um caos organizado.

— Esses seus poderes têm limites? — pergunta Walker, observando uma mulher estatelada na grama do parque com o braço com queimaduras graves sendo tratada por um médico visivelmente exaurido.

— Sim. Usei bastante ontem — respondo, esfregando a nuca. — Por quê?

— Porque, por mais que eu aprecie a oferta, temos milhares de feridos aqui, John, e mais chegando a cada hora. Você quer passar o dia curando essas pessoas?

Observo as fileiras de pessoas no parque, muitas delas descansando em nada mais do que grama. Várias me encaram. Ainda não estou confortável com isso de ser o rosto da Garde. Viro-me para Walker.

— Eu poderia — digo. — Salvaria algumas vidas.

Walker balança a cabeça e me olha nos olhos.

— Os gravemente feridos estão na barraca da triagem. Podemos passar lá mais tarde, se você quiser bancar a Madre Teresa. Mas você e eu sabemos que há formas melhores de você gastar o seu tempo.

Não respondo, mas não insisto no assunto. Walker resmunga e caminha pelo cais, seguindo em direção a algumas barracas do Exército em uma praça ali perto. Dou outra olhada rápida para o parque. Do outro lado da ponte, as coisas parecem bastante seguras. Por ali, no entanto, é uma completa loucura. Pessoas feridas, soldados, oficiais — não sei nem por onde começar. Aquilo tudo pode ser demais para mim.

— Então você está no comando aqui? — pergunto a Walker, tentando me orientar.

Ela bufa.

— Você está brincando, não é? Temos generais de cinco estrelas planejando contraofensivas. A CIA e a NSA estão aqui, em contato com o pessoal de Washington, tentando entender as informações

que estão chegando do mundo inteiro. Eles estavam falando com o presidente por videoconferência esta tarde, de onde quer que seja o bunker em que o Serviço Secreto o tenha enfiado. Sou apenas uma agente do FBI. Não estou nem um pouco no comando.

— OK. Se esse é o caso, por que eles me trouxeram até você? Por que estamos conversando?

Walker para e se vira para mim, as mãos nos quadris.

— Por causa da nossa história, do nosso relacionamento...

— É esse o nome que dão agora?

— Fui nomeada seu contato, John. Sua conexão. Qualquer coisa que você possa nos dizer sobre os mogadorianos, suas táticas, esta invasão... isso passa por mim. Assim como todos os pedidos que você possa ter para as Forças Armadas americanas.

Deixo escapar uma risada sarcástica. Eu me pergunto onde os generais estão. Examino as barracas próximas, procurando uma que pareça mais importante do que as outras.

— Sem ofensas, mas não preciso de você como intermediária.

— Não depende de você — responde ela, parando abruptamente.
— Você tem que entender que as pessoas no comando, o presidente, seus generais, o que restou de seu gabinete... eles não eram do ProMog. Quando os mogs fizeram contato, quase sofremos um golpe esplêndido, com a escória do ProMog defendendo a rendição. Felizmente, com Sanderson fora do cenário...

— Espera. O que aconteceu com ele? — pergunto. Perdi de vista o secretário de Defesa durante a batalha com Setrákus Ra.

— Ele não sobreviveu — responde Walker severamente. — Eu tinha pessoas suficientes em Washington para me livrar da

maioria das maçãs podres. As que conhecíamos, pelo menos.

— Então você está dizendo que o ProMog praticamente acabou e o que nos restou...

— Um governo fragilizado que foi mantido totalmente no escuro até agora. Esta invasão, a ideia de aliens do espaço nos atacando, isso tudo é novo para o governo. Eles até aceitam que você esteja lutando ao nosso lado. Mas você ainda é um extraterrestre.

— Eles não confiam em mim — digo, incapaz de esconder a amargura.

— A maioria deles nem sequer confia uns nos outros. E, de qualquer maneira, *você* não devia confiar *neles* — responde Walker enfaticamente. — Os membros conhecidos do ProMog foram todos presos, mortos ou fugiram. Mas isso não significa que sabemos quem são todos eles.

— Então é melhor eu ficar com o inimigo conhecido, certo? — pergunto, revirando os olhos.

Ela abre os braços, obviamente sem esperar que eu de fato a abrace.

— Isso mesmo.

— OK, então. Eis meu primeiro pedido, contato — digo. — A *Anúbis*, a nave que deixou Nova York esta manhã, está levando Setrákus Ra para o México...

— Que bom — interrompe Walker. — O governo vai gostar disso. Uma ameaça a menos no espaço aéreo dos Estados Unidos.

— Eles precisam mandar jatos, aviões de combate, drones, tudo que tiverem — continuo. — A nave está indo para um lugar extremamente poderoso, um lugar lórico. Não sei bem o que

Setrákus Ra quer lá, mas sei que será nosso fim se ele conseguir. Precisamos detê-lo.

A expressão de Walker se fecha à medida que eu falo. Já sei que não vou gostar do que ela irá dizer em seguida. Ela me leva para fora do cais; passamos por um gramado destroçado e paramos em frente a uma barraca de lona ligeiramente isolada das outras.

— Um ataque direto está fora de cogitação — diz ela.

— Por quê?

— Meu quartel-general — diz ela, empurrando a aba da entrada. — Vamos conversar lá dentro.

Dentro da barraca de Walker vejo uma cama portátil intocada, uma mesa bagunçada e um laptop. Há um mapa de Nova York com várias linhas vermelhas se cruzando — se eu tivesse que adivinhar, apostaria que representam o caminho feito pela *Anúbis* durante o ataque do dia anterior. Walker puxa um segundo mapa de baixo do de Nova York, agora do mundo inteiro. Há alguns Xs pretos sinistros sobre várias metrópoles: Nova York, Washington, Los Angeles, Londres, Moscou e Pequim. Há mais de vinte cidades marcadas. Walker aponta para o mapa.

— Esta é a situação, John — fala ela. — Cada marca é uma das naves de guerra deles. Você sabe como derrubar uma dessas?

Balanço a cabeça.

— Ainda não. Mas não tentei.

— A Força Aérea tentou ontem. E não se saiu nada bem.

Franzo o cenho, apreensivo.

— Eu os vi no céu. Sei que não conseguiram.

— Eles obtiveram algum sucesso contra as naves menores, mas não chegaram nem perto da *Anúbis*. Até planejaram outro ataque,

mas os chineses decidiram ir com tudo.

— Como assim?

— Algumas horas depois do ataque a Nova York, eles quiseram partir para a ação logo. Provavelmente se desesperaram, achando que talvez fossem os próximos a serem atacados. Com exceção de armas nucleares, usaram tudo que tinham para derrubar a nave sobre Pequim.

— E?

— Dezenas de milhares de vítimas — responde Walker. — A nave ainda está no ar. Elas têm algum tipo de proteção. Os cientistas chineses dizem que é algum tipo de campo eletromagnético. Eles se cansaram de mandar jatos e mais jatos para se chocarem inutilmente contra aquela coisa, então mandaram uma equipe de paraquedistas, na esperança de algum conseguir entrar na nave. Nenhum deles sobreviveu ao contato com o campo.

Imediatamente me lembro do campo de força em volta da base mogadoriana em West Virginia. O choque que levei ao tocar nele foi o suficiente para me apagar e me deixar mal por dias.

— Já bati nos campos de força deles antes — digo a Walker. — Literalmente.

— E como os destruiu?

— Não destruí.

Walker me lança um olhar inexpressivo.

— E eu aqui cheia de esperança.

Olho para o mapa de Walker e balanço a cabeça. Todos os Xs pretos me encaram, batalhas que não sei como vencer.

— Vinte e cinco cidades sob ataque. Você tem alguma boa notícia, agente Walker?

— É exatamente isso — diz ela. — *Essa* é a boa notícia.

Arqueio uma das sobancelhas.

— Alguns lugares, como Londres e Moscou, enviaram tropas para lutar contra os mogs. Mas a reação dos aliens não chegou nem perto do que está acontecendo aqui ou em Pequim. Sem bombardeio, sem monstros furiosos. É como se os mogs estivessem pegando leve com eles. E também há lugares como Paris e Tóquio, em que não houve nenhum tipo de confronto. Essas cidades não estão exatamente sob ataque. As naves de guerra e as naves batedoras estão controlando o espaço aéreo, mas fora isso não há mog algum em terra. E então, esta manhã, aquela nave passa por nós, como se não fôssemos nada. Isso fez algumas pessoas pensarem que talvez eles não queiram lutar. Que talvez seja tudo um grande mal-entendido com os aliens, que não deveríamos ter atacado primeiro.

— Mas não atacamos — disparo.

— Eu sei disso. Mas o mundo acha que sim.

— Setrákus Ra está mandando uma mensagem — digo. — Mesmo que tenha conseguido uma vantagem, ele não quer prolongar a luta. Ele quer assustar a humanidade para que ela se submeta logo. Quer que a gente desista de lutar e se entregue.

Walker assente e vai até o laptop. Ela insere inúmeras senhas, uma tarefa nada fácil, considerando que está escrevendo com uma mão só, antes de finalmente acessar um vídeo criptografado.

— Você está mais certo do que imagina — diz Walker. — Não está claro como ele recebeu isso, mas esse vídeo apareceu via

canais seguros na caixa de entrada particular do presidente. Outros líderes mundiais com quem entramos em contato disseram ter recebido a mesma coisa.

Walker dá play e uma imagem em alta definição do rosto de - Setrákus Ra aparece na tela. Meu sangue gela quando vejo sua pele pálida e os olhos negros vazios, a cicatriz roxo-escura em volta do pescoço, a forma presunçosa como sorri para a câmera. É exatamente o mesmo sorriso que ele exibia antes de me arremessar no East River. Setrákus Ra está sentado na cadeira ornamentada de comandante da *Anúbis* — me lembro de tê-la visto quando Ella me mostrou a nave. Atrás dele, é possível ver a cidade de Nova York através de uma imensa janela que vai do chão ao teto. O sol está nascendo, a cidade ainda em chamas. Não tenho dúvida de que ele escolheu esse fundo de propósito.

— Respeitados líderes da Terra — começa Setrákus Ra, entoando as palavras educadas com a voz grave e áspera —, espero que esta mensagem os encontre de mente aberta após os infelizes acontecimentos em Nova York e Pequim. Foi com grande relutância, e só depois de uma tentativa de assassinato por terroristas aliens, que usei uma pequena parte da força mogadoriana disponível contra o seu povo.

— Vocês são os terroristas aliens, a propósito — diz Walker.

— Sim. Eu entendi.

— Apesar dessas lamentáveis circunstâncias — continua - Setrákus Ra —, minha oferta para abraçar a humanidade e mostrar-lhes o Progresso Mogadoriano continua de pé. Acima de tudo, sou clemente. Embora eu vá manter a ocupação em Nova York e Pequim como um lembrete do que acontece quando bestas

imprudentes mordem a mão de alguém que só quer gentilmente orientá-los, as outras cidades em que minhas naves de guerra estão posicionadas não têm nada a temer. Desde, é claro, que meus generais recebam a rendição incondicional desses governos dentro das próximas quarenta e oito horas.

Eu me viro para Walker.

— O governo não está comprando essa história de merda, está?

Ela aponta para a tela.

— Tem mais.

— Além disso — entoa Setrákus Ra —, acredito que o governo dos Estados Unidos esteja atualmente abrigando os terroristas lorienos conhecidos como Gardes. Continuar ajudando essas almas tortuosas será considerada uma declaração direta de guerra. Eles devem ser entregues a mim no momento da rendição, a fim de evitarmos o dispendioso e doloroso processo de procurá-los e destruí-los. Também chegou ao meu conhecimento que alguns seres humanos podem ter sofrido uma mutação e manifestado certas habilidades não naturais. Esses seres humanos também devem ser entregues a mim para tratamento.

— O que ele quer dizer com essa história de mutação? — pergunta Walker. — Mais besteira?

Não respondo. Em vez disso, me afasto do laptop enquanto Setrákus Ra ainda está falando, meu olhar fixado na agente Walker.

— Vocês têm quarenta e oito horas para se renderem, ou não terei escolha a não ser libertar a humanidade de sua tola liderança e tomar suas cidades à força...

O vídeo acaba e Walker se vira para mim. Já estou com uma pequena bola de fogo preparada, pairando acima da palma da mão.

— Jesus Cristo, John — geme ela, afastando-se do calor.

— Foi por isso que me trouxe aqui? — disparo, chegando para trás. Estou esperando um grupo de soldados aparecer a qualquer instante e tentar me conter, então fico atento à entrada da barraca enquanto me movo em direção a ela. — Meus amigos estão seguros?

— Você acha que mostrar o vídeo foi parte de uma emboscada? Acalme-se. Você está seguro.

Encaro Walker por mais alguns segundos. A essa altura, não tenho outra escolha a não ser confiar nela, principalmente considerando-se que para sair dali terei que lutar contra um exército inteiro. Se o governo quisesse me entregar a Setrákus Ra como um gesto de boa vontade, isso provavelmente já teria acontecido. Apago minha bola de fogo.

— Então é verdade o que o Setrákus Ra disse? — pressiona Walker. — Sobre seres humanos manifestarem habilidades não naturais? Humanos estão recebendo Legados, é isso?

— Eu...

Não sei o quanto devo contar a Walker. Ela me garante que estou seguro com ela, mas até algum tempo atrás me perseguia por todo o país. Mesmo que ela afirme que o ProMog perdeu a força e praticamente não existe mais, ainda há seres humanos por aí trabalhando contra nós. Ela acabou de me dizer para não confiar no governo. E se houver novos Gardes por todo o mundo, e se um traidor como o secretário de Defesa Sanderson chegar até eles

antes de nós? Será que posso mesmo contar para Walker o que aconteceu com Sam e Daniela? Não, tenho que ficar calado. Pelo menos até eu mesmo desvendar o que está por trás dessa história.

— Não faço a menor ideia do que ele está falando, Walker — digo, depois de um instante. — Ele vai dizer qualquer coisa para conseguir o que quer.

Dá para ver que ela sabe que estou escondendo alguma coisa.

— Sei que é difícil de aceitar, considerando nosso histórico, mas estou do seu lado — diz Walker. — E, por enquanto, os Estados Unidos também.

— Por enquanto? O que isso significa?

— Significa que ninguém está ansioso para se render ao maníaco alienígena que acabou de explodir Nova York. Mas se ele começar a incendiar mais cidades e ainda não tivermos descoberto uma maneira de combatê-lo? As coisas podem mudar. É por isso que sua ideia de fazer uma operação militar no México não vai dar em nada. Primeiro, porque não vai adiantar tentarmos alguma coisa contra a nave de guerra deles. E, segundo, porque a opinião predominante é a de que não devemos ajudar você e os outros abertamente, não agora.

— Eles estão se resguardando — digo, incapaz de disfarçar um riso de escárnio. — Caso decidam se render.

— Sim, segundo o presidente, atualmente todas as opções estão em jogo.

— Desistir não é uma opção. Eu vi... — Decido não contar sobre a visão de Ella no futuro, já que profecias provenientes de Legados não seriam levadas muito em conta pela hiperprática Walker. — Não acabaria nada bem para a humanidade.

— Sim, você e eu sabemos, John. Mas e quando Setrákus Ra começar a matar civis e tudo que ele quiser em troca for você e os outros Gardes? É uma linha de ação que o presidente será forçado a considerar.

Eu me afasto, afastando a aba da tenda para olhar para fora, me perguntando onde está Sam com o telefone por satélite. Também quero evitar que Walker veja meu rosto, que está tomado por um pânico sufocante. Não sei o que fazer. Se o prazo de Setrákus Ra acabar e ele começar a bombardear outra cidade, devo simplesmente deixar isso acontecer? Ou me entregar? Enquanto isso, o que faço com relação ao seu iminente ataque ao Santuário? E quanto a Nove e Cinco, que ainda estão desaparecidos? É muita coisa para pensar.

— John?

Lentamente me viro para Walker, tentando manter uma expressão neutra no olhar. Mesmo assim, ela deve ter percebido alguma coisa, porque atravessa a barraca e fica bem em frente a mim. Ela segura meu ombro com o braço bom e fico tão surpreso que deixo. Há medo nos olhos dela, misturado com uma espécie de determinação suicida. Já vi esse olhar antes nos meus amigos, pouco antes de se lançarem em batalhas praticamente perdidas.

— Você precisa me dizer como fazer isso — pede Walker, a voz baixa e trêmula. — Me diga como ganhar essa guerra em menos de quarenta e oito horas.

CAPÍTULO

DEZ

— COMO ESTÁ INDO?

Adam dá um pulo quando encosto em seu ombro. Ele está curvado sobre uma bancada onde os mogs ajustavam suas armas antes das tentativas inúteis de destruir o campo de força do Santuário. Adam colocou no chão todo o lixo mog que estava em cima da bancada e o substituiu por uma série de peças mecânicas. Peças que não combinavam entre si e que foram retiradas dos Escumadores inutilizados pegando poeira na pista de pouso; algumas vieram de dentro dos motores, outras de trás dos painéis de controle touchscreen. Adam também achou outras quinquilharias — a bateria de uma das lâmpadas de halogênio, uma arma mog quebrada e a carcaça de um laptop. Todas essas coisas foram amassadas, entortadas ou - marteladas por ele para talvez substituírem os condutos destruídos da nossa nave.

— Como *parece* que está indo? — responde ele, mal-humorado, apoiando na bancada o maçarico que estava prestes a ligar. — Não sou engenheiro, Seis. Isso é estritamente tentativa e erro. Até agora, cem por cento erro.

O sol está acima da linha das árvores torrando a pista de pouso, e o calor grudento não dá trégua. A camisa de Adam já está encharcada, a pele pálida de sua nuca ficando rosada. Não tiro a mão de seu ombro até ele suspirar e se virar para mim. Seus olhos escuros parecem turvos e um pouco frenéticos, círculos cinzentos se formando em torno deles.

— Você não dormiu — digo, sem um pinga de dúvida. Ele trabalhou a noite toda, seus xingamentos e marteladas muitas vezes interrompendo minhas horas intermitentes de descanso toda encolhida na cabine do nosso

Escumador. Ele só parava para dar uma olhada em Poeira, que ainda não havia se recuperado da paralisia. — Talvez eu não saiba muito sobre a biologia mogadoriana, mas eu tinha certeza de que dormir é importante para vocês.

Adam afasta alguns fios de cabelo dos olhos, tentando se concentrar em mim.

— Sim, Seis, nós dormimos. Quando é oportuno.

— Desse jeito, você vai ficar exausto, e, quando isso acontecer, o que você vai fazer? — pergunto.

Adam franze o cenho.

— O mesmo que agora — diz ele, observando as peças danificadas. — Fica tranquila, Seis. Estou bem. Só preciso continuar trabalhando.

Verdade seja dita: estou feliz por Adam estar se dedicando tanto a consertar nossa nave. Por mais que eu não queira vê-lo mal, precisamos desesperadamente sair do México. Ainda não recebemos nenhuma notícia de John. Receio que estejamos perdendo a guerra.

— Pelo menos come alguma coisa — digo, arrancando uma pequena banana verde do cacho que acabei de pegar de uma árvore ali perto e colocando-a na mão de Adam.

Ele avalia a banana por um instante. Chego a ouvir o estômago de Adam roncar quando ele começa a descascá-la. Comida não foi algo que pensamos em trazer — não sabíamos o que encontraríamos quando chégássemos ao Santuário, mas definitivamente não planejávamos ficar presos ali. Não trouxemos os suprimentos necessários para uma estadia prolongada.

— Sabe, Nove tinha umas pedras em sua Arca que, se você as chupasse, teria todos os nutrientes de uma refeição — digo a Adam, descascando uma banana. — Meio nojento, principalmente se você pensar onde elas estavam e quantas vezes Nove provavelmente as reutilizou. Mas agora eu realmente queria que nós não as tivéssemos atirado naquele poço no Santuário.

Adam sorri, olhando para o templo.

— Talvez você devesse voltar lá e pedir gentilmente. Tenho certeza de que aquela energia não quer as pedras cuspidas de Nove.

— Talvez eu devesse pedir um novo motor também.

— Não faria mal — responde Adam, e engole o resto da banana depressa.
— Vou tirar a gente daqui, Seis. Não se preocupe.

Coloco outra banana na mesa e deixo Adam voltar ao trabalho. Atravesso a pista e vou até Marina, que está sentada de pernas cruzadas na grama, de frente para o Santuário. Não sei ao certo se está meditando, rezando ou o quê, mas ela estava naquele mesmo lugar quando acordei e não saiu de lá durante todo o tempo que passei fora procurando por comida na selva.

Eu gostaria de pensar que é por acaso que minha rota até Marina me leve a passar pelo suporte do Escumador a que Phiri Dun-Ra está presa, mas sei que não é verdade. Nós a amarramos firmemente no meio do campo e estamos todos de olho nela. Quero que a mogadoriana diga alguma coisa, que me dê um motivo. Ela não me decepciona.

— Ele vai falhar, você sabe.

— Você disse alguma coisa? — pergunto, parando e me virando lentamente para encará-la. Ouvi o que ela disse perfeitamente.

Nossa prisioneira sorri de forma detestável, seus dentes contornados por sangue seco. O olho direito está fechado de tão inchado. Fiz isso com ela na noite passada. Depois de ouvir sobre a invasão mogadoriana, me cansei muito rápido de seu falatório incessante. Então dei um soco nela. Não me orgulho disso, mas foi bom. Na verdade, eu provavelmente teria feito mais se Marina não tivesse me arrastado de lá. Enquanto encaro Phiri Dun-Ra, seu olho bom se estreita, como se ela estivesse achando graça de alguma coisa. Cerro os punhos novamente. Quero bater em algo. Só preciso de um estímulo.

— Você me ouviu, menina — responde ela, apontando o queixo na direção de Adam. Phiri Dun-Ra fala mais alto, para ele ouvir também. — Adamus Sutekh vai falhar, como sempre. Sabe, eu o conheço há muito mais

tempo do que você. Sei como era uma decepção perpétua para seu pai. Para o nosso povo. Não é à toa que se tornou um traidor.

Olho para Adam. Ele está fingindo não ouvir Phiri Dun-Ra, mas suas mãos pararam de trabalhar e seus ombros se empertigaram.

— Quer que eu acerte você de novo? — pergunto a Phiri Dun-Ra, dando um passo em sua direção.

Ela parece pensativa por um instante, depois continua.

— Apesar de que, hmmm... só agora me ocorre uma coisa. Me lembro de já ter ouvido sobre as habilidades técnicas do jovem Adamus. Ele era uma espécie de prodígio com máquinas quando jovem. É estranho, então, que não consiga consertar uma dessas naves, principalmente com todos aqueles equipamentos à sua disposição.

Olho de novo para Adam. Ele se virou e está encarando Phiri Dun-Ra, uma expressão confusa no rosto.

— Eu me pergunto se ele está enrolando de propósito — pondera Phiri Dun-Ra. — Talvez, agora que o Progresso Mogadoriano tenha se provado inevitável, ele pense que manter vocês aqui vai ajudá-lo a cair nas graças do nosso Adorado Líder e a voltar rastejando para seu verdadeiro povo... Ou talvez seja simplesmente covarde demais para enfrentar as batalhas perdidas que estão por vir.

Adam passa por mim em um borrão. Ele se agacha em frente a Phiri Dun-Ra e puxa a cabeça dela para trás. Ela tenta mordê-lo, mas Adam é mais rápido.

— A morte está vindo pegar você, Adamus Sutekh! Todos vocês! — grita ela, segundos antes de Adam enfiar um pano em sua boca.

Em seguida, ele rasga um pedaço de fita adesiva e tampa a boca de Phiri Dun-Ra. A respiração dela agora sai em fungadas furiosas e fortes pelo nariz, e a mogadoriana encara Adam com um olhar mortal. Mais adiante, no gramado em frente ao Santuário, Marina se levantou para assistir ao desenrolar dessa cena, franzindo ligeiramente o cenho.

Adam está de pé junto a Phiri Dun-Ra, os dentes à mostra, linhas escuras vincando seu rosto. É um olhar assassino, igual ao que já vi no rosto de muitos mogadorianos, geralmente pouco antes de tentarem me matar.

— Adam... — digo, uma espécie de alerta.

Adam se vira para olhar para mim, tentando se controlar. Ele respira fundo.

— Tudo o que ela disse é mentira, Seis — diz ele. — Tudo.

— Eu sei — respondo. — Devíamos tê-la amordaçado antes.

Adam solta um grunhido e retorna à sua bancada de trabalho, o olhar abatido quando passa por mim. Phiri Dun-Ra definitivamente sabe como irritá-lo. Como irritar todos nós, na verdade. Bem, com exceção de Marina. Sei que a mog está tentando nos botar uns contra os outros, mas isso não vai funcionar. Ela acha que sou tão burra assim? Sempre vou dar preferência à palavra de um mogadoriano que passou pelo campo de força do Santuário do que na de uma que tentou nos explodir com um granada.

Quando a discussão acaba, Marina se senta novamente no gramado à frente do Santuário. Me junto a ela, observando pássaros quase brilhantes de tão coloridos rodopiarem alegremente em torno do templo antigo.

— Você o teria impedido se ele tivesse tentado matá-la? — pergunta Marina, depois de um tempo.

Dou de ombros.

— Ela é uma mogadoriana — respondo. — Uma das mais desagradáveis que já conheci. E isso não é pouco.

— No calor da batalha é uma coisa — diz Marina. — Mas ela está amarrada... não é como os guerreiros que enfrentamos tantas vezes. É como Adam, uma nascida naturalmente. Quando usei minha cura nele e o impedi de se desintegrar, eu senti... senti a vida lá dentro, não tão diferente da nossa. Tenho medo do que podemos nos tornar à medida que essa guerra se prolonga.

Talvez eu esteja esgotada, e definitivamente estou muito estressada com nossa atual situação, mas a bússola moral de Marina está começando a me

cansar. Minha resposta é mais áspera do que eu gostaria.

— E daí? Você é pacifista agora? Há poucos dias, você arrancou o olho do Cinco com um sincelo. Ele é muito mais parecido conosco do que Phiri Dun-Ra, e *os dois* têm problemas.

— Sim, eu fiz isso — responde Marina, passando a mão sobre as pontas afiadas da grama. — É lamento. Ou, na verdade, lamento lamentar tão pouco. Entende o que eu quero dizer, Seis? Temos que tomar cuidado para não nos transformarmos *neles*.

— Cinco mereceu isso — respondo, suavizando um pouco o tom de voz.

— Talvez — admite Marina, e finalmente olha para mim. — Me pergunto o que restará de nós quando isso acabar, Seis. Como nós seremos.

— Se restar algo de nós — respondo. — É um grande se, a esta altura.

Marina abre um sorriso triste. Ela volta a olhar para o Santuário.

— Entrei no templo hoje mais cedo, antes de amanhecer — diz ela. — Voltei ao poço, de onde a energia lórica veio.

Observo Marina. Enquanto eu dormia, ela descia aquelas escadas tortuosas de volta à câmara subterrânea do Santuário. O poço de pedra de onde a Entidade irrompeu, os mapas brilhantes do universo nas paredes. Eu queria que tivéssemos conseguido mais respostas daquele lugar.

— Descobriu alguma coisa útil?

Ela dá de ombros.

— Ela ainda está lá. A Entidade. Posso senti-la espalhando-se de dentro do Santuário para o mundo aqui fora, embora eu não saiba com que propósito. Ainda vejo o brilho bem no fundo no poço. Mas...

— Você esperava algum conselho?

Marina faz que sim, rindo baixinho.

— Esperava que ela nos guiasse. Que dissesse o que devemos fazer em seguida.

Não me surpreendo que a Entidade que vive no interior do Santuário, aparentemente a fonte do nosso poder, não tenha aparecido para Marina

novamente. Quando encontramos a Entidade pela primeira vez, ela parecia quase satisfeita em nos ver; feliz por ser despertada, com certeza, mas sem nenhuma pressa de nos ajudar a ganhar a guerra contra os mogs. Lembrome de algo que ela disse durante nossa conversa: ela concede os dons a uma espécie, e não julga ou toma partido, nem mesmo em defesa própria. Acho que já recebemos o máximo de ajuda que a Entidade tinha a nos dar. Guardo este pensamento para mim. Não quero desencorajar Marina ou abalar sua fé, que parece estar lhe dando forças no momento, mesmo que isso traga à tona algumas questões éticas e mórbidas nas quais francamente não quero pensar agora.

— Fiquei aqui sentada rezando por nós — continua Marina. — Acho que é bobagem esperar algum tipo de sinal, mas não sei o que fazer.

Antes que eu responda, ouço um zumbido estridente vindo de algum lugar atrás da gente. A princípio, acho que é apenas mais uma tentativa de Adam de criar um novo conduto. O ruído está cada vez mais perto. Está vindo praticamente de cima da gente. Marina ri para mim, seus olhos arregalados e animados. Meu coração bate mais forte quando percebo o que está acontecendo. Talvez as orações de Marina tenham funcionado.

— Seis? Você não vai atender?

O aparelho ficou tão irritantemente silencioso nos últimos dias que eu tinha esquecido como era o toque do telefone por satélite. Dou um pulo, arrancando-o do bolso de trás da minha calça. Marina se levanta comigo, inclinando a cabeça para perto para ouvir melhor, e Adam corre para se juntar a nós. Sinto Phiri Dun-Ra nos observando, mas a ignoro.

— John?

Há um ruído de estática enquanto o telefone via satélite estabelece uma conexão, uma voz familiar surgindo entre os chiados.

— Seis? É o Sam!

Um sorriso largo se espalha pelo meu rosto. Identifico o alívio na voz de Sam por ter sido eu quem atendeu.

— Sam! — Minha voz falha um pouco. Espero que a ligação crepitante não permita que ele note isso. Na verdade, não me importo. Marina segura meu braço com força, abrindo um sorriso. — Você está bem? — pergunto a Sam, as palavras saindo metade como pergunta e metade exclamação.

— Estou bem! — grita ele.

— E John?

— John também. Estamos em um acampamento militar no Brooklyn. Eles nos emprestaram dois telefones por satélite e John está falando com Sarah no outro aparelho.

Bufo, e não consigo deixar de revirar um pouco os olhos.

— Claro que está.

— Onde vocês estão? Estão todos bem? — pergunta Sam. — As coisas ficaram loucas por aqui.

— Todo mundo está bem, mas...

Ele me interrompe antes que eu consiga explicar a complexidade de nossa situação.

— Aconteceu alguma coisa lá embaixo, Seis? Enquanto vocês estavam no Santuário? Vocês, sei lá, apertaram algum botão que ativasse Legados ou algo assim?

— Não havia nenhum botão — digo, trocando um olhar com Marina. — Nós conhecemos, por assim dizer...

— A própria Lorien — diz Marina.

— Nós conhecemos uma *Entidade* — digo a Sam. — Ela disse algumas coisas enigmáticas, nos agradeceu por acordá-la, e então, hmmm...

— Ela se espalhou pela Terra — conclui Marina por mim.

— Ah, oi, Marina — diz Sam, distraído. — Escuta, acho que essa sua Entidade aí pode ter, hmmm, se espalhado para dentro de mim.

— Mas que diabos isso quer dizer, Sam?

— Eu tenho Legados agora — responde Sam. Sua voz é uma mistura latente de empolgação e orgulho, e é impossível para mim não imaginar Sam

estufando o peito um pouco, como depois que nos beijamos pela primeira vez. — Bem, é só telecinesia. É sempre o primeiro, não é?

— Você recebeu Legados? — exclamo, encarando os outros com os olhos arregalados.

Marina aperta o meu braço, virando-se para olhar o Santuário. Enquanto isso, Adam parece pensativo, olhando para as próprias mãos, talvez se perguntando o que essa novidade quer dizer a respeito de seus Legados.

— E eu não sou o único — continua Sam. — Conhecemos por acaso uma garota em Nova York que também tinha adquirido poderes. Quem sabe quantos novos Gardes existem por aí?

Balanço a cabeça, tentando digerir todas aquelas informações. Também me pego olhando para o Santuário, pensando na Entidade escondida lá dentro.

— Deu certo — digo, baixinho. — Realmente deu certo.

Marina se vira para mim com lágrimas nos olhos.

— Estamos em casa, Seis — diz ela. — Trouxemos Lorien para cá. Nós mudamos o mundo.

Tudo parece ótimo, mas ainda não estou pronta para comemorar. Continuamos presos no México. A guerra não acabou de repente.

— Essa Entidade por acaso não lhes deu uma lista com os novos Gardes, não é? — pergunta Sam. — Alguma forma de os encontrarmos?

— Nenhuma lista — respondo. — Não posso dizer com certeza, mas, a julgar pela minha conversa com a Entidade, tudo parece muito aleatório. O que está acontecendo aí? — pergunto a Sam, direcionando a conversa para as batalhas que estamos perdendo. — Ficamos sabendo do ataque a Nova York...

— A coisa está feia, Seis — diz Sam, com amargor na voz. — Manhattan está, tipo, em chamas. Não sabemos o que aconteceu com Nove; ele ainda está por aí, em algum lugar. Onde vocês estão? Sua ajuda seria bem-vinda.

Percebo que não cheguei a contar a Sam sobre os últimos acontecimentos.

— Havia mogs vigiando o Santuário — digo a ele. — Cuidamos de todos eles, mas deixamos uma escapar. Enquanto estávamos dentro do templo, ela inutilizou todas as naves. Estamos presos aqui. Você acha que seus novos amigos militares poderiam nos mandar um jato? Precisamos ser resgatados.

— Espera, vocês ainda estão no México? No Santuário?

Não gosto do medo na voz de Sam. Algo está errado.

— O que foi, Sam?

— Vocês precisam dar o fora — diz Sam. — Setrákus Ra e sua maldita nave de guerra estão indo para aí.

CAPÍTULO

ONZE

POUCOS MINUTOS DEPOIS que a agente Walker me diz que tenho quarenta e oito horas para ganhar uma guerra, dois soldados com colete à prova de balas e um civil de meia-idade segurando um tablet chegam à sua barraca. Eles querem entregar algum tipo de relatório urgente relacionado a uma gravação que o civil fez no tablet naquela manhã. Não estou prestando muita atenção — meus ouvidos estão zumbindo, o coração, batendo acelerado. Percebo os recém-chegados lançando olhares furtivos para mim, como se eu fosse um cruzamento entre uma celebridade e um unicórnio. Isso não ajuda a melhorar minha sensação de que a barraca está lentamente encolhendo.

Acho que posso estar tendo um ataque de pânico.

A agente Walker olha para mim e estende a mão, impedindo os soldados de dizerem mais alguma coisa.

— Vamos dar uma caminhada, senhores — diz ela. — Preciso de ar fresco.

Walker guia os três homens para fora da barraca e os segue, parando na saída. Ela olha para mim como se estivesse com dor. Sei que ela provavelmente quer dizer algo reconfortante ou encorajador, e também sei que a agente Walker simplesmente não é o tipo de pessoa que faria isso.

— Descanse um pouco — diz ela gentilmente, e acho que nunca a vi agir com tanta empatia.

— Estou bem — respondo bruscamente, embora não esteja nada bem.

Estou paralisado e me esforçando para manter a respiração regular.

— Claro, eu sei disso — diz Walker. — Só que... sei lá, você teve um dia difícil. Procure relaxar. Estarei de volta em alguns minutos.

Assim que Walker sai, eu imediatamente desabo na cadeira em frente ao seu laptop. Eu não deveria estar descansando. Há muito que fazer. Mas meu corpo não está ajudando. Não é como a exaustão que senti ontem — é diferente. Minhas mãos estão tremendo, e ouço meu coração batendo forte na minha cabeça. Isso me faz lembrar das explosões do dia anterior, dos gritos, dos mortos. Correndo para salvar minha própria vida, passando pelos corpos das pessoas que não fui bom o suficiente para salvar. E há mais disso por vir.

A menos que eu possa fazer o impossível.

Sinto que vou vomitar.

Preciso de algo em que me concentrar, algo para me tirar deste estado de pânico, então ligo o laptop da Walker. Sei o que espero encontrar, o que preciso ouvir. Além do vídeo que ela me mostrou com a ameaça de Setrákus Ra, Walker tem alguns outros arquivos abertos em seu desktop. Não fico nem um pouco surpreso ao encontrar ali, já aberto, o vídeo que estou procurando.

LUTE PELA TERRA — AJUDE OS LORIENOS

Aumento o volume e dou play.

— *Este é o nosso planeta, mas não estamos sozinhos na galáxia.*

Daniela estava certa: a voz de Sarah dá mesmo a impressão de que ela está tentando parecer mais velha e mais profissional do que realmente é, como uma apresentadora de telejornal. Isso me faz sorrir mesmo assim. Fecho os olhos e ouço a voz dela. Não presto muita atenção às palavras — embora seja definitivamente bom ouvir a sua namorada descrevê-lo como um herói para a raça humana. Ouvir a voz de Sarah começa a acalmar os meus nervos, mas também desperta a saudade que o pânico dos últimos dias não me permite sentir. Imagino nós dois ainda em Paradise, muito mais tranquilos, fazendo nada no meu quarto, enquanto Henri cuidava de suas coisas...

Não tenho certeza de quantas vezes já reproduzi o vídeo quando Sam entra na barraca de Walker. Ele pigarreja para chamar minha atenção e tem um telefone via satélite em cada mão.

— Missão cumprida — diz Sam. Ele estica o pescoço para ver a tela do laptop. — O que você está vendo?

— O, hmmm, vídeo que Sarah fez — respondo, envergonhado.

É claro que Sam não sabe que já vi umas dez vezes, que estou ouvindo a voz da minha namorada para tentar alcançar algum tipo de estado zen. Me sento direito e tento me portar como o líder forte que o vídeo retrata.

— É legal? — pergunta Sam, aproximando-se. Ele coloca um dos telefones na mesa perto de mim.

— É... — Eu paro, sem saber bem o que dizer sobre o vídeo. — É bem ridículo, na verdade. Mas, neste momento, também é tipo a melhor coisa do mundo.

Sam dá um tapinha no meu ombro, compreensivo.

— Por que você não liga para ela?

— Sarah?

— Isso. Vou ligar para Seis e ver como está a Equipe Santuário — diz ele, parecendo ansioso. — Descobrir onde estão. Talvez já tenham conseguido voltar para Ashwood Estates. Vou contar o que está acontecendo conosco para tentarmos pensar num lugar para nos encontrarmos. Eu provavelmente devia ligar para o meu pai também. Para ele saber que estou vivo.

Percebo que Sam está olhando para mim do mesmo jeito que Walker, como se de repente eu fosse frágil. Balanço a cabeça e começo a me levantar, mas Sam coloca a mão no meu ombro.

— Sério, cara — diz ele. — Liga para a sua namorada. Ela deve estar morta de preocupação.

Deixo Sam me empurrar de volta para a cadeira.

— Tudo bem — digo. — Mas se tiver alguma notícia de Seis e dos outros, ou se você não conseguir falar com eles...

— Venho aqui imediatamente — diz Sam, se dirigindo para a saída. — Vou lhe dar um pouco de privacidade até a próxima crise.

Quando Sam sai, passo as mãos pelo cabelo e as mantenho lá, apertando minha cabeça, como se estivesse literalmente tentando mantê-la no lugar. Depois de um instante me recompondo, pego o telefone que Sam deixou e aperto os números que sei de cor.

Sarah atende ao terceiro toque, sem fôlego e esperançosa.

— John?

— Você não tem ideia do quanto eu precisava ouvir sua voz — respondo, olhando de esguelha para a tela do laptop de Walker e finalmente conseguindo fechá-lo.

Aperto o telefone bem junto ao ouvido, fecho os olhos e imagino que Sarah está sentada ao meu lado.

— Eu estava tão preocupada, John. Vi... Todos nós vimos o que aconteceu em Nova York.

Tenho que morder o interior da bochecha para me acalmar. A imagem de Sarah que eu tinha em mente é substituída pela de um dos prédios em ruínas sob o bombardeio da *Anúbis*.

— Foi... Não sei o que dizer sobre isso — respondo. — Me sinto sortudo por ter conseguido escapar.

Não falo da culpa que venho sentindo, ou de como tem sido difícil seguir em frente. Não quero que Sarah saiba nada disso. Quero ser o herói que ela descreveu no vídeo.

Ela não diz nada por alguns segundos. Ouço sua respiração, lenta e instável; ela sempre respira assim quando está tentando controlar as emoções. Quando finalmente fala, sua voz é um sussurro desesperado, vindo de muito longe.

— Foi tão horrível, John. Todas aquelas pessoas inocentes. Elas estavam morrendo, o mundo, praticamente acabando, e tudo... tudo em que eu conseguia pensar era no que podia ter acontecido com você, por que você não estava me ligando. Eu não tenho... não tenho um encantamento no meu tornozelo para saber se você está bem. Eu não sabia se...

Percebo que o alívio de Sarah em ouvir a minha voz está repleto de irritação, o tipo de alívio que alguém sente quando passa noites sem dormir preocupado com uma pessoa. Lembro como foi quando os mogadorianos a pegaram, como parecia que faltava um pedaço de mim. Também lembro como as coisas eram mais simples na época — evitar os mogs, resgatar Sarah; não havia

milhões de vidas na balança. É louco pensar que aquilo parecia uma crise.

— Meu telefone via satélite foi destruído, senão eu teria ligado antes. Conseguimos chegar ao Brooklyn, onde o exército se estabeleceu. Eu estou bem — tranquilizo-a, sabendo que estou parcialmente tentando convencer a mim mesmo.

— Me senti como um fantasma nesses últimos dias — diz Sarah, com calma. — Mark e eu temos trabalhado bastante na internet, desenvolvendo projetos para ajudar a conquistar, você sabe, corações e mentes. E finalmente conhecemos GUARDA pessoalmente, que... Ah, meu Deus, John, tenho tanta coisa para contar para você. Mas primeiro preciso que saiba que durante todo esse tempo em que procurei me manter ocupada, senti como se estivesse apenas sendo levada pela maré. Como se estivesse fora do meu corpo. Porque só conseguia pensar em você indo pelos ares como essas pessoas em Nova York.

Eu deveria perguntar a Sarah sobre a identidade do misterioso hacker com quem ela e Mark têm trabalhado. Deveria descobrir sobre os detalhes do que ela e Mark vêm fazendo. Sei que deveria. Só que, nesse momento, só consigo pensar no quanto sinto a falta dela.

— Sei que em parte você foi encontrar Mark porque não queria ser uma distração — digo, tentando parecer mais racional do que desesperado. — Mas não poder falar, ver, tocar você... pode ser uma distração maior do que qualquer coisa. Você tem ajudado muito, mas...

— Também sinto sua falta — responde Sarah, e, quando ela fala, percebo que está tentando encontrar sua determinação, ser durona

como foi quando a deixei na estação de ônibus em Baltimore. — Mas tomamos a decisão certa. É melhor assim.

— Foi uma decisão estúpida — respondo.

— John...

— Não sei como deixei você me convencer disso — continuo. — Nós nunca devíamos ter nos separado. Depois de tudo o que aconteceu em Nova York, de tudo que tive que ver...

Fico sem ar por um instante quando me lembro dos incêndios, da destruição, dos feridos e dos mortos. Percebo que estou tremendo de novo, e definitivamente não é de exaustão. Sinto que posso ter chegado ao meu limite, como se meu cérebro não fosse mais capaz de aguentar aquela brutalidade. Tento me concentrar em Sarah e em fazer as palavras saírem, em tentar entender isso tudo e não parecer muito desesperado.

— Preciso de você comigo, Sarah — concluo. — Sinto como se essas fossem as últimas batalhas que vamos lutar. Depois de Nova York, vi... vi como podemos perder tudo depressa. Não quero que a gente esteja separado se algo acontecer, se esse for o fim.

Sarah respira fundo. E quando volta a falar, sua voz é firme.

— Esse *não* é o fim, John.

Percebo como devo soar para ela. Fraco e assustado, nem um pouco como o herói alienígena que ela retratou naquele vídeo. Fico envergonhado pela forma como estou agindo. Sozinho pela primeira vez desde o ataque a Nova York, sem constantes combates para me distrair, com as coisas finalmente desaceleradas o bastante para eu pensar — e o resultado sou eu surtando no telefone com a minha namorada. Já estivemos em situações ruins

antes, já travamos algumas batalhas brutais, vimos amigos morrerem. Mas, até agora, nunca tinha perdido a esperança.

Quando fico em silêncio por alguns instantes, Sarah continua, com sua voz suave:

— Não consigo imaginar como foi estar em Nova York durante... aquilo. Não consigo imaginar pelo que você está passando...

— Foi tudo culpa minha — digo a ela, em voz baixa, olhando para a porta da barraca para ver se alguém lá fora pode ouvir. — Eu poderia ter matado Setrákus Ra na ONU. Tive tempo para me preparar para essa invasão. E falhei.

— Ah, John. Você não pode se culpar pelo que aconteceu em Nova York — responde Sarah, seu tom compreensivo, mas assertivo. — Você *não* é responsável pela fúria assassina de um psicopata alienígena, está bem? Você estava tentando detê-lo.

— Mas não consegui.

— Sim, e ninguém mais conseguiu. Então ou todos nós somos igualmente culpados ou talvez seja culpa daquele mogadoriano maléfico, e deixamos as coisas assim. Sua culpa não vai trazer ninguém de volta, John. Mas você pode vingá-los. Pode impedir Setrákus Ra de fazer isso novamente.

Dou uma risada amarga.

— É exatamente isso. Não sei como impedi-lo. É demais para mim.

— Vamos dar um jeito — responde Sarah, quase me convencendo com sua certeza. — Vamos fazer isso juntos. Todos nós.

Passo as mãos pelo rosto, tentando me acalmar. Sarah está me dizendo exatamente o que eu precisava ouvir. Como sempre, sei

que ela está certa, pelo menos em um nível lógico. Mas isso não diminui a culpa que aperta meu estômago nem faz o futuro parecer menos opressivo.

— Eles olham para mim como um herói — digo, com escárnio. — Caminho por este acampamento, e os soldados, os sobreviventes, todos olham para mim como se eu fosse algum tipo de super-homem. Eles não sabem...

— Acho que o meu vídeo realmente funcionou — brinca Sarah, tentando aliviar o clima. — Eles olham para você assim porque você é um herói, John.

Balanço a cabeça.

— Eles não sabem que eu não tenho ideia do que estou fazendo. Não sei como lutar uma batalha dessa proporção. Nove está desaparecido, Ella foi capturada e está basicamente sendo torturada, não sei por que Seis e os outros estão demorando tanto para voltar do Santuário, mas, quando chegarem, é provável que tenhamos que voltar de qualquer maneira, porque é para lá que Setrákus Ra está indo. Enquanto isso, há vinte e cinco navios de guerra sobre vinte e cinco diferentes cidades. Não sei como lidar com isso, Sarah.

— Bem — responde Sarah, a voz calma e serena, como se eu não tivesse acabado de despejar nela uma pilha intransponível de problemas. — Que bom que você tem amigos. Vamos pensar em uma coisa de cada vez. Agora me deixe contar sobre GUARDA.

CAPÍTULO

DOZE

SARAH ME CONTA tudo sobre o tempo que passou com Mark, e realmente não consigo acreditar no que ela me diz sobre GUARDA. Depois de todos esses anos, é inacreditável. Mas tento manter a voz baixa para esconder essas novidades maravilhosas da agente Walker e de seus amigos no governo, pelo menos por enquanto. Depois que Sarah me informa o que sabe, conto tudo o que aconteceu comigo, e tudo o que ainda estamos enfrentando. Ela não vacila. E me diz que nós podemos fazer isso. Que podemos ganhar.

Ela me faz acreditar.

Quando finalmente saio da barraca de Walker, não estou mais tremendo. Desabafar com Sarah, ouvir sua voz, lembrar pelo que estou lutando — tudo isso é o suficiente para me colocar de pé, em movimento, pronto para voltar à batalha. Ainda não tenho todas as respostas, mas não estou mais com medo de enfrentar as perguntas.

Fora da barraca, Sam ainda está ao telefone. Ele anda de um lado para outro, gesticulando enfaticamente.

— Seis, isso é loucura — insiste. Obviamente, Seis está viva e bem. E, é claro, Sam já está tentando convencê-la a não fazer alguma coisa. — Você não viu o *tamanho* dessa coisa. Ela rasgou quarteirões inteiros da cidade como se fossem feitos de papel.

Sam me vê, em seguida arregala os olhos, como se Seis estivesse dizendo algo absurdo em resposta.

— John chegou aqui — diz Sam rispidamente ao telefone. — Talvez ele possa colocar algum juízo na sua cabeça.

Sam estende o telefone para mim.

— Eles estão bem? — pergunto a Sam, pegando o telefone.

— Sim. Eles libertaram o espírito de Lorien na Terra, que é provavelmente a razão de eu ter Legados, mas agora estão presos no México, e Seis está falando em lutar contra a *Anúbis* quando a nave chegar ao Santuário — responde Sam, ofegante.

Olho para ele, tentando entender tudo aquilo enquanto levo o telefone ao ouvido.

— John? Sam? — Ouço a voz familiar de Seis, parecendo irritada. — Alguém fala comigo.

— Ei, Seis — digo. — É bom ouvir a sua voz.

— Também é bom ouvir a sua — responde ela, com um sorriso audível. — Quer que o coloque em dia com as novidades? Ou devemos ir logo para a parte em que você tenta me convencer a não lutar contra Setrákus Ra e sua nave de guerra?

Não posso deixar de rir da sua petulância. Depois de falar com Sarah e agora conversando com Seis, as coisas já não parecem tão absurdamente opressoras. Definitivamente precisamos enfrentar isso, mas pelo menos não tenho que fazer nada sozinho.

— Quero que você me coloque em dia com as novidades — digo a Seis. — Mas antes preciso mesmo falar com Adam.

— Ah. Certo. Espera um segundo — responde Seis, parecendo surpresa.

Sam me lança um olhar como se eu devesse ter dito logo a Seis e aos outros para fugirem do Santuário. Ainda não tenho certeza se esse é o movimento certo. Sabemos que Setrákus Ra está indo para lá, mas ele não sabe que temos essa informação. Isso nos dá uma rara vantagem. No sonho, Ella me mostrou o Santuário. E me disse para alertar Seis e os outros. Talvez seja lá que a batalha final contra Setrákus Ra será travada. Se for esse o caso, pelo menos acontecerá no meio do nada. Os civis não vão estar em perigo.

Adam atende o telefone, parecendo cansado.

— Como posso ajudar?

— Suas naves de guerra... quer dizer, as naves de guerra mogs, elas são protegidas por campos de força. Me diga como eliminá-las.

Adam bufa.

— Você está brincando, não é?

— Preciso dar alguma coisa ao governo — digo a Adam. — Setrákus Ra estabeleceu um prazo para a rendição e, se eles não virem uma maneira de derrotar a armada inimiga, não vão nos ajudar.

— John, essas naves de guerra foram criadas antes da invasão a Lorien — responde Adam. — Os escudos foram feitos para resistir a ataques de um planeta cheio de Gardes. Não há nenhuma arma na Terra, a não ser uma bomba nuclear, que poderia sequer *potencialmente* passar por eles, e tentar um ataque desse tipo sobre um grande centro populacional seria catastrófico. — Adam hesita, e ouço o barulho da terra sendo triturada sob seus pés. Ele está se movendo em direção a algo. — Mas...

— O quê? Aceito qualquer coisa que você possa me dar, Adam.

— Talvez força bruta não seja a resposta. Estou olhando para uma pista de pouso cheia de Escumadores com defeito. Me ocorreu agora que existem uns cem deles para cada nave de guerra. Eles funcionam como batedores e transportam esquadrões de tropas terrestres. Entram e saem das naves de guerra várias vezes, e por isso é impraticável diminuir o campo de força delas. Então os Escumadores são equipados com um gerador de campo eletromagnético que as camufla com relação ao campo da nave grande, permitindo-lhes passar sem problemas.

Eu devia ter pensado nisso. Agora que Adam refrescou minha memória, percebo que vi essa tecnologia em uso na base de West Virginia. Quando Setrákus Ra chegou à Terra, sua nave passou pelo campo de força da base como se não existisse. Quando tentei persegui-lo, o escudo me fritou.

— Seria possível tirar essa tecnologia dos Escumadores e colocá-la em outra coisa? — pergunto a Adam. — Como, por exemplo, em um avião de caça?

Adam pensa a respeito.

— Possível, sim. Mas, apesar de não ter que se preocupar com os escudos da nave, o avião ainda estaria na mira dos canhões.

Lembro-me do que Ella me mostrou em nosso sonho compartilhado — o convés de pouso de onde ela e Cinco tentaram escapar. Talvez possamos usar a própria tecnologia mog contra eles.

— Poderíamos colocar umas dez pessoas em um desses Escumadores, certo? — pergunto, pensando em um novo plano de ataque.

— Doze, além de dois pilotos — responde Adam rapidamente. — Você está pensando em um ataque menos óbvio.

— Sim. Se pudéssemos entrar em uma dessas naves de guerra, de quantas pessoas você acha que precisaríamos para tomá-la?

Percebo certa empolgação na voz de Adam agora.

— Isso dependeria de quantas dessas pessoas têm Legados. John, já comentei que, quando eu era criança, sonhava em pilotar uma dessas naves de guerra?

Sorrio ao ouvir isso.

— Essa pode ser sua chance, Adam. Obrigado pela informação. Posso falar de novo com a Seis?

Adam se despede e passa o telefone de volta para Seis.

— Você acha que devemos tentar embarcar na *Anúbis*? — pergunta ela. — Sam estava dizendo para corrermos depressa para o mais longe possível daquela coisa.

— Ainda não tenho certeza do que devemos fazer, mas quero conhecer nossas opções — respondo. Olho para Sam e não posso deixar de franzir o cenho. Ele não vai gostar do que vou dizer. — Fique aí, Seis. A ajuda está a caminho.



Pouco tempo depois, Sam e eu caminhamos pelo cais, procurando a agente Walker. Aonde quer que ela tenha ido com aqueles dois militares e o civil, está demorando mais do que eu esperava. Mais à frente, há uma forte presença militar no cais de concreto que se projeta no East River. Quando chegamos, um pequeno grupo de soldados está empenhado tirando caiaques vazios da água e jogando-os em uma pilha fora do caminho para que as

embarcações militares tenham lugar para atracar. Aquele lugar não tinha sido exatamente projetado para encouraçados. Nas últimas vinte e quatro horas, foi transformado em uma espécie de área de concentração de tropas, com um monte de destróieres flutuando ameaçadoramente no canal estreito, as armas apontadas para os restos enfumaçados do centro de Manhattan.

— Como Malcolm está? — pergunto a Sam.

Ele fez uma breve ligação para o pai depois que falamos com Seis.

— Em grande parte aliviado por estarmos vivos. E muito animado com a minha nova... coisa — responde Sam, olhando ao redor para ter certeza de que ninguém está ouvindo. — O governo foi atrás dele e dos agentes do FBI que Walker deixou para trás durante a evacuação de Washington. Acho que ele está recebendo o tratamento bunker VIP. Levaram-no para o mesmo complexo subterrâneo do presidente.

— Talvez ele pudesse nos dar uma força.

— Falei isso para ele — diz Sam. — No momento, meu pai falou que acham que ele é um cientista louco que se especializou em aliens com um monte de animais de estimação.

— Os Chimærae.

— Ele acha que é melhor que pensem que são animais normais, por enquanto. Sei que decidimos confiar no pequeno grupo de rebeldes da agente Walker, mas não existe só a equipe dela em Washington. Alguns dos cientistas por lá... Bem, papai acha que eles podem estar um pouco curiosos demais sobre a biologia alienígena.

Penso em como Adam resgatou os Chimærae das experiências mogadorianas. Por mais que eu queira acreditar que o governo dos Estados Unidos é melhor do que isso, não consigo.

— Ele está certo — respondo. — É melhor mesmo ele evitar que os Chimærae sejam dissecados ou algo assim até precisarmos deles. Nesse meio-tempo, eles podem cuidar do seu pai.

— Sim... — Sam hesita. Percebo que ele quer mudar de assunto, principalmente porque não relaxou desde que falamos com Seis. — John, ainda não acredito que você disse a eles para continuarem lá.

Vou ligar para Seis assim que eu descobrir quanto apoio posso conseguir de Walker e do governo. Até isso acontecer, eles vão ficar no Santuário. Eles têm algum tempo até Setrákus Ra aparecer.

— Você realmente acha que Seis teria saído de lá se eu dissesse para ela fazer isso? — retruco. — Também não gosto de colocá-los em perigo, Sam, mas...

— Ah, John, por favor. A *Anúbis* quase nos matou ontem! Éramos como formiguinhas contra aquela coisa. Ou nem isso. Que chance eles têm?

— Ella me disse que Setrákus Ra quer o que está no Santuário, que eu suponho que seja essa Entidade Lórica de que a Seis falou. Não podemos deixar que ele invada o templo sem nenhuma resistência. Nada de bom pode vir de Setrákus conseguir o que quer.

— Mas como eles vão combatê-lo? O que vai adiantar ficarem lá? — pergunta Sam, levantando a voz. — Eles não podem sequer machucá-lo. Não sem...

— Eu sei qual é a situação, Sam — disparo, perdendo a calma. — Vamos encontrar uma maneira de chegar lá e ajudá-los, certo? Ella me *mostrou...* me mostrou o Santuário, me disse para avisar Seis e os outros, e também me disse que podemos vencer. Que ela viu um caminho. Tudo começa lá.

Omito as partes em que Ella contou que haveria sacrifícios e em que insinuou que eu poderia ser a pessoa que a mataria. Essa parte da profecia eu farei de tudo para mudar. Sei que Sam só está me pressionando porque está preocupado com os outros e com Seis em particular. Também estou preocupado com eles. Mas confio em Seis para manter a calma e tomar as próprias decisões.

Antes que Sam possa tentar uma réplica, vejo Walker à nossa frente e acelero o passo. A agente do FBI está cercada por vários oficiais militares de alta patente. Tenho que abrir caminho através de uma multidão de soldados para me aproximar dela. Recebo alguns olhares decepcionados a princípio, por parecer apenas um civil que sobreviveu a um desastre natural. Quando começam a perceber quem sou, abrem caminho rapidamente. Já não fico mais tão surpreso com esse tratamento, e tento não ficar desconfortável com isso. Um dos soldados até me saúda, embora o colega de pé ao seu lado lhe dê uma cotovelada com força e revire os olhos.

Walker me vê chegando e se afasta dos figurões militares. Noto que eles me observam, mas parece que Walker estava certa sobre as pessoas de alto escalão evitarem o contato direto conosco, os perigosos rebeldes lorienos. Eles se retiram e se reúnem novamente mais adiante no cais, e muitos soldados os acompanham. Quando chegam lá, começam a apontar para o East River e conversar. Alguma coisa com relação à água

definitivamente os preocupa. Começo a aguçar minha audição para ouvir o que os deixou tão assustados, mas Walker já está bem na minha frente.

— Que bom que você está aqui. Eu já estava voltando para falar com você. — Ela está segurando o tablet do civil que apareceu em sua barraca mais cedo, embora o homem não esteja mais por ali. Walker deve ter confiscado seu tablet e o mandado embora.

— Descobri como derrotar os campos de força das naves de guerra. Sei como podemos passar por eles — informo a Walker, indo direto ao ponto.

Ela ergue as sobrancelhas.

— Caramba, John. Isso foi rápido. Com certeza os rapazes do Exército ficarão interessados.

— Bom. — Lanço um olhar penetrante para os oficiais reunidos no cais. — Preciso chegar ao México, Walker. E tem que ser nas próximas horas. Haverá uma batalha lá que não posso perder. Preciso de qualquer apoio que possam me oferecer.

— Você vai completar com algum “ou então”? — pergunta Walker, fechando a cara. — Vou fazer todo o possível, mas já lhe disse a posição dos militares. Isso vem direto do comandante-chefe.

— Sim, bem, conte a eles que sei como passar pelos campos de força. Meus amigos estão em uma pista de pouso no México. Então é melhor mandarem logo alguns jatos malditos para me levarem até lá.

Walker levanta a mão, para me mostrar que já me ouviu.

— Está bem, está bem. Vou fazer o melhor que conseguir. Mas temos outros problemas para resolver antes de sairmos para sua

zona de segurança especial lórica ou que diabos seja aquilo.

— Uau — diz Sam. Ele se aproxima da grade e está olhando para a água. — Eles têm um submarino ali.

— Sim — responde Walker. — Antes que você vá a qualquer lugar, John, quero que dê uma olhada nisso.

Ela fica ao meu lado e passa um vídeo no tablet. É uma gravação tremida do início daquela manhã, quando a *Anúbis* deixou Manhattan e deslizou no céu sobre a ponte do Brooklyn. O câmara parecia nervoso e o áudio está misturado a gritos e soldados gritando ordens uns para os outros. Depois de um tempo, a sinistra nave de guerra some de vista.

— O que eu devia estar vendo, Walker?

— Foi o que eu disse. Também não vi na primeira vez — responde Walker, passando a gravação de novo. — Aparentemente, os milhares de militares altamente treinados também não notaram isso acontecer em tempo real. Observe o rio agora.

Sam se aproxima mais, estreitando os olhos para ver o vídeo.

— Alguma coisa cai da nave — afirma ele, categoricamente, apontando para a tela.

Ele tem razão. Um objeto arredondado mais ou menos do tamanho da nave de fuga em forma de pérola de Setrákus Ra cai da parte inferior da grande nave. Então atinge o East River, espirrando água e afundando imediatamente.

— Já viu algo assim antes? — pergunta Walker.

Balanço a cabeça.

— Eu nem sequer tinha visto uma das naves de guerra até a *Anúbis* atacar Nova York.

Walker suspira.

— Então continuamos no escuro.

— Eles estão mandando o submarino procurar o que quer que fosse aquilo? — pergunta Sam.

Walker confirma.

— O rio só tem cerca de trinta metros de profundidade, mas eles não querem correr o risco de mandar mergulhadores caso seja algum tipo de arma ou armadilha.

— O que mais poderia ser? — pergunto a Walker, colocando as mãos na cintura e me virando para observar o rio.

Adicione esse objeto misterioso à longa lista de preocupações na minha cabeça.

— O pessoal do alto escalão espera que só tenham derrubado algo por acidente, que seja algo que caiu da nave e que possamos estudar ou usar contra os mogadorianos, entender melhor o que estamos enfrentando.

— Setrákus Ra não faz nada por acidente.

— Então você está dizendo que não deveríamos mandar ninguém lá embaixo? — pergunta Walker, uma sobrancelha erguida. — Você não está curioso, John?

Antes que eu possa responder, ouvimos pneus cantando no fim do cais. Um dos jipes do Exército se aproxima depressa e o condutor tem que pisar forte no freio quando chega ao grupo de soldados circulando por ali. Dois soldados, uma motorista e seu passageiro, saltam do carro. A motorista tira o capacete, revelando uma cabeleira preta suada. Ela abre depressa a porta de trás e outro soldado dá a volta para ajudá-la a tirar um terceiro soldado do carro. Ele parece ferido, embora de longe eu não consiga

avaliar a gravidade. Outros militares se aproximam, tentando ajudar os recém-chegados.

— Onde eles estão? — grita a mulher. — Onde está o alienígena? Onde está aquela vaca do FBI?

Sinto um nó na garganta. Setrákus Ra deu um prazo para entregarem os Gardes. Talvez esses soldados tenham decidido que chegou a hora. Mesmo assim, dou um passo à frente. Não vou me esconder. De qualquer forma, os soldados reunidos no fim do cais estão apontando na minha direção. Não há para onde ir. Olho para trás e vejo os caras mais velhos do alto escalão, os coronéis e generais e não sei mais quem; todos eles se viraram para assistir ao desenrolar da cena. E não parecem interessados em intervir se isso ficar perigoso.

Ou talvez eu esteja apenas sendo paranoico. Talvez percebendo que fiquei tenso, Walker coloca a mão no meu braço.

— Deixe que eu resolvo isso — diz ela.

— Nós nem sabemos ainda do que se trata — respondo, caminhando para encontrar os soldados.

— Ele não parece nada bem — diz Sam, olhando para o soldado que agora está sendo carregado pela motorista e seu parceiro assustado.

A parte da frente da farda do soldado ferido está encharcada de sangue. Ele está quase inconsciente e precisa ser amparado pelos outros. O soldado que cuida dele não está ferido, mas ainda assim parece um zumbi. Em estado de choque. Apenas a motorista está bem, e fuzilando a agente Walker com o olhar.

— O que aconteceu, soldado? — pergunta Walker quando o trio para a poucos metros de nós.

Vejo que o sobrenome bordado na camisa da motorista é Schaffer.

— Nós estávamos fazendo o que *você* disse. Procurando por ele e seus amigos — responde Schaffer, erguendo o queixo na minha direção. Então havia outras unidades na cidade além daquela que nos trouxe da estação de metrô. — Achamos que tínhamos encontrado um sobrevivente, mas fomos atacados.

— Foram os mogadorianos que fizeram isso? — pergunto, dando um passo em direção ao soldado ferido. A camisa dele está rasgada, assim como o colete à prova de balas por baixo. Isso aconteceu enquanto ele estava lá fora, tentando me ajudar. — Segure firme. Vou curá-lo.

Com Schaffer e o outro soldado segurando seu parceiro ferido, começo a tirar cuidadosamente a camisa e o colete. Schaffer fica olhando furiosa para mim o tempo todo.

— Você não está ouvindo — dispara Schaffer. — Encontramos um garoto, e parecia que ele era feito de metal. Pensei que era um desses Gardes esquisitos como você, então dissemos que iríamos trazê-lo até aqui. Ele nos atacou com uma lâmina. *Voou* para cima de nós. Era mais rápido do que qualquer coisa que já vi. Tirou nossas armas e fez *isso* com Roosevelt.

Engulo em seco. Só agora percebo que não foi só um corte. Uma mensagem foi retalhada na pele do soldado.

5

— Onde ele está? — pergunto, minha voz fria como gelo.

— Ele nos mandou até aqui para dar um recado — responde Schaffer. — Disse que estará na Estátua da Liberdade ao pôr do sol. Quer que você vá encontrá-lo.

— Tinha alguém com ele? — pergunta Sam.

— Um cara grande, de cabelos escuros. Inconsciente — diz Schaffer. Ela se vira de volta para mim. — Ele pediu que a gente dissesse o que vai acontecer se você não for. Não sei o que essa merda significa... ele falou para você encontrá-lo lá ao pôr do sol ou vai lhe dar uma nova cicatriz.

CAPÍTULO

TREZE

ESTAMOS À BEIRA do gramado em frente ao Santuário, lado a lado, de costas para o templo. Juntos, olhamos para o horizonte, para o norte. É de lá que a nave de guerra de Setrákus Ra virá. Temos até o pôr do sol.

Nós três somos a última linha de defesa.

O dia ficou ainda mais quente. Pelo menos isso me deixa fingir que o suor que encharca a minha camisa é só fruto do calor.

Aponto em direção às árvores.

— Os mogs nos fizeram um favor desmatando todo esse pedaço — digo, tentando calcular a distância. — Acho que conseguiremos ver a nave a pelo menos um quilômetro e meio daqui.

— Eles também vão nos ver — argumenta Adam, a voz sombria. — Eu não sei, Seis. Isso parece loucura.

Eu esperava que Adam dissesse algo assim. Sabia pelo seu olhar durante nossa conversa com John e Sam que ele era contra ficarmos aqui para lutar com Setrákus Ra e sua nave de guerra.

— Setrákus Ra não pode entrar no Santuário — diz Marina, antes que eu possa responder. — É um lugar lórico. Um lugar sagrado. Ele iria maculá-lo. O que quer que ele queira, temos que impedi-lo de conseguir.

Olho para Marina e depois para Adam, e dou de ombros para o mog.

— Você a ouviu.

Adam balança a cabeça, cada vez mais frustrado.

— Olha, eu compreendo que este lugar seja especial para vocês, mas não vale a pena arriscarmos nossas vidas por isso.

— Eu discordo — responde Marina secamente.

Ela definitivamente está decidida. Não há nenhuma maneira de ela deixar o Santuário agora, não depois de tudo o que aconteceu ali.

— Nós fizemos o que tinha que ser feito — argumenta Adam. — Alguns dos humanos têm Legados agora. Não há nada que Setrákus Ra possa fazer para mudar isso. Ele vai chegar tarde demais.

— Não temos certeza disso — respondo, olhando para o Santuário. — Se entrar lá, ele pode... Eu não sei. Reverter o que fizemos, talvez. Ou fazer algo para ferir a Entidade.

Adam franze o cenho.

— Ele controla seu planeta natal há mais de uma década e nunca foi capaz de tirar seus Legados. Não permanentemente, pelo menos.

— Porque Lorien estava *aqui* — responde Marina enfaticamente. — Tem estado escondida aqui e agora ele a encontrou. Não podemos deixá-lo tocar a Entidade. As consequências podem ser catastróficas.

Adam joga as mãos para o alto.

— Você não está sendo racional!

Desvio o olhar em direção à pista de pouso cheia de Escumadores com defeito. E, é claro, meus olhos encontram Phiri Dun-Ra. Ainda amordaçada e amarrada a um suporte de roda, ela fez um esforço para se sentar mais reta, provavelmente tentando ouvir nossa conversa. Pela maneira como seu rosto se contrai em volta da fita adesiva, percebo que ela está sorrindo para mim. Me lembro do que ela disse mais cedo naquela manhã, quando tentava me convencer de que Adam estava, na verdade, armando contra a gente.

— Você não acha que temos chances de vencer, então tem medo de lutar — digo sem rodeios, lamentando as palavras assim que deixam minha boca.

Adam se vira para mim, depois segue meu olhar até Phiri. Ele deve ter feito a ligação entre o que acabei de falar e a provocação da mog hoje mais cedo. Então balança a cabeça, enojado, e se afasta alguns passos de mim.

Marina me cutuca, sussurrando:

— Seis...

— Me desculpe, Adam — digo rapidamente. — Sério. Foi um golpe baixo.

— Não, você está certa, Seis — responde Adam secamente, dando de ombros. — Sou um covarde porque não quero morrer hoje. Sou um covarde porque, quando menino, assisti do convés de uma daquelas naves de guerra *seu* planeta ser destruído. Sou um covarde porque acho que devemos encontrar uma maneira melhor. Uma maneira mais inteligente.

— Tudo bem, Adam — digo, sentindo um aperto no peito à sua menção casual da destruição de Lorien. — Nós entendemos.

— Pode não ser inteligente — acrescenta Marina —, mas é o certo.

Adam vem em nossa direção.

— Nesse caso, qual de vocês vai fazer? — questiona ele, ácido.

— Fazer o quê? — pergunto.

— Matar Ella — responde ele. — Todos nós ouvimos o que John disse. Setrákus Ra a prendeu em sua própria versão do antigo encantamento lórico. Vocês não podem atingi-lo sem feri-la primeiro. Nem conheci a garota e posso lhes dizer com toda a certeza que *eu* não vou fazer isso. Então me digam: qual de vocês vai matar sua amiga?

— Ninguém — digo, assertiva, olhando nos olhos de Adam. — Vamos descobrir um jeito de deter Setrákus Ra sem machucá-la.

Adam olha para o sol, como se tentasse descobrir quanta luz do dia ainda temos.

— Ótimo — diz Adam. — Fantástico. Nossos recursos são algumas naves avariadas e o que mais conseguirmos encontrar na selva. Me diga como você vai deter Setrákus Ra na situação em que estamos, Seis.

— John disse que chegariam reforços, os militares...

— Ele disse que ia *tentar* — retruca Adam, praticamente gritando. — Olha, confio em John, mas ele está a milhares de quilômetros de distância. Agora, aqui? Somos só nós. Estamos sozinhos nisso.

— A ajuda está a caminho — diz Marina. Sua voz ainda é calma, mas percebo que está mais tensa. As palavras de Adam estão tirando-a do sério.

— O Santuário vai nos mostrar uma forma de lutar.

Adam pensa nisso por um instante antes de revirar os olhos.

— Um milagre. É por isso que vocês duas estão esperando? Um milagre! Sei que vocês acordaram aquela coisa lá dentro, e que ela deixou que falasse com seu... seu amigo uma última vez. Mas isso é *tudo* o que ela vai fazer, OK? Ela não vai nos ajudar mais. Não acredita em mim? Talvez pudéssemos perguntar a alguns dos lorienos o quanto essa Entidade os ajudou durante a última invasão mogadoriana. Se eles não estivessem todos mortos.

O ar à minha volta fica frio. A princípio, achei ótimo ter um descanso do calor opressivo da selva, mas então me dou conta de que é Marina tendo um acesso de cólera à sua própria maneira. Ela dá um passo em direção a Adam, os punhos cerrados, deixando de lado na mesma hora toda aquela postura serena.

— Não fale sobre o que você não sabe, seu monstro! — grita ela, apontando o dedo para ele. Um sincelo sai do dedo indicador da Marina e se crava na terra aos pés de Adam. Imediatamente, o gelo começa a derreter. Adam dá um passo para trás, surpreso, olhando para Marina.

— Chega — digo, me colocando entre os dois. — Isso não vai nos levar a lugar algum.

Da pista de pouso, Phiri Dun-Ra emite uma série de ruídos abafados. Percebo que ela está rindo da gente. Procuro ignorá-la, me viro e pego Marina pelos ombros. Sua pele está fria.

— Por mais que eu ame essa refrigeração no momento, você precisa se afastar um pouco — digo a ela.

Marina me olha com incredulidade, como se achasse que eu me virei contra ela. Balanço a cabeça suavemente e arqueio as sobrancelhas, para lhe mostrar que não é isso. Ela suspira, passa a mão pelo cabelo e caminha em direção ao Santuário.

Adam mal olha para mim, está absorto observando o sincelo que Marina lançou em direção a ele derreter.

— Sorte sua ela não ter arrancado seu olho — digo, só parcialmente brincando.

— Eu sei — responde ele, finalmente olhando para mim. — Seis, olha, eu sinto muito. Não devia ter mencionado Lorien. Eu não... não devia ter feito isso.

— Pode apostar que não — digo, me aproximando. — Mas tudo bem, você está nervoso, vou deixar passar. Mas não fale sobre nossas famílias mortas e nosso planeta massacrado novamente, OK? Porque tive vontade de socar a sua cara.

Adam faz que sim.

— Entendido.

— Ainda não estou certa de que você entendeu — respondo, baixando o tom de voz e chegando ainda mais perto. — Quero deixar isso perfeitamente claro para você, Adam. Não tenho nenhuma intenção de morrer aqui hoje. Você acha que não percebo que as chances estão contra nós? Cara, não preciso que alguém me explique isso. Mas você não consertou magicamente um desses Escumadores enquanto eu não estava olhando, não é?

Ele fecha a cara.

— Você sabe que não, Seis.

— Então estamos presos aqui até os reforços chegarem. E se estamos presos aqui, vamos lutar. Você me entendeu?

— Nós poderíamos correr — responde Adam, apontando para a selva. — Não precisamos de uma nave para fugir.

— Veja deste modo. Sair correndo para a selva nunca vai deixar de ser uma opção — admito. — Se a *Anúbis* chegar aqui e as coisas não saírem do nosso jeito, nós corremos.

— Corremos mesmo? — pergunta Adam, olhando na direção de Marina. — Todos nós?

Viro a cabeça para observá-la. Ela está de costas para nós, respirando fundo, acalmando-se. Está olhando para o Santuário de novo, como fez a

maior parte do dia. Marina desenvolveu uma devoção quase religiosa ao antigo templo. Eu entendo por quê — nossa experiência com a Entidade foi bastante intensa, talvez ainda mais para uma menina que foi criada junto a um monte de freiras. Sem contar que o cara que ela amava está enterrado lá dentro. Para ela, o Santuário se tornou tanto um símbolo religioso quanto um túmulo.

— Eu a arrasto daqui se for preciso — digo a Adam, séria.

Adam parece satisfeito com a resposta. O olhar frenético que exibiu minutos antes se foi, sendo substituído pelo frieza calculista típica dos mogadorianos. Nunca pensei que fosse realmente ficar feliz em ver aquela expressão no rosto de alguém.

— Posso começar a remover os sistemas de camuflagem do campo de força para o John e continuar tentando consertar o Escumador, mas nenhuma dessas coisas vai nos ajudar a defender este lugar ou sobreviver a um ataque da *Anúbis*. — Ele olha para mim, as sobrancelhas arqueadas. — Então qual é o nosso plano para não morrer?

Boa pergunta.

Dou uma olhada em volta. Elaborar um plano para essa coisa toda é algo em que ainda estou trabalhando. Como impedir Setrákus Ra de fazer o que quer que esteja planejando com o Santuário? Como vamos sequer machucá-lo sem pôr Ella em perigo? Mais uma vez, meu olhar corre para Phiri Dun-Ra. Ela não está mais rindo de nós; em vez disso, nos observa como um falcão. Penso em suas mãos, presas ao suporte da roda, e a forma como foram enfaixadas, os curativos sujos de terra cobrindo queimaduras elétricas causadas pelo campo de força do Santuário. Os mogs passaram anos ali, tentando entrar no Santuário para cair nas graças de seu Adorado Líder. É uma pena que a gente não tenha visto uma chave geral ou painel de controle dentro do Santuário para religar esse campo de força.

— Pelo menos sabemos aonde ele vai — digo em voz alta, ainda pensando. — Setrákus Ra quer entrar no Santuário, então vai ter que descer

de sua poderosa nave. Isso nos dá uma chance.

— Uma chance de fazer o quê? — pergunta Adam.

— Não podemos machucar Setrákus Ra sem ferir Ella, o que significa que não podemos usar a força para impedi-lo de entrar no Santuário. Mas se ele conseguir Ella e o Santuário, bem, talvez devêssemos tirar alguma coisa dele.

Adam acompanha meu pensamento.

— Você está pensando...?

— Você falou que sempre quis pilotar uma dessas naves de guerra. Seja lá o que Setrákus Ra queira com o Santuário, ele não poderá levar para lugar algum — digo, sentindo um plano começando a tomar forma. — Porque vamos resgatar Ella e roubar a nave dele.



Trabalhamos em silêncio, a tensão ainda no ar entre Marina e Adam. Examinamos o equipamento que os mogadorianos deixaram para trás. Há caixotes empilhados em uma das barracas maiores, um verdadeiro arsenal de armas e ferramentas que os mogs mandaram para cá e acabaram se quebrando contra o campo de força do Santuário. Há uma série de armas mogadorianas, mas o resto do equipamento parece ter sido fabricado na Terra mesmo. Há caixotes de armas com um selo das Forças Armadas americanas, equipamentos de mineração enviados da Austrália e o que Adam me diz que são granadas experimentais cobertas de inscrições chinesas. Adam já tinha visto essas coisas antes, quando estava procurando peças sobressalentes dos Escumadores, então ele sabe onde cada coisa está.

— Queremos explosivos — digo a ele. — O que eles têm?

Com cuidado, Adam move alguns caixotes de lugar antes de abrir um cheio de blocos de uma substância bege que me lembra argila.

— Explosivos plásticos — diz ele. — C-4, eu acho.

— Você sabe como usar essa coisa?

— Um pouco — responde Adam, e começa a empurrar com cuidado para o lado alguns objetos no caixote. Além do C-4, há também alguns fios e cilindros que suponho terem algum papel na detonação. Após uma busca rápida, Adam sorri e mostra um pequeno livreto. — Instruções.

— Perfeito — murmura Marina.

— Quantas bombas no total? — pergunto.

Adam faz uma contagem rápida dos blocos de argila.

— Doze. Mas posso dividi-los em partes menores, se você quiser. Quanto menor o bloco, menor a explosão. E só temos uma dúzia de detonadores, então os menores teriam que ficar ligados uns aos outros.

Antes de responder, coloco a cabeça para fora da barraca e conto os Escumadores na pista de pouso. Dezesseis, incluindo o que Adam está tentando consertar e aquele ao qual amarramos Phiri Dun-Ra.

— Doze deve dar — digo a Adam. — Não vá se explodir, OK?

— Vou fazer de tudo para isso não acontecer.

— Ótimo. Vamos lá, Marina.

Pego um saco de estopa vazio na barraca dos suprimentos mogs e vou para a pista de pouso. Marina me segue.

— O que exatamente vamos explodir, Seis? — pergunta ela.

— Só um instante — digo, me aproximando do Escumador a que Phiri Dun-Ra está presa.

Ela me vê chegar, o olhar furioso, já não mais rindo. Acho que ela sabe o que vai acontecer. Tenta se libertar do cabo que a prende, mas não pode fazer muito mais para me impedir de colocar o saco em sua cabeça.

— Cansada de olhar para ela? — pergunta Marina.

— Sim, isso também. E não quero que ela veja o que estamos fazendo. — Vou com Marina para longe de nossa prisioneira, até os outros Escumadores na pista de pouso. — Vamos passar um fio e conectar todas as naves. Imagino que Setrákus Ra não venha sozinho, haverá outros mogs com ele.

Não temos o campo de força para mantê-los fora do Santuário, mas podemos explodi-los se chegarem perto.

Graças a Phiri Dun-Ra, nenhum dos Escumadores está em condições de se mover por conta própria. Marina e eu usamos a telecinesia para guiar as naves, uma a uma, até o local planejado. Com nós duas trabalhando em conjunto, o peso não é tanto, pelo menos depois que conseguimos fazer as rodas rolarem. Deixamos os Escumadores a cerca de trinta metros um do outro, em um semicírculo em frente à entrada do Santuário. As naves estão posicionadas quase na mesma linha do campo de força do Santuário.

Agora que movemos a maioria das naves, há um grande espaço vazio na pista de pouso.

— Vamos esperar que Setrákus Ra pare sua maldita nave no lugar mais óbvio possível — digo, traçando um caminho no ar com o dedo, indo da pista de pouso à entrada do templo. — Só há um caminho para o Santuário, então os mogs terão que passar pelos Escumadores, que é onde vamos esconder as bombas.

— Isso vai eliminar, pelo menos, o primeiro grupo — diz Marina.

— Sim, e espero que isso os deixe confusos e à espera de um ataque, para que Adam e eu possamos passar escondidos por trás deles e embarcar na *Anúbis*.

Marina franze o cenho, confusa.

— Espera. Onde eu entro nisso tudo?

Antes que eu consiga responder, Adam emerge do arsenal mogadoriano com uma sacola cheia de explosivos plásticos. Ele olha o que fizemos até então e acena a cabeça em aprovação. Então caminha até nós, coloca a sacola no chão e tira de lá um grande controle remoto.

— Dê uma olhada nisto — diz Adam. — Acho que os mogs estavam usando explosões sequenciadas para eliminar o campo de força, acreditando que talvez detonações a intervalos regulares surtiriam efeito.

Ele me dá o controle remoto. Tem uma fileira de vinte interruptores, cada um com uma luz vermelha e verde correspondentes. Doze das luzes vermelhas estão acesas. Adam fica ao meu lado, explicando como o dispositivo funciona.

— Todos os detonadores podem ser acionados remotamente — diz ele, e desloca o interruptor mais à esquerda do controle um nível acima. A pequena luz do interruptor muda de vermelho para verde. — Armei a primeira bomba.

Olho para a sacola aos nossos pés, repleta de explosivos plásticos, e em seguida volto a analisar o controle. Será preciso guiar o interruptor em torno de um pequeno dente de metal para ele chegar ao terceiro nível, provavelmente para impedir que o dedo de alguém escorregue. Ainda assim, estou um pouco nervosa com essa demonstração.

— Hmmm, tudo bem...

— Segurança em primeiro lugar. — Adam move o interruptor de volta para a posição original, fazendo a luz vermelha voltar a acender. — Se você levar o interruptor todo para cima, o detonador vai receber o sinal para disparar a carga, e a bomba vai explodir.

Assinto, e em seguida entrego o controle remoto para Marina.

— Entendeu tudo?

— Sim, mas... — começa ela, franzindo o cenho.

— Você perguntou o que faria — digo. — Você estará escondida na selva, controlando as entradas do Santuário.

Marina entende minha sugestão na hora e abre um sorriso.

— O prazer será todo meu.

Adam caminha pelas naves, colando pacotes do tamanho de lancheiras com explosivos na parte inferior de cada Escumador. Um mogadoriano cauteloso até os notaria, mas não antes que fosse tarde demais.

Enquanto isso, Marina e eu posicionamos outros dois Escumadores na beira da selva e apontados para a entrada do Santuário.

— Podemos criar um fogo cruzado aqui — digo, abrindo a cabine de um dos Escumadores. — Se a sua telecinesia for suficientemente forte para acionar os controles...

— Terá que ser — responde Marina.

Adam se aproxima, liga os sistemas de armas dos Escumadores e explica que botões apertar para acionar os canhões. Marina passa um longo tempo estudando os controles, memorizando-os, gravando-os na memória. Então se afasta lentamente dos Escumadores e se acomoda em um lugar na selva longe das naves preparadas para explodir, mas perto o suficiente para ter uma visão clara de todo o campo de batalha. É desse ponto escondido que ela vai defender o Santuário.

Marina se concentra. Ela estende uma das mãos em direção ao Escumador.

— Ugh — diz ela, depois de um instante, esfregando a ponte do nariz. — Não sei, Seis. É difícil usar a minha telecinesia em algo que não posso ver.

Tentamos uma tática diferente. Adam e eu caminhamos pela selva, posicionando armas mogadorianas na grama alta e nas árvores. Nós as camuflamos com galhos e folhas soltos, o suficiente para que um guerreiro mog não as note logo, mas não tão escondidas que Marina não possa vê-las. Do seu esconderijo, ela testa cada uma, puxando telecineticamente o gatilho, disparando uma rajada em direção à clareira em frente ao Santuário.

— Ótimo — digo. — Você nem precisa acertar ninguém, Marina. Só precisa fazê-los pensar que o ataque está vindo de todos os lados.

Agora que acabamos, só restaram dois Escumadores na pista: aquele em que chegamos e que Adam está tentando reparar e a nave à qual prendemos Phiri Dun-Ra. Estou satisfeita com o que fizemos até agora. É bom estar fazendo *alguma coisa*, pelo menos.

— Está ótimo, Seis — diz Marina, com os braços cruzados, olhando para as naves mogadorianas agora dispostas como guardas em frente ao Santuário. — É uma estratégia perfeita caso Setrákus Ra mande seus guerreiros

entrarem. Mas e se ele mesmo estiver na linha de frente? Machucá-lo significaria machucar Ella. Não podemos correr esse risco.

— Você está certa — respondo. — Vamos ter que descobrir uma maneira de pelo menos atrasá-lo.

Sigo em direção à passagem que leva ao Santuário e finjo não perceber quando Adam diminui a velocidade, tocando gentilmente no cotovelo de Marina. Eles caminham mais devagar, mas estão apenas alguns passos atrás de mim. Com minha audição melhorada, é praticamente impossível para mim não ouvir a conversa.

— Sinto muito pelo que falei hoje mais cedo — diz Adam para ela, baixinho. — Peguei pesado.

— Tudo bem — responde Marina, com delicadeza. — Eu não deveria ter chamado você de monstro. Falei no calor do momento. Eu não acho isso de verdade.

Adam ri, em tom de escárnio.

— Sabe, já me perguntei muito ao longo dos anos se... se "monstro" não é realmente uma boa palavra para nós.

Marina faz um barulho, como se prestes a dizer algo mais, mas Adam a corta.

— Está tudo bem... sinto muito mais uma vez, por tudo. Sei como é perder alguém de quem você gosta. Eu não devia... Não serei tão pessimista de novo com relação a deixar este lugar. Entendo por que é tão importante. O que ele significa.

— Obrigada, Adam.

Eu me viro, como se não tivesse prestado atenção à conversa desde o início. Estamos em frente ao que costumava ser a porta escondida do Santuário. É um arco de pedra estreito que dá para uma escada que desce até a câmara oculta sob o templo.

— Então — digo, as mãos nos quadris —, como atrasamos o mogadoriano mais poderoso do universo sem feri-lo, ao mesmo tempo em que roubamos

sua nave sem que ele perceba?

Adam levanta a mão.

— Tenho uma pergunta.

Posso ver as engrenagens girando em sua cabeça.

— Manda.

— Todo esse plano está baseado em possibilidades... Setrákus Ra ir para a porta, Setrákus Ra mandar guerreiros, Marina conseguir distraí-los com algumas bombas e armas fantasmas. — Estou prestes a interrompê-lo, preocupada com a possibilidade de ele estar surtando novamente, mas Adam continua. — É a melhor opção que temos, concordo com você. Mas, supondo que funcione, supondo que a gente consiga roubar a *Anúbis* enquanto Setrákus Ra estiver fora dela. E então? O que fazemos em seguida? Ainda não podemos matá-lo.

— Mas ele também não poderá nos matar — respondo.

Sei que não é exatamente a pérola estratégica que Adam estava esperando, mas sinceramente ainda não pensei em nada a longo prazo. Tenho andado muito focada em nossa sobrevivência imediata.

— Talvez possamos negociar — sugere Marina, sem entusiasmo. — Por Ella, ou o Santuário...

— Por mais que ele afirme fervorosamente o contrário, Setrákus Ra não tem honra — diz Adam. — Não há como fazer uma negociação.

— Então estaremos empatados — digo. — E isso é melhor do que perder, certo?

Adam reflete, fazendo um buraco com o calcanhar no chão de terra em frente ao arco.

— Tudo bem — diz Adam. — Então sugiro que a gente cave um buraco.

— Um buraco?

— Um poço — continua Adam. — Em frente à porta. Bem grande. Então nós o cobrimos e deixamos Setrákus Ra cair nele.

Enfio o dedo do pé na terra. Graças às sombras do Santuário e às plantas ali perto, o solo é macio e um pouco úmido, diferente da terra da pista, batida e torrada pelo sol. Todos os nossos Legados, aquele arsenal de armas mogs, um monte de C-4 — e agora estamos cogitando cavar um buraco.

— Bem, ele é exatamente o tipo de idiota que não olha por onde anda, principalmente se estiver todo excitadinho para entrar no Santuário.

— Nossa, que imagem horrível — responde Adam.

— Quando ele estiver lá embaixo, posso cobrir o buraco de gelo do meu esconderijo — diz Marina, comprando a ideia de Adam. — Isso irá atrasá-lo ainda mais.

— Bem, pelo menos vai ser hilário vê-lo cair em um buraco — acrescento, otimista.

— Vai ter que ser um buraco bem grande — diz Adam, esfregando o queixo, pensativo. — Ele pode mudar de tamanho.

— Ainda bem que temos nossos Legados para nos ajudar a escavar — respondo. — Mesmo que isso só nos dê alguns minutos, pode ser o suficiente para entrarmos na *Anúbis*.

— Só mais uma coisa, e já adianto que você pode não gostar dessa ideia — diz Adam a Marina, gesticulando em direção à porta do Santuário. — Mas talvez devêssemos derrubá-la. Será mais uma coisa no caminho de Setrákus Ra.

É uma boa ideia, mas olho para Marina antes de dizer qualquer coisa. Ela pensa sobre isso por um momento e, em seguida, dá de ombros.

— São apenas pedras — diz ela. — O importante é a gente proteger o que está lá dentro.

— Devo pegar um pouco do C-4? — pergunta Adam.

— Acho que posso cuidar disso — respondo, já me conectando com meu Legado e canalizando uma pequena tempestade.

O ar fica pesado enquanto eu reúno uma nuvem negra bem acima de nossas cabeças, as gotas de chuva começando a cair. Movimento minha mão

para baixo, e quatro raios rasgam o céu em um ângulo que a Mãe Natureza não pode esperar para duplicar. Os raios descrevem um arco até a entrada do Santuário e explodem no calcário decrépito, fazendo a passagem desabar sobre si mesma soltando uma rajada de ar mofado.

Dou um passo à frente e observo minha obra de arte. A entrada agora está cheia de cascalho, e parte da parede interna obviamente também desabou. É claro que não vai impedir que um exército de mogs entre no Santuário para sempre, e Setrákus Ra com certeza vai conseguir tirar os escombros com sua telecinesia. Ainda assim, é melhor do que nada.

Enquanto isso, pensativa, Marina dá alguns passos calculados em torno da entrada do Santuário, medindo alguma coisa. Quando termina de percorrer quase um quadrado perfeito em frente à entrada, ela me olha.

— Cerca de nove metros de cada lado, não acha? — me pergunta ela. — Para o poço?

— Acho que resolveria.

— Deixe-me tentar algo — diz Marina, e então se concentra.

Ela se afasta cerca de nove metros a partir da entrada do Santuário, abanando o ar com as mãos. Uma parede de gelo começa a tomar forma ao longo do caminho de Marina, embora a borda inferior não faça contato com o chão.

— Ajude-me a mantê-la no lugar, OK? — pede Marina.

Não estou muito certa de onde isso vai dar, mas faço o que ela pede. Usando minha telecinesia, seguro a camada de gelo criada por Marina. Noto que o gelo é mais espesso na parte superior e se estreita até uma ponta letalmente afiada na parte de baixo, quase como se fosse a lâmina de uma guilhotina. Ela faz o mesmo caminho de um segundo atrás, dessa vez gerando gelo enquanto se movimenta. Depois de alguns minutos, Marina criou um cubo de gelo oco, de aproximadamente nove por nove metros, sem cobertura ou base. O gelo paira sobre o chão, pingando água, e Marina tem que usar continuamente seu Legado para impedi-lo de derreter.

— O que acontece agora? — pergunta Adam, observando a cena.

— Nós o levantamos — diz Marina, referindo-se a nós duas. — E então nós o puxamos para baixo o mais forte que pudermos. Pronta, Seis?

Sigo suas instruções, usando minha telecinesia para levantar a escultura de gelo cerca de seis metros acima do solo.

— Pronta? — pergunta ela, olhando para mim. — Agora!

Juntas, empurramos o gelo em direção ao chão. Ouvimos um som abafado quando as bordas afiadas entram na terra, seguido pelo som de vidro se quebrando à medida que rachaduras se formam rapidamente no gelo e começam a se espalhar. De modo geral, o gelo não perfura muito a terra, cerca de um metro, no máximo. Mas Marina parece satisfeita com o resultado.

— Está bem, está bem! Espera um segundo!

Ela caminha ao redor da caixa de gelo, as quatro paredes agora enterradas no chão, e começa a reforçar as paredes, espessando e endurecendo o gelo à medida que o toca. Quando as rachaduras no gelo estão seladas e os pedaços quebrados preenchidos, Marina se ajoelha em um dos cantos e coloca as mãos no gelo, o mais perto do chão possível.

— Tudo bem, não tenho certeza de que essa parte vai realmente funcionar — diz ela. — Aqui vai.

Marina fecha os olhos e se concentra. Adam e eu nos olhamos, bem confusos. Ainda assim, ficamos quietos pelo que acabam sendo mais do que cinco minutos, assistindo Marina usar seu Legado. Quero me aproximar mais e ver o que ela está fazendo lá dentro, mas tenho medo de estragar tudo.

— Acho que consegui — diz Marina, finalmente, levantando-se e estalando o pescoço. — Seis, vamos levantar o gelo de novo.

— Agora você quer que ele saia da terra? — pergunto.

Marina faz que sim, animada.

— Rápido! Antes que derreta muito.

Então nos concentramos no cubo novamente. Parece muito mais pesado dessa vez, e eu percebo por quê. Marina espalhou o gelo sob a terra, ligando as quatro paredes do cubo. Quando erguemos o gelo, ele sobe rasgando e triturando as raízes do solo. O cubo de gelo flutua com nossa telecinesia e, dentro dele, um corte transversal de um metro de profundidade de terra, perfeitamente contido.

— Devagar agora — diz Marina, enquanto transportamos o gelo e a terra para o lado. — Eu fui bem fundo, mas ainda pode quebrar.

— Brilhante — diz Adam, sorrindo diante do monte flutuante. — Não temos que cobrir o buraco com galhos realmente grandes ou algo do tipo. Quando terminarmos de escavar, podemos simplesmente colocar esse pedaço de volta no topo. Vai parecer normal quando Setrákus Ra pisar nele, mas você fará com que ele desmorone com a telecinesia.

Marina faz que sim.

— Essa era a minha ideia.

Baixamos a caixa impecável de terra e grama até o chão com um baque suave. Sem Marina constantemente mantendo-a com seu Legado, o gelo logo começa a derreter. As bordas da tampa do poço ficam um pouco enlameadas, mas não vai demorar muito para secar, considerando-se o calor que faz aqui.

Adam anda para a frente, ajoelhando-se em frente ao buraco no solo.

— É a minha vez — diz ele.

Ele coloca as mãos na terra e um segundo depois sinto as vibrações fluindo a partir dele. As ondulações sísmicas a princípio se concentram à sua frente, mas o controle dele não é preciso o suficiente para impedi-las de se espalharem. Por um momento, me sinto um pouco enjoada quando o chão se mexe sob meus pés, mas consigo me restabelecer. O solo começa a se desmanchar e a se mexer, as camadas compactas se quebrando em pedaços consideráveis.

Adam olha para mim por cima do ombro.

— Como está?

Uso minha telecinesia para levantar um pedaço esfarelento de terra e pedregulhos do poço, e em seguida o lanço em direção à selva. Será mais fácil cavar agora que Adam triturou a terra, mas ainda vai ser um saco. Faço um gesto de aprovação.

— É um começo — digo a ele.

Ele se levanta.

— Vou procurar... uma pá.

Adam mal pode concluir o pensamento, seus olhos de repente presos ao céu atrás de mim. Eu me viro depressa, ouvindo o som de um motor.

Não. Não pode ser. É muito cedo ainda. Não estamos prontos.

— Seis? — pergunta Marina, a voz falhando. — O que é aquilo?

É uma nave. Reluzente e prateada, sem os ângulos duros e as armas como as outras aeronaves que vi os mogs usarem. É diferente de tudo que já vi antes, mas ainda assim é estranhamente familiar.

A nave se aproxima rápido, e vem zunindo em nossa direção.

CAPÍTULO

QUATORZE

— BATEDORES? — PERGUNTA MARINA. Sinto seu Legado de gelo voltando à ação, caso seja necessário combater os recém-chegados.

— Isso não é uma nave mog — diz Adam, ao meu lado.

— Não — respondo, porque percebi o mesmo. Coloco a mão no braço de Marina. — Está tudo bem. Você não... você não a reconhece?

— Eu...

Marina para de falar enquanto observa mais atentamente a nave que se aproxima, que zune por cima das árvores e gira sem esforço no ar, diminuindo sua velocidade com um floreio sobre a pista de pouso. Embora esteja amassada e arranhada, e até tenha um pouco de ferrugem nas bordas, a nave ainda reluz o brilho prateado, o revestimento blindado feito de materiais não encontrados nesse mundo. Ela paira por um instante, o sol cintilando nos vidros escuros da cabine, e então aterrissa suavemente.

— Essa é uma das nossas — digo. — É igual a que nos trouxe para cá. Para a Terra, quer dizer.

— Como isso é possível? — replica Adam.

— São os nossos reforços? — pergunta Marina, sem tirar os olhos da nave.
— John falou algo sobre isso?

— Ele disse que estava mandando Sarah, Mark e algo mais... — respondo, atordoada. — Algo que teríamos que ver para acreditar.

Quem poderia estar pilotando uma nave lórica? De onde ela veio? Dou um passo hesitante para a frente.

Uma rampa de metal se desenrola da parte de trás da nave. Estou tensa — tenho uma lembrança enevoada de subir uma rampa assim quando criança,

Katarina ao meu lado, explosões e gritos ao fundo. Ali estamos novamente, no meio de uma segunda invasão mogadoriana, e mais uma vez há uma nave lórica à minha frente. Só que desta vez não sei se eu deveria estar correndo em sua direção ou para longe dela. Apesar de John ter me dito que a ajuda estava a caminho, não consigo deixar de pensar que poderia ser uma armadilha. Minha paranoia me manteve viva durante todos esses anos, não tenho por que ignorá-la justamente agora.

— Preparem-se para qualquer coisa — digo aos outros. — Não sabemos o que sairá de lá.

E, em seguida, um beagle familiar sai correndo pela rampa.

Bernie Kosar, a língua para fora da boca, pula em mim primeiro, as patas dianteiras apoiadas em minhas pernas. Sua cauda parece um borrão quando ele cumprimenta Marina em seguida, pulando até em Adam. Ouço um som estranho e logo percebo que é a risada mogadoriana.

Quando olho para a nave novamente, Sarah Hart está no alto da rampa, os braços abertos e um sorriso no rosto.

— Ei, pessoal — diz Sarah casualmente. — Vejam o que encontramos.

Marina solta uma gargalhada de surpresa e corre em direção à nave, encontrando Sarah na parte de baixo da rampa e lhe dando um abraço apertado. Já faz algum tempo desde a última vez que vimos Sarah — ela já estava em sua missão secreta atrás do ex-namorado quando Marina e eu voltamos da Flórida. Seu cabelo louro está puxado para trás em um rabo de cavalo apertado e seu sorriso é radiante, mas vejo algumas linhas sob seus olhos, que noto estarem um pouco vermelhos quando me aproximo. Sarah também tem alguns novos arranhões e hematomas que seu grande sorriso não consegue esconder. Sim, ela está feliz em nos ver, mas também está cansada, estressada e um pouco abatida. Apesar disso, está melhor do que nós — sujos, queimados de sol e exaustos. Mas não me ressinto por isso.

— Você está aqui — digo a Sarah, abraçando-a também. Na verdade, estou um pouco distraída. Ainda não consegui tirar os olhos da nave.

— É bom ver você, Seis — responde Sarah, me abraçando com força apesar do suor e da areia. — John disse que vocês podiam precisar de ajuda e de uma carona. Nós trouxemos os dois.

Quem exatamente somos "nós" torna-se evidente um segundo depois. O Mark James que sai da nave atrás de Sarah parece completamente diferente do cara com quem lutei brevemente em Paradise. Ele deixou para trás toda aquela coisa de atleta com cabelo cheio de gel. Agora, seu cabelo escuro está mais longo e bagunçado. Acho que ele também perdeu um pouco de peso, pois seus músculos estão menores do que eu me lembrava. Noto o ar cansado em seu rosto, e ele estreita os olhos, como se não estivesse acostumado à luz do sol.

— Ai, merda — diz Mark, parando na metade da rampa. — Tem um deles atrás de vocês.

— Esse é o Adam — explica Sarah. — Pensei que tivesse lhe contado sobre ele.

— Sim, acho que contou — diz Mark, protegendo os olhos enquanto encara Adam sem o menor constrangimento. — Só que é meio assustador ver um deles, você sabe, andando por aí como uma pessoa normal. Desculpa, cara — acrescenta Mark, acenando para Adam.

— Tudo bem — responde Adam diplomaticamente. Ele faz um sinal por cima do ombro para onde Phiri Dun-Ra está encapuzada e amarrada a um Escumador. — Não sou o único mog aqui, como pode ver. Mas sou o mais amigável.

— Entendido — responde Mark.

Sarah começa a fazer as apresentações necessárias, mas eu a interrompo.

— Desculpa, mas onde você conseguiu essa nave? — pergunto, passando por ela e subindo a rampa.

— Sim, quanto a isso... — responde Sarah, fazendo sinal para eu seguir adiante, como se dizendo para continuar explorando. — Você provavelmente vai querer falar com *ela*.

— Quem?

Sarah me lança um olhar novamente, dando a entender que eu deveria parar de fazer perguntas e só continuar andando, então eu continuo. Marina também está intrigada. Ela me segue pela rampa para dentro da nave. Alguns passos lá dentro e sou atingida por um forte déjà-vu. Estamos na área de passageiros. É bem espaçosa, desprovida de qualquer mobiliário. As paredes emitem uma luz suave indicando que a nave ainda está ligada. Tenho a vaga lembrança de estar em fila ali ao lado dos outros Gardes, nossos Cêpans fazendo com que a gente praticasse exercícios aeróbicos e fizesse um treinamento leve de artes marciais.

Vou até a parede mais próxima e passo os meus dedos pela superfície. O material plástico delicado responde, brilhando mais forte, o caminho feito por meus dedos iluminado. As paredes são como uma grande touchscreen. Busco um comando em minha memória, desenhando rapidamente um símbolo lórico na parede. O símbolo pisca uma vez para mostrar que foi aceito e então, com um silvo hidráulico, o chão se abre e umas vinte camas aparecem. Marina tem que pular para trás quando uma delas se abre exatamente onde ela estava.

— Seis, essa é...?

— É a nossa nave — digo. — A mesma que nos trouxe para a Terra.

— Sempre achei que ela tivesse sido destruída ou... — Marina fica sem palavras, balançando a cabeça, espantada.

Ela traça os dedos pela parede oposta, desenhando outro comando. A parede inteira se transforma em uma grande tela de alta definição, mostrando uma imagem de um beagle feliz correndo atrás de uma bola de tênis.

— Em português, *cachorro* — diz uma voz gravada com um forte sotaque lórico. — Cachorro. O cachorro corre. Em espanhol, *perro*. *El perro corre...*

Treinamento das línguas da Terra. Quantas vezes tivemos que assistir a esse vídeo enquanto voávamos em direção ao nosso novo planeta? Eu tinha

me esquecido disso, ou bloqueado, mas todo o tédio daqueles dias da minha infância voltou com tudo. Um ano inteiro claustrofóbico passado ali, observando aquele cachorro correr por um campo verde brilhante.

— Ai, desliga isso — digo a Marina.

— Você não quer ver o que o cachorro faz depois? — pergunta ela, esboçando um sorriso. Ela passa a mão pela parede e o programa para.

Vou até uma das camas e me agacho. Os lençóis cheiram a mofo e um pouco como os mecanismos internos oleosos da nave. Provavelmente ficaram lá embaixo por toda a última década. Afasto os cobertores e o colchão fino, inspecionando a estrutura.

— Ah, olha isso — digo.

Marina se inclina por cima do meu ombro. Lá, gravado na estrutura de metal por uma menina entediada, está o número seis.

— Vândala — diz Marina, rindo.

O zumbido baixo do motor da nave lentamente diminui até parar e as paredes de touchscreen piscam e apagam. Alguém acaba de desligar a nave.

— Bem como você a deixou, não é?

Marina e eu giramos em direção à voz e ficamos frente a frente com uma mulher quando ela emerge lentamente da cabine da nave. A primeira coisa que noto é que ela é impressionantemente bonita. Sua pele tem um tom de marrom-escuro, as maçãs do rosto são pronunciadas, o cabelo, escuro e cortado curto. Mesmo usando um macacão folgado de mecânico com manchas de graxa, a mulher parece ter saído da capa de uma revista de moda. Percebo rapidamente que o que a torna tão incrivelmente bonita não é só a aparência. É uma qualidade indistinta que a maioria das pessoas na Terra não seria capaz de identificar, mas que eu noto imediatamente.

Essa mulher é lorieta.

Ela parece quase nervosa ao ver Marina e eu. E provavelmente foi por isso que demorou um bom tempo para desligar a nave. Mesmo agora, a mulher permanece à entrada da cabine, tão incerta com relação a nós quanto

estamos a respeito dela. Noto uma agitação nela, como se a qualquer momento ela fosse voltar para a cabine e trancar a porta. Percebo que ela está tentando se acalmar para continuar falando com a gente.

— Vocês devem ser Seis e Sete — diz ela depois de algum tempo em que apenas a encaramos com um olhar surpreso.

— Você... você pode me chamar de Marina.

— Certo, Marina — diz a mulher, com um sorriso gentil.

— Quem é você? — pergunto, por fim encontrando minha voz.

— Meu nome é Lexa — responde a mulher. — Andei ajudando seu amigo Mark sob o nome de GUARDA.

— Você é um dos nossos Cêpan?

Lexa finalmente sai da entrada da cabine e senta em uma das camas. Marina e eu nos sentamos em frente a ela.

— Não, não sou um Cêpan. Meu irmão era um Garde, mas não terminou o treinamento na Academia de Defesa de Lorien. Eu também frequentava a academia, como estudante de engenharia, quando ele... quando ele morreu. Depois disso eu meio que, bem, sumi no mundo. O máximo que era possível em Lorien. Eu não me encaixava no que queriam para mim. Trabalhava muito com computadores, às vezes não exatamente dentro dos parâmetros legais. Eu não era ninguém especial, na verdade.

— Mas você acabou aqui — diz Marina, a cabeça inclinada.

— Sim. Acabei sendo contratada para adaptar uma antiga nave para o museu...

Esse detalhe me dá um estalo.

— Você pilotou a segunda nave que veio para a Terra — digo.

— Sim. Vim para cá com Crayton e com minha amiga Zophie. Vocês provavelmente sabem disso agora, mas não fazíamos parte do plano dos - Anciões. Conseguimos escapar de Lorien por causa de Crayton... bem, porque Crayton trabalhava para o pai de Ella, e porque tínhamos acesso àquela velha nave. O pai de Ella, ele sabia o que estava por vir. Foi por isso

que me contratou para consertá-la. Eu nem sabia pilotá-la. Não tive escolha a não ser aprender depressa a... não cair.

Rio da piada sem graça de Lexa, mas minha mente está acelerada. Há mais de nós. Talvez os loriens não estejam tão extintos quanto pensávamos. Eu devia estar animada, mas em vez disso estou desconfiada. Provavelmente só estou sendo neurótica, lembrando o que aconteceu com Cinco. Ainda assim, penso em Crayton e em como criou Ella enquanto secretamente procurava os outros Gardes. Ele nunca mencionou que veio para cá com dois outros loriens. Meus olhos se estreitam um pouco.

— Crayton nunca nos contou sobre você — digo, tentando não fazer soar muito como uma acusação. Crayton escondeu muita coisa da gente. Só soubemos da verdadeira origem de Ella depois que ele morreu.

— Acho que ele não contaria mesmo — responde Lexa, franzindo a testa ligeiramente. — Sua única preocupação era manter Ella viva. Concordamos em não mantermos contato uns com os outros. Era mais seguro para todos. Vocês sabem como os mogs são. Eles não podem torturar alguém para conseguir uma informação se essa pessoa não souber de nada.

— E sua amiga, Zophie? Onde ela está?

Lexa balança a cabeça.

— Ela não sobreviveu. O irmão dela era o piloto desta nave. *Da sua nave*. Zophie saiu à procura dele, achou que o tivesse encontrado pela internet, mas...

— Mogs — completa Marina.

Lexa faz que sim, cabisbaixa.

— Depois disso, eu fiquei sozinha.

— Mas você não estava sozinha — digo. — Nós estávamos por aí. Muitos de nós... mas que diabos, todos nós perdemos nossos Cêpans. Alguns de nós muito rápido. Uma orientação teria sido bem-vinda. Por que você esperou tanto tempo? Por que não tentou nos encontrar?

— Você sabe por quê, Seis. Pelas mesmas razões por que seus Cêpans não tentaram encontrar uns aos outros. Era perigoso tentar fazer contato. Cada busca na internet era arriscar ser descoberta. Eu fiz o que pude de longe. Mandei dinheiro e informações para grupos que trabalhavam para expor os mogadorianos. Criei um site chamado *Alienígenas Anônimos* para tentar divulgar o que sabia, para tentar desmascarar o que eles pretendiam fazer com o ProMog. Foi assim que conheci o Mark.

Penso em como deve ter sido para ela, alguém de fora em uma terra estranha, sem ninguém em quem confiar. Na verdade, não preciso imaginar o que ela passou. Eu vivi isso. Eu sabia dos perigos e nunca parei de procurar pelos outros. Não consigo evitar a amargura em minha voz.

— Perigoso para nós? Ou perigoso para você?

— Para todos nós, Seis — responde Lexa. Minhas palavras a magoaram. — Sei que não é sequer uma fração da responsabilidade que os Anciões colocaram nos ombros de vocês nove, mas... também não pedi por nada do que aconteceu. Tinha um trabalho fácil em um museu e, quando dou por mim, estou pilotando uma nave antiga para um planeta em um sistema solar completamente diferente, com uma das últimas Gardes a tiracolo. Perdi meu irmão, minha melhor amiga, toda a minha vida.

Ela respira fundo. Marina e eu estamos em silêncio.

— Disse a mim mesma que ajudá-los de longe era suficiente. Então, fiz o que pude a distância. Apagava qualquer informação que encontrava sobre vocês na internet. Tentava torná-los invisíveis, não apenas para o mundo, mas para mim. Talvez fosse covardia. Ou vergonha. Não sei. Eu sabia lá no fundo que devia estar fazendo mais. Sempre quis recuperar essa nave e entrar em contato com vocês quando tivessem idade suficiente, e quando eu...

— Você está aqui agora — diz Marina. — Isso é o que importa.

— Eu não podia mais ficar longe. Já tinha fugido de um planeta durante uma invasão. Decidi que era hora de parar de correr.

Aquilo fez sentido para mim. De certa forma, depois de anos nos escondendo dos mogadorianos, todos nós decidimos que chegara a hora de parar de fugir. Só espero que não seja tarde demais.

— Tudo bem se eu abraçar você agora? — pergunta Marina a Lexa.

A mulher é tomada de surpresa, mas faz que sim. Marina a envolve em um grande abraço, enterrando o rosto no ombro da loriena. Lexa olha para mim e abre um sorriso tenso, quase envergonhado, antes de fechar os olhos e se deixar abraçar. Ela suspira, e talvez eu esteja só imaginando isso, mas um peso invisível parece sair de cima dos ombros dela. Eu não me junto a elas. Essa coisa de abraço em grupo não é para mim.

— Obrigada por ter vindo — digo depois de um instante. — Bem-vinda ao Santuário.

Levo as duas para fora da nave. Dou uma última olhada na área de passageiros antes de deixar de lado aquela lembrança da fuga de Lorien. Não sou mais uma criança. Dessa vez vai ser diferente.

Lá fora, Adam e Mark estão no meio de uma discussão. Sarah está a poucos metros de distância deles, mais perto da nave, obviamente esperando por nós. Ela levanta as sobrancelhas de maneira indagadora quando me vê e eu respiro fundo em resposta.

— É cada pessoa que você encontra no México... que loucura — digo, tentando superar o choque e a confusão de sentimentos que tomam conta de mim no momento.

Juntas, caminhamos até Mark e Adam. Mark, a camisa já suada, parece estar tendo dificuldade em entender alguma coisa.

— Um buraco — diz ele, seco. — Vocês vão matar Setrákus Ra com um buraco no chão.

Adam suspira, apontando para as partes da selva em que escondemos armas mogs.

— Você ficou mesmo preso a essa questão do buraco. Já disse, temos armas, bombas...

— Mas, para Setrákus Ra, vocês fizeram um buraco.

— Sei que não é nada altamente tecnológico, mas nossas opções são muito limitadas — responde Adam. — E não estamos tentando matá-lo. Isso não é sequer uma possibilidade, considerando que qualquer ferimento que causemos a ele também será sentido por Ella. Só queremos atrasá-lo para ganhar tempo.

— Tempo para fazer o quê? — pergunta Mark.

Adam olha para mim.

— Para resgatar Ella e roubar a *Anúbis*, ou as duas coisas.

— Por que não simplesmente fugimos? — pergunta Mark, apontando para a recém-chegada nave lórica. — Sei que todas essas armadilhas bobas podem ter sido uma boa ideia quando vocês estavam, tipo, presos aqui. Mas podemos ir embora agora.

— Isso não é uma opção — responde Marina. — O Santuário deve ser defendido a qualquer custo.

— A *qualquer* custo? — repete Mark, olhando de volta para a nave, e depois para o templo. — Mas que diabos esse lugar tem de tão especial?

Noto que Lexa está muito quieta. Seus olhos estão fixos no Santuário, o rosto vazio, meio como Marina fica quando entra em um de seus tranSES reverentes. Lexa deve sentir que a observo, porque de repente ela balança a cabeça e olha para mim.

— Esse lugar... — Ela procura as palavras certas. — Sinto algo de especial nele.

— É um lugar lórico — responde Marina. — O lugar lórico, na verdade. A fonte dos nossos Legados está aí dentro.

— Nós fechamos a entrada, mas se não fosse por isso eu os levaria para conhecer o lugar — intervenho. — Poderia apresentá-los à criatura que vive lá dentro. Bem legal para uma Entidade feita de pura energia lórica.

Lexa dá um sorrisinho antes de responder.

— Posso senti-la... o que quer que esteja lá dentro. Sinto em meus ossos. Entendo por que querem proteger este lugar.

— Obrigada — responde Marina.

— Dito isso... — E agora Lexa olha em minha direção. — Tenham em mente que minha nave... *nossa nave...* está pronta. Se precisarem dela. Saibam que ela já deixou as naves de guerra mogadorianas para trás antes.

Faço que sim sutilmente e troco um olhar rápido com Adam. Marina pode não querer admitir que precisamos, mas temos uma estratégia de fuga assim mesmo, e agora é uma muito melhor do que correr pela selva.

— Cara, então o que quer que esteja lá dentro é o encarregado dos Legados? — pergunta Mark, olhando para o Santuário, as mãos nos quadris.

— Achamos que sim — respondo.

— Então foi essa coisa que decidi que o nerd do Sam Goode devia ganhar superpoderes e que eu... — Mark para de falar, fazendo uma careta. — Droga. Eu devia ter sido mais legal na escola.

Tento não rir. John deve ter contado a Sarah e Mark a história de humanos terem recebido Legados graças à nossa incursão ao Santuário. Não sei como a Entidade decidiu quem ganharia Legados, mas eu não esperaria que um cara como Mark se qualificasse, ainda que venha arriscando a vida por nós ao longo dos últimos meses. Sarah, por outro lado...

— E você? — pergunto a ela.

Sarah dá de ombros e olha para as mãos, como se esperasse que raios de luz saíssem delas a qualquer momento.

— Nada ainda — diz ela, franzindo a testa. — Continuo sendo uma humana normal.

Sarah tenta parecer não dar importância, mas vejo que isso a incomoda. Depois de tudo que ela fez por nós, por John, em particular, me parece um enorme equívoco da Entidade se esquecer dela ao escolher que humanos teriam Legados.

— Pelo que John contou, Sam só descobriu que tinha Legados quando estavam sofrendo um ataque — digo. — Talvez você só não tenha passado por uma situação onde eles se desenvolveriam.

— Sim — diz Marina, entrando na conversa. — Falando por experiência própria, os Legados têm o costume de se manifestar quando você realmente precisa deles.

— Ah, ótimo — diz Mark. — Se ficarmos aqui para enfrentarmos a morte certa, talvez haja uma chance de eu pelo menos morrer com superpoderes.

— Sim. Talvez — respondo.

— Ou talvez a Entidade não tenha *escolhido* ninguém — diz Adam. — Talvez seja apenas aleatório.

— Diz o mogadoriano com Legados — replica Mark.

— Seja como for, está tudo bem — diz Sarah, claramente tentando mudar de assunto. — Não estou contando que isso vá acontecer. Então, tanto faz. Isso não significa que não podemos ajudar de outras maneiras. Acabei de falar com John pelo telefone antes de aterrissarmos.

— Ele está vindo? — pergunto. — John deveria trazer o armamento pesado com ele quando viesse.

— Não sei se isso vai acontecer — responde Sarah, o rosto franzido de um jeito que sei que significa más notícias. — O governo não está exatamente cooperando. Tipo, eles querem lutar, mas não querem *perder*.

— Mas que diabos isso significa?

— Eles estão sendo uns cretinos — explica Mark, solícito.

— Eles não querem se meter em um conflito contra Setrákus Ra, a menos que *saibam* que podem ganhar. Então vão nos apoiar, mas não vão lutar com ele diretamente. Não ainda, pelo menos.

— Que patético — digo.

Sarah olha para Adam.

— John ainda conta com você para tirar esses dispositivos de camuflagem dos Escumadores.

— Para ele entregar essa tecnologia para o exército que não vai nos ajudar? — pergunta Adam, uma sobrancelha arqueada.

— Basicamente.

— De qualquer forma, já cuidei disso. Tirei os dispositivos antes de prepararmos as naves para serem explodidas — responde Adam, olhando para mim. — Se vamos ou não entregá-los? Podemos decidir isso mais tarde.

— Por que diabos faríamos isso se eles não vão nos ajudar a lutar? — pergunto a Sarah.

Essa história toda parece muito com o que a agente Walker nos descreveu em Ashwood Estates. ProMog. Mesmo agora, com a sua maior cidade praticamente transformada numa cratera fumegante, o governo ainda está tentando usar todos os meios possíveis para alcançar seus objetivos e conseguir objetos legais com os aliens amigáveis.

— Por diplomacia? — replica Sarah, dando de ombros, como se nada pudesse fazer para mudar a opinião do governo. Ela está certa. Como de costume, estamos por nossa conta. — John acha que ficarão mais inclinados a nos ajudar quando ele lhes mostrar uma maneira de vencer os mogs.

— Quando ele vai chegar aqui? — pergunta Marina.

Sarah parece desanimar.

— Tenho outra má notícia. Cinco fez Nove de refém em Nova York.

Ouçõ um estalo de gelo quando Marina cerra os punhos.

— O quê?

— Sim, não é nada bom — responde Sarah. — John e Sam são tentando rastreá-lo e impedi-lo de fazer... bem, o que quer que aquele psicopata tenha planejado.

— Eu devia ter matado ele — murmura Marina.

Olho rapidamente em sua direção. Ela tem estado tão tranquila desde que chegamos ao Santuário, tão parecida com a velha Marina, serena e contra a violência. Mas só de ouvir falar em Cinco, o lado sombrio logo se manifesta.

Sarah continua, ignorando Marina.

— Quando eles resolverem isso, John virá para cá, mas...

Olho para o horizonte. O sol já está começando a se pôr.

— Ele não vai chegar a tempo — digo, meu estômago se contorcendo. — Estamos por conta própria.

— Ele vai tentar — insiste Sarah, e percebo que ela espera ver seu namorado surgir no céu como um grande herói, ele e Sam ao lado das Forças Armadas dos Estados Unidos. Eu não me agarro a essas ilusões.

— Precisamos voltar ao que estávamos fazendo — digo. — Precisamos nos preparar.

— Ou podemos fugir — diz Mark, levantando a mão. Quando Marina olha de cara feia, ele desiste. — Tudo bem, tudo bem. Me mostrem onde tenho que cavar.

Nós voltamos a trabalhar.

Em primeiro lugar, Adam leva o corpo contraído de Poeira para a nave de Lexa. O Chimæra parece um pouco mais alerta agora, como se a tensão estivesse deixando seus músculos, mas ele ainda não consegue mudar de forma e não está nem perto de poder lutar. Vai ter que ficar de fora dessa vez.

Lexa quer ver os dispositivos de camuflagem que tiramos dos Escumadores, então Adam e eu lhe mostramos onde nós os empilhamos na barraca de munição. Cada um é uma caixa sólida preta do tamanho de um laptop.

— Eles ficavam presos aos consoles do Escumador, atrás dos controles de pilotagem — diz Adam, passando os dedos pelas portas e cabos na parte de trás de um dos dispositivos. — Tentei mantê-los o mais intactos possível.

Nós os reunimos em uma sacola e levamos para a nave de Lexa, prontos para serem entregues aos nossos generosos amigos no governo, que, em troca, vão nos oferecer um monte de nada.

É claro, isso assumindo que conseguiremos sair vivos do México.

— Será que vai funcionar? — pergunto.

— Acho que sim — responde Lexa. Ela tira a borracha de um cabo e, em seguida, conecta o fio exposto à porta de alimentação do dispositivo de camuflagem. — Acho que não teremos certeza até tentarmos passar pelo campo de força das naves de guerra mogs.

Seguir em direção a uma imensa nave de guerra a bordo de uma nave lórica restaurada, que pode ou não conseguir passar pelo campo de força impenetrável à sua volta. Não preciso dizer que não estou esperando nem um pouco ansiosa por esse momento.

— Se não funcionar...

— Nós vamos explodir — diz ela, antes de eu terminar a pergunta. — Não vamos nos apressar para testar isso, OK?

Enquanto Adam e Lexa continuam a conectar o dispositivo de camuflagem aos sistemas lóricos, o resto de nós começa a trabalhar no poço em frente à entrada do Santuário. Adam conseguiu encontrar algumas pás em meio aos equipamentos mogadorianos — aparentemente, eles desistiram rápido de tentar cavar para passar por baixo do campo de força. Mark parece um pouco feliz demais para tirar a camisa e começar a atirar pás de terra por cima do ombro. Bernie Kosar se junta alegremente à tarefa, o Chimæra se transformando em uma grande criatura semelhante a uma toupeira. Com seus três dedos com garras, Bernie Kosar faz chover terra para fora do poço. Parece estar se divertindo. Mark, por outro lado, não aguenta muito tempo. O calor da selva rapidamente cobra seu preço.

— Isso é uma droga — ouço ele se queixar com Sarah, limpando o suor da testa.

— Espere até os mogs aparecerem e começarem a atirar em nós — responde Sarah. — Você vai desejar que tivéssemos mais trabalho manual a fazer.

Em pouco tempo chegamos a uma camada de terra que é pedregosa demais para conseguirmos escavar só com as pás. É mais fácil Adam usar um rápido abalo sísmico para triturar a terra e, em seguida, Marina e eu

utilizarmos nossa telecinesia para erguer os grandes pedaços soltos do poço e esconder a terra deslocada na selva.



Depois de um tempo, temos um verdadeiro poço escavado. Agora que terminamos, Marina e eu usamos com cuidado nossa telecinesia para erguer o cubo de terra cirurgicamente removido e levá-lo de volta ao lugar. Ele está suspenso bem precariamente sobre o poço e afunda um pouco no meio, mas passaria batido por alguém que não soubesse a diferença. Tenho certeza de que vai afundar assim que Setrákus Ra chegar ao meio, fazendo-o cair uns nove metros, e assim não ser capaz de saltar rapidamente para fora. Com sorte, entre esta e as outras armadilhas, talvez a gente consiga distraí-lo o suficiente para subir a bordo da *Anúbis*.

De volta à forma de beagle, Bernie Kosar fareja em torno da beirada agora escondida do poço, abanando o rabo. Ele parece aprovar nosso trabalho.

— O que vem agora? — pergunta Mark, tirando a poeira das mãos. — Vamos prender alguns fios para disparar bestas escondidas ou algo assim?

— Não vi nenhuma besta por aí — responde Adam, coçando o queixo, confuso. — Mas podemos preparar algumas lanças com os ramos das árvores. Você é bom em entalhar?

Ou Adam não percebe que Mark está sendo sarcástico, ou realmente gosta de preparar armadilhas.

— Então, é melhor adiar isso por enquanto — responde Mark, afastando-se um pouco.

Sarah e companhia foram previdentes o bastante e trouxeram alguns suprimentos. Fazemos uma pausa, para beber água e comer alguma coisa, fingindo que não estamos morrendo de medo do que está por vir.

Fico um pouco afastada do resto do grupo, comendo meu sanduíche e pensando na nave lórica pousada na pista. Alguma coisa está me

incomodando, mas não consigo descobrir o que é. É como se houvesse uma voz baixinha no fundo da minha mente tentando me avisar de alguma coisa e eu não conseguisse entender direito as palavras. Ao me ver observando sua nave com uma expressão séria no rosto, Lexa se aproxima de mim.

— Você acha que isso vai funcionar? — pergunta ela, inclinando a cabeça em direção às nossas defesas.

— Você está me perguntando se vamos ganhar a guerra hoje graças a um grande buraco no chão e algumas armas escondidas na selva? — Balanço a cabeça solenemente. — De jeito nenhum. Mas talvez possamos estragar os planos de Setrákus Ra de alguma forma.

— Sei que isso provavelmente não significa muito vindo de mim — começa Lexa, hesitante, claramente desconfortável. — Mas você é uma boa líder, Seis. Você está sendo firme. Seu Cêpan ficaria orgulhoso. Todos em Lorien ficariam orgulhosos da forma como estão lutando.

Vejo que Lexa não se refere só ao dia de hoje; ela está falando de todo nosso tempo na Terra, sobrevivendo aos mogadorianos. Observo-a pelo canto do olho. Reconheço em Lexa uma qualidade que sempre me esforcei para ter. Ela é um sobrevivente. Me pergunto se ela é o que eu me tornarei se esta guerra se estender por muito tempo; uma pessoa que evita se envolver porque já passou por muito sofrimento. Talvez eu já seja um pouco demais assim.

— Sim — respondo sem jeito. — Obrigada.

Lexa parece satisfeita com nossa breve conversa. Ela provavelmente me entende, assim como eu a entendo, e sabe que abrir o coração não é muito a minha praia. Com uma das mãos, ela aponta para a extensão ocidental da selva.

— Quando estávamos pousando, vi uma pequena clareira há cerca de um quilômetro e meio de distância. Vou levar nossa nave até lá, para longe do Santuário. Vou pilotá-la sob as copas das árvores, assim eles não a verão.

— Bem pensado — respondo. — Não quero que Setrákus Ra pense que estamos aqui.

— Sim. Há uma boa chance de ele pensar que vocês fugiram.

— O elemento-surpresa é praticamente a única coisa que temos a nosso favor.

— Às vezes, isso é tudo de que precisamos — responde Lexa, e então sai, caminhando para a nave. *Nossa nave*, foi o que ela disse.

Eu a vejo sair. Ainda ouço aquela voz fraca gritando no fundo da minha mente, mais alto agora, mas ainda ininteligível. Não sei o que ela está tentando me dizer.

— Seis? Você ouviu isso?

É Marina, se aproximando, uma das mãos pressionando a têmpora, como se alguma coisa estivesse lhe dando uma enxaqueca.

— Ouvi o quê? — pergunto a ela.

— É como... é como se fosse uma voz. — Ela engole em seco. — Ah, Deus, talvez eu esteja ficando louca.

E então que percebo que o que está me incomodando não é a voz da minha consciência ou algum outro sistema de advertência mental descontrolado. É literalmente uma voz na minha cabeça. Uma que não pertence àquele lugar e está tentando desesperadamente ser ouvida.

— Você não está louca. Também estou ouvindo.

Eu me concentro no zumbido estridente e, naquele momento, ele se torna perfeitamente claro, ainda que distante, como se chegasse a mim através de um túnel.

Seis! Marina! Seis! Marina! Vocês podem me ouvir?

Marina e eu nos entreolhamos. Aquela voz fraca telepática pertence a Ella. John mencionou que os Legados dela estavam mais fortes, mas sua telepatia deve ter aumentado consideravelmente se é capaz de mandar uma mensagem para mim e para Marina assim. A cada segundo, a voz dela fica mais clara na minha cabeça.

Isso só pode significar que ela está se aproximando.

— Ella! — digo essas palavras em voz alta, não muito acostumada a me comunicar telepaticamente. — Onde você está? O que está acontecendo...?

Ela me interrompe com um grito telepático. *O que vocês estão fazendo aqui? Eu avisei ao John! Ele deveria alertar vocês.*

— Ele nos alertou — diz Marina. — Estamos aqui para tentar ajudar você. E para proteger o Santuário.

NÃO! Não, não, não. Ella parece um pouco perturbada e, definitivamente, em pânico. *Ele devia alertá-los.*

— Alertar-nos de quê? — pergunto.

Para correr!, grita Ella. *Vocês precisam correr!*

OU ENTÃO SERÁ O FIM!

CAPÍTULO

QUINZE

MARINA E EU olhamos uma para a outra, em choque.

Essa é a questão com as profecias mortais transmitidas telepaticamente em grupo. Não fica exatamente claro a quem se aplicam. Ela está falando de mim? Da Marina? De nós duas? De todo mundo aqui?

Mas que diabos, não acredito que o futuro já esteja definido. Não acredito em destino. Não vamos correr agora. Não sem antes tentar executar nosso plano. Depois de um instante de incerteza, vejo a determinação se acender nos olhos de Marina.

— Não vou correr — diz ela.

— Nem eu — respondo, já me arrependendo desses últimos segundos que passamos paradas. — Vai! Mande os outros para suas posições!

Marina corre até Sarah e os outros. Eu disparo na direção oposta, passando pela pista de pouso, tentando alcançar Lexa. Ela ouve o barulho e na mesma hora se vira para mim, uma sobrancelha arqueada.

— Ele chegou mais cedo — digo.

— Merda.

— Voe baixo para que não vejam você. Não sei a que distância eles estão.

— *PERTO!* — grita Ella em meu cérebro. Me encolho com sua voz alta.

— Você sabe que tenho algumas armas nessa coisa, certo? — pergunta Lexa, apontando para sua nave. — Posso ajudar a combatê-los.

— Não. É o nosso único plano de fuga. Não podemos arriscar que a nave seja danificada.

— Entendido, Seis — responde Lexa. — Vou escondê-la e volto logo.

— Não — digo, balançando a cabeça. — Não volte. Também não podemos arriscar que nossa piloto seja ferida. Esconda a nave em algum lugar e espere. Se as coisas correrem mal, quero que esteja pronta para nos tirar daqui. Talvez a gente precise sair correndo.

— Tudo bem — diz Lexa, mantendo a calma. Ela aponta para o lado sul da selva, onde pedaços de pedra de uma antiga estrada elevada ainda são visíveis. — Estarei a um quilômetro e meio naquela direção, Seis. Uma linha reta a partir daqui. Mark tem um rádio na cabine, se você precisar entrar em contato.

— Certo.

— Boa sorte — responde Lexa. O que ela realmente quer dizer é *sobreviva*.

Lexa coloca nossa nave no ar e voa tão baixo que passa raspando nas copas das árvores. Tão logo ela sai de vista, olho para o horizonte — por enquanto nada da *Anúbis* — e então corro para a selva a leste do Santuário. É onde os outros estão reunidos, um bom lugar para se esconder — há muita folhagem densa e um tronco caído que podemos usar como abrigo. De lá, podemos ver a frente do templo e a porta lateral. É o lugar perfeito para acionar nossas armadilhas. Também vamos conseguir ver a *Anúbis* chegando, o que não deve demorar muito agora.

— Ella? — É estranho dizer o nome dela em voz alta, mas não sei fazer direito essa coisa de *conversar dentro da minha cabeça*. Me pergunto se Marina ainda está envolvida na conversa telepática. — Mas que diabos? Você disse para John que chegariam ao pôr do sol!

— *Setrákus Ra não parou para reunir reforços. Ele está muito... ansioso para chegar aqui.*

Bem, uma boa notícia, pelo menos. Setrákus Ra não reabasteceu suas tropas depois de deixar Nova York. Isso significa que não teremos que enfrentar tantos. Mesmo assim, ainda estou completamente assustada com o terrível primeiro anúncio de Ella.

— O que você quis dizer antes? Quem vai morrer?

— *Eu... Eu não sei. Era uma visão. Não é totalmente clara. Mas eu vi sangue. Tanto sangue. E isso não vale a pena por mim, Seis! Vocês podem ir embora agora, escapar e...*

Sinto que Ella está escondendo alguma coisa; ela não está sendo totalmente honesta sobre o que sabe. John me disse que os Legados dela estavam mais desenvolvidos, mas que sua clarividência não era infalível. Não vou mudar o nosso plano baseado em sua visão de um futuro que ainda é possível mudar.

— Nós vamos ficar — digo com firmeza, esperando que ela possa detectar a resolução em minha mente. — Vamos tirar você dessa nave. Está me ouvindo?

— *Sim.*

— Sua ajuda seria bem-vinda. Vocês estão a mais ou menos que distância? O que você vê?

— *Cinco minutos, Seis. Estamos a cinco minutos daí.*

Cinco minutos. Merda.

— O que ele vai mandar contra nós?

— *Ele vai descer pessoalmente. Cem guerreiros, prontos para sair. E eu estarei lá. Não poderei ajudá-la, Seis. Não posso... meu corpo não funciona mais.*

Cem. Isso é muito. Mas podemos cuidar deles. Pelo menos, se acabarmos com boa parte deles quando explodirmos os Escumadores.

— Deve ter alguma coisa que a gente possa fazer, Ella. Só me diga como ajudá-la.

— *Não tem* — a voz dela volta, triste e resignada. — *Não se preocupe comigo. Faça o que é preciso.*

Adam se junta a mim quando corro em direção à beira da selva onde os outros já estão escondidos. Em vez de correr imediatamente para o nosso esconderijo, ele voltou até o Escumador que usamos para chegar aqui e

pegou a terrível espada mogadoriana que um dia pertenceu a seu pai. A espada parece pesada presa às costas de Adam, mas ele me acompanha.

— Quase me esqueci dela — diz ele, quando percebe que estou olhando para a espada.

— Não existe uma expressão sobre levar uma faca a um tiroteio? — pergunto.

Ele dá de ombros.

— Nunca se sabe quando uma coisa grande e afiada pode ser útil.

Derrapamos ao chegarmos depressa à beira da selva, onde o restante do nosso grupo já está agachado atrás de uma árvore caída. Adam se vira e olha para o céu, sua boca uma linha apertada, braços cruzados. Mark está segurando o detonador das nossas bombas que Adam lhe mostrou como usar mais cedo. Com Mark no cargo de nosso especialista em demolições, Marina está livre para se concentrar em disparar telecineticamente as armas que escondemos pela selva. Sarah está ao lado deles, uma das mãos segurando uma arma, a outra pressionada à sua têmpora, pálida e franzida.

— Eu não aceito isso — diz Marina quando chego ao seu lado.

Percebo que ela está conversando com Ella também.

— Aceitar o quê? — pergunta Mark, confuso.

Sarah faz sinal para ele ficar quieto. Ao olhar novamente para ela, percebo que também está sintonizando o canal telepático de Ella. Sarah sabe que a morte pode estar se aproximando.

— Vamos roubar a nave bem debaixo do nariz dele. Vamos resgatar você.

— Digo essas coisas em voz alta, determinada, sabendo que Ella pode me ouvir.

Sinto muito. Isso não vai acontecer, responde Ella telepaticamente. Posso ver pela maneira como seus olhos se enchem de lágrimas que Marina consegue ouvi-la também. Sarah cobre a boca e engole em seco, olhando para mim de maneira indagadora.

— Besteira — digo.

— Não se atreva a desistir de ter esperança — ordena Marina, praticamente aos berros, para o espaço vazio à sua frente. — Ella? Você está me ouvindo?

Ella não responde. Ainda a sinto ali, quase como cócegas no fundo da minha mente. Sei que está ouvindo. Ela simplesmente não está mais nos respondendo.

— Não me importo com o que ela diga ou por quantos mogs teremos que passar — afirmo, me dirigindo para Marina agora. — Se vamos fazer alguma coisa hoje, será tirar Ella de Setrákus Ra. Resgatá-la e levá-la para a nave de Lexa.

— Concordo — diz Marina.

— Talvez isso funcione — acrescenta Sarah, a expressão de choque em seu rosto dando lugar a um olhar pensativo. Como Marina e eu, ela não está recuando diante da ameaça de morte. — Quer dizer, não havia algo no encantamento lórico de vocês que se quebrou quando se encontraram?

— Sim — respondo. — E daí?

— E daí que talvez essa versão bizarra de Setrákus Ra funcione de maneira oposta — explica Sarah. — Talvez seja por isso que ele tem levado Ella para onde quer que vá. Ele tem que mantê-la por perto para que funcione.

— Faz sentido — diz Mark, dando de ombros. — Não que eu seja assim uma autoridade nessa merda.

É definitivamente uma possibilidade que vale a pena testar, principalmente porque planejamos resgatar Ella de qualquer maneira.

Eu me viro para Adam. De acordo com o plano, nós dois deveríamos entrar invisíveis na *Anúbis*, enquanto os outros distraíam eles.

— O que você acha? Vamos tentar tomar a nave ou resgatar Ella?

— Você que sabe — responde ele.

— Você pode ter que ficar bem debaixo do nariz dele para chegar até Ella — diz Sarah.

— O que significa que ele poderia desligar sua invisibilidade — acrescenta Marina.

— Droga! — exclamo, minha mente a mil por hora. — OK. Talvez eles sejam separados quando acionarmos nossas armadilhas. Se houver uma oportunidade, vamos atrás de Ella. Caso contrário, seguimos o plano e tomamos a *Anúbis*. — Aponto para o sul. — Há algumas construções de pedra antigas nessa direção. Se seguirem de lá para o sul, vão chegar onde Lexa escondeu nossa nave. Se as coisas ficarem muito difíceis por aqui, se os mogs descobrirem a sua posição, quero que vocês três corram para lá.

— Deixando vocês para trás? — pergunta Marina.

— Nós estaremos invisíveis, pelo menos — respondo, olhando para ela e Sarah. — Só fiquem vivos. É isso que importa agora.

Sarah assente sombriamente e Marina se vira, olhando em direção ao Santuário. Mesmo após o aviso de Ella, duvido que ela tenha alguma intenção de fugir.

Antes que eu possa dizer qualquer outra coisa, Adam agarra meu braço e aponta para a pista de pouso.

— Droga! Seis, esquecemos nossa amiga.

Olho para onde Adam aponta e vejo Phiri Dun-Ra contorcendo-se descontroladamente contra o cabo que a prende. Na pressa de assumirmos nossa posição, esqueci completamente a prisioneira mogadoriana. Mesmo encapuzada, Phiri Dun-Ra deve ter ouvido a agitação e sabe que estamos distraídos. Ela está enlouquecida, tentando se soltar. Nós a amarramos bem firme àquele suporte de roda, então não acho que vá se libertar. Mas mesmo assim provavelmente não é uma boa ideia deixá-la ali fora quando a *Anúbis* chegar.

— Setrákus Ra vai saber que está acontecendo alguma coisa, se a vir ali — diz Adam, lendo minha mente.

Mark levanta sua arma e olha em volta, o cano apontado na direção de Phiri Dun-Ra.

— Quer que eu acabe com ela? Acho que acerto daqui.

Marina coloca a mão na arma e o faz abaixá-la.

— Se quiséssemos executá-la, Mark, você não acha que já teríamos feito isso?

Adam me lança um olhar, como se talvez não fosse má ideia finalmente matar Phiri Dun-Ra, pondo fim ao *nosso* sofrimento. Mas ele quis matá-la o dia todo. E posso entender por quê.

— Devíamos tê-la prendido no poço — diz Sarah, arrependida.

— Temos que tirá-la de vista — afirmo.

Estendo a mão com minha telecinesia e desprendo Phiri Dun-Ra. Demoro alguns segundos — assim como Marina disparando as armas escondidas, não é fácil realizar uma tarefa tão precisa daquela distância. Phiri Dun-Ra parece pensar que fez isso sozinha. Ela arranca o capuz e a mordaca, e com um pulo fica de pé, tropeçando, surpresa ao ver que o cabo cedeu de repente. A nascida naturalmente esfrega os pulsos por um instante, olha em volta e sai correndo em direção à selva para o lado contrário ao que estamos. Ela segue direto para onde escondemos algumas das armas mogs.

— Seis? — chama Marina, um tom de preocupação na voz. — Você sabe o que está fazendo?

Eu sei. Antes que Phiri Dun-Ra consiga ir longe, uso as cordas com que a havíamos amarrado para laçar telecineticamente seus pés. Ela tomba para a frente com força, praticamente caindo de cara. Então, eu a arrasto até nós, areia e terra se revirando enquanto ela vem arranhando o chão, tentando escapar. Seus gritos frustrados são altos o suficiente para assustar alguns pássaros nas árvores mais próximas.

— Precisamos fazer com quem ela fique quieta — diz Adam.

— Marina, puxe-a para cá — respondo.

Quando Marina assume a telecinesia, me concentro nas nuvens vagando pelo céu. Não quero criar uma grande tempestade — não com a *Anúbis* e *Setrákus Ra* tão perto. Felizmente, não será preciso. Há uma nuvem escura lá

em cima com carga suficiente para gerar um pequeno relâmpago. Mando esse raio direto para Phiri Dun-Ra, acertando-a em cheio. Acho que há uma chance de a descarga matá-la, mas realmente não tenho tempo para me preocupar com isso. A mog tem convulsões conforme a eletricidade percorre seu corpo, em seguida para de lutar contra a telecinesia de Marina. Ela não desintegra, então acho que ainda está viva.

Quando Marina arrasta Phiri Dun-Ra até a linha das árvores, Adam a pega sob os braços e puxa seu corpo pelo resto do caminho. Ele a empurra para trás do tronco que usamos para nos esconder e começa a amarrar de novo seus pulsos e tornozelos.

— Então vocês estão fazendo prisioneiros agora? — pergunta Mark.

— Ela pode vir a calhar — respondo, dando de ombros.

— Não podemos continuar arrastando-a por aí — diz Adam enquanto termina de apertar os nós.

— Vamos deixá-la aqui. Ela falou que adora a selva, certo? — digo, com um sorriso no rosto.

Temos coisas maiores com que nos preocupar agora do que o destino de Phiri Dun-Ra.

— Não vamos agourar nossa chance de sobreviver fazendo muitos planos — diz Mark.

Antes que alguém possa responder, a selva ao redor fica estranhamente quieta. Eu já estava tão acostumada ao incessante grasnar das aves tropicais que foi absolutamente chocante deixar de ouvi-lo. Até mesmo o ruído dos insetos diminui. Através da clareira que os mogs fizeram em torno do Santuário, ao norte, um bando inteiro de pássaros sai voando das árvores e se espalha.

A Anúbis está aqui. Estendo meus braços.

— Segurem — digo a todos. — Vou manter todos nós invisíveis até estarmos prontos para atacar.

Marina pega uma das minhas mãos e Sarah, a outra. Mark, detonador a postos, segura meu ombro. Adam é o último. Ele balança a cabeça para mim, provavelmente lembrando quando lhe disse como era estranho dar as mãos a um mogadoriano. Até isso acabar, estaremos ligados pelos quadris. Também balanço a cabeça para ele, que se aperta ao lado de Marina, a mão no meu braço. Só Bernie Kosar não se aproxima de mim. Em vez disso, nosso Chimæra se transforma em um tucano e voa para uma árvore próxima.

É meio engraçado, nós cinco amontoados daquele jeito. É quase como se estivéssemos posando para uma foto.

Eu faço com que a gente fique invisível bem na hora em que a *Anúbis* entra em nosso campo de visão. A nave é maior do que eu imaginava. É feita de camadas de painéis de uma liga metálica cinza que quase parecem escamas. E tem a forma de um daqueles insetos egípcios — um escaravelho —, só que com uma tonelada de armas de fogo, o enorme canhão que se projeta na frente do casco chamando particularmente minha atenção.

— Deus — sussurra Sarah.

— Merda — diz Mark, um pouco mais alto.

Sua mão aperta meu ombro.

À medida que a *Anúbis* se aproxima pesadamente, toda a clareira e o próprio Santuário ficam cobertos por sua sombra.

— Calma agora — digo, tentando me controlar para não surtar também. — Fiquem quietos e não saiam de perto. Eles não podem nos ver.

A enorme nave para, sobrevoando o acampamento mog. Mesmo considerando a grande área de selva que os mogs abriram, a nave de guerra é tão grande que não terá espaço para pousar.

Adam deve perceber que a *Anúbis* pairando no campo de batalha meio que estraga nossos planos.

— Vamos ter que encontrar um jeito de subir lá.

— Se ele mandar tropas terrestres, podemos matá-los e pilotar seus próprios Escumadores de volta lá para cima — respondo.

É exatamente a tática que John e os militares americanos ausentes querem empregar contra as naves de guerras mogs, então quem melhor do que nós para sermos as cobaias?

— O que ele está fazendo? — questiona Sarah. — O que eles estão esperando?

Ella parou de se comunicar telepaticamente conosco alguns minutos atrás, e agora me pergunto se é apenas minha imaginação que me faz pensar que ainda posso sentir sua presença no fundo da minha mente. Mas se ela ainda está lá, se pode me ouvir, seria ótimo contar com sua ajuda.

— Ella? — chamo, me sentindo estúpida ao dizer o nome dela em voz alta assim. — Você pode me ouvir? O que está acontecendo aí em cima?

Nenhuma resposta.

— Marina? Sarah? Ela...?

— Nada, Seis — responde Sarah, uma voz sem corpo falando de outra.

— Acho que ela se foi — acrescenta Marina.

Mas então algo acontece. Um sussurro no fundo da minha mente. A voz de Ella, desamparada e sem esperança.

Vocês deviam ter corrido.

No ar acima de nós, um zumbido começa a emanar da *Anúbis*. Só percebemos porque em circunstâncias normais a nave é incrivelmente silenciosa. O som começa baixo, mas aumenta rapidamente. Em pouco tempo, meus dentes estão vibrando por causa disso. Examino a parte de baixo da nave, esperando ver os soldados de Setrákus Ra descendo em Escumadores, mas o céu está limpo.

— Mas que diabos é isso? — pergunto, esperando que Adam responda.

— A nave está energizando — responde Adam. Sua voz está irregular e sinto sua mão se afrouxar em meu braço, como se estivesse atordoado e esquecesse que precisa continuar me segurando para permanecer invisível.

— Energizando o quê? — pergunto.

— A arma principal — responde ele. — O canhão.

Eu posso ver isso. O buraco escuro do cano do canhão começa a brilhar à medida que a energia se aglutina lá. O zumbido fica mais alto conforme o canhão se enche de pura energia, como uma arma mogadoriana sobrecarregando. Em segundos, o Santuário e a selva em torno dele estão todos banhados pela luz azul-clara. Quero proteger meus olhos, mas Marina e Sarah estão segurando minhas mãos com força.

— Isso é ruim — diz Mark. — Muito ruim.

— Adam? — grito para ser ouvida acima do barulho da arma carregando.
— Essa coisa é muito poderosa?

Todos juntos, damos um passo para trás. Mal consigo saber onde todos estão e manter a nossa invisibilidade.

— Precisamos sair daqui — responde Adam, o assombro em sua voz dando lugar ao terror. — Precisamos voltar!

Todos já estão recuando, deixando apenas Phiri Dun-Ra escondida atrás do tronco caído. Marina faz força contra mim. Ela não está se movendo.

— Marina! — grito. — Vamos!

— Nós dissemos que não iríamos fugir! — grita ela de volta.

— Mas...!

O zumbido atinge um crescendo e a energia acumulada no canhão da nave é descarregada com um ruído ensurdecedor. Um sólido arco de eletricidade do tamanho de dez mil relâmpagos sai em direção ao Santuário, perfurando-o, o calcário antigo brilhando um vermelho incandescente. O disparo destrói o templo, de cima a baixo, como se não fosse nada. Só tenho um instante para pensar no Santuário, ainda de pé, mas cortado ao meio. Posso ver luz através das rachaduras na parede que um dia já foi sólida.

Um segundo depois, a energia condensada do canhão se expande para fora em uma onda de luz brilhante.

O Santuário explode.

— NÃO! — grita Marina.

Nós fracassamos. Setrákus Ra não veio para reivindicar o Santuário. Ele veio para destruí-lo.

Não tenho tempo para pensar no que isso significa ou no que vai acontecer depois. Adam me puxa para trás e saímos cambaleando para a selva, bem quando pedaços do templo começam a chover em torno de nós. Perco o controle sobre Marina e ela volta a ficar visível. A mão de Mark cai do meu ombro e ele reaparece também. Só Sarah e Adam continuam me segurando.

Marina, na verdade, sai correndo para a frente, como se fosse conseguir lutar contra aquela nave de guerra.

— Pare! — grito. — Marina! Pare!

Mark reage rapidamente, seus reflexos da época em que jogava futebol vindo de forma natural. Ele se atira em direção a ela e passa os braços em volta da cintura de Marina, derrubando-a.

— Fique longe de mim! — grita Marina para Mark. Ela o empurra para longe, deixando marcas das mãos geladas em seu peito.

Então, outra coisa explode. Um dos Escumadores que preparamos com C-4. Um golpe direto de um pedaço do Santuário deve ter acionado a bomba. Estilhaços passam zunindo por toda a nossa volta, partes incandescentes de metal amassado rasgando as folhas das árvores.

Mark respira fundo e desaba. Há um pedaço irregular do vidro grosso da cabine saindo de seu peito.

— Mark! — grita Sarah, se soltando de mim e correndo na direção dele.

Marina vê o ferimento de Mark e fica ofegante. Ela vira de costas para o Santuário e cai de joelhos ao lado dele, arrancando o vidro e imediatamente começando a curá-lo.

Galhos se quebram sobre minha cabeça e olho para cima a tempo de ver um pedaço de calcário do tamanho de uma bola de basquete vindo rapidamente em minha direção. Por reflexo, uso minha telecinesia e o pego no ar, atirando-o para o lado.

Mas não pego o próximo.

O pedaço me acerta no alto da cabeça. Antes mesmo que eu perceba o que aconteceu, sinto algo pegajoso e quente cobrindo o lado do meu rosto. Adam me segura sob os braços quando caio de joelhos. Nós dois estamos visíveis agora. Devo ter perdido a concentração. Tento ficar de pé, voltar a me concentrar na invisibilidade, mas não consigo fazer nenhuma das duas coisas. Minha cabeça gira e eu tenho que piscar para tirar o sangue dos meus olhos.

— Socorro! — grita Adam para Marina. — Seis está ferida!

Tento me manter consciente, mas é difícil. O mundo está ficando escuro, mesmo quando tudo por que lutamos está em chamas. Ella nos avisou que haveria morte. Quase me sentindo separada do meu corpo, me pergunto se é o fim.

Enquanto desmaio, ouço a voz de Ella na minha cabeça.

— *Sinto muito* — diz ela.

CAPÍTULO

DEZESSEIS

NÃO TENHO TEMPO para essa besteira.

Cinco quer me encontrar ao pôr do sol na Estátua da Liberdade. Parece o plano de algum supervilão. Ele está fazendo Nove de refém e planeja matá-lo se eu não aparecer. Não sei o que ele quer de mim. Na ONU, parecia que ele estava tentando nos ajudar do seu próprio jeito psicótico. No mínimo, ele me impediu de machucar Ella involuntariamente. É claro que não tem como ele saber que estou correndo contra o tempo aqui, que cada minuto desperdiçado em seus jogos doentios é um minuto sem ajudar Sarah, Seis e os outros. Se ele soubesse, será que se importaria?

Mandei Sarah e Mark para o México com a recém-descoberta - hacker e pilota loriена que estou louco para conhecer. Fiz isso porque eles são o único apoio que consegui reunir para ajudar Seis e o resto da Garde que estão prestes a entrar em uma grande luta.

Pelo menos eles podem fugir agora. Não estão presos. Seis e Sarah são inteligentes o suficiente para saber evitar maiores prejuízos e dar o fora. Isso é o que fico me dizendo.

Faço um rápido cálculo mental. Nem se a agente Walker convencesse os militares a me emprestar um dos seus caças mais rápidos eu chegaria ao México antes de Setrákus Ra. Não a essa altura.

Isso não significa que não vou tentar.

— Você pode pelo menos me arrumar um barco? — pergunto a Walker. Deixamos o caos do cais para trás e estamos de volta à barraca da agente do FBI.

— Para levá-lo à Estátua da Liberdade? — Walker assente. — Sim, eu posso conseguir isso.

— Agora — respondo. — Eu quero o barco agora.

— Cinco disse ao pôr do sol. Ainda falta quase uma hora — acrescenta Sam, amargamente.

Sei que ele andou fazendo os mesmo cálculos que eu. Ele sabe que não chegaremos a tempo no Santuário. Não a menos que deixemos Nove a mercê de qualquer que seja o destino que Cinco tenha reservado para ele, e nenhum de nós quer isso.

— Não vou esperar. Não temos que aguardar o horário marcado por Cinco. Ele provavelmente já está lá, preparando uma armadilha para a gente ou algo do tipo. Seja lá que diabos ele queria fazer. Nós vamos mais cedo. Se ele ainda não tiver chegado, esperamos pelo cretino.

— Boa ideia — diz Sam, assentindo. — Vamos fazer isso.

— Arrume o barco para mim — digo a Walker, e saio da barraca.

Dali, do parque da ponte do Brooklyn, podemos ver a ilha da Liberdade. O contorno verde da famosa estátua é visível contra o céu enfumaçado. Não vamos demorar muito para chegar lá. Dessa distância, não consigo discernir nenhum detalhe. Se Cinco está lá ou se preparou algum tipo de armadilha para nós, não sei. Na verdade, não importa. Seja lá o que encontrarmos, vamos encarar de frente.

Sam sai atrás de mim.

— O que vamos fazer, John? — pergunta ele. — Quer dizer, com Cinco.

— O que for preciso — respondo.

Ele fica em silêncio e cruza os braços, também olhando para a estátua ao longe.

— Sabe, eu sempre quis ver a Estátua da Liberdade — é tudo o que ele consegue pensar em dizer.

Dentro da barraca, ouço Walker gritando com alguém em seu walkie-talkie. Por fim, ela consegue requisitar uma das lanchas da guarda costeira. A lancha não tem a artilharia de um dos barcos da Marinha que vi no porto, mas vai nos levar à Ilha da Liberdade depressa. Walker também chama seus agentes de confiança, montando uma equipe de três caras que eu reconheço da força-tarefa anti-ProMog e que nos ajudaram a ir atrás do secretário de Defesa. Imagino que sejam os que sobreviveram à batalha com Setrákus Ra na ONU. Um deles é o homem que curei durante o primeiro conflito em Midtown, aquele que aparece no vídeo que Sarah postou na internet. Ele parece quase envergonhado ao apertar minha mão.

— Agente Murray — apresenta-se. — Não cheguei a ter chance de agradecer. Pelo outro dia.

— Não se preocupe com isso — digo a ele, depois viro para a agente Walker. — Não precisamos dos reforços. Só do barco.

— Me desculpe, John. Não posso deixar você dois irem até lá sozinhos. Vocês são patrimônio do governo agora.

Eu solto uma bufada.

— Ah, somos?

— São.

Não vou perder tempo discutindo isso. Eles podem ir se quiserem. Começo a andar para o cais, Sam ao meu lado, e Walker e seus agentes à nossa volta como guarda-costas. Como de costume, recebo vários olhares dos soldados por ali. Alguns parecem querer ajudar, mas tenho certeza de que receberam ordens de não se envolverem com a gente. A agente Walker e o que sobrou de seu grupo dissidente de ex-agentes do ProMog são toda a ajuda que o governo está disposto a nos conceder no momento. Pelo menos estão com armas melhores, os agentes tendo trocado suas pistolas-padrão por alguns rifles de assalto pesados.

— Ei! John Smith de Marte! Espere!

Me viro a tempo de ver Daniela espremer seu corpo desengonçado para passar por um grupo de soldados e vir correndo em nossa direção. Os agentes ao redor na mesma hora erguem seus rifles, e, ao ver isso, Daniela derrapa e para a alguns metros de distância, colocando as mãos para cima. Ela olha para os agentes do FBI com um sorriso convencido.

— Está tudo bem, acalmem-se — digo a Walker e seu grupo, acenando para Daniela se aproximar. — Ela é uma de nós.

Walker arqueia uma das sobrancelhas.

— Você quer dizer...?

— Uma Garde humana — explico, mantendo a voz baixa. — Uma das pessoas que Setrákus Ra quer que sejam entregues a ele.

Walker avalia Daniela e diz, secamente:

— Ótimo.

Isso só deixa o sorriso de Daniela ainda mais convencido.

— Vocês estão saindo em uma aventura ou algo assim? Posso ir?

Fecho a cara ao ver como ela parece não levar isso muito a sério e troco olhares com Sam.

— Encontrou sua mãe? — pergunta Sam a ela, e o sorriso de Daniela vacila um pouco.

— Ela não está aqui, e não se registrou com a Cruz Vermelha — responde Daniela, dando de ombros como se não fosse grande coisa. Mesmo que ela tente manter o tom leve, sua voz está trêmula e posso ver que ela espera o pior. — Provavelmente saiu da cidade de outra maneira. Tenho certeza de que está bem.

— Sim, claro — responde Sam, forçando um sorriso.

— Estamos indo enfrentar um Garde traidor — digo a ela, sem rodeios.

Walker olha para mim de cara feia, mas não vejo razão para mentir. Toda ajuda é bem-vinda.

— Uau. Também existem traidores entre vocês?

Penso em Cinco e em como ele se voltou contra nós, e penso em Setrákus Ra e nos incontáveis atos horríveis que cometeu. Ele era um Garde também, talvez até mesmo algo mais importante do que isso, se acreditarmos na carta que Crayton deixou para Ella. Então, olho para Daniela e penso nela e nos outros humanos com novos Legados que ainda não conhecemos. Será que todos eles vão lutar pelo bem? Ou será que alguns vão acabar como Cinco e Setrákus Ra?

— Somos pessoas normais — digo a ela.

— Só que com incríveis poderes — acrescenta Sam.

— Como qualquer outra pessoa — continuo —, podemos seguir por um mau caminho sem a orientação adequada.

Daniela abre aquele sorriso sarcástico de novo. É quase revoltante, mas estou começando a perceber que é apenas um mecanismo de defesa. Sempre que se sente desconfortável, ela faz isso.

— Sim. Entendi. Você vai ser o meu guia, John Smith? Meu sensei?

— Nós chamamos de Cêpan, na verdade. Nossos orientadores. Mas eles se foram. Agora praticamente tentamos descobrir o que fazer por conta própria.

A agente Walker pigarreia. Acho que ela quer que eu me livre de Daniela, mas não vou recusar nenhuma ajuda. Nem pensar.

— Você pode vir conosco — digo. — Mas precisa saber que o cara que estamos indo encontrar é extremamente perigoso.

— Maluco — acrescenta Sam.

— Ele já matou um de nós — prossigo. — E duvido que vá hesitar em fazer isso de novo. Quando acabarmos com ele, nossa amiga, a agente Walker aqui, de alguma forma vai nos colocar em um avião, e vamos encontrar uma maneira de matar o líder mogadoriano antes que siga em frente com a sua invasão.

— Está tentando me assustar? — pergunta Daniela, as mãos na cintura.

— Só quero que saiba no que está se metendo — respondo. — No caminho, posso tentar ajudá-la com a sua telecinesia. Talvez descobrir o que mais você pode fazer. Mas você tem que estar disposta a isso...

Ela olha para trás. Percebo que, mais do que tudo, ela quer dar o fora dali. Quer se manter ocupada e evitar confrontar a real

possibilidade de ter perdido toda a família durante o ataque a Nova York.

— Estou dentro — diz ela. — Vamos salvar o mundo e tudo o mais.

Sam sorri, e não posso deixar de rir um pouco também, principalmente quando noto a agente Walker revirando os olhos. Com Daniela dentro de nossa pequena bolha de agentes secretos, seguimos para o cais.

— Ei — diz Sam a Daniela, mantendo a voz baixa. — Só para você saber, os mogs também estavam fazendo prisioneiros em Nova York. Eles não estavam, tipo, matando qualquer coisa que se move.

— Sim, eu os vi fazer isso no meu bairro — responde Daniela. — E daí?

— Então, só porque ela não está aqui não significa que sua mãe... você sabe.

— Sim. Obrigada — diz Daniela rispidamente, mas acho que está mesmo agradecida.

O barco da guarda costeira está pronto e esperando por nós, um capitão usando um uniforme amassado e que fuma igual a uma chaminé preparado para nos levar aonde quer que a gente precise ir. Deixo Walker lhe dar as instruções e, poucos minutos depois, nós saímos, batendo forte contra as ondas. Do outro lado, vejo algumas luzes vindo de Nova Jersey, helicópteros indo e voltando. Parece que os militares estabeleceram um perímetro lá também, tentando realmente fazer com que os mogadorianos ficassem só em Manhattan. Dali, acho a cidade assustadoramente calma. Tenho certeza de que ainda há mogs por lá, patrulhando as ruas e

talvez estabelecendo uma fortaleza. Espero que a maioria dos moradores tenha conseguido atravessar a ponte e, se não, que pelo menos Sam esteja certo sobre os mogs estarem mantendo-os como prisioneiros em vez de matá-los. Isso significa que ainda podem ser salvos.

Quando a Ilha da Liberdade cresce à nossa frente, Daniela cutuca minha costela.

— Vocês vão encontrar esse cara na Estátua da Liberdade? — pergunta ela.

— Sim.

— Cara, isso é muito coisa de turista.

Em pouco tempo, paramos no cais da ilha. Uma meia dúzia de barcas flutuam ali, vazias, uma delas com marcas de queimado na lateral. O lugar inteiro está deserto; ninguém quis visitar a Estátua da Liberdade durante a invasão. O lugar é quase sereno. Quando saímos do barco, tento entender a disposição do lugar. Eu me forço a pensar como Cinco, me perguntando onde seria o melhor lugar para uma emboscada.

Tenho que inclinar a cabeça para apreciar a estátua. Estamos cada vez mais perto do lado que ela segura o livro. A tocha dourada brilha no que resta da luz do dia. A grande dama verde fica em um enorme pedestal de granito que, por sua vez, fica no alto de uma base de pedra ainda maior que ocupa quase metade da ilha. À direita, há um pequeno parque que parece impecavelmente conservado. Ele não deve estar escondido no parque — não é o estilo de Cinco.

O capitão do barco fica para trás, mas o resto de nós segue pelo cais em direção à estátua. Eu me lembro de quando conheci

Cinco, de como ele escolheu um monumento assustador em formato de monstro na mata para se revelar. Acho que o cara gosta de marcos. Ou talvez aquela estátua de monstro de madeira fosse uma pista, uma representação do monstro escondido dentro dele mesmo. Se for esse o caso, me pergunto qual o significado por trás da escolha da Estátua da Liberdade. Provavelmente não há nenhum, penso, lembrando que Cinco é um completo maluco.

Ao meu lado, Daniela abafa uma risadinha.

— Sabe, eu nunca estive aqui. E morei na cidade minha vida inteira.

— Sim, é como uma excursão — diz Sam. — Uma excursão em que, no final, um cara feito de aço sólido tenta esfaquear você até a morte.

— Ninguém vai ser esfaqueado até a morte — retruco.

Quando entramos na praça em volta da base da estátua, mantenho o olhar fixo no pedestal de cima. É lá que acho que Cinco deve estar. Ele pode voar, então seria fácil para ele alcançar aquela área, e isso lhe permitiria acompanhar a nossa chegada. Mas não vejo nenhum movimento lá em cima. Talvez ele ainda não esteja aqui. Ou talvez esteja escondido dentro da estátua. Estico mais o pescoço, tentando enxergar dentro da coroa, mas é impossível. Vamos ter que entrar para ter certeza de que não há nada na estátua.

— Olha — diz Sam, baixando a voz. — Bem ali.

Viro a cabeça para a esquerda, em direção ao gramado perfeitamente bem cuidado ao redor da base da estátua. Noto um movimento. Uma forma reluzente se levanta devagar da grama e

dá um passo vacilante em nossa direção. Eu estava procurando no lugar errado.

— Você chegou cedo — observa Cinco. — Que bom.

Dizer que a aparência de Cinco é péssima seria um eufemismo. Suas roupas parecem ter passado por uma debulhadora: rasgadas, manchadas de sangue e cobertas de terra e cinzas. Sua pele é um aço prateado, o que me faz pensar que ele está pronto para uma luta, mesmo que pareça mal se aguentar de pé. Seu rosto parece inchado e desfigurado, apesar do revestimento metálico — o nariz, torto, além de amassados visíveis na lateral da cabeça raspada. Ele está corcunda, um braço pendendo inutilmente. O outro exhibe aquela lâmina presa ao pulso. A luz do sol, já fraca, reflete em sua pele. Imediatamente, Walker e sua equipe se espalham, flanqueando Cinco. E apontam suas armas para ele. Daniela segue o caminho oposto, dando um passo para trás de mim.

— Hã, você devia ter descrito melhor esse traidor — diz ela.

Cinco olha para os agentes de Walker e sorri com ar de deboche. Mesmo parecendo arrasado, ter um monte de armas apontadas para ele parece reacender seu temperamento intenso. Seu olho que resta se abre ainda mais e ele apruma o corpo.

— Não me faça rir com essa merda — diz Cinco para Walker, então se vira para o agente Murray quando este engatilha a arma. — Sou à prova de balas, seu merda. Pode atirar, desafio você.

Há algo estranho na voz de Cinco. Soa metálica e rouca, quase como se ele estivesse com dificuldade para respirar.

Os agentes são inteligentes o bastante para não se aproximarem demais. Mas sei como Cinco é rápido. Se ele quisesse atacar um

deles, poderia vencer aquela distância em um ou dois segundos com seu voo. Caminho na grama, esperando atrair sua atenção antes que ele faça alguma loucura. Sam fica bem ao meu lado, Daniela, alguns passos atrás. É quando noto a forma desajeitada na grama ao lado de Cinco. É uma daquelas lonas azuis de construção em volta do que é, obviamente, um corpo, firmemente preso pelos elos grossos de uma corrente resistente.

Deve ser o Nove.

— Me entregue ele — digo a Cinco, sem perder tempo.

Cinco olha para o corpo e é quase como se tivesse esquecido que estava ali.

— Claro, John — responde Cinco.

Cinco se abaixa e passa as mãos pelas correntes. Ele ergue o corpo de Nove, fazendo uma careta devido ao esforço. Ele está ferido e cansado, e posso dizer que esse show está exigindo mais do que ele esperava. Com um grunhido animal, Cinco atira o corpo pelos trinta metros que nos separam. Pego Nove no ar com minha telecinesia e o abaixo suavemente até o chão. Na mesma hora, arranco as correntes e desenrolo a lona.

Nove está inconsciente na grama, diante de mim. Suas roupas estão em condições tão ruins quanto as de Cinco e seus ferimentos são igualmente horríveis. Há queimaduras de armas mogs em seus braços e peito, uma de suas mãos está quebrada como se algo a tivesse esmagado e há um corte feio na cabeça. Esse último é o que realmente me preocupa. O sangue encharca o cabelo escuro de Nove — muito sangue — e seus olhos não abrem quando bato de leve em seu rosto.

Sam toca meu ombro.

— Ele está...?

— Ah, ele está bem — geme Cinco, respondendo à pergunta. — Mas tive que acertá-lo com muita força para ele apagar. Você provavelmente vai querer cuidar disso, doutor.

Coloco minhas mãos na lateral da cabeça de Nove, mas paro antes de começar a curá-lo. Isso vai exigir minha concentração e significa que não poderei ficar de olho em Cinco. Olho para ele.

— Você vai fazer alguma coisa estúpida? — pergunto.

Cinco ergue as mãos, as palmas viradas para mim, mesmo que um de seus braços não suba tanto quanto o outro. Depois ele se joga para trás, sentado.

— Não se preocupe, John. Não vou machucar nenhum dos seus amiguinhos. — Mesmo assim, seu olho examina minha equipe, avaliando cada um deles. Cinco concentra seu olhar em Daniela. — Você não é policial. Qual é o seu lance?

— Não fale comigo, seu louco — responde ela.

— Não o provoque — alerta Sam, em voz baixa.

Cinco solta uma risada debochada e balança a cabeça, se divertindo mais do que nunca. Ele pega um punhado de grama à sua frente, despedaça e joga longe com um suspiro.

— Anda logo com isso, John. Não tenho o dia todo.

Ainda temo que isso seja algum tipo de armadilha, mas não posso esperar mais para curar Nove. Pressiono as mãos na lateral de sua cabeça e deixo minhas energias fluírem para ele. Primeiro, o corte em sua cabeça se fecha. Mas essa é só a lesão superficial. Intuitivamente, sinto os traumas mais graves e profundos que afetam Nove. Seu crânio está fraturado, e seu cérebro, um pouco inchado. Concentro meu Legado lá, embora tome cuidado para

não forçar mais energia do que o necessário. O cérebro é uma coisa delicada e não quero o de Nove ainda mais bagunçado do que já era antes. Ele ainda pode ter uma concussão quando eu terminar, mas, pelo menos, os danos mais graves serão revertidos.

Levo alguns minutos só me concentrando nele. Estou vagamente consciente do silêncio tenso ao meu redor. Quando termino, afasto as mãos da cabeça dele. Os outros ferimentos podem esperar até estarmos distantes de um completo lunático.

— Nove? Nove, acorda — chamo, sacudindo-o.

Após um instante, os olhos de Nove se abrem lentamente. Seu corpo fica tenso e seus olhos estão frenéticos, observando tudo ao redor, como se esperasse ser atacado outra vez. Quando reconhece Sam e a mim, se acalma e fica com um ar meio perdido. Depois agarra meu braço.

— Johnny! Peguei aquele desgraçado. Eu o acertei em cheio — murmura ele.

— Pegou quem? — pergunto, e não obtenho resposta.

A cabeça de Nove já está pendendo para longe de mim. Curei seus ferimentos, mas não posso tirar seu cansaço de lutar pelas últimas vinte e quatro horas seguidas. Ele está fraco e desorientado. Provavelmente vamos ter que carregá-lo.

Levanto os olhos e vejo Cinco ainda sentado na grama, nos observando. Vendo que Nove está fora de perigo, ele começa a bater palmas de forma lenta e sarcástica.

— Bravo, John. Sempre o herói — diz ele. — E quanto a mim?

— O que que tem você? — pergunto, com os dentes cerrados.

— Não, na verdade, eu gostaria de uma resposta para essa pergunta também — diz Walker, a arma ainda apontada para

Cinco. — Ele atacou nossos soldados e ajudou os mogadorianos. É basicamente um criminoso de guerra. Você vai simplesmente deixá-lo aqui?

— Vocês não têm algum tipo de prisão espacial ultrassecreta para caras malvados de metal? — sussurra Daniela para mim.

— Que ele vá para o inferno — diz Sam, o único que entende que temos coisas mais importantes para resolver. Ele balança a mão com desdém em direção a Cinco e se abaixa para tentar ajudar Nove a se levantar. — Vamos, John. Temos que sair daqui.

Quando estou prestes a me juntar a Sam, Cinco fala novamente.

— É isso? — pergunta ele, soando quase mal-humorado. — Você simplesmente vai embora?

Eu me empertigo e o encaro.

— Mas que diabos você quer, Cinco? Você sabe quanto do nosso tempo você já desperdiçou com esse teatro estúpido? — Faço um gesto em direção a Manhattan, ainda cheia de colunas de fumaça. — Você não é nenhuma prioridade neste momento, cara. Deu para perceber que estamos em guerra? Você está tão maluco que não viu seus velhos amigos mogs matando milhares de pessoas?

Cinco olha para a cidade, contemplando a destruição. Seu lábio inferior se projeta para fora.

— Eles não são meus amigos — afirma, em voz baixa.

— Ah, jura? Pena que você só está percebendo isso agora. Eles usaram você, Cinco, e agora não o querem mais. E nós também não. Você tem sorte por eu não ir até aí terminar o que Nove começou.

Eu me exalto ao lembrar tudo o que Cinco aprontou no pouco tempo em que o conheço. Apesar das minhas palavras, de repente

dou um passo na direção dele. Sam toca meu ombro, dizendo:

— Não. Só vamos embora.

Faço que sim, sabendo que Sam está certo. Mas ainda tenho que dizer algumas coisas. Preciso tirar isso do meu peito.

— Acho que você pode ficar sozinho agora — digo a Cinco. — Isso é meio o que você queria esse tempo todo, não é? Então volta correndo para uma das suas ilhas tropicais e se esconde, ou sei lá o que você quer fazer. Só fica fora do nosso caminho e para de desperdiçar nosso tempo.

Cinco olha para a grama à sua frente.

— Vocês não tinham que vir — diz ele, com amargura.

Isso realmente me faz rir. A completa loucura desse cara.

— Você nos fez vir aqui. Disse que mataria Nove se não viéssemos.

A testa de Cinco faz um barulho metálico quando ele bate nela como se estivesse tentando se lembrar de alguma coisa.

— Não foi isso o que eu disse para aqueles idiotas do Exército quando me encontraram — explicou ele. — Eu disse a eles que *lhe* daria uma nova cicatriz.

— Por que ainda estamos falando com ele? — questiona Sam, erguendo a voz, espantado.

Ele se abaixa mais uma vez, passa o braço de Nove pelos ombros e geme ao tentar levantá-lo.

Cinco olha nos meus olhos. Ele me encara fixamente, ignorando completamente os outros. Sei que está me provocando por algum motivo, mas não sei o quê. Sam tem razão quando diz que não deveríamos estar perdendo tempo aqui, mas não consigo evitar.

— O que você está dizendo? — pergunto, de má vontade, sabendo que é exatamente o que ele quer.

Em resposta, Cinco tira a camisa.

A simples ação parece exigir um grande esforço, como se fosse difícil para Cinco erguer os braços. A camisa agarra em alguma coisa e ele grita. Levo um instante olhando para seu peito, de metal como o resto do corpo, até perceber que há algo errado.

Cinco tem um pedaço de aço saindo de seu esterno. Parece uma haste quebrada de uma placa de rua. Ele vira ligeiramente de lado para que eu veja a outra ponta irregular saindo de suas costas. Cada extremidade está apenas alguns centímetros para fora de seu corpo, e as duas estão retorcidas e deformadas como se Cinco tivesse precisado encurtar o poste rasgando-o com as próprias mãos. Atravessa seu tronco e, no mínimo, deve ter perfurado um dos pulmões e parte da espinha. Talvez até o coração.

— Eu já estava na minha forma de metal quando ele atirou em mim. Mas isso não o impediu — explica Cinco, chiando um pouco ao falar. Ele olha para Nove com algo próximo a admiração. — Meus instintos entraram em ação na hora. Usei minha Externa de uma forma inteiramente nova e fiz do metal parte do meu corpo. Posso senti-lo frio dentro de mim, Quatro. É estranho.

Cinco parece quase casual quanto a isso. Dou um passo hesitante em direção a Cinco e ele sorri.

— Estou cansado e não posso manter minha Externa para sempre — diz Cinco. — Então queria que você decidisse. Você é o cara legal aqui, John. O razoável. E sempre estive à minha frente na ordem, mantendo-me vivo por todos esses anos, mesmo antes de me conhecer. Então o que vai ser?

Dou mais um passo cauteloso em direção a ele.

— Cinco...

— Viver ou morrer? — pergunta Cinco e, em seguida, sem aviso, ele volta a ser de carne.

CAPÍTULO

DEZESSETE

CINCO SUFOCA QUANDO tenta respirar novamente. Uma bolha de sangue se forma em sua boca. Sua pele, não mais coberta por uma camada de aço, fica pálida depressa. O olho que sobrou se arregala e se revira, mas um instante antes de isso acontecer, noto que havia medo nele. Talvez Cinco achasse que queria isso. Mas agora, diante da morte, está com medo.

Ele cai de costas na grama, convulsionando e respirando com dificuldade, fazendo um ruído doloroso. Dez segundos. Empalado por um poste de placa, acho que esse é o tempo que resta a Cinco.

Ele nos traiu. Disse aos mogs onde poderiam nos encontrar e explodiu o esconderijo de Nove. Por causa de Cinco, Setrákus Ra conseguiu sequestrar Ella, e o pai de Sam quase foi morto. Ele matou Oito. Com aquela lâmina em forma de agulha que neste exato momento arranca pedaços de terra enquanto Cinco sofre espasmos na grama, ele executou uma pessoa de seu próprio povo. Ele merece isso.

Mas não sou como ele. Não posso simplesmente ficar vendo-o morrer.

— Maldição — digo entre dentes, correndo para a frente, e deslizo na grama ao lado dele.

Pressiono as mãos no peito de Cinco e uso meu Legado de cura, transmitindo a ele energia suficiente para pelo menos estancar

parte do sangramento interno, e ganhando tempo para a cura maior. Cinco retoma um pouco a consciência, seu único olho encontra os meus e acho que vejo o canto de sua boca se erguer em um sorriso consciente. Em seguida, ele desmaia de dor e choque.

Preciso tirar o poste de metal do corpo dele. Obviamente não li muitos livros de medicina, mas tenho certeza de que removê-lo vai causar ainda mais danos aos seus órgãos. Portanto, devo curá-lo ao mesmo tempo que o metal for removido, e com sorte amenizarei o estrago. Com força, apoio o corpo de Cinco no meu e o coloco sentado. Então, aceno, chamando Sam.

— Preciso que você use sua telecinesia para retirar o metal — digo a Sam rapidamente. — Dessa forma, vou conseguir me concentrar na cura.

— Eu... — Sam hesita. Olha para o corpo mortalmente ferido de Cinco e engole em seco. — Acho que não, John.

— Como assim?

— Acho que você não deve salvá-lo — responde Sam, sua voz mais decidida agora. Ele olha para trás, para o corpo inconsciente de Nove. — Nove, hmmm... Acho que Nove estava certo na maneira como lidou com isso.

Minha mão está na nuca de Cinco. Posso sentir sua pulsação ficando mais lenta. Eu o estabilizei, mas isso não vai durar muito. Ele está ficando mais fraco. Não tenho certeza de que vai funcionar se eu tentar usar minha telecinesia ao mesmo tempo que a cura.

— Ele está *morrendo*, Sam.

— Eu sei.

— Isso já foi longe demais — digo. — Não estamos matando uns aos outros, não mais. Me ajude a salvá-lo, Sam.

— Não — responde Sam, balançando a cabeça. — Ele é muito... Olha, não vou detê-lo. Sei que não poderia nem mesmo se tentasse. Mas não vou ajudar você. Não vou ajudar o *Cinco*.

— Mas que diabos, eu ajudo — diz Daniela, passando por Sam e ajoelhando-se no chão ao meu lado.

Olho para Sam por mais um segundo. Entendo por que ele está se recusando a ajudar, entendo mesmo. Tenho certeza de que Nove também agiria da mesma forma se estivesse consciente. Ainda assim, estou desapontado.

Volto minha atenção para Daniela. Ela está olhando para o empalamento de Cinco como se fosse a coisa mais louca que já viu. Ela estende uma das mãos até onde o metal desaparece no peito dele, mas não consegue tocar.

— Por quê? — pergunto a ela. — Você não conhece Cinco nem sabe o que ele já fez. Por que você...?

Daniela me corta, dando de ombros.

— Porque você pediu. Agora vamos fazer isso ou não?

— Vamos — digo, tocando o peito de Cinco com as duas mãos, uma de cada lado da ferida. — Empurre. Suavemente. Vou curá-lo enquanto isso.

Daniela estreita os olhos em direção ao metal, as mãos pairando a alguns centímetros do peito de Cinco. Eu me pergunto se ela tem controle para isso. Se exercer força telecinética demais, pode acabar arrancando muito depressa o poste do peito de Cinco e não tenho certeza de que conseguirei curar seus órgãos internos

dilacerados rápido o suficiente. Temos que fazer isso de forma lenta e constante, ou Cinco corre o risco de sangrar até a morte.

Lentamente, Daniela começa a empurrar o metal. A respiração de Cinco acelera e ele começa a se contorcer, embora seu olho permaneça fechado. Ela mantém a concentração e tem mais controle do que eu esperava. Pressiono as mãos no peito de Cinco, uma de cada lado da ferida, e deixo minha energia de cura fluir para dentro dele.

— Nojento, nojento, nojento — murmura Daniela, baixinho.

Continuo enviando energia para Cinco, sentindo seus ferimentos se fechando, mas também meu Legado sendo prejudicado pelo metal ainda em seu corpo. No momento em que ouço um baque úmido na grama e percebo que Daniela conseguiu retirar o poste inteiro, aumento a energia, curando seus pulmões e a coluna vertebral.

Quando termino, Cinco respira com mais facilidade. Ele ainda está inconsciente e, pela primeira vez que consigo lembrar, parece quase sereno. Graças a mim, ele vai sobreviver. Agora que o momento passou, não sei bem como me sinto com relação a isso.

— Caramba — diz Daniela. — Devíamos ser cirurgiões ou algo assim.

— Espero que a gente não se arrependa disso — diz Sam, em voz baixa.

— *A gente* não vai se arrepender — retruco, olhando para Sam. — Eu fiz isso. Ele é minha responsabilidade agora.

Com isso em mente, e considerando que ele ainda está apagado, rapidamente tiro a lâmina do antebraço de Cinco e atiro-a na grama aos pés de Sam, que pega, examina cuidadosamente o

mecanismo e aperta o botão para recolher a lâmina. Então enfia a arma na parte de trás da calça.

Lembro a mim mesmo que, mesmo sem sua lâmina, Cinco não está totalmente desarmado. Abro as mãos dele, procurando a bola de borracha e o rolamento de esferas que ele sempre carrega consigo, para acionar sua Externa. Ele não está segurando-as, então começo a revistá-lo. Quando vejo que não estão nos bolsos, sei que só podem estar em um lugar.

Me encolhendo, tiro a gaze amarelada que cobre o olho destruído de Cinco. Cravado na órbita vazia está o rolamento reluzente de esferas e sua parceira de borracha. Não pode ser confortável ter essas duas coisas enfiadas na cabeça. Esta é a vida que eu salvei — um cara que encara a perda de um olho como uma oportunidade para um armazenamento mais eficiente. Uso minha telecinesia para tirar as duas esferas da órbita ocular de Cinco e atirá-las na grama. Ele geme, mas não recupera os sentidos.

— Isso é horrível — diz Daniela.

— Não brinca — respondo. Olho para a agente Walker. Ela assistiu à cena inteira em silêncio. Sei que provavelmente acha que Sam está certo e que eu devia ter deixado Cinco morrer. É por isso que sei que fiz a coisa certa. — Me arruma alguma coisa para amarrá-lo — digo a Walker.

Depois de me ver retirar tesouros escondidos da órbita do olho de Cinco, Walker leva um instante para reagir ao meu pedido. Ela coloca a mão atrás do corpo, solta suas algemas e as atira para mim.

Eu as pego e imediatamente atiro de volta.

— Você sabe que é uma péssima ideia, não? Ele se transforma em tudo o que toca, Walker. Me traga uma corda ou algo assim.

— Sou uma agente do FBI, John. Não ando com cordas.

— Procure uma no barco — digo, balançando a cabeça.

Irritada por eu estar lhe dando ordens na frente de outros agentes, Walker manda o agente Murray correr até lá para ver se há alguma corda no barco da guarda costeira.

— Você tem coração mole, Johnny.

Me viro e vejo que Nove recuperou a consciência. Está sentado com os braços apoiados nos joelhos, a cabeça curvada um pouco como se ainda estivesse incomodando. Ele olha de mim para Cinco e depois de volta, balançando a cabeça.

— Você sabe como foi difícil enfiar aquele poste nele? — Nove suspira.

Eu me aproximo e me abaixo na frente dele.

— Você é louco?

Nove dá de ombros, parecendo estranhamente zen.

— Deixa para lá, cara. Eu mato esse cara de novo mais tarde.

— Eu gostaria muito que você não fizesse isso.

Nove revira os olhos.

— Sim, sim. Tudo bem, cara. Entendo que você seja contra a pena de morte e toda essa ladainha. Ele implorou para você salvar sua vida, pelo menos? Seria bom ter visto isso.

— Ele não implorou — digo a Nove. — Na verdade, acho que queria morrer.

— Doente — responde Nove.

— Não quis dar o que ele queria.

— Sei que nós geralmente perdemos quando os bandidos conseguem o que querem, John. Mas, cara, acho que neste caso todo mundo sairia ganhando.

— Eu discordo.

Nove revira os olhos, então se vira para Cinco.

— Mas nunca podemos confiar nele. Você sabe disso, certo?

— Sei.

— E se for preciso, não vou hesitar em fazer isso de novo. Você não vai conseguir me impedir.

— Você ainda deve estar com uma concussão — digo para ele com um sorriso, brincando a respeito do comentário convencido. Aponto para seu peito e seus braços, ainda cobertos de arranhões e queimaduras de armas mogs, e sua mão quebrada. — Você quer que eu termine de curar tudo isso?

Nove faz que sim.

— A não ser que você só cuide de assassinos agora.

Enquanto curo Nove, Daniela chega perto e se apresenta. Ela recebe o sorriso exibido de sempre do grande idiota. Nós o atualizamos rapidamente sobre tudo o que aconteceu enquanto brigava pela cidade com Cinco. Quando termino, Nove vira para olhar a água em volta e a cidade em chamas além dela.

— Devíamos ter feito mais — diz ele, baixinho, balançando os braços e as pernas, e alongando os músculos. — Devíamos ter acabado com ele quando tivemos oportunidade.

— Eu sei — respondo. — Não paro de pensar nisso.

— Vamos ter outras oportunidades — diz Nove, então bate palmas e vira para a agente Walker. — Então, você vai nos levar ao México ou o quê, minha cara?

Walker levanta uma sobrancelha para Nove. Só então o agente Murray volta correndo, carregando nos braços uma corda grossa que deve ter conseguido no barco. Ele a entrega para mim e começo a amarrar Cinco, que ainda está inconsciente. Prendo os pulsos e os tornozelos dele o mais forte possível. As barras da sua calça sobem quando estou apertando os nós e vejo de relance suas cicatrizes. Tão parecidas com as minhas, identificando-nos como parte do mesmo povo quase extinto. Como Cinco chegou a esse ponto? E o que vai acontecer agora?

— O que vamos fazer com ele? — pergunta Sam, lendo minha mente.

— Prisão — respondo, e só ao dizer isso percebo que é o que realmente quero. — Só porque salvei a vida dele não significa que não haverá justiça. Precisamos de um quarto acolchoado, onde ele não possa tocar nada remotamente sólido.

— Podemos arranjar isso — diz Walker.

Ela faz essa oferta rapidamente. Isso me leva a imaginar se ela e o governo já projetaram lugares assim para nós, prisões capazes de nos deter, apesar dos nossos Legados. Talvez o ProMog estivesse trabalhando em algo assim.

— Arranje isso depois de descobrir como nos levar ao México — digo a ela. — Não vamos esperar mais, Walker.

— O que isso significa?

— Significa que se o presidente, ou aqueles generais, ou quem quer que esteja no comando por lá não nos arrumar um jato nos próximos dez minutos, nós vamos simplesmente pegar um.

Walker bufa ao ouvir isso.

— Você não sabe pilotar um jato.

— Aposto que alguém vai se oferecer quando eu começar a arrebentar umas caras — diz Nove, dando um passo à frente para apoiar minha jogada.

O agente Murray solta seu walkie-talkie do cinto e o oferece a Walker.

— Liga logo, Karen — diz ele, suspirando.

Walker lança a Murray um olhar frio, pega o próprio telefone via satélite e se afasta alguns passos de nós. Apesar da nossa história, estou bastante convencido de que Walker realmente quer nos ajudar. É o resto do governo que não está convencido de que somos uma boa aposta para ganhar esta guerra. Ela está fazendo tudo o que pode diante disso. Mas nossa janela para ser de alguma ajuda para Seis, Sarah e os outros está ficando cada vez menor. Não suporto mais esperar que essas pessoas decidam nos apoiar em nossa luta. Vamos salvá-los, quer eles queiram que a gente faça isso ou não. É o que temos que fazer.

— Vocês não estão pretendendo atacar de verdade o Exército agora, não é? — pergunta Daniela, mantendo a voz baixa para os agentes não ouvirem.

— Besteira, eu mal posso ficar de pé — responde Nove, baixinho.

— Mas precisamos chegar lá — diz Sam, e sei que ele está pensando em Seis tanto quanto estou pensando em Sarah. — Se ela não puder nos ajudar, o que vamos fazer?

Nove olha para mim.

— Você realmente ia seguir em frente com isso, não é?

— Sim — digo. — Se eles não quiserem ajudar, vamos fazer com que queiram.

Daniela assobia por entre os dentes.

— Isso é intenso, cara.

Olho para Walker. Ela mantém a voz baixa, mas está fazendo vários gestos enfáticos.

— Ela sabe o que está em jogo. Walker vai conseguir. — Ao dizer isso, pego meu próprio telefone via satélite. Eu deveria entrar em contato com Sarah e Seis, ver onde eles estão e me certificar de que não vão tentar enfrentar Setrákus Ra sozinhos.

Antes que tenha oportunidade de apertar o botão para ligar, ouço um som estranho e alto vindo da água. Viramos todos naquela direção bem a tempo de ver um grande cilindro de metal emergir do rio. Ele voa alto, espirrando jatos de água enquanto gira em direção ao cais mais próximo. A coisa é grande — tão grande que, quando aterrissa com um ruído estridente de metal se envergando, tijolos saem voando com o impacto. Vejo o capitão do barco da guarda costeira que confiscamos mergulhar na água para evitar os destroços.

É o submarino que vimos no porto mais cedo.

— O que... Como isso é possível? — exclama Sam.

Alguma coisa atirou o submarino para fora da água.

Corremos em direção ao cais em busca de sobreviventes, embora a coisa não pareça nada boa. A metade traseira da embarcação está amassada como uma lata de alumínio esmagada e há valas rasgadas no revestimento lateral do submarino. Podemos ver através das paredes quando chegamos mais perto — com certeza entrou água na embarcação. Fios soltos dos sistemas elétricos fritos cospem faíscas quando nos aproximamos.

— Cuidado — digo. — Não cheguem muito perto.

— Mas que diabos poderia ter feito isso? — pergunta Nove, as mãos apoiadas nos joelhos enquanto recupera a respiração.

Como se em resposta, o capitão do nosso barco grita. Num minuto ele está se movimentando na água e esperando que a gente lhe diga que está tudo tranquilo, e no minuto seguinte vemos uma sombra escura crescendo abaixo dele, que é sugado para baixo das ondas com um grito agudo e engolido inteiro pelo monstro que se ergue lentamente das profundezas do rio Hudson.

Todos nós damos um passo para trás, depois outro. Dois agentes saem correndo em direções opostas, horrorizados com o tamanho da criatura diante de nós. A água escorre da pele nodosa do monstro, tão translúcida que é possível ver o sangue negro bombeando pelas veias do tamanho de cabos de energia. Ele não tem pelos, nem pescoço, e é encurvado. Presas curvas se projetam da mandíbula inferior, impossibilitando a coisa de fechar completamente a boca, uma baba amarelada escorrendo num fluxo constante. Brânquias do tamanho de hélices de helicóptero se contraem quando o monstro respira pela primeira vez. Ele está de quatro, as pernas traseiras curvadas, e as pernas dianteiras mais se parecem com braços grossos de gorila. Ele é quase tão alto quanto a Estátua da Liberdade.

Daniela logo deixa de lado a atitude de garota durona. Ela grita, e Nove tem que tapar sua boca. Não posso culpá-la. O monstro é aterrorizante, e já lutei contra muitas criações bizarras dos mogadorianos.

— Droga — sussurra Sam. — É um maldito tarrasque.

Viro a cabeça para Sam, incrédulo.

— Você já viu um desses antes?

— Não, eu... eu... — gagueja ele. — É uma coisa de RPG.

— Nerd — murmura Nove, enquanto recua lentamente.

Daniela afasta a mão de Nove, recuperando-se o suficiente para olhar para mim.

— Você não me disse que eles tinham, hmmm... malditos *mogassauros*!

Isso deve ter sido o que Setrákus Ra atirou na água quando a *Anúbis* foi embora esta manhã. Um último presente para a dizimada cidade de Nova York. Um lembrete para a presença militar de quem está realmente no comando. Deixo meu Lúmen correr para as minhas mãos. Vou ter que gerar uma quantidade enorme de fogo se quiser deixar uma marca naquele monstro.

— Sei que você pode ver essa coisa! — grita Walker em seu telefone via satélite, provavelmente estourando o tímpano de quem quer que fosse a pessoa com quem estava conversando em voz baixa alguns instantes antes. — Apoio aéreo! Mandem algum maldito ataque aéreo!

O mogassauro inclina o rosto plano em direção ao céu. As membranas viscosas que imagino que sejam as narinas começam a se contrair. Em seguida, ele abre os olhos — cada um deles branco leitoso, dispostos em um padrão de diamante na larga testa da fera. É difícil distinguir àquela distância, mas eu podia jurar ter visto um brilho azul-cobalto em cada um daqueles olhos. Do centro deles, onde ficaria a pupila, posso definitivamente ver uma onda de energia azulada ardendo na criatura.

A cor, a energia — me faz lembrar dos nossos pingentes. Poderia ser esse o resultado do que Setrákus Ra estava fazendo quando o vi a bordo da *Anúbis*? Mas o que isso significa? Além de ser tão

grande quanto um prédio, o que esse monstro pode fazer de diferente dos outros que já enfrentamos? Os pingentes roubados de alguma forma lhe dão energia? Ou fazem algo totalmente diferente?

Ainda de pé junto à margem, o mogassauro balança a cabeça e olha diretamente para nós.

— Merda — diz Nove, dando um passo para trás. — Está vindo para cá?

— Agora! — grita Walker, ao telefone, recuando também. — É um maldito monstro gigante!

— Acho que ele pode nos sentir — digo. — Acho... acho que Setrákus Ra deixou isso aqui para nos caçar.

— OK — diz Daniela. — Eu tenho que ir.

Como se em resposta, o mogassauro solta um rugido ensurdecador em nossa direção, espalhando névoa do rio e seu hálito de peixe podre em cima de nós. Em seguida, tira um dos braços dianteiros do lodo do rio, descendo-o com toda a força no cais. As vigas de madeira se arrebentam, soltando lascas, e a passarela de concreto desmorona, fazendo duas das barcas serem sugadas para baixo d'água como brinquedos.

Ele está vindo em nossa direção.

Arremesso uma bola de fogo no mogassauro. Rapidamente percebo que é pequena demais para causar qualquer dano. A bola de fogo chia e deixa uma marca de queimadura na pele do monstro, mas ele nem nota.

— Corram! — grito. — Espalhem-se! Usem a estátua como cobertura!

Nove, Daniela, Walker e Murray correm de volta para a grama e a estátua. Mas Sam permanece parado no lugar, mesmo quando o mogassauro dá outro passo estrondoso em nossa direção.

— Sam! Vamos! — grito, agarrando-o pelo braço.

— John? Você sente isso?

Olho para Sam. Seus olhos estão diferentes, cheios de energia crepitante. Parecem duas tevês dessintonizadas, exceto pela luz azul-clara que emitem.

— Sam? Mas que...?

Antes mesmo que eu termine de falar, Sam tem uma convulsão e desaba. Consigo pegá-lo e tento arrastá-lo para trás. Daniela e Nove veem isso acontecer e param.

— Johnny, o que há de errado com ele? — grita Nove.

— Agarra ele e corre! — ordena Daniela.

Buum. Outra explosão atrás de nós. O mogassauro conseguiu sair da água, e agora está com todos os membros sobre o cais, praticamente esmagando-o. O submarino está preso como um espinho na parte de baixo da pata da fera, que está temporariamente distraída tentando se livrar dele. Não sei o que há de errado com Sam, mas não acho que a besta colossal atrás de nós seja a causa. Sua aflição é causada por outra coisa.

— Ele desmaiou! — grito para Nove. — Ele...

Sou interrompido quando Daniela e Nove ficam espasmódicos, seus olhos se enchendo com a mesma luz azul. Elas caem no chão ao mesmo tempo, desabando um em cima do outro.

— Não!

E então acontece comigo.

Um tentáculo de vívida luz azul surge no chão à minha frente. Por alguma razão, não tenho medo. É quase como se eu reconhecesse essa estranha formação de energia. Sinto que ela corre nas profundezas da terra, e também que, se a agente Walker, ou o mogassauo, ou alguém sem Legados olhasse para o mesmo lugar que eu agora, não veria nada, além de espaço vazio. Isso está aparecendo só para mim.

É a minha conexão. Minha conexão com Lorien.

Mais rápido do que meu olho pode acompanhar, o dedo de luz se liga à minha testa. Nesse momento, tenho certeza de que meus olhos estão derramando energia elétrica, assim como os dos outros antes de desmaiarem.

Sinto acontecer. Estou deixando meu corpo.

Reconheço essa sensação. É exatamente como a vez em que Ella me puxou para sua visão.

— Ella? — chamo, embora tenha certeza de que essa palavra na verdade não sai da minha boca.

Tenho certeza de que meu corpo está caído no cais, não muito longe do maior monstro que já vi na vida.

Oi, John, responde Ella dentro da minha cabeça. Posso ouvi-la dizer outras palavras também, como se estivesse tendo centenas de conversas ao mesmo tempo.

Não penso em perguntar como isso é possível. Ella deve estar a milhares de quilômetros de distância com Setrákus Ra, ou, com sorte, prestes a ser resgatada por Seis. Ela não é tão poderosa assim. Seus poderes não funcionam desse jeito. Não penso em nada disso. Estou mais focado em meu corpo físico, sem falar em

Nove, Sam e Daniela. O que quer que Ella esteja fazendo conosco, ela não poderia ter escolhido um momento pior.

— Mas que diabos está acontecendo? Assim você vai fazer a gente morrer!

A qualquer segundo, espero ouvir o barulho dos meus ossos sendo esmagados pela pata do mogassauo. Mas isso não acontece. Na verdade, começo a notar formas diante dos meus olhos — formas borradas e indistintas, como um projetor de cinema fora de foco.

Não se preocupe, diz Ella, e novamente há aquele eco de outras vozes. Isso só vai levar um segundo.

CAPÍTULO

DEZOTO

POR QUANTO TEMPO fiquei apagada? Não deve ter sido mais do que alguns minutos antes de ser acordada por alfinetadas geladas ao longo da lateral do meu rosto. É Marina, derramando seu Legado de cura em mim. Minha cabeça está no seu colo. Sinto uma coisa estranha, como uma espécie de fisgada na linha do cabelo quando o tecido lá cresce de novo, o corte causado pelos destroços sendo rapidamente curado.

A outra mão de Marina está tapando minha boca, imagino que por precaução, caso eu acorde gritando. Arregalo os olhos para lhe mostrar que estou bem e ela tira a mão. Seu rosto está coberto de poeira marrom do templo que explodiu. Vejo marcas de lágrimas na sujeira no rosto de Marina.

— Ele o destruiu, Seis — diz ela, um sussurro entrecortado. — Destruiu a coisa toda. — Me sento e avalio a nossa situação.

Ainda estamos à beira da selva, escondidos atrás do tronco de árvore caído e agora um monte de pedaços de pedra calcária. Há buracos nas copas das árvores acima das nossas cabeças por onde os destroços do Santuário caíram. Felizmente, ninguém mais parece estar ferido, ou Marina já cuidou deles.

Ela fica perto de mim enquanto me arrasto para perto dos outros. Mark e Adam estão deitados de barriga para baixo, lado a lado, à direita do tronco caído. Estão com as armas apontadas para fora e usam um bloco de pedra como cobertura. Noto manchas de sangue na camisa de Mark e lembro que ele tinha um estilhaço cravado no peito pouco antes de eu apagar.

Toco em seu ombro.

— Você está bem?

Ele lança um olhar agradecido para Marina.

— Estou. Mas não quero que isso se torne um hábito. E você?

— Também.

Sarah está apoiada no tronco caído, espreitando por trás dele. Phiri Dun-Ra foi empurrada para um canto, ao lado dela. A mog não foi esmagada por nenhum dos detritos que caíram em nossa área, o que parece injusto. Ela ainda está inconsciente ou, mais provavelmente, fingindo. Vejo se ela está bem amarrada antes de ficar ao lado de Sarah. Ela olha para mim — os lábios contraídos, estreitando os olhos. Me lembra muito o rosto corajoso de John, na verdade. Aquele que aparece quando ele está apavorado, mas quer continuar lutando de qualquer maneira.

— O que vamos fazer, Seis? — pergunta Sarah.

— Ficar ao alcance do meu braço caso a gente precise ficar invisível — digo, não só para Sarah, mas para todos. — Ainda temos um plano.

Mark bufa ao ouvir isso e suas mãos tremem um pouco na arma. Ele está com o detonador dos nossos explosivos na terra ao seu lado.

— Não há mais nenhum Santuário para proteger — diz Marina desamparadamente.

— Ainda podemos tomar a *Anúbis* — respondo. — E resgatar Ella.

— Cara, não consigo ver merda nenhuma daqui — acrescenta Mark.

Fico invisível para espiar por cima do tronco sem correr o risco de ser vista. Nosso esconderijo me permite uma visão melhor do que o de Mark e Adam. A poeira do ataque da *Anúbis* ainda está se acomodando na clareira; isso somado ao pôr do sol deixa toda a área banhada por uma névoa dourada granulosa. Três colunas espessas de fumaça preta se enroscam em direção ao céu — os Escumadores e suas armadilhas explosivas que foram acionadas quando a *Anúbis* descarregou sua fúria. No entanto, embora algumas delas tenham virado de cabeça para baixo ou sido arremessadas para longe, ainda vejo alguns Escumadores que preparamos para explodir.

Então ainda podemos conseguir salvar uma das nossas armadilhas para combater os mogadorianos. Mas o poço que nos esforçamos tanto para escavar se foi. Ou, mais precisamente, virou um buraco muito maior.

O terreno onde o Santuário ficou por séculos agora é uma cratera enfumaçada. Tem cerca de vinte metros de profundidade com pedaços teimosos de tijolos do templo ainda presos ao solo e áreas de terra queimada com resquícios de fogo do canhão da *Anúbis* que só agora começar a apagar. Aquele campo de força existia precisamente para impedir que algo assim acontecesse. Nós conseguimos entrar no Santuário e esse é o resultado. Destruição total.

A menos...

Ainda invisível, subo no tronco para conseguir um ângulo melhor da cratera. Sarah se encolhe com o barulho que eu faço e aponta a arma em minha direção.

— Relaxa, sou só eu — sussurro, depressa. — Estou tentando ver uma coisa.

— O que você está vendo? — pergunta Marina.

Vejo um brilho azul suave que emana do próprio centro da cratera. Vejo a borda de pedra do poço onde jogamos nossas Heranças, o lugar de onde a Entidade emergiu.

Pulo do tronco da árvore e fico visível novamente. Quero que Marina veja a esperança em meu rosto porque é muito real.

— O poço ainda está lá — digo a ela. — Ele não o explodiu, ou talvez não tenha conseguido. A Entidade está bem.

— Sério? — pergunta Marina, passando as mãos no rosto.

— Sério. Ainda temos um deus extraterrestre para proteger.

— Essa coisa devia estar *nos* protegendo — resmungo Mark.

— Mas e se ele não estivesse tentando explodir tudo? — pergunta Sarah.
— E se a questão toda fosse, tipo, chegar ao poço? E se ele tivesse que eliminar o templo?

— Merda — respondo, porque essa teoria faz muito sentido.

— Eles estão descendo — avisa Adam, em sibilo.

A *Anúbis* lentamente se aproxima do chão. Mesmo com o templo destruído, a imensa nave de guerra ainda é grande demais para pousar na clareira. Mesmo assim, ela paira centrada sobre a cratera. As engrenagens rangem quando duas rampas metálicas largas se estendem dos lados da *Anúbis*, duas portas deslizantes se abrindo no alto. De lá, fileiras de mogadorianos começam a sair. Eles parecem ser da raça habitual de guerreiros nascidos artificialmente, todos vestidos com armaduras pretas e carregando armas. Os mogs saem da nave com rápida eficiência e começam a proteger a área. Estamos em desvantagem de pelo menos dez para um, e não vai demorar muito para eles descobrirem nossa posição ou encontrarem as bombas que prendemos aos Escumadores.

— Temos que atacar agora! — sussurro agressivamente para os outros. Estendo o braço e puxo Adam para perto. — Vamos ficar invisíveis e flanqueá-los. Vocês detonam as bombas e os distraem. Marina, alguma das armas que montamos ainda está em posição?

Marina estreita os olhos, concentrada, então acena uma vez.

— Algumas. Eu cuido disso.

Mark deixa a arma de lado e pega o detonador, preparando os explosivos. A maior parte das lâmpadas não acende, indicando que perdemos essas bombas no ataque da *Anúbis*.

— Pronto — diz Mark.

— Lembre-se, se der errado, corram para a nave da Lexa — repito as instruções.

Adam, espiando por trás do tronco, estala os dedos para nós.

— Lá — diz ele, com um tom de voz amargo. — Lá estão os dois.

Setrákus Ra aparece no alto da rampa. Ele é tão intimidador quanto me lembro — quase três metros de altura, pálido, aquela cicatriz roxa grossa em seu pescoço visível mesmo àquela distância. Está usando algum tipo de

armadura mogadoriana extravagante, feita da mesma liga obsidiana das de seus servos — exceto que a sua tem pontas afiadas salientes ao longo dos ombros e se prende a uma capa de couro com detalhes em pelos que vai até o chão. Ele é o retrato de um vaidoso senhor intergaláctico da guerra e parece gostar disso.

Está de mãos dadas com Ella, os pequenos dedos dela presos gentilmente nos dele protegidos pela armadura. Marina engasga quando a vê. Não tenho certeza de que eu a teria reconhecido se ela não tivesse gritado na minha cabeça poucos minutos atrás. Ela parece menor, mais magra e mais pálida, como se a vida tivesse sido sugada dela. Não, isso não está certo. Ela não necessariamente parece doente, eu percebo.

Ela parece mogadoriana.

Os olhos de Ella estão vazios e sua cabeça pende de forma que o queixo está pressionado contra o peito. Ela não parece nem mesmo remotamente consciente do que acontece ao redor. Seus movimentos são robóticos e entorpecidos. Ela segue Setrákus Ra para a rampa com total submissão. Os mogs vasculhando a área param o que estão fazendo para assistir a seu governante e sua herdeira descerem da *Anúbis*, todos eles fazendo a tola saudação com o punho no peito.

Setrákus Ra para no meio da rampa. Seus olhos correm pela selva, nos procurando.

— Sei que vocês estão aí! — berra ele, sua voz chegando até nós na silenciosa floresta. — Estou feliz! Quero que vejam o que vai acontecer! — grita Setrákus Ra em direção a *Anúbis* atrás dele. — Abaixem-se!

Em resposta à sua ordem, uma porta se abre na parte de baixo da nave. Lentamente, um grande equipamento sai da *Anúbis*. Parece um cano com suportes de apoio construídos ao redor. Os lados do cano estão cobertos de circuitos complicados e medidores. No entanto, há mais do que apenas tecnologia mogadoriana no dispositivo que Setrákus Ra desce lentamente. Gravados nas laterais de metal, em meio a todos os componentes

eletrônicos, há hieróglifos estranhos que me fazem lembrar os símbolos marcados em nossos tornozelos. Além disso, posso não estar cem por cento certa, mas parece que essas marcas são feitas em loralite. O que quer que seja esse dispositivo, parece um híbrido lórico-mogadoriano, da mesma forma que Setrákus Ra.



— Não gosto da aparência dessa coisa — digo, em voz baixa.

— Não mesmo — responde Sarah.

— Devíamos explodir isso — sugere Mark.

— Seja lá para o que ele quer usar isso, não podemos deixar isso acontecer — concorda Marina.

— Está bem. Então destruímos o brinquedo dele, resgatamos Ella e, então, ou tomamos a *Anúbis* ou fugimos para a nave de Lexa — digo.

— Você faz parecer tão fácil — responde Adam.

Mesmo que não possa nos ver, Setrákus Ra continua com seu discurso convencido.

— Durante séculos, tenho trabalhado para aproveitar o poder de Lorien, para utilizá-lo de maneira mais eficiente do que a natureza pretendia. Agora, enfim...

Blá-blá-blá. Rapidamente, calculo a distância entre Ella e o Escumador mais próximo preparado para explodir. Bem longe. Acho que ela não estará no raio de explosão. Enquanto Setrákus Ra continua sua cantilena, olho para os outros.

— Já ouvi o bastante. E vocês?

Todo mundo concorda. Eles estão prontos.

— Fiquem abaixados — digo, lembrando como Mark foi atingido por um estilhaço há apenas alguns minutos.

Todo mundo se esconde. É agora.

— Manda ver — digo para Mark.

Com os dedos voando pelo controle, Mark vira os interruptores.

É verdade que algumas dos Escumadores que preparamos para explodir se desconectaram de seus detonadores quando a *Anúbis* bombardeou o Santuário. E é verdade que outras já explodiram durante esse impacto. Então não conseguimos a destruição em larga escala que teríamos se nossas bombas meticulosamente presas aos Escumadores tivessem detonado de uma vez só como planejado.

Mas ainda assim é bastante eficaz.

Os mogs estão muito ocupados ouvindo respeitosamente o mais recente, pomposo e babaca discurso de Setrákus Ra para se dar conta do que aconteceu. Cinco Escumadores espalhados ao redor da cratera explodem em uma chuva de destroços incandescentes. Mesmo de onde estou, posso sentir o calor e tenho que proteger os olhos. Pelo menos trinta mogs viram cinzas na mesma hora, seus corpos completamente engolidos pelas chamas. Outros morrem quando os pedaços dos Escumadores saem voando em todas as direções. Vejo um guerreiro ser cortado ao meio verticalmente por um para-brisa que passa rodopiando a toda velocidade, enquanto outro é esmagado por uma coluna em chamas.

A melhor parte é o pânico. Os mogs não sabem o que os atingiu nem onde a verdadeira ameaça está escondida, então começam a disparar em direção às naves que explodiram. Pelo menos alguns são eliminados pelos tiros dos próprios companheiros. Marina e eu usamos nossa telecinesia para disparar algumas das armas que escondemos na selva, deixando-os ainda mais confusos.

Um suporte retorcido de roda desaba na rampa bem em frente a Setrákus Ra e Ella. Talvez tenha sido um pouco imprudente de nossa parte explodir as naves — acho que Setrákus Ra teve que desviar daquela roda com sua telecinesia para evitar que batesse nele e em Ella. No entanto, é bom saber que ele não quer ver Ella machucada tanto quanto nós.

Sorrio. Setrákus Ra realmente parece surpreso com nosso contra-ataque. Com seu discurso arruinado, o líder mog desce apressado o resto da rampa, arrastando Ella junto.

— Encontrem-nos! — grita ele quando começa a descer a inclinação rochosa da cratera, em direção ao poço lórico. — Matem todos eles!

— Vamos lá! — grito, não tão alto a ponto de entregar nossa posição graças ao crepitar do fogo dos cascos dos Escumadores, mas o bastante para motivar meus aliados. É hora de matar ou morrer.

Pego a mão de Adam e ficamos invisíveis. Assumo a liderança, conduzindo-nos em um amplo arco ao redor dos mogs que acabará nos levando perto da cratera e do aparelho de Setrákus Ra. Marina mantém a distração dos disparos, usando armas escondidas em diferentes lugares para que os mogs continuem confusos. Memorizei os locais onde escondemos nossas armas extras, assim consigo evitar o fogo cruzado.

Pelo menos, consigo evitá-lo pelos primeiros vinte metros. Então damos azar. Um dos mogs, as costas pegando fogo das explosões dos Escumadores, tropeça em nossa direção, atirando descontroladamente. Mergulho para longe, assim como Adam.

Mas mergulhamos em direções opostas.

E, bem assim, Adam volta ao mundo visível.

— Merda — diz ele, levantando a própria arma e acertando o mog mais próximo.

— Lá! — grita um dos outros guerreiros.

Nada mais de continuar lutando no estilo guerrilha.

Ao ver Adam em perigo, Bernie Kosar é o primeiro a se lançar em batalha. Num segundo ele é um tucano, voando inocentemente em direção ao grupo mais próximo de mogadorianos, e num piscar de olhos assume a forma de um imenso leão, abrindo caminho com dentes e garras através dos nossos inimigos. Vários mogs ainda se recuperam das explosões e nem viram Adam, então Bernie Kosar tem uma vantagem no ataque. Ele está mais rápido e mais

feroz do que na última vez que o vi lutar, mais furioso talvez, e lembro que quase morreu em Chicago. Sempre que os mogs conseguem mirá-lo, Bernie Kosar se transforma em um animal menor — um inseto ou um pássaro —, tornando-se um alvo impossível. Então, quando está em uma posição melhor para matar, volta à forma de predador. As transições são tão suaves que é quase bonito.

Nosso Chimæra de estimação ficou realmente bom em matar mogs. E nós também.

Dois mogs à esquerda conseguiram se recuperar o bastante para mirar Adam. Eles são facilmente alvejados da posição em que nosso grupo está. Devem ter sido Sarah e Mark, e eles não param de atirar quando esses dois primeiros mogs são pulverizados. Vários guerreiros são pegos na terra queimada que usavam como pista de decolagem. Agora é só um monte de espaço vazio sem lugar para se esconder. Vejo Sarah matar dois deles, um depois do outro.

Marina corre para fora da selva em direção a Adam e, em seguida, eles partem direto para a briga. Alguns dos mogs estão tentando recuar e se reagrupar, mas outros os veem chegando. Eles se preparam e miram. Em pouco tempo o ar está zumbindo com disparos em todas as direções. As chances são algo como vinte para um.

Nada mau.

Adam assume a liderança, saltando para a frente com passadas largas, cada uma enviando ondas de choque sob os pés dos mogadorianos. Quando a terra treme, é praticamente impossível os mogs conseguirem mirar direito. Alguns tombam em cima dos outros, os disparos ziguezagueando em todas as direções, menos em linha reta. Um abalo sísmico em particular provoca um ruído alto quando uma parte do chão se rasga, meia dúzia de mogs despencando em uma fenda profunda.

Acho que temos nossa buraco-armadilha afinal.

Marina vai um pouco mais devagar, mas não menos mortal. Ela segue em direção aos mogs com as mãos abertas e curvadas dos lados do corpo. Pedacos pontudos de gelo sólido se formam em cima de suas mãos e, quando crescem do tamanho de bolas de beisebol, Marina as arremessa telecineticamente para cima dos mogs. Gritando e desequilibrado em razão de um dos tremores de Adam, um mog vem em disparada até Marina com um punhal. Ela mal olha para ele enquanto ergue a mão em um gesto de *pare* e congela seu rosto. Marina abre caminho de forma devastadora com seu gelo através dos mogs, seguindo direto para a cratera e Setrákus Ra.

Do outro lado do campo de batalha, Setrákus Ra chegou ao fundo da cratera e ao poço lórico. Ela está perto dele, apática e meio zumbi, a cabeça pendendo de um lado para o outro. Ela observa Setrákus Ra guiar com a mão o sinistro dispositivo que está ligado a *Anúbis*. Ele posiciona o cilindro poucos metros acima do poço. Em seguida, Setrákus Ra se afasta e levanta as mãos como um maestro, acionando telecineticamente os complicados interruptores e botões dos lados do tubo. Com um zumbido que ouço de onde estou, a coisa começa a ligar. Isso não pode ser bom.

— Temos que impedi-lo! — grita Marina.

Sei que suas palavras são para mim, mas não respondo. Ainda invisível, não quero entregar minha posição. Queria poder usar meu Legado de tempo que controla o clima e mandar um relâmpago em cima de Setrákus Ra. A *Anúbis* está bloqueando boa parte do céu ali. Em vez disso, pego uma arma mog caída.

Ultimamente, tenho passado tanto tempo conduzindo grupos de pessoas invisíveis através de rios e florestas que quase tinha esquecido como é libertador estar sozinha e invisível. Libertador e mortal. Passo facilmente pelas fileiras de mogadorianos. É quase como uma dança, a não ser pelo fato de que eles não sabem que somos parceiros. Enquanto sigo até lá, levanto minha arma invisível e puxo o gatilho, à queima-roupa, mirando sempre na cabeça. O tempo todo me aproximando da cratera e de Setrákus Ra. A única

coisa que poderia entregar a minha posição é o breve flash de luz do cano da minha arma, e isso é rapidamente oculto pela explosão das partículas de cinzas dos rostos dos mogs que acerto.

Já acabei com mais de dez mogs em pouco tempo. Paro um instante para olhar para trás em direção à selva e ter certeza de que Sarah e Mark estão lá. Sem dúvida, eles continuam disparando. Bernie Kosar ficou para trás também, impedindo qualquer mog de se aproximar muito de onde estão os humanos. Percebo que ele provavelmente está seguindo ordens estritas de John para manter Sarah segura. Isso é bom.

Os mogs já começam a diminuir. Alguns, na verdade, estão voltando para a *Anúbis*, enquanto outros formaram um perímetro meio solto ao redor da cratera para proteger o seu Líder Amado. Setrákus Ra não parece nem um pouco preocupado com nada disso. Está completamente concentrado em operar sua máquina.

Enquanto tento chegar à cratera, o tubo começa a emitir um som sibilante. Posso sentir a atmosfera ao redor mudar — rochas soltas são erguidas do chão, e noto uma vaga sensação de gravidade me puxando para a cratera. Totalmente ligado, o dispositivo de Setrákus Ra está começando a sugar os arredores. Vejo Ella, ainda absortamente parada na cratera, ainda telepaticamente em silêncio, seu cabelo chicoteando em direção ao cilindro. O poço começa a desmoronar, os tijolos se soltando e sendo brevemente erguidos em direção à máquina de sucção antes de serem desviados por um campo de força que provavelmente é semelhante ao que protege a *Anúbis*. Esse aparelho de Setrákus Ra não está interessado em solo e detritos; ele os afasta, criando uma espécie de tornado de terra e pedaços de tijolos.

E então acontece. Com um ruído estridente como mil chaleiras explodindo, a energia lórica azul-cobalto dispara do chão para o alto e é sugada para dentro do cilindro. A área inteira é banhada por uma luz azul tremeluzente que faz com que até mesmo alguns dos mogs olhem em volta, maravilhados. Não é natural, a forma como a energia sai ondulando do solo, a princípio

forte e descontrolada, mas rapidamente capturada e conduzida pelo que percebo ser um duto, transferindo a energia lórica para a *Anúbis*. Achei o brilho da Entidade reconfortante e sereno quando estávamos no Santuário, mas agora — o ar crepita com a eletricidade, a luz fere meus olhos e o barulho...

É como se a energia estivesse gritando. Ela está sofrendo.

— Sim! Sim! — berra Setrákus Ra com prazer, como se fosse um cientista louco, as mãos levantadas em êxtase em direção ao funil de energia.

Marina perde o controle. Manda a cautela para o espaço e corre em direção à cratera. Dois sincelos grossos e afiados aparecem em suas mãos como espadas e ela os usa para empalar três mogs em seu caminho, chegando enlouquecida às fileiras daqueles que guardam a cratera. Então desliza pelo declive rochoso até Setrákus Ra e Ella. Ela vai enfrentá-lo sozinha. Eu já fiz isso, não deu muito certo.

Corro para alcançá-la. Há outros mogs ao redor da cratera além dos que Marina perfurou e todos eles se viraram para mirá-la. Ela está distraída, é um alvo fácil. Mas para mim, ainda invisível, os mogs é que são os alvos fáceis. Corro atrás deles em um arco em torno da borda da cratera, pulverizando cada um o mais rápido possível. Antes que eu possa matá-lo, um dos mogs consegue disparar um tiro que acerta a parte de trás da perna de Marina. Acho que ela nem nota.

Na verdade, Marina nem presta atenção em Setrákus Ra. Ou não se importa. Ela ataca diretamente o duto, bombardeando-o com esferas de gelo cheias de pontas. Quando essas são engolidas pelo redemoinho de poeira e detritos, ou desviadas pelo campo de força da máquina, Marina avança. Ela vai destruir aquela coisa com as próprias mãos se for preciso.

Setrákus Ra a pega pelo pescoço. Ele se move mais rápido do que uma criatura do tamanho dele deveria ser capaz. Enquanto desço correndo a cratera, ainda invisível, Setrákus Ra levanta Marina pelo pescoço, deixando

seus pés balançando no ar. Ela tenta chutá-lo, mas ele a mantém a um distância segura.

— Olá, menina — diz Setrákus Ra, seu tom feliz e vitorioso. — Veio assistir ao show?

Marina tenta soltar os dedos dele. Ela obviamente não consegue respirar. Não tenho certeza de que chegarei a tempo.

Uma onda de pedras e terra acerta a parte de trás das pernas de Setrákus Ra. Ele é surpreendido e perde o controle sobre Marina enquanto cai para a frente e instintivamente usa as mãos para se apoiar. Marina consegue rolar para longe enquanto as pernas de Setrákus Ra são soterradas pelo deslizamento de rochas. Ella se atira para a frente, como se suas pernas também tivessem sido atingidas, mas ela não grita, e sua expressão vazia não muda.

Foi Adam quem afastou o perigo, ao chegar derrapando na cratera da direção oposta à minha. Há queimaduras em seus ombros e um longo corte na lateral de seu rosto onde algum mog conseguiu acertá-lo com a adaga, mas ele ainda parece pronto para a luta.

Acabo indo parar ao lado de Ella na cratera. É quando acontece — *pop* —, de repente estou visível de novo, contra minha vontade. Setrákus Ra deve estar usando seu poder de cancelar Legados. Marina está de joelhos a alguns metros dele, segurando a garganta e tossindo. Enquanto isso, o líder mog está tendo dificuldades para sair do deslizamento de terra. Pelo menos Adam conseguiu soterrá-lo até os joelhos antes que nossos Legados fossem desligados.

Aproveito a oportunidade para agarrar Ella pelos ombros. De perto, ela parece ainda mais distante do que eu esperava. Suas bochechas estão vazias, o rosto, magro, e há veias escuras correndo por baixo de sua pele como teias de aranha. Os olhos dela estão vidrados e ela não reage quando a balanço. A luz da energia lórica — ainda sendo sugada pelo duto — se reflete em seus olhos. Ela olha diretamente para ele.

— Ella! Anda! Vamos tirar você daqui!

Não há nenhuma reação visível, mas sua voz finalmente retorna à minha mente.

Seis. É bonito, não é?

Ela surtou. Dane-se. Vou arrastá-la daqui como planejamos.

— Seis! — grita Marina, a voz aflita. — Temos que desligá-la!

Olho para a máquina, depois para a *Anúbis*. Não há como saber o que Setrákus Ra vai fazer com a energia lórica que está capturando, mas obviamente não pode ser boa coisa. Me pergunto se ele vai ser capaz de tirar permanentemente os nossos Legados se sugar energia suficiente da Entidade.

— Você sabe como parar essa coisa? — pergunto a Ella, encarando novamente seu rosto inexpressivo.

Esta resposta demora um instante. *Sim*.

— Como? Conte para nós!

Ela não responde.

Com um grunhido indignado, Setrákus Ra liberta uma de suas pernas do deslizamento de rocha. Quando ele faz isso, Adam o alcança. Sem o seu Legado, assim como nós, o mogadoriano mais jovem segura a espada de seu pai. A lâmina é quase grande demais para ele e seus braços tremem ao segurá-la. Ainda assim, ele coloca a ponta da lâmina bem no pescoço de Setrákus Ra.

— Pare — ordena Adam. — Seu tempo acabou. Desligue sua máquina ou mato você.

O rosto de Setrákus Ra se ilumina, mesmo com uma espada pressionada contra sua cicatriz roxa. Ele ri.

— Adamus Sutekh — exclama. — Eu esperava que tivéssemos a chance de nos conhecer.

— Cale a boca — adverte Adam imediatamente. — Faça o que eu disse sem rodeios.

— Desligar a máquina? — Setrákus Ra ri. Ele termina de se levantar. Adam tem que se esticar para manter a lâmina perto da garganta dele. — Mas é a minha maior realização. Eu me conectei com a própria Lorien e curvei-a à minha vontade. Não mais estaremos presos aos grilhões arbitrários do destino. Podemos forjar nossos próprios Legados. Você, mais do que ninguém, devia apreciar isso.

— Pare de falar.

— Você não devia estar me ameaçando, rapaz. Devia é estar me agradecendo — continua Setrákus Ra, tirando a terra das pernas protegidas pela armadura. — Aquele Legado que você usou de forma tão incrível foi dado a você como resultado da minha pesquisa, compreende? A máquina a que o Dr. Anu ligou você era alimentada por pura loralite, o resto do que extraí de Lorien há muito tempo. Com o corpo de uma Garde que carregava uma centelha da própria Lorien, bem... a transferência se tornou possível. Você é o resultado glorioso da minha ciência, Adamus Sutekh. Do meu controle sobre Lorien. E hoje, você pode me ajudar a abrir o caminho para outros como você.

— Não — diz Adam, a voz quase inaudível acima do rugido da energia sendo bombeada para a *Anúbis*.

— Não o quê? — questiona Setrákus Ra. — O que você achou, garoto? Que seus Legados tinham vindo de algum outro lugar? Que esse fluxo irracional da natureza escolheu você? Foi a ciência, Adamus. A ciência, seu pai e eu. Nós escolhemos você.

— Meu pai está morto! — grita Adam, espetando a espada com mais força no pescoço de Setrákus Ra.

Ao meu lado, Ella solta um arquejo. Uma gota de sangue se forma em sua garganta.

— Adam! Cuidado! — grito, dando um passo em direção a ele.

Marina está de pé também, olhando incerta entre o duto de energia e os dois mogadorianos. Eles nos ignoram.

— Hmmm — responde Setrákus Ra. — Eu não tinha ouvido...

— Eu o matei — continua Adam, gritando. — Com esta espada! Assim como vou matar você!

Por um instante, Setrákus Ra parece genuinamente tomado de surpresa. Então ele estende a mão e segura a lâmina de Adam.

— Você sabe o que vai acontecer se tentar — diz Setrákus Ra, e em demonstração ele agarra a lâmina com força.

Me viro e vejo o corpo de Ella se encolher com a dor, enquanto um grande corte se abre na palma de sua mão, o sangue pingando na terra. Ela cambaleia alguns passos para a frente em direção ao poço, procurando se conter.

— Eu não me importo. A minha vida inteira fui treinado para matá-los — diz Adam, entre dentes.

— E nunca consegui fazer isso, não é? — retruca Setrákus Ra, rindo do blefe de Adam. — Li os relatórios de seu pai, garoto. Sei tudo sobre você.

Ainda segurando a espada, Setrákus Ra se aproxima de Adam, assomando sobre o jovem mog. O corpo de Adam estremece, mas não tenho certeza se é de raiva ou medo. Chego mais perto deles, embora não saiba o que fazer. Se Adam girar a espada, vou detê-lo? Marina se aproxima também, os olhos arregalados. Atrás de mim, ouço os pés de Ella se arrastarem no chão. Em transe, ela foi parar mais perto do poço lórico e do pilar afluyente de energia.

— Ella! — sibilo. — Fique parada!

— Nunca quis matar por você porque nunca acreditei nas suas besteiras! — grita Adam. — Mas, se fazer isso significa acabar com você... — Os olhos de Adam correm rapidamente em direção a Ella. Posso ver acontecer... os olhos dele ficam graves e determinados. Ele não está blefando, não mais. — Posso viver com isso — diz ele, friamente. — Posso viver com isso se você morrer também.

Tudo acontece muito rápido. Adam empurra a lâmina enquanto Setrákus Ra ainda a segura, a lâmina cortando inofensivamente a palma de sua mão, a

ponta apontada para sua garganta. Setrákus Ra parece surpreso, mas reage rapidamente — ele é rápido, mais do que Adam esperava. Setrákus Ra se abaixa para a esquerda, a lâmina roçando seu pescoço, sem causar nenhum dano. Pelo menos não a ele.

Viro a cabeça depressa e vejo o corte se formar no pescoço de Ella. O sangue escorre por seu ombro e ela fica ofegante, mas não grita. Na verdade, sequer parece notar. Está totalmente concentrada na corrente de energia, seus pequenos pés virados para dentro enquanto se arrastam um pouco mais para perto.

Antes de Adam girar a espada em outro golpe, Setrákus Ra soca o seu rosto. O líder mog está usando luvas de proteção e ouço alguns ossos do rosto de Adam serem triturados com o impacto. Ele deixa cair a espada e cambaleia para trás. Setrákus Ra está para acertá-lo novamente quando Marina vai para cima dele, tirando-o do caminho.

Com os dois no chão, eu não tenho escolha a não ser ir até lá e me colocar entre eles e Setrákus Ra. Quando me aproximo, Setrákus Ra pega a espada de Adam, balançando-a em um arco indolente ao lado do seu corpo. Ele sorri para mim.

— Olá, Seis — diz ele, e corta o ar à sua frente com a lâmina. — Você está pronta para ver tudo isso acabar?

Eu não respondo. Falar só dá uma vantagem a Setrákus Ra: permite que ele entre em nossas mentes. Em vez disso, grito por cima do ombro para Marina.

— Afastem-se daqui! — digo a ela. — Vá para longe para curá-lo!

Pelo canto do meu olho, posso ver Marina segurando Adam. Ele está apagado, e nem tenho certeza de que ela quer curá-lo depois do que ele acabou de fazer. Ela definitivamente não quer me deixar para trás, ou se retirar enquanto a máquina de Setrákus Ra ainda está funcionando.

— Vai! Eu cuido disso! — insisto, olhando para Setrákus Ra, dançando nas pontas dos meus pés. Só tenho que atrasá-lo, continuar viva, até... até o quê? Como vamos sair dessa?

Ella estava certa. Ficar significava a morte.

O sorriso de Setrákus Ra não se desvanece. Ele sabe que estamos contra a parede. Ele se lança na minha direção, brandindo a espada em direção à minha barriga. Salto para trás e sinto a ponta da lâmina passar bem em frente ao meu abdômen. O solo rochoso sob meus pés se mexe e eu quase tropeço.

Atrás de mim, Marina conseguiu arrastar Adam para onde a cratera começa a subir. Ela para e grita.

— Ella! O quê...!

Setrákus Ra e eu viramos para o poço, e vemos que Ella subiu na borda de pedra. Ela está a centímetros da onda furiosa de energia lórica. Seu cabelo voa em todas as direções, quase como um halo. Faíscas elétricas centelham em volta dela, e o sangue escuro em seu pescoço assume um tom de roxo sob a vívida luz azul. A pele do seu rosto e mãos ondula como se ela estivesse em um túnel de vento, e pequenos detritos a golpeiam. Ela ignora tudo.

Imediatamente, Setrákus Ra me esquece. Ele dá um passo hesitante em direção a Ella.

— Desça daí! — berra ele. — O que você...?!

Ella se vira em nossa direção, seus olhos fixos em Setrákus Ra. E já não estão mais distantes, olhando para o nada. Por um instante, posso ver a velha Ella ali. A menina tímida que conhecemos na Espanha e que se transformou em uma corajosa guerreira. Sua voz é baixa, ainda que de alguma forma amplificada pela torrente de energia atrás dela.

— Você não vai vencer, avô — diz ela. — Adeus.

E, em seguida, Ella cai de costas na energia lórica.

Setrákus Ra grita e corre, mas é tarde demais. Vemos um clarão de luz quase ofuscante. O corpo de Ella, basicamente uma silhueta àquela altura, paira no ar, presa entre o poço lórico e a máquina de Setrákus Ra. Por um momento, seu corpo se contorce, arqueando-se dolorosamente. Então uma

onda de energia flui do poço para cima, forte demais para a máquina de Setrákus Ra aguentar. Os circuitos em sua lateral explodem em uma chuva de faíscas e as gravações em loralite derretem em uma explosão abrasadora de calor incandescente. Enquanto isso, o corpo de Ella parece desintegrar — ainda posso vê-lo lá, suspenso na energia, mas também posso ver através dele, como se cada partícula se desfizesse de uma vez.

Um instante depois, o corpo de Ella é lançado para fora do fluxo de energia. Ela é jogada ao lado da cratera como se fosse uma boneca de pano fumegante. Em seguida, o brilho da energia lórica se dissipa e volta para dentro da terra, enquanto o duto de Setrákus Ra emite um rangido metálico e desmorona, pedaços de metal retorcido enterrando o poço lórico.

Setrákus Ra olha fixamente para sua máquina arruinada sem conseguir acreditar. É a primeira vez que vejo o velho cretino completamente perplexo.

Marina se move imediatamente. Ela deixa o corpo de Adam para trás e mergulha em direção a Ella. Seus Legados ainda estão desligados, então, quando Marina pressiona as mãos no corpo de Ella, sei que nada vai acontecer. É tarde demais, de qualquer maneira.

Não preciso ver as lágrimas escorrendo pelo rosto de Marina para saber. Ella está morta.

Setrákus Ra olha para o corpo da neta, uma expressão desolada no rosto. Enquanto isso, levanto o maior pedaço de rocha que encontro.

E o quebro na parte de trás da cabeça de Setrákus Ra.

Faço um corte. Ele sangra. O encanto mogadoriano está quebrado.

Meu ataque o traz de volta a si. Setrákus Ra ruge, vira para me encarar e levanta a imensa espada sobre a cabeça.

Ele está prestes a fincá-la em mim quando seu olhos — normalmente poços escuros vazios — se enchem com o brilho azul da energia lórica. A espada cai de suas mãos e Setrákus Ra, o líder dos mogadorianos, assassino do meu povo, destruidor de mundos... desmaia bem aos meus pés.

Estou atordoada. Me viro para olhar Marina, mas ela está desmaiada também. Que diabos está acontecendo?

Ella. O brilho de energia lórica emana dela. Derrama-se de seus olhos, boca, ouvidos — de todos os lugares, assim como quando a Entidade brevemente reanimou o corpo de Oito.

Da ponta de um de seus dedos, um feixe de energia lórica dispara em direção a mim, me atingindo bem na testa. Caio de joelhos, sentindo-me ser levada em direção à inconsciência. Olho para Ella... ou o que quer que ela seja agora. Há outras explosões de energia lórica saindo de seu corpo, voando para longe dela como estrelas cadentes, para fora da cratera e em direção a... onde? Eu não sei. Não sei o que está acontecendo com ela, com a Entidade ou nada disso.

Só sei que esta é a minha chance.

— Agora não! — grito, lutando contra o sono suave que a energia lórica está tentando forçar para cima de mim. — Ella! Lorien! Pare! Eu... eu posso matá-lo!

Mas então apago. Sou levada para o mesmo sono artificial de Setrákus Ra e Marina.

O que vejo em seguida, o que todos vemos, é o começo de tudo.

CAPÍTULO

DEZENOVE

ENTÃO É ASSIM que é estar morta.

Flutuo acima do meu corpo e quase não me reconheço. Meu avô começou a me transformar em um monstro como ele. A garota abatida lá embaixo, toda pálida e debilitada, mal posso acreditar que sou ela. Ou era ela. Marina coloca as mãos em meu corpo, tenta me trazer de volta, mesmo que seus Legados não estejam funcionando. É triste vê-la atormentada desse jeito.

Não quero voltar para aquele corpo. É um alívio estar fora. Não há mais dor e pela primeira vez em dias consigo pensar direito.

Na verdade, é meio estranho poder pensar, considerando que estou, você sabe... morta. Acho que a vida após a morte é assim.

Abaixo de mim, os outros – Marina, Seis, Setrákus Ra – se movem em câmera extremamente lenta. Vejo tudo. Cada partícula do templo destruído ainda flutuando no ar. As gotas de suor frio na nuca do meu avô. O brilho pulsante de energia lórica dentro de todos eles, até mesmo de Setrákus Ra.

Como sou capaz de ver tudo isso?

Só queria acabar com o controle que Setrákus Ra exercia sobre mim, pôr um fim ao seu terrível encanto mogadoriano para que ele não pudesse mais me manter refém. Queria ajudar meus amigos. Algo me disse que a melhor maneira de fazer isso era me atirar naquele redemoinho de energia. Imaginei que fosse morrer e já estava quase

aceitando isso com tranquilidade. Fico feliz que não haja só escuridão e vermes. Mas qualquer que seja o estágio em que estou agora, espero que não se resuma a assistir as pessoas que amo lutarem até a morte em câmera lenta.

– *Ella.*

A voz vem de todos os lugares. Não uma voz, muitas vozes. Milhares de vozes. Mas, de alguma forma, em meio àquele coro, reconheço algumas. Crayton. Adelina. Oito. Eles estão me chamando.

– *Você tem um trabalho a fazer.*

Caio em direção ao chão, a meu corpo. Por um instante, sou tomada pelo pânico. Vou voltar para minha antiga pele e mais uma vez ser controlada por meu avô? Mas então, de repente, uma sensação de calma me invade, como se tivessem me envolvido com um cobertor quente. Nada pode me machucar, não agora.

Eu deveria bater no chão. Em vez disso, continuo caindo. Passo pela terra e pelas pedras, e em pouco tempo estou submersa em escuridão. Já não parece mais que estou caindo. É como se eu estivesse flutuando pelo espaço – sem gravidade, sem peso, só um infinito flutuar tranquilo. Já não sei mais dizer que lado é para cima, que caminho leva de volta ao mundo e meus amigos, meu corpo. Não parece importante agora. Eu provavelmente devia estar surtando. De alguma forma, porém, sei que estou segura.

Lentamente, uma luz começa a brilhar ao meu redor. Milhares de minúsculos pontos azuis flutuam em torno de mim, como grãos de poeira pairando em um raio de sol. É como a energia lórica em que mergulhei. As partículas se expandem e se contraem, como pulmões. Às vezes, elas se misturam em formas vagas, então rapidamente se separam.

De alguma forma, tenho a sensação de que estou sendo vigiada.

Há uma rede da energia abaixo de mim e já não sinto como se estivesse flutuando ou caindo. É mais como se me segurassem, como se eu estivesse envolta em duas mãos gigantes. Me sinto confortável e relaxada, como se pudesse descansar ali para sempre. É tão diferente do inferno que têm sido os últimos dias, em que exercer minimamente a minha vontade causava dores lancinantes por todo o corpo. Parte de mim quer desligar a mente e apenas deixar o que quer que esteja acontecendo comigo se estender para sempre. Mas outra parte sabe que meus amigos ainda estão lutando no mundo dos vivos. Tenho que ajudá-los.

– Olá? – pergunto, para saber se ainda consigo falar.

Ouçõ minha voz, mesmo que não sinta mais que tenho uma boca, - pulmões ou um corpo. A sensação é a mesma de quando converso telepaticamente, em que penso mais alto do que o normal e projeto esses pensamentos para as outras pessoas.

– *Olá, Ella* – responde uma voz.

As bolhas de energia flutuando à minha frente pulsam em sincronia com a voz. Estranhamente, me sinto completamente confortável conversando com um bando de vaga-lumes neon.

– Estou morta? – pergunto. – Aqui é o céu ou algo assim?

Sinto cócegas não desagradáveis onde minha pele deveria estar. Acho que é a sensação que a risada dessa coisa provoca.

– *Não, aqui não é o céu, criança. E sua morte é apenas uma condição temporária. Quando chegar a hora, vou restaurá-la à sua forma física.*

– Ah. – Faço uma pausa. – E se eu não quiser voltar?

– *Você vai querer.*

Não tenha tanta certeza, amigo, eu penso, mas não digo.

– Então... onde estou? O que é isso?

– *Você abandonou seu corpo e usou seu dons telepáticos para se refugiar em minha mente. Você fundiu sua consciência com a minha. Você sabia que era capaz de fazer isso, criança?*

– Hmmm, não.

– *Eu imaginei que não. Foi uma coisa perigosa de se fazer, jovem Ella. Minha mente é vasta e se estende por toda os lugares e todas as épocas em que existi. Estou protegendo você desse conhecimento que acumulei, para não sobrecarregá-la.*

Acho que é por isso que me sinto tão confortável naquela escuridão total, sem corpo e aninhada em pura energia lórica. Porque a Entidade lórica está cuidando de mim.

– Obrigada – respondo.

– *De nada.*

Me ocorre que eu provavelmente deveria fazer algumas perguntas importantes. Não é todo dia que se compartilha a mente com uma energia divina.

– Mas o que exatamente você é?

– *Eu sou eu. Eu sou a fonte.*

– Aham. Mas como devo chamá-la?

Há uma pequena pausa antes que a voz me responda. Os pontos de energia continuam pairando ao meu redor.

– *Tenho sido chamado de muitas coisas. Um dia, já fui Lorien. Agora, sou Terra. Seus amigos me chamaram de Entidade.*

Então era isso que estava escondido sob o Santuário, o que Setrákus Ra queria encontrar. Marina e os outros devem ter falado com essa energia antes que seu esconderijo fosse mandado pelos ares. Mas

Entidade... isso soa formal, frio e estranho. E não é a sensação que estou tendo agora.

– Vou chamar você de Legado – decido.

– *Como quiser, criança.*

Legado parece tão tranquilo. E só faz alguns minutos que a *Anúbis* estava sugando-o do chão com um canudo mecânico gigante.

– Meu avô machucou você quando o tirou da Terra? – pergunto.

– *Ele não pode me machucar, só pode me modificar. Uma vez modificado, já não sou eu, e assim não sou eu que vou sentir a dor.*

– OK – respondo, sem entender muito bem o que ele quis dizer. – Você está, tipo, preso a bordo da *Anúbis* agora?

– *Só uma pequena parte de mim, criança. Existo em muitos lugares. Seu avô já tentou me extrair antes, mas sou maior do que ele imagina. Venha. Vou lhe mostrar.*

Antes que eu possa sequer perguntar – *ir aonde?* –, uma onda de energia lórica me transporta. Já não estou flutuando na escuridão serena. Em vez disso, estou dentro da própria Terra. É como um desses cortes transversais, em que se pode ver as diferentes camadas da crosta terrestre – as placas tectônicas, ossos de dinossauros, lava derretida perto do núcleo do planeta. Vejo tudo. E me sinto minúscula.

Correndo por todas as camadas da Terra, entrelaçados ao próprio núcleo, identifico veios brilhantes de loralite. A energia é mais fraca em alguns lugares, mais forte em outros, mas não há lugar no planeta que não esteja perto de seu brilho suave.

– Uau – digo. – Você realmente se acomodou bem por aqui.

– *Sim* – responde o Legado. – *E isso não é tudo.*

Nós subimos. Mais uma vez, o campo de batalha aparece abaixo de mim. Meus amigos e Setrákus Ra ainda estão se movendo como se

estivessem presos em melaço. Seis ergue uma rocha, com sorte para acertar o meu avô.

No peito de Seis, logo acima de seu coração, vejo uma brasa incandescente de energia lórica. Em Marina e Adam também. Assim como em mim, embora a minha brasa pareça um pouco mais fraca do que a deles, provavelmente em razão de toda essa coisa de morrer e tal. Até Setrákus Ra tem uma centelha de Lorien, embora a dele pareça parcialmente coberta por uma substância negra. Ele se corrompeu de maneiras que não entendo. Pensar nisso me faz olhar para cima em direção a *Anúbis*. Lá, armazenado na parte inferior da nave, há um brilho pulsante da loralite extraída. Não é nada comparado com o que acabei de ver no subsolo, mas ainda assim...

– O que ele vai fazer com isso? – pergunto a Legado. – Quer dizer, com você?

– *Eu vou lhe mostrar. Primeiro, você precisa reunir os outros. Concluí que todos devem ver o motivo por que lutam.*

– Que outros?

– *Todos eles. Vou ajudá-la.*

Sem aviso, minha mente começa a se estender. É como se eu estivesse usando minha telepatia, tateando à procura de mentes familiares, exceto que meu alcance é muito maior agora. Na verdade, a sensação não é boa. Sinto como se meu cérebro estivesse sendo puxado em todas as direções por ímãs realmente fortes.

– O quê... o que você está fazendo?

– *Estou aumentando suas habilidades, criança. Pode ser um pouco desconfortável no início. Me desculpe.*

– O que devo fazer?

– *Reúna aqueles que marquei.*

Por mais louco que pareça, realmente sei o que isso significa. Quando procuro com minha telepatia, realmente sinto todas as pessoas tocadas por Legado lá fora. Me concentro na essência azul radiante de Marina, então a pego com minha mão telepática e a trago para perto. Era assim que eu fazia para trazer John para as minhas visões, só que agora é muito mais fácil. Alcanço Adam também, trazendo-os para o calor da consciência do Legado. Então, hesito.

– E quanto a ele? – pergunto, olhando para meu avô.

– *Até ele. Todos devem vir.*

Sentindo-me um pouco enojada por ter que entrar em contato telepático com aquele cérebro tortuoso e seu coração lórico corrompido, trago Setrákus Ra. Tento trazer Seis em seguida, mas sua consciência luta contra a minha. Percebo, de maneira distante, seu corpo físico gritando alguma coisa.

– O que ela está dizendo? – pergunto a Legado.

– *Ela ainda não entende que eu não interfiro* – profere Legado. – *Todos vão ver, ou ninguém. Nenhuma vantagem será dada.*

Não sei o que Legado quer dizer e não tenho tempo de pensar nisso, porque assim que a consciência de Seis cede à minha, estamos nos expandindo para ainda mais longe.

O mundo inteiro se desdobra diante de mim. Centenas de pequenas brasas de loralite pontilham os continentes. Esses são os novos Gardes, os humanos que recentemente ganharam poderes. Legado os quer também. Tento alcançá-los com minha mente, trazendo-os um por um.

Um menino em Londres que observa uma nave de guerra mogadoriana no céu, as mãos abrindo e fechando, enquanto tenta decidir o que fazer. O cascalho na rua salta a cada movimento seu, resultado de sua telecinesia descontrolada.

Uma menina no Japão que até poucos dias atrás estava confinada a uma cadeira de rodas. Agora ela se move pelo pequeno apartamento dos pais com uma velocidade que não achava ser possível.

Um menino em uma remota aldeia da Nigéria, onde nem sequer ouviram falar sobre a invasão ainda. Sua mãe e seu pai irrompem em lágrimas quando ele flutua acima dos dois, emanando uma luz angelical.

Arrebato todas as mentes. Aonde quer que o Legado esteja nos levando, eles estão indo junto.

Alguns estão com medo. OK, muitos deles estão com medo. Os Legados eram uma coisa, mas agora isso – uma repentina e não solicitada experiência telepática? Entendo que é um pouco demais para assimilar. Eu falo com eles. Procuro confortá-los. Descubro que minha mente é forte o suficiente para que mantenha várias conversas ao mesmo tempo enquanto percorro o plano telepático.

Eu lhes asseguro que vão ficar bem. Que aquilo é como um sonho. Não lhes digo que não tenho ideia do que estou fazendo.

Então chego a Nova York. Pego Sam primeiro, principalmente porque estou tão feliz por ele ter sido premiado com um Legado que quero abraçá-lo. Aquele maluco do Cinco, o gato do Nove, que eu também gostaria muito de abraçar, uma outra garota – todos eles são atraídos para meu abraço telepático. E então chego a John. Tenho mais prática em usar minha telepatia com ele do que com qualquer outro; deve ser fácil. Mas, como Seis, ele luta contra mim. É quando noto o maior e mais asqueroso monstro que já vi aproximando-se dele e dos outros. John quer lutar. Ou melhor, não quer ser esmagado. Não posso culpá-lo.

– Isso vai apagá-lo? – pergunto a Legado. – Ele vai, tipo, ser comido?

– Não. Tudo vai se passar num piscar de olhos.

– Não se preocupe, John – digo, triunfante. – Só vai levar um segundo.

Trago a consciência de John também. E com isso vieram todos. Cada Garde da Terra. Todos os seus pulsantes batimentos lóricos trazidos para a minha vasta consciência.

– E agora? – pergunto a Legado.

– *Observe.*

CAPÍTULO

VINTE

ESTOU EM OUTRO lugar. Um lugar ao mesmo tempo estranho e familiar para mim. Flutuo pelo ar, observando toda a cena que se desdobra ao meu redor, mas sem poder fazer nada. Sinto as centenas de outras mentes juntas naquela viagem comigo.

Isso é o que Legado quer nos mostrar.

É uma noite quente de verão. Duas vívidas luas brancas brilham no céu escuro, arroxeadas e sem nuvens, uma ao norte e outra ao sul. Isso significa que é uma época especial para o meu povo. Durante duas semanas no ano, as luas ficam assim, e durante essas duas semanas os loriens comemoram. É lá que estamos. Em Lorien.

Sei disso porque Legado sabe disso. O que eu não sei é o quanto voltamos no tempo.

Estamos em uma praia, a areia tingida de um laranja tremeluzente em razão da luz de uma dezena de fogueiras. Há pessoas por toda parte, comendo e rindo, bebendo e dançando. Uma banda toca uma música diferente de qualquer coisa que já ouvi na Terra.

Meu olhar é atraído por uma adolescente de cabelo ruivo encaracolado que dança ao som da música, as mãos jogadas para o alto, sem nenhuma preocupação. Seu vestido brilha e rodopia, soprado às vezes pela brisa quente do mar.

Mais para a frente na praia, um pouco afastados da festa, dois rapazes estão sentados na areia, descansando um pouco. Um é alto para sua

idade e tem o cabelo escuro cortado curto e feições sérias. O outro, menor, porém mais bonito do que o primeiro, tem um cabelo louro sujo e desgrenhado e um rosto quadrado. O louro está usando uma blusa de botão folgada, casualmente para fora da calça. Seu amigo está vestido de maneira mais formal, com uma camisa vermelha-escura bem passada e impecável, as mangas meticulosamente dobradas. Os dois, mas principalmente o menino mais alto, parecem superinteressados na menina que está dançando.

– Você devia ir até lá – diz o louro, cutucando o amigo com o cotovelo. – Ela gosta de você. Todo mundo sabe disso.

O garoto de cabelo escuro fecha a cara, peneirando a areia com a mão.

– E daí? De que iria adiantar?

– Hmm... você está vendo ela dançar? Consigo pensar em um monte de razões, cara.

– Ela não é Garde. Não é como nós. Não poderíamos... – O garoto de cabelo escuro balança a cabeça, frustrado. – Nossos mundos são muito diferentes.

– Ela não parece se importar em não ser Garde – rebate o rapaz louro. – Ela está apenas se divertindo. É você que está cismado com isso.

– Por que temos Legados e ela não tem? Não parece justo que alguns fiquem presos a ser tão... normais. – O garoto de cabelo escuro se vira para o amigo, um olhar sério no rosto. – Você realmente pensa assim?

Em resposta, o garoto loiro estende uma das mãos. Na palma, uma pequena bola de fogo ganha vida e rapidamente toma a forma de uma menina dançando.

– Não – diz ele, sorrindo.

O garoto de cabelo escuro se concentra por um instante e o pequeno fogo-dançante de repente desaparece. O rapaz louro franze o cenho.

– Para com isso – reclama ele. – Você sabe que odeio quando você faz isso.

O garoto de cabelo escuro sorri, como se pedindo desculpas, e devolve seu Legado.

– Legado estúpido – diz ele, balançando a cabeça. – De que adianta uma coisa que só funciona contra outro Garde?

O garoto loiro acena em direção à dançarina.

– Está vendo? Você é perfeito para Celwe. Ela não tem nenhum Legado, e você tem o pior que existe.

O garoto de cabelo escuro ri e dá um soco de brincadeira no ombro do amigo.

– Você sempre sabe o que dizer nessas horas.

– Isso é verdade – responde o loiro, sorrindo. – Você podia aprender muito comigo.

Não tenho olhos no sentido tradicional, mas a visão parece *piscar*. Nessa fração de segundo, os garotos sentados na praia aparecem como os homens que virão a ser. O cara loiro é bonito, atlético, com olhos bondosos – e eu não estou prestando nenhuma atenção nele. Em vez disso, sou atraída para imensa figura sentada ao seu lado, mortalmente pálida, com um cicatriz medonha em volta do pescoço.

Setrákus Ra.

Essa cena deve ter acontecido há centenas de anos. Talvez há mais de mil. Foi antes de Setrákus Ra se juntar aos mogadorianos, antes de se tornar um monstro.

Uma fração de segundo depois, eles são adolescentes novamente. O garoto loiro dá um tapinha nas costas do jovem Setrákus Ra, enquanto continuam a assistir a menina dançando. Estou chocada em ver como

ele parece normal, um rapaz sentado na praia, observando melancolicamente a garota de que gosta.

Onde foi que tudo deu tão errado?



A visão se derrete, se transformando suavemente em outra.

Meu avô e seu amigo estão em uma enorme sala com uma cúpula, um mapa de Lorien gravado em loralite brilhante pelo teto. Eles não são mais garotos, agora são homens. Quantos anos se passaram? Podem ser décadas, levando em conta como a idade dos lorienos avança. Se fossem humanos, eu diria que tinham vinte e tantos anos, mas não sei quanto isso significa em anos lóricos. Eles estão de frente para uma enorme mesa redonda que parece irromper do chão, como se fosse feita de uma árvore que ninguém se preocupou em cortar. Entalhado no centro da mesa está o símbolo lórico de “unidade”.

Sei disso porque Legado sabe.

Ao redor da mesa há dez cadeiras, e em todas elas, com exceção de duas que estão vazias, vejo lorienos de aparência muito séria. Assentos em arquibancada como em um grande cinema cercam a mesa redonda por todos os lados. Estão lotados hoje, cada fileira em seu limite de capacidade, Gardes espremidos cotovelo com cotovelo.

Essa, eu percebo, é a Câmara dos Anciões. É onde os Anciões se reúnem na presença dos Gardes para tomar grandes decisões. A cena toda me faz lembrar das reuniões do senado que vi na Terra, só que com muito mais loralite brilhante. Naquele momento, todos os olhos estão em um Ancião esguio com cabelos brancos lisos e olhos gentis. Fora o cabelo branco, ele não parece muito mais velho do que o meu avô. Mas a maneira como se comporta projeta uma aura de experiência.

Ele é Loridas. É um Aeternus, como eu, o que significa que pode parecer muito mais jovem do que realmente é. Todos fazem silêncio quando ele começa a falar.

– Nós nos reunimos aqui hoje para honrar nossos mortos – diz Loridas, sua voz chegando a todos na câmara. – Nossa mais recente tentativa de melhorar as relações diplomáticas com os mogadorianos foi rejeitada. Violentamente. Parece que os mogadorianos só aceitaram que nossa delegação entrasse em seu mundo para exterminá-la. Na batalha que se seguiu, nossos Gardes conseguiram paralisar suas habilidades interestelares, o que os manterá confinados ao seu mundo de origem por algum tempo. Ainda acreditamos que existem alguns mogadorianos que valorizam a paz acima de guerra, mas a sociedade deles deve chegar a essa conclusão sozinha. Nós, Anciões, acreditamos que novas interações com Mogadore sejam prejudiciais tanto para a nossa espécie quanto para a deles. Portanto, todo contato com Mogadore está proibido até novo aviso.

Loridas faz uma pausa. Olha para as duas cadeiras vazias na mesa e seu semblante fica triste, aprofundando mais as linhas de seu rosto. De repente, ele parece muito, muito mais velho.

– Perdemos muitos irmãos e irmãs durante essa mais recente batalha, incluindo dois Anciões – continua Loridas. – Seus nomes, há muito deixados de lado para que pudessem se tornar Anciões, eram Zaniff e Banshevus. Eles serviram lealmente a este conselho por muitas eras, guiando nosso povo por tempos de guerra e tempos de paz. Vamos nos lembrar deles nos dias que virão. No entanto, as cadeiras de Setrákus Ra e de nosso líder, Pittacus Lore, não devem ficar vazias. Seguimos em frente, como nós, loriens, sempre fazemos, com a consciência de que

não só sofremos perdas em Mogadore, mas também fizemos heróis. Venham até aqui, vocês dois.

Quando Lorigas ordena, meu avô e seu amigo se aproximam da mesa. O cara louro se permite um sorriso triste e acena para as muitas pessoas reunidas na galeria. Por outro lado, meu avô, alto e magro como ele continuaria sendo séculos depois, mal parece notar o que está acontecendo. Ele parece assombrado.

– A agilidade, a bravura e os poderosos Legados de vocês salvaram muitas vidas em Mogadore – diz Lorigas. – Nós, os Anciões, há muito já notamos o seu potencial e sabemos bem as enormes coisas que deverão realizar para o nosso povo. Assim, hoje lhes oferecemos estes lugares vazios e recebemos vocês como Anciões Lóricos, para servir e proteger Lorien, seu povo e a paz. Vocês aceitam essa sagrada tarefa e juram colocar as necessidades de seu povo acima de tudo?

O homem louro inclina a cabeça, sabendo como deve proceder.

– Eu aceito – diz ele.

Meu avô, perdido nos próprios pensamentos, não diz nada. Após um instante de silêncio constrangedor, seu amigo o cutuca.

– Sim – diz Setrákus Ra, curvando-se também. – Eu aceito.



Anos mais tarde, o homem louro chega a uma casa modesta, triturando o vidro quebrado sob seus pés. O lugar está destruído. Mesas estão viradas, molduras de retrato caídas das paredes, vasos de vidro quebrados em milhões de pedaços.

– Celwe? – grita ele. – Você está bem?

– Aqui – responde a voz trêmula de uma mulher.

Ele irrompe por duas portas duplas de bambu em um quarto bem iluminado, a bela praia de antes visível através das amplas janelas. O cômodo está tão destruído quanto o resto da casa. A cama está completamente virada, as estantes derrubadas e seus conteúdos espalhados. Até mesmo as tábuas do piso não estão todas retas. É como se alguém tivesse tido um acesso de raiva telecinético ali.

Olhando pela janela está a mulher de cabelo ruivo que há muitos anos dançava naquela noite na praia. Celwe. Abraçando o próprio corpo, ela não se vira quando o homem entra no quarto.

– Eu o conheci bem ali – diz Celwe, apontando para a praia. – Ele era tão tímido no início. Sempre absorto em seus pensamentos. Às vezes ainda me surpreende que ele tenha tido coragem de se casar comigo.

– O que aconteceu aqui? – pergunta ele, aproximando-se lentamente.

– Tivemos uma discussão, Pittacus.

– Você e Setrákus?

Celwe bufa e se vira para olhar para ele. O amigo de infância do meu avô, o homem que se tornou o próximo Pittacus Lore. Os olhos dela estão vermelhos de tanto chorar, mas, fora isso, ela parece bem.

– Ah, não o chame assim. Esse título não trouxe nada além de problemas.

– É quem ele é agora – responde Pittacus com sinceridade. – É uma grande honra.

Ela estreita os olhos.

– Já foi bastante difícil ser casada com um Garde. Costumávamos falar sobre ter filhos, sabe. Agora, depois daquela viagem a Mogadore, depois de se tornar um Ancião... eu quase não o vejo. E, quando estamos juntos, ele só fala sobre aquele projeto, sua obsessão.

Pittacus inclina a cabeça.

– Que projeto?

Celwe engole em seco, talvez percebendo que falou demais. Ela sai de perto da janela e vai para a cama. Então começa a puxar o estrado de madeira, para colocar a cama do lado certo, mas pensa melhor e, em vez disso, olha para Pittacus.

– Você pode me ajudar?

Pittacus usa sua telecinesia para ajeitar a cama, endireitando a colcha também, os olhos fixos em Celwe.

– Tão fácil para você – murmura ela, enquanto se senta na cama recém-arrumada.

Pittacus se senta ao lado dela.

– Em que Setrákus está trabalhando?

Ela respira fundo.

– É uma escavação. Lá nas montanhas. Eu não deveria... não sei exatamente como explicar. O que ele faz lá... ele diz que faz isso por mim, Pittacus. Como um presente. – A voz de Celwe falha. Há lágrimas em seus olhos. – Mas eu não quero isso.

– Eu não entendo – responde Pittacus.

– Você deveria ver com os próprios olhos – diz ela. – Não... não diga a ele que lhe contei.

– Você está com medo dele? – pergunta Pittacus, baixinho. – Ele machucou você?

– Ele não me machucou. Só estou com medo do que ele pode se tornar. – Celwe estende o braço e segura a mão de Pittacus. – Só o faça voltar para casa, Pittacus. Por favor. Faça com que ele volte à razão. Traga meu marido de volta para mim.

– Vou trazer.



Pittacus risca o céu, voando, cortando as nuvens. Ele mergulha por uma cadeia de montanhas e então dispara para baixo em um abismo profundo, uma versão maior do Grand Canyon. Enquanto desce, paredes da cor de arenito salpicadas de pedras de loralite se erguendo por todos os lados, Pittacus nota uma variedade de máquinas complexas e equipamento pesado de construção abaixo dele. Alguém andou cavando mais fundo, como se aquele abismo não fosse profundo o suficiente.

Como o meu, o olhar de Pittacus corre para a máquina mais alta no centro do local da escavação. Vigas retorcidas de aço com circuitos que piscam e símbolos em loralite – é como uma versão mais volumosa e menos refinada do duto que Setrákus Ra baixou da *Anúbis*.

Então é isso que Legado quis dizer quando falou que Setrákus Ra já tinha feito aquilo antes. Foi ali que tudo começou, todos aqueles séculos atrás. O início da derrocada do meu avô em direção à loucura.

Quando Pittacus aterrissa, um jovem loriense em um jaleco se apressa para cumprimentá-lo. Sua pele é estranhamente pálida para um loriense e ele se move de uma forma quase robótica, como se seus membros não estivessem muito em sincronia com seu cérebro. Pittacus parece surpreso com a aparência do garoto, mas isso não o desvia de seu foco.

– Onde está Setrákus? – pergunta ele.

– Ele está no Libertador – diz o jovem loriense, e aponta para o duto gigante. – Ele está esperando você, Ancião Lore?

– Não importa – responde Pittacus, e marcha em direção ao assim chamado Libertador. O pálido loriense sai de seu caminho, mas Pittacus hesita. Ele se vira para observar o rapaz. – O que ele tem feito aqui? O que fez com você?

– Eu... – O rapaz hesita, como se não devesse dizer. Mas então ele estende a mão, se concentra e ergue um punhado de rochas com sua telecinesia. Parece um verdadeiro esforço para ele.

Pittacus inclina a cabeça, surpreso.

– Você é um Garde? Por que eu não o conheço?

– Essa é a questão – responde o rapaz. – Eu não sou Garde. Eu sou um ninguém.

Durante sua fraca demonstração de telecinesia, veias negras começaram a saltar na testa do rapaz. Pittacus percebe isso e estende a mão para tocar o rosto do jovem, que se afasta.

– É... é um trabalho em andamento – diz o rapaz pálido. – Ainda não tomei meu acréscimo de hoje.

– Acréscimo – sussurra Pittacus baixinho, e sai em disparada, decidido, para o Libertador.

Passa por alguns outros assistentes em seu caminho até lá, todos eles igualmente pálidos e agitados. Sinto a raiva aumentando dentro dele, ou talvez seja a minha própria raiva, ou quem sabe as duas. Estamos testemunhando algo realmente errado.

O Libertador está ligado. Ele emite os mesmos rangidos e ruídos agudos do duto que Setrákus Ra desceu da *Anúbis*. Há pedaços de loralite jogados por todo lado ao redor do local da escavação, como se a equipe ali tivesse que arrancar as rochas azuladas da terra para chegar à corrente lá embaixo. A energia lórica é retirada do solo e transferida para grandes recipientes de vidro cilíndricos. Já nos recipientes, a energia é processada – sofre a ação de ondas sonoras de alta frequência e rajadas abaixo de zero de ar cheio de química, tudo isso até, de alguma forma, se tornar sólida. Em seguida, a energia é agitada por um

cilindro coberto de lâminas afiadas, antes de passar através de uma série de filtros.

O resultado é uma lama preta com a qual Setrákus consegue encher um tubo de ensaio. Ele está fazendo exatamente isso quando Pittacus o encontra.

– Setrákus!

Meu avô levanta os olhos e sorri. Está orgulhoso. Há veias pretas correndo sob sua pele também, e seu cabelo escuro começou a ficar ralo. Surpreendentemente, ele está animado em ver Pittacus e deixa de lado seu trabalho bizarro para cumprimentá-lo.

– Velho amigo – diz Setrákus Ra, aproximando-se, os braços abertos. – Já faz quanto tempo? Se perdi outra reunião do conselho dos Anciões, diga a Lorigas que sinto muito, mas...

Pittacus segura Setrákus Ra pela camisa e o pressiona contra uma das vigas de apoio do Libertador. Embora seja menor do que Setrákus, ele consegue pegar meu avô de surpresa

– O que é isso, Setrákus? O que você fez?

– O que você quer dizer? Me solte, Pittacus.

Pittacus procura manter a calma. Eu realmente gostaria que ele tivesse ido em frente. Ele respira fundo, solta Setrákus e dá um passo para trás.

– Você está minando Lorigas – diz Pittacus, claramente tentando entender o que se passa no local da escavação. – Você está... o que você fez com essas pessoas?

– Os voluntários? Eu os ajudei.

Pittacus balança a cabeça.

– Isso é errado, Setrákus. Parece... parece que você maculou o nosso mundo.

Setrákus ri.

– Ah, não seja tão dramático. Isso só o assusta porque você não entende.

– Explique para mim, então! – grita Pittacus, e pequenas chamas irrompem dos cantos de seus olhos.

– Por onde começar... – diz Setrákus, passando a mão pela cabeça. – Estávamos juntos em Mogadore. Você viu o ódio que os mogs têm de nós. A brutalidade. O que de bom poderia vir daquele lugar?

– Vai levar tempo – responde Pittacus. – Um dia, os mogadorianos escolherão a paz. Lorigas acredita nisso, e eu também.

– Mas e se eles não escolherem? Eles colocam em risco não só a nossa forma da vida, mas toda a galáxia. Por que deveríamos simplesmente contê-los e esperar que a mentalidade deles evolua, quando poderíamos acelerar esse processo? E se os mogadorianos que escolhermos, aqueles que virmos como pacíficos e potenciais aliados... e se pudéssemos lhes dar Legados? Torná-los Gardes? Líderes entre seu povo, capazes de eliminar os hostis e perigosos? Poderíamos mudar o destino de uma espécie inteira, Pittacus.

– Nós não somos deuses – responde Pittacus.

– Quem disse?

Um instante de silêncio se segue. Pittacus se afasta um pouco de seu velho amigo.

– Não penso em outra coisa desde que voltamos de Mogadore – continua Setrákus. – Podemos usar essa tecnologia não só nos mogadorianos. Em nós também. Em todos nós. Os lorienos. Por que existem Gardes e Cêpans? Vivemos em paz, sim, mas a que custo? Um sistema de castas em que nossos líderes são escolhidos por quem tem ou não tem a sorte de nascer com Legados? Nós, Anciões, nos sentamos em

volta de uma mesa com o símbolo de “unidade”, mas de que maneira somos iguais?

– É o que Lorien quer...

Setrákus solta uma risada amarga.

– Natureza, destino. Estamos além desses conceitos infantis, Pittacus. Nós controlamos Lorien, e não o contrário. Você, eu, todos nós... poderíamos escolher nosso próprio destino, nossos próprios Legados. Minha esposa, ela poderia...

– Celwe ficaria indignada com isso e você sabe – rebate Pittacus. – Ela está preocupada com você.

– Você... você falou com ela?

– Sim. E vi a bagunça que você fez na sua casa.

Setrákus Ra ergue as sobrancelhas e sua boca se abre, quase como se tivesse levado um tapa. Eu esperava que ele fosse gritar com Pittacus no tom altivo que usou tantas vezes comigo a bordo da *Anúbis*. Identifico em seu rosto a arrogância que conheço tão bem, mas também vejo algo mais. Ele ainda não se perdeu tanto. Em conflito com os delírios de grandeza do meu avô, noto uma dose saudável de vergonha.

– Eu... eu perdi a calma – diz Setrákus Ra após um tempo.

– Você perdeu um monte de coisas e vai perder ainda mais se não parar com isso – responde Pittacus. – Talvez nosso mundo não seja perfeito. Talvez pudéssemos fazer mais, Setrákus. Mas isso... isso não é a resposta. Você não está ajudando ninguém. Você está deixando essas pessoas doentes e torturando nosso mundo.

Setrákus balança a cabeça.

– Não. Isso não é... isso é o *progresso*, Pittacus. Às vezes, o progresso precisa ser doloroso.

As feições de Pittacus endurecem. Ele se vira para o Libertador e observa o fluxo constante de energia lórica libertado à força do núcleo do planeta. Ele toma sua decisão rapidamente. O fogo corre por suas mãos e braços.

– Vá para casa ficar com Celwe, Setrákus. Tente esquecer essa loucura. Eu vou... limpar o que você fez aqui.

Por um instante, Setrákus parece considerar isso. Eu torço por ele, de verdade. Queria que ele percebesse que Pittacus está certo, desse as costas às suas máquinas e voltasse para casa atrás de minha avó. Mas não foi isso que aconteceu.

Meu avô está com uma expressão sombria, e as chamas de Pittacus, cada vez mais intensas, de repente se apagam.

– Não posso deixar você fazer isso – diz ele.



A Câmara dos Anciões está vazia agora, exceto por Pittacus e Loridas. O Garde mais jovem desaba em sua cadeira de espaldar alto, o rosto machucado, os nós dos dedos em carne viva. O Garde mais velho está do outro lado da mesa, curvado sobre um objeto brilhante, trabalhando no que quer que seja com suas mãos nodosas.

– Não concordo com a decisão deles – diz Pittacus.

– *Nossa* decisão – corrige Loridas, gentilmente. – Você teve direito a um voto. Todos os nove tivemos.

– Execução é um pouco demais. Ele não merece isso.

– Ele era seu amigo – responde Loridas. – Mas não é mais aquele homem. Seus experimentos iriam corromper nosso modo de vida. Eles desvirtuam tudo o que há de puro em Lorien. Não podemos deixar que continue. Ele deve ser totalmente eliminado. Apagado da nossa história.

Nem mesmo seu assento entre os Anciões deve ser preenchido, de tanto que ele o corrompeu. Sua malignidade não pode se enraizar e se espalhar.

– Ouvi tudo isso quando estávamos reunidos, Loridas.

– Se eu o aborreci tanto, por que ainda está aqui?

Pittacus suspira profundamente. Ele olha para as mãos.

– Nós crescemos juntos. Você nos nomeou Anciões juntos. Nós... – Sua voz treme e ele faz uma pausa para se acalmar. – Eu quero cuidar disso.

Loridas olha nos olhos de Pittacus. Satisfeito em ver que o jovem está falando sério, ele concorda.

– Achei que pudesse querer.

Loridas ativa seu Aeturnus, suas feições lentamente se suavizando até ele parecer muito mais jovem. Pittacus observa isso com uma sobrancelha arqueada.

– Ele tirou seus Legados na última vez em que se encontraram – diz Loridas. – Fez você bater em retirada.

– Não vai acontecer de novo – responde Pittacus, num grunhido.

– Me mostre.

Pittacus se concentra em Loridas. Um momento depois, a pele no rosto de Loridas fica flácida e enrugada, a linha do cabelo recua drasticamente e seu corpo define no robe cerimonial de Ancião. Ele parece ainda mais velho do que antes e rapidamente percebo que esta é sua verdadeira aparência. De alguma forma, Pittacus tirou o seu Legado.

– Bom – diz Loridas, a voz rouca. – Agora devolva a dignidade a esse velho homem.

Com um aceno, Pittacus restaura os Legados de Loridas. O Ancião muda de forma novamente, ainda velho, mas não de forma

desconcertante.

– Quantos Legados você domina com seu Ximic, Ancião Lore?

Pittacus esfrega a nuca, parecendo modesto.

– Com Dreyneen, são setenta e quatro. Nunca me preocupei em aprender isso antes. Nunca achei que fosse precisar usá-lo.

Dreyneen, esse é o meu Legado, um dos poucos que compartilho com meu avô, que nos permite retirar Legados pelo toque ou através de projéteis carregados.

– Impressionante – responde Loridas, voltando sua atenção para o objeto estendido na mesa diante dele. – Ximic é o mais raro dos nossos Legados, Pittacus. A habilidade de copiar e dominar qualquer Legado. Não é um dom para ser encarado sem o devido valor.

– Meu Cêpan costumava falar muito sobre isso – responde Pittacus. – Entendo a responsabilidade que um poder desses exige. Tentei viver minha vida com isso em mente.

– Sim, e somos afortunados por esse Legado ter encontrado você e não outra pessoa. Imagine, Pittacus, se seu amigo Setrákus descobrisse uma maneira de duplicar o seu poder. De torná-lo dele. Ou de concedê-lo a qualquer pessoa que escolhesse.

Pittacus range os dentes.

– Não vou deixar isso acontecer.

Loridas ergue o objeto em que andou trabalhando. Parece uma corda, porém seu material trançado não é parecido com nada que eu já tenha visto na Terra. É espesso e resistente, com cerca de seis metros de comprimento, e em uma ponta há um nó correção complexo. A parte do laço foi moldada e enrijecida, uma beirada afiada como navalha. Loridas demonstra como apertar o laço e, ao fazer isso, a beirada letal faz um som *metálico*.

Pittacus faz uma careta.

– Um pouco antiquado, não acha?

– Já faz séculos e você é jovem, mas é como costumávamos punir casos de traição. Às vezes, os métodos antigos são os melhores. É feito a partir da árvore Voron, uma planta quase tão rara quanto você. As feridas causadas por Voron não podem ser curadas por Legados. – Loridas faz um sinal para Pittacus se aproximar. – Venha. Me deixe pegar emprestado esse seu Dreyneen.

Pittacus dá a volta na mesa e descansa a mão no ombro de Loridas. Não consigo ver o que acontece, mas posso sentir – *Legado* pode sentir – que Pittacus usa um Legado de transferência de poder, como o de Nove, deixando Loridas usar seu Dreyneen. Loridas se concentra no laço, que começa a emitir um brilho carmesim fraco, exatamente como quando eu carrego um objeto com o meu poder sanguessuga.

– Isso está carregado com Dreyneen agora, caso ele tire seus Legados antes que você possa tirar os dele – explica Loridas, balançando cuidadosamente a ponta afiada do laço. – Coloque isso no pescoço dele e...

– Eu sei como funciona – interrompe Pittacus.

– Será rápido, Pittacus.

Pittacus leva a corda de Loridas, tomando cuidado para não tocar no laço carregado. Ele aperta a corda com força, sua expressão sombria e determinada.

– Eu sei o que devo fazer, Loridas.

E nós – aqueles que o observam do futuro – sabemos que ele estraga tudo.



Setrákus rasteja pelo chão do vale, sujo de terra e cinzas, o rosto e toda a cabeça cobertos de pequenos cortes. Ao fundo, uma equipe de Gardes comandando todos os tipos de diferentes elementos destrói o Libertador. A máquina solta enormes nuvens de fumaça negra quando começa a entrar em colapso. Os corpos de seus assistentes cobrem o chão. Mas eles não foram mortos pela Garde. Não, algo sinistro e preto escorre de seus poros, mesmo depois de morrerem.

– Não sou eu que estou louco... – diz Setrákus, cuspiendo sangue na terra enquanto se arrasta para longe do local da escavação. Ele não olha para trás quando sua máquina explode, embora uma dor quase física cruze seu rosto. – O resto de vocês, todos vocês... são vocês que estão errados. Vocês não entendem o progresso.

Pittacus vai atrás de Setrákus, o laço pendurado em suas mãos. Sua mandíbula forte parece determinada, mas seus olhos estão brilhando.

– Por favor, Setrákus. Pare de falar.

Setrákus sabe que não pode escapar, então para de tentar rastejar para longe. Ele rola de costas, deitado na terra, e olha para Pittacus.

– Como posso estar errado, Pittacus? – pergunta Setrákus, ofegante. – A própria Lorien me deu o poder de dominar outros Gardes, de tirar seus Legados quando eu julgar conveniente. Essa é a forma de o planeta dizer que me quer no controle.

Pittacus balança a cabeça e se aproxima do amigo.

– Ouça a si mesmo. Primeiro você critica a maneira como Lorien dá os dons de forma aleatória, e agora diz que seus Legados são obra do destino. Não sei bem que pensamento acho mais perturbador.

– Nós poderíamos governar juntos, Pittacus – implora Setrákus. – Por favor. Você é como um irmão para mim!

Pittacus engole em seco. Com sua telecinesia, ele passa o laço pela garganta de Setrákus. Ele se agacha, de pernas abertas sobre o colega Ancião, a mão sobre o nó grosso da corda que vai apertar o laço.

– Você foi longe demais – diz Pittacus. – Eu sinto muito, Setrákus. Mas o que você fez...

Pittacus começa a apertar o laço. Ele deveria acabar com aquilo logo, mas parece não conseguir pôr um fim às coisas, não ainda. A borda afiada fere o pescoço de Setrákus. Meu avô engasga com a dor, mas não luta contra. Há um súbito entendimento em seus olhos, uma resignação. Setrákus se inclina para trás. O laço afunda mais em sua carne. Ele olha para o céu.

– Haverá duas luas hoje à noite – diz ele. – Elas vão dançar na praia, como costumávamos fazer, Pittacus.

O sangue escurece o chão embaixo do meu avô. Ele começa a chorar, então fecha os olhos para que Pittacus não o veja nesse estado.

Pittacus não pode mais fazer isso. Ele tira o laço da garganta de Setrákus, joga-o no chão e se levanta. Ele não faz contato visual com Setrákus. Em vez disso, olha em direção ao Libertador e à área de pesquisa de Setrákus, observando o lugar todo pegar fogo. Ele acredita de verdade que essa história chegou ao fim. Acredita que Setrákus voltará a ser como era antes disso, que o amigo percebeu o que fez de errado. Ele ainda vê seu velho amigo lá, deitado na terra. E não conhece o monstro em que Setrákus se tornará.

O Libertador continua em chamas, ao longe. Ninguém lá nota quando Pittacus usa telecinesia para arrastar um dos assistentes já mortos de Setrákus pela terra em direção a eles. Enquanto Setrákus observa, de olhos arregalados, Pittacus usa seu Lúmen para atear fogo no corpo até

só restar um cadáver carbonizado e irreconhecível. Quando termina, Pittacus desvia o olhar.

– Você está morto – diz Pittacus. – Saia daqui. Nunca mais volte. Talvez um dia você possa encontrar uma maneira de curar o mal que foi feito, aqui e dentro de você. Até esse dia chegar... adeus, Setrákus.

Pittacus leva o corpo queimado consigo e deixa Setrákus caído. Ele fica completamente imóvel, deixando o sangue da ferida se acumular em seu pálido pescoço. Após um tempo, ele enxuga as lágrimas dos olhos.

Então, Setrákus sorri.



Continuamos observando o vale à medida que os anos passam. As cinzas da batalha são sopradas para longe, as marcas de queimado desbotando com a luz do sol. Os restos da máquina de Setrákus Ra se desgastam, corroídos pela poeira vermelha e os ventos que açoitam as montanhas.

Todos os anos, quando há duas luas no céu, Pittacus Lore volta ali. Ele olha para os destroços do Libertador e pensa no que fez. No que quase fez. No que não fez.

Quantos anos se passam assim? É difícil dizer. Pittacus nunca envelhece, graças ao seu Aeturnus.

E então, um dia, quando Pittacus está no mesmo lugar em que deveria ter matado meu avô, uma nave insetoide horrenda cruza o pôr do sol e desce em direção a ele. Parece uma versão mais antiga dos Escumadores mogadorianos que já vi tantas vezes. Quando a nave aterrissa na frente dele, chamuscas se formaram sobre uma das mãos de Pittacus, a outra envolve em uma bola de gelo cheia de pontas.

A nave se abre e Celwe sai. Ao contrário de Pittacus, ela envelheceu. Seu cabelo um dia ruivo agora está grisalho, e o rosto está profundamente marcado por linhas de expressão. Pittacus arregala os olhos ao vê-la.

– Olá, Pittacus – diz ela, colocando acanhadamente mechas de cabelo atrás das orelhas. – Você não envelheceu um dia sequer.

– Celwe – diz Pittacus em voz baixa, tentando encontrar as palavras. Ele a pega em seus braços, ela o abraça de volta e ficam assim por um bom tempo. Por fim, Pittacus fala: – Achei que nunca mais a veria. Quando Setrákus Ra... quando ele... eu não esperava que você fosse se exilar com ele, Celwe.

– Fui criada acreditando que nós, loriens, temos um único companheiro para a vida inteira – responde Celwe, com delicadeza.

Cético, Pittacus ergue uma das sobrancelhas ao ouvir isso, mas não diz nada. Em vez disso, olha para o modelo antigo de Escumador, atrás de - Celwe. – Essa nave. Ela é...?

– Mogadoriana – responde Celwe, sem rodeios.

– É lá que ele tem se escondido todos esses anos? Onde vocês têm vivido?

Celwe faz que sim.

– Quer lugar melhor do que um para onde os Gardes são proibidos de ir?

Pittacus balança a cabeça.

– Ele devia voltar. Já faz décadas. Os Anciões o apagaram das histórias, o nome dele foi esquecido por todos, fora nós. Realmente acredito que, após todos esses anos, os crimes dele possam ser perdoados.

– Mas os crimes nunca pararam, Pittacus.

É quando ele percebe. As reveladoras veias pretas correndo ao longo do pescoço de Celwe. Pittacus dá um passo para trás, com o cenho franzido.

– Por que você voltou agora, Celwe?

Celwe se vira para olhar o Escumador.

– Venha aqui – diz ela, e, um momento depois, uma menina tímida, com não mais do que três anos, espia da entrada do Escumador.

Ela tem o cabelo ruivo de Celwe e as feições graves de Setrákus Ra, e de repente me lembro da carta de Crayton. Setrákus Ra pode me chamar de neta, mas, na verdade, sou sua bisneta. Não há como negar isso agora – não só porque Legado sabe, mas porque me reconheço nela –, essa criança vai crescer e dar à luz Raylan, meu pai.

– Esta é Parrwyn – diz Celwe. – Minha filha.

Pittacus observa a criança.

– Ela é linda, Celwe. Mas... – Ele olha para o rosto idoso diante dele.
– Me desculpe, mas como é possível?

– Sei que sou muito velha para ser mãe – responde Celwe, um olhar distante nos olhos. – A fertilidade é a especialidade de Setrákus Ra agora. Fertilidade e genética, para ajudar na evolução dos mogadorianos. Eles o chamam de Adorado Líder. – Ela zomba disso, balançando a cabeça. – Mas ainda assim ele não gostaria de ver sua única filha ser criada entre eles. Então aqui estamos nós.

Parrwyn se aproxima lentamente, escondendo-se atrás da perna da mãe. Pittacus Lore se agacha, passa a mão sobre as rochas sem vida do vale e faz uma única flor azul brotar do arenito. Ele a arranca e entrega-a a Parrwyn. A menina sorri.

– Vou proteger você aqui – diz Pittacus para Celwe, sem olhar para ela, mas sim para sua filha. – Você pode levar uma vida normal. Mantê-

la segura. Não conte a ela sobre... sobre *ele*.

Celwe faz que sim.

– Ele vai voltar um dia, Pittacus. Vocês sabe disso, não sabe? Só que não vai ser como você imagina. Ele não virá atrás de perdão.

Pittacus toca sua garganta, passando a mão por onde a cicatriz de Setrákus Ra fica.

– Eu vou estar pronto para ele – diz Pittacus.

Ele não estava.



A visão termina e a escuridão retorna. Há explosões de energia lórica por toda parte. Mais uma vez, estou flutuando pelo espaço acolhedor que é Legado.

– E agora? – pergunto. – Por que você nos mostrou aquilo?

– *Para que vocês soubessem* – responde ele gentilmente. – *E assim sabendo, agora vocês vão conhecer.*

– Quem vamos conhecer?

– *Todos.*

CAPÍTULO

VINTE E UM

ACORDO EM UMA biblioteca, o rosto em um tapete macio, rodeado por confortáveis espreguiçadeiras. “Acordar” provavelmente não é o melhor termo, na verdade. Tudo parece meio nebuloso, até mesmo meu próprio corpo. Percebo que ainda estou no estado de sonho que Ella criou, só que não estou mais completamente no modo espectador. Posso me movimentar e interagir com o ambiente, mesmo que não saiba que diabos eu deveria fazer em seguida.

Levanto-me e olho em volta. A iluminação aqui é suave e as paredes estão cobertas de livros antigos com capa de couro, todos as lombadas com títulos em lóricico. Normalmente, este seria o tipo de lugar que eu não me importaria de explorar, a não ser pelo fato de que, de volta no mundo real, há um terrível mogassauro avançando para cima de mim e de meus amigos. Ella me garantiu que ficaríamos bem. Mas isso não significa que eu goste da ideia de ficar sentado em uma biblioteca astral esperando para ver o que vai acontecer.

— Cara, alguém traz um lençinho para aquele bebê chorão do Pittacus Lore.

Me viro e vejo Nove de pé no meio da sala, onde não havia nada além de espaço vazio um minuto atrás. Ele acena para mim.

— Do que você está falando?

— Você viu aquilo também, certo? A história da vida de Setrákus Ra?

Confirmo, assentindo.

— Sim. Eu vi também.

Nove olha para mim como se eu fosse um idiota.

— O cara devia ter matado Setrákus Ra quando teve a chance em vez de ficar todo cheio de pena. Por favor, né?

— Eu não sei — respondo, baixinho. — Não é fácil ter a vida de outra pessoa em suas mãos. Ele não tinha como saber o que ia acontecer.

Nove bufa.

— Que seja. Eu estava gritando com ele para matar aquele cretino, mas ele não me ouvia. Obrigado por nada, Pittacus.

Na verdade, não estou nem um pouco preparado para processar essa visão, e ainda menos com os comentários de Nove. Eu gostaria de ver tudo novamente para poder examinar com calma meu planeta natal como era séculos atrás. Mais do que qualquer coisa, eu queria ver de novo Pittacus Lore usando aquele Legado Ximic. Ouvimos histórias sobre como o Ancião era poderoso e tinha todos os Legados. Acho que foi assim que ele conseguiu. Vê-lo usar o Ximic me fez pensar na época em que desenvolvi meu Legado de cura. Foi numa situação desesperadora, quando eu tentava salvar a vida de Sarah, que o Legado se manifestou. E se não foi um Legado de cura? E se foi meu Ximic entrando em ação quando realmente precisei, e não consegui descobrir como utilizá-lo para qualquer outra coisa que não a cura desde então?

Balanço a cabeça, afastando esse pensamento. É tolice esperar por algo assim. Não posso simplesmente desejar Legados mais

fortes, assim como Nove não pode mudar o passado. Temos que vencer esta guerra com o que nos foi dado.

— O que está feito está feito — digo a Nove, franzindo o cenho.
— Tudo o que importa é determos Setrákus Ra. Essa é a missão.

— Sim. Eu também gostaria de evitar ser comido por aquele monstro enorme lá em Nova York — diz Nove, olhando em volta. Ele não parece estranhar nem um pouco estar ali naquele estado de sonho. Ele entrou na onda. — Eca, livros. Você acha que algum desses fala sobre como matar aquele Godzilla?

Dou uma olhada nos arredores, mas não nos livros. Estou procurando uma saída. Esta sala não parece ter nenhuma porta. Estamos presos aqui. Ella, a Entidade lórica, quem quer que esteja fazendo isso... ainda não terminou o que queria com a gente.

— Acho que estamos em algum tipo de sala de espera psíquica — digo a Nove. — Não sei por quê.

— Legal — responde ele, e se joga em uma das espreguiçadeiras.
— Talvez vão nos mostrar outro filme.

— O que você acha que aconteceu com Sam e Daniela? Vi os dois apagarem ao mesmo tempo que nós.

— Não faço a mínima ideia — diz Nove.

— Era de se esperar que fôssemos para o mesmo lugar.

— Por quê? — pergunta Nove. — Você acha que essa alucinação telepática compartilhada segue algum tipo de lógica?

— Não — admito. — Acho que não.

— Então, você acha que Ella está fazendo tudo isso, certo? Estou sentindo uma vibração da Ella nisso.

— Sim — respondo, assentindo.

Nove está certo. Não faço ideia de como sei que estamos em uma projeção psíquica da Ella, só sei que estamos. É intuitivo.

Nove assobia.

— Nossa! Os poderes da garota aumentaram mesmo. Acho que a gente meio que está perdendo o bonde. Quero copiar alguns Legados, que nem o tal do Pittacus. Ou pelo menos conseguir um laço afiado como navalha.

Suspiro e balanço a cabeça, um pouco envergonhado por ouvir Nove dizer em voz alta o que eu estava pensando. Mudo de assunto.

— Precisamos encontrar um jeito de sair daqui.

Nove me encara com um olhar engraçado, então me viro e caminho até uma das estantes. Começo a puxar livros das prateleiras, pensando que talvez possa acionar alguma tipo de passagem secreta. Nada acontece e Nove ri de mim.

— Não devíamos ficar sentados à toa — digo, irritado.

— Cara, o que mais vamos fazer? Sabe o quanto tentei assassinar o jovem Setrákus Ra enquanto estávamos assistindo àquele filme com os principais momentos da vida dele? Com todas as minhas forças. — Nove soca a palma da mão, dando de ombros em seguida. — Mas, sabe, eu não tinha braços nem pernas. Não podemos fazer nada agora. Então vamos só relaxar. Venho me matando de lutar há dias, e mesmo que esta cadeira seja apenas, tipo, um produto da minha imaginação, é confortável pra caramba.

Desisto de pegar livros da estante e volto ao centro da sala. Ignoro Nove e inclino a cabeça para trás, gritando em direção ao teto.

— Ella! Você pode me ouvir?

— Que coisa idiota, cara — diz Nove.

— Não sei por que você está parado aí — retruco, olhando para ele. — Agora não é hora de relaxar.

— Agora é exatamente a hora de relaxar — responde Nove, olhando para baixo, para um relógio imaginário. — Vamos voltar para perto da morte assim que Ella nos mostrar qualquer que seja a estranha porcaria profética que ela quer.

— Concordo com Nove.

Viro-me ao ouvir a voz e vejo Cinco a alguns metros de mim, recém-manifestado em nosso pequeno lounge. Ele franze os lábios e ergue os ombros fortes, como se também não estivesse feliz em nos ver. Mesmo nesse mundo de sonho, Cinco não tem um dos olhos. Pelo menos está coberto por um tapa-olho normal em vez da gaze suja que usa no mundo real.

— Mas que diabos você está fazendo aq...?

Ouçõ um grito de guerra gutural vindo de trás e em seguida Nove passa por mim em um borrão. Ele está com o tronco inclinado para a frente, e mira direto no estômago de Cinco. Por alguma razão, Cinco não estava esperando pelo ataque repentino e mal tem tempo de se preparar antes de Nove avançar nele.

Só que Nove não o acerta. Ele passa direto por Cinco e acaba caindo de cara na pilha de livros que tirei das prateleiras.

— Filho da mãe! — rosna Nove.

— Hmmm — diz Cinco, olhando para o peito, que com certeza parece sólido o bastante para ser atingido.

— Não pode haver violência aqui.

Nós todos viramos para olhar para a parede oposta da sala, onde uma porta acabou de aparecer. Parado lá está um homem forte de meia idade, o cabelo castanho ficando grisalho nas têmporas. Ele está exatamente como me lembro dele.

— Henri? — exclamo.

Exatamente ao mesmo tempo, Nove grita:

— Sandor? Mas que diabos?

Cinco não diz nada. Simplesmente olha para o homem parado à porta, os lábios em um sorriso de escárnio.

Nove e eu trocamos um olhar rápido. Só levamos um segundo para perceber que todos nós estamos vendo pessoas diferentes. Se realmente é Ella quem está no controle dessa estranha terra dos sonhos, ela deve ter buscado alguém em nosso subconsciente com quem nos sentiríamos confortáveis. Só que isso não parece ter funcionado com Cinco. Ele cerra e relaxa os punhos, como se fosse atacar a qualquer segundo. Não posso deixar de sorrir ao olhar para Henri, mesmo que o momento seja definitivamente melancólico.

— Você... você é real? — pergunto, me sentindo estúpido ao indagar isso.

— Sou tão real quanto uma lembrança, John — responde Henri.

Quando ele fala, vejo brilhar dentro de sua boca a mesma energia que Setrákus Ra minava de Lorien. É parecido com a maneira como Seis descreveu o encontro de seu grupo com um Oito brevemente reencarnado. Não acho mais que seja apenas Ella no controle dessa obra-prima telepática. Ela tem alguma ajuda muito poderosa.

— Me desculpe por ter explodido a cobertura — diz Nove. Ele faz uma pausa para ouvir uma resposta e em seguida diz: — Sim, a culpa foi toda de Cinco, você está certo.

Olho primeiro para Nove, depois para Cinco, que ainda não disse nada, mas parece estar ouvindo atentamente, e finalmente de volta para Henri. Não podemos ver ou ouvir os visitantes uns dos outros, somente os nossos.

— O que você está...? — Estou prestes a perguntar a Henri o que ele está fazendo ali, mas penso melhor. Ele estar ali faz tanto sentido quanto todo o resto. Há uma pergunta muito mais importante que precisa ser respondida. — O que *nós* estamos fazendo aqui? — pergunto.

— Vocês estão aqui para conhecer os outros — responde Henri, então dá as costas e cruza a porta aberta que não estava lá um segundo atrás. Ele faz um sinal para o seguirmos.

— Que outros?

— Todos eles — diz Henri, e sorri para mim daquela mesma maneira frustrantemente deliberada que costumava fazer. — Lembre-se, John. Você só tem uma chance de causar uma boa primeira impressão. Melhor fazer valer a pena.

Eu não sei do que ele está falando, mas o sigo de qualquer maneira. Ele é meu Cêpan, afinal. Mesmo manifestado ali naquele louco estado de sonho, ele ainda parece ser o cara. Eu confio nele. Nove caminha para a porta também, atrás de uma versão de - Sandor que eu não posso ver, enquanto conversam sobre o Chicago Bulls. Cinco segue relutantemente para lá alguns passos atrás, ainda em silêncio.

Quando me aproximo de Henri, ele coloca a mão no meu ombro. Então abaixa a voz, mesmo que os outros não possam ouvi-lo, como se estivesse me contando um segredo.

— Comece com os que você já sentiu, John. Esses serão os mais fáceis. Lembre-se de como eram. Visualize.

Encaro Henri, sem saber direito de que diabos ele está falando. Em resposta ao meu olhar, ele exhibe aquele mesmo sorriso de novo. Deixando de me contar algumas coisas, me fazendo descobrir os detalhes sozinho. O estilo Henri. Sei que isso me deixa mais forte e mais inteligente a longo prazo, mas, cara, isso me tira do sério.

— Não entendo o que você está tentando me dizer — digo.

Henri dá um tapinha no meu ombro, em seguida começa a andar pelo corredor.

— Você vai entender.

CAPÍTULO

VINTE E DOIS

EU ME SINTO um pouco atordoada, principalmente porque estou sendo levada por um longo corredor por Katarina, minha falecida Cêpan. Marina e Adam estão alguns passos atrás de mim. Não tínhamos muito o que dizer uns aos outros quando "acordamos" em uma luxuosa biblioteca. Todos estávamos desnorteados pelo que tínhamos acabado de ver, ou então em choque devido à terrível batalha da qual fomos subitamente tirados. De qualquer forma, não demorou muito para Katarina vir nos buscar.

Acho que os outros não estão vendo Katarina. Marina se dirigiu à figura que está nos conduzindo como Adelina e Adam tem mantido a voz propositadamente baixa, para não ouvirmos o que ele está dizendo. Os dois estão tendo conversas à parte. É como se estivéssemos ali juntos, mas não existíssemos de fato no mesmo comprimento de onda.

A expressão de Adam parecia anuviada pela culpa desde que acordamos ali. Agora, porém, ele está um pouco à frente de mim e de Marina, andando mais perto da figura que eu identifico como sendo Katarina. Marina e eu trocamos um olhar, nós duas querendo ouvir a conversa. Nós nos aproximamos lentamente de Adam.

— Eu fiz a coisa certa? — pergunta ele a qualquer que seja a forma que Ella-Entidade tenha assumido para ele.

Não ouço a resposta. O que quer que ele tenha ouvido, tudo o que Adam faz é balançar a cabeça.

— Isso não muda o que eu tentei fazer, Um.

OK. Eu sei sobre o que ele está falando. Adam praticamente tentou matar Ella logo antes... bem, logo antes de ela basicamente se matar. Tenho minha

parcela de culpa nessa história também, considerando que não fiz nada para detê-lo. Eu planejava deixar a coisa toda pra lá, jogando a culpa no calor da batalha. Aparentemente, Adam não foi capaz de fazer isso.

Nem Marina. Ela segura Adam pelo cotovelo, desviando a atenção dele da Entidade-Katarina para confrontá-lo. Conhecendo-a bem, ela já vem cozinhando essa raiva por um tempo.

— Mas que diabos foi aquilo? — pergunta ela.

Quase espero que Marina comece a irradiar sua aura gelada. Mas imagino que isso não aconteça ali no espaço criado pela mente de Ella. Seu olhar fuzilante já dá o recado.

— Eu sei... — responde Adam, de cabeça baixa. — Eu perdi o controle.

— Você poderia ter matado Ella — dispara Marina. — Você *teria* matado!

— Mas ele não fez isso... — digo, tentando acalmar os ânimos. Os dois me ignoram.

— Não espero que você entenda isso — diz Adam, a voz suave. — Eu nunca... eu nunca tinha encontrado Setrákus Ra. Mas passei a vida inteira à sua sombra, sob seu controle, um prisioneiro de suas palavras. Quando tive a chance de matá-lo, de me libertar... foi maior do que eu.

— Você não acha que nós queremos matá-lo? — pergunta Marina, incrédula. — Ele vem nos caçando nossa vida inteira. Mas sabíamos que Ella morreria primeiro, então nós... nos detemos.

— Eu sei — responde Adam, sem nem tentar se defender. — E naquele mesmo momento me tornei a coisa que sempre odiei. Vou ter que viver com isso, Marina. Sinto muito pelo que aconteceu.

Marina passa a mão pelo cabelo, sem saber bem como reagir.

— Eu só... eu só não consigo acreditar que ela se foi — diz Marina depois de um instante. — Não posso acreditar que ela fez isso consigo mesma.

— Não acho que Ella se foi — digo a Marina, apontando com a mão para as paredes de mármore azul do corredor à nossa volta. — Acho que ela tem

algo a ver com a nossa situação atual, sabe? Vi um monte de raios lóricos saírem do corpo de Ella antes de sucumbirmos.

Marina me encara, um sorriso tenso no rosto, deixando a irritação com Adam de lado.

— Espero que esteja certa, Seis.

— Mas o encanto está quebrado. Eu o testei antes de irmos para cá — digo a eles, lembrando com grande satisfação como foi rachar a cabeça de Setrákus Ra com uma rocha.

Marina aperta a ponte do nariz. É muita coisa para absorver, primeiro a luta com Setrákus Ra, depois ver nosso inimigo como um lorião normal, e agora isso.

— Ele... ? Ele pode estar matando a gente agora?

— Não, ele também sofreu a ação do que quer que Ella tenha feito. Mas deveríamos pensar em um plano, porque tenho a sensação de que, quando essa viagem pelas lembranças terminar, voltaremos para o inferno.

Adam franze o cenho, parecendo envergonhado.

— Eu estou péssimo. Acho que ele quebrou minha cara toda.

— Vou curar você — diz Marina, seca. — Eu já ia fazer isso mesmo.

— Bom, bom — digo. — E então vocês podem me ajudar a matar Setrákus Ra.

Adam e Marina olham para mim.

— O quê? — pergunto. — Vocês acham que algum dia teremos uma chance melhor do que essa? Colocamos as tropas dele para correr, ele está ferido, somos três contra um...

— Estamos sem nossos Legados — diz Marina. — Ele os tirou. Vou ter que arrastar Adam para fora da cratera só para curá-lo.

Adam balança a cabeça, me analisando. Percebo que ele não tem certeza se acha meu plano suicida ou se realmente faz algum sentido. De qualquer jeito, não deixo de notar a admiração em seu olhar.

— Não vão ser três contra um de imediato, Seis. Será um contra um.

— Eu não ligo. Não vou desperdiçar essa chance — digo a eles. Olho o que há em volta, desejando descobrir uma maneira de sair dali. — Assim que isso finalmente terminar, vou acabar com ele.

Marina esquece a raiva que está sentindo de Adam por tempo suficiente para trocar um olhar rápido com ele. Acho que talvez eu esteja soando um pouco maluca. Àquela altura, paramos completamente de andar pelo corredor. Katarina, ou quem quer ou o que quer que assumiu sua forma, percebe nossa demora e para, limpando a garganta impacientemente.

— Nós não temos muito tempo — diz ela com o mesmo tom severo que usava quando eu a tirava do sério. — Vamos lá.

Voltamos a andar. Marina se aproxima de mim.

— Vamos só ter cuidado, tudo bem, Seis? — diz ela, baixinho. — O Santuário, talvez Ella... Já perdemos muita coisa hoje.

Concordo com a cabeça, sem responder. Era Marina quem queria ficar para trás e proteger o Santuário de Setrákus Ra. Mas agora que temos uma verdadeira chance de matá-lo, ela está receosa.

O corredor acaba nos levando para uma sala em cúpula com uma grande mesa circular que surge do chão. Katarina dá um passo para o lado para nos deixar entrar e, quando viro para ver onde ela está, já desapareceu.

A sala é uma réplica exata da Câmara dos Anciões da visão que compartilhamos. A única diferença é o mapa reluzente desenhado no teto. Em vez de Lorien, ele retrata a Terra. Há pontos brilhantes no mapa em lugares como Nevada, Stonehenge e Índia — os locais onde foram encontradas pedras loralite. As cadeiras da audiência estão vazias, mas um dos nove assentos em torno da mesa já está preenchido.

Lexa parece extremamente desconfortável sentada em uma das cadeiras de espaldar alto. Tamborila as mãos na mesa, obviamente sem saber o que devia estar fazendo. Ela parece aliviada quando entramos na sala.

— Eu não acho que deveria estar aqui — diz Lexa, levantando-se para nos cumprimentar.

— Tenho a mesma sensação — responde Adam, olhando para o enorme símbolo lórico no centro da tabela.

— Não sou Garde. Nunca sequer tinha visto uma dessas reuniões até aquela espécie de visão. Vocês viram também, certo?

Todos nós confirmamos.

— Se você está aqui, é por uma razão — diz Marina.

Lexa olha para mim.

— Ouvi as explosões lá da selva. Como está indo a luta?

Adam leva a mão ao rosto, onde Setrákus Ra o golpeou, em seguida anda até um dos assentos vazios. Tento descobrir a melhor maneira de explicar a Lexa nossa situação atual.

— Estamos sobrevivendo — digo, por fim. — Fizemos os mogs recuarem e acho que temos uma chance real de pegarmos Setrákus Ra. Se algum dia sairmos daqui.

Lexa assente em aprovação.

— Que ótimo — diz ela. — Mas estou mantendo os motores aquecidos. Caso vocês precisem fugir.

— Talvez fosse melhor irmos embora — diz Marina, olhando para mim.

— Era você quem queria ficar e lutar, Marina. Agora temos que terminar o que começamos.

— Mas você não entende, Seis? A informação... é disso que precisávamos. Sabemos o que Setrákus Ra quer e como detê-lo. Nós quebramos o encanto. Ella destruiu sua máquina, então ele não pode mais minar a Entidade. Só de estar aqui... — Marina gesticula com a mão, mostrando a sala. — Isso é uma vitória. Adam está ferido, Ella está... nós não sabemos, e tenho certeza de que Sarah, Mark e Bernie Kosar não poderão nos dar cobertura para sempre. Talvez recuar seja a jogada mais inteligente. Afinal, Ella nos disse que devíamos correr. Disse que era preciso correr ou...

— Ah, agora você quer ouvi-la — respondo, balançando a cabeça. — Olha, não sei a que conclusão você chegou com essa visão, mas se eu

aprendi uma coisa é que Pittacus Lore devia ter tido coragem e matado Setrákus Ra quando teve a chance.

— Bum. Viu só, Johnny? Seis concorda comigo.

John e Nove entram na sala por uma passagem lateral. Apesar de tudo, não posso deixar de sorrir ao vê-los. Meu sorriso desaparece assim que vejo Cinco logo atrás deles. Marina fica tensa e imediatamente dá um passo em direção ao traidor, mas John se coloca entre eles, arregalando os olhos, como se dizendo que aquele não era o momento para isso. Coloco a mão no braço de Marina para acalmá-la. Tenho que ser justa: Cinco pareceu notar que não era bem-vindo ali. Ele vai para o canto da sala, evitando contato visual.

John e Nove correm em nossa direção e todos nos abraçamos. Rapidamente os apresentamos a Lexa, sobre quem John já ouvira Sarah falar.

— Então vocês estão no meio de uma luta com Setrákus Ra e estamos prestes a sermos engolido por um monstro gigante — diz Nove, cruzando os braços. — Que hora perfeita para essa merda, hein?

— Como está Sarah? — me pergunta John.

— Ela está bem — digo a ele, deixando de fora o detalhe de que não a vi nos últimos minutos. Não há razão para preocupá-lo. Sua namorada sabe cuidar de si mesma. — Ela se tornou uma grande atiradora.

John sorri e parece aliviado.

— E o Sam? — pergunto a ele.

John balança a cabeça.

— Não sei. Ele tem Legados agora e eu o vi apagar antes de mim. Com certeza ele foi trazido para o bate-papo telepático de Ella. Mas não sei bem onde foi parar.

— Ele estará aqui em um segundo.

Todos nós reconhecemos a voz. Ella aparece do nada, sentada na mesma cadeira que Loidas ocupava na visão. Seus olhos estão transbordando de energia lórica crepitante. Ela pousa as mãos na mesa à sua frente e saem faíscas da superfície. O cabelo de Ella está completamente eriçado, resultado

da eletricidade estática que a cerca. Todos olhamos para ela, tão atordoados que ficamos sem palavras.

— Ella...? — Marina é a primeiro a falar, dando um passo em direção à menina. — Você está bem?

Ella sorri por um breve momento, embora não em nossa direção. Seus olhos permanecem focados no espaço vazio à frente. Seu comportamento me faz lembrar a Entidade. É como se elas estivessem compartilhando um corpo agora.

— Eu estou bem — responde Ella. Sua voz ressoa como se ela não fosse a única falando, ou ouvíssemos trechos de outras conversas misturadas. — Mas não consigo manter isso por muito mais tempo. Temos que seguir em frente. Não se assustem com o que está por vir.

— Não nos assustar com o quê? — pergunta John.

Em resposta, Setrákus Ra aparece na cadeira ao lado da de Ella, usando a mesma armadura ornamentada de quando atacou o Santuário. Todos nós recuamos. Mas o líder mogadoriano não nota nossa presença. Ele não pode, tendo em vista que sua cabeça está coberta por um capuz preto. Correntes feitas de loralite azul brilhante estão passadas em volta do peito e dos ombros de Setrákus Ra. Elas o mantêm preso à cadeira, embora ele lute para se soltar.

— Mas que diabos? — pergunta Nove, dando um passo cauteloso em direção a Setrákus Ra.

— Por que ele está aqui? — pergunto a Ella.

— Tive que trazer todos que foram tocados por Legado — responde Ella. — Eram todos ou nenhum.

— Legado é...?

— A Entidade — responde ela. — Eu lhe dei um nome. Ela não pareceu se importar.

Marina ri. Isso me faz rir também, na verdade. Parece a velha Ella falando.

— Esse tal de Legado vai sair e se apresentar? — pergunta Nove. — Quero dar um alô e pedir novos poderes.

— Ele está aqui, Nove — responde Ella, e acho que a vejo sorrir timidamente. — Está em mim. Nesta sala. É tudo que nos rodeia.

— Ah, OK — responde Nove.

— Ele pode nos ouvir? — pergunta John, olhando para Setrákus Ra.

— Não, mas ele sabe que algo está acontecendo — diz Ella. — Está lutando contra mim. Tentando se libertar. Não sei bem quanto tempo posso segurá-lo. É melhor fazermos logo o que precisamos.

— E o que *precisamos* fazer? — pergunto.

— Todos vocês, sentem-se — responde Ella.

Olho em volta para ver se alguém acha que isso é uma loucura tanto quanto eu. John e Marina imediatamente puxam cadeiras na mesa, e Lexa e Adam logo se juntam a eles. Nove percebe o meu olhar, abre um sorriso meio de lado e dá de ombros, como se dizendo *mas que diabos*. Ele se senta ao lado de John e eu me aperto entre Marina e Ella. Isso deixa apenas um lugar vazio, o que está ao lado de Setrákus Ra. Ninguém estava muito a fim de se sentar lá.

A contragosto, Cinco sai do canto da sala e se senta ao lado de seu antigo mestre. Esse parece ser o último lugar em que ele gostaria de estar, por isso evita fazer contato visual com qualquer um de nós.

— Perfeito — zomba Nove.

Enquanto todos se ajeitam, me inclino para falar com Ella. Não consigo parar de pensar em meu confronto iminente com Setrákus Ra.

— Ella, você disse que devíamos correr ou seria o fim — começo, sem saber direito como pedir à minha amiga talvez morta e rodeada de energia para esclarecer uma profecia. — Essa é... essas ainda são nossas únicas opções? Se eu lutar com Setrákus Ra vou... algum de nós vai...?

As veias na testa de Ella pulsam.

— Seis, eu não posso. Não posso lhe dizer o que fazer. É tudo... é tudo tão incerto.

— E agora? — pergunta John a Ella, interrompendo nossa conversa.

Ela leva um instante para responder. Percebo o esforço em seu rosto. Ela está se concentrando muito em alguma coisa.

— Agora, vou trazer os outros.

— Que outros? — pergunta John.

Em resposta, ouvimos um grande ruído à nossa volta. De repente, parece que estamos no meio de uma festa lotada. Isso porque a galeria em torno da mesa dos Anciões agora está completamente cheia de gente. Todos têm mais ou menos a nossa idade — alguns um pouco mais jovens, talvez — e, à primeira vista, parecem vir de vários lugares do mundo. Muitos deles conversam animadamente entre si, alguns se apresentando, outros discutindo a visão que acabaram de ter, analisando os detalhes da história de Setrákus e Pittacus. Outros estão sentados sozinhos, nervosos ou com medo. Um menino bronzeado com cabelo escuro e um colar de contas não para de chorar, o rosto enterrado nas mãos, mesmo sendo consolado por duas meninas loiras que parecem ter saído de um comercial de cerveja. Pela forma como estão agindo, parece que essas pessoas estavam sentadas ali o tempo todo e nós é que acabamos de ser teletransportados. Acho que, da perspectiva deles, é exatamente isso o que aconteceu.

Sam está sentado na primeira fila, uma garota de cara fechada e tranças bagunçadas ao lado dele. Ele olha na mesma hora para mim, sorri e solta um *ei*.

Em seguida, a comoção realmente tem início.

— Olha! — grita uma menina japonesa, e levo um segundo para perceber que ela está apontando para nós.

Um murmúrio percorre a multidão enquanto todos notam nosso grupo sentado ao redor da mesa. A princípio, todo mundo fala ao mesmo tempo, enchendo-nos de perguntas que mal consigo entender. Aos poucos, eles se

acalmam. E um silêncio respeitoso toma conta do local. Esses são os Gardes humanos. Imagino a loucura que isso deve estar sendo para eles.

E agora, percebo, eles estão esperando que a gente explique a situação.

Olho em volta. Ella ainda parece completamente distante. Ao lado dela, Setrákus Ra se debate. Adam e Cinco parecem prestes a se esconder debaixo da mesa. Até mesmo Marina está corando, visivelmente desconfortável. Ao contrário dos outros, Nove sorri, acenando para o máximo de pessoas na multidão que pode.

— E aí, gente? — diz ele.

Algumas pessoas na plateia riem.

Obviamente, um de nós precisa dizer algo mais substancial do que isso.

John se levanta, sua cadeira arranhando o chão de mármore e fazendo um estrondo.

— É o cara do YouTube — ouço alguém sussurrar.

E, do outro lado da sala, alguém diz:

— É John Smith.

John olha para todos aqueles rostos à sua frente, tentando não parecer assustado. Vejo Sam levantar o polegar para ele. John respira fundo, então hesita. Ele se vira para Ella.

— Eles todos, hã, falam inglês?

— Estou traduzindo — responde Ella, os olhos com um brilho intenso.

Não sei quando foi que ela aprendeu a fazer isso, mas não vou perguntar, e, aparentemente, nem John.

— Oi — diz John, erguendo a mão. Algumas pessoas murmuram cumprimentos. — Meu nome é John Smith. Nós somos o que restou dos lorientos.

John dá a volta na mesa. E para bem ao lado de Setrákus Ra.

— Acho que vocês provavelmente viram o que vimos, certo? Bem, essa história termina com Setrákus Ra aqui voltando ao nosso planeta, Lorien, e massacrando todos por lá. Todos exceto nós. — Ele deixa as pessoas

absorverem a informação por um instante antes de continuar. — Se não sabem direito o que isso tem a ver com vocês, bem, talvez tenham notado todas as naves de guerra alienígenas nos noticiários? Setrákus Ra está aqui. Ele vai fazer com a Terra o que fez com Lorien. A menos que a gente consiga detê-lo.

John tenta fazer contato visual com o maior número de pessoas na plateia possível. Ele realmente está mandando bem com essa coisa toda de líder.

— E não estou falando só dos meus, hmmm, amigos aqui sentados ao redor da mesa — continua John. — Quero dizer vocês e nós. Todos nesta sala.

Os murmúrios na sala aumentam. O garoto havaiano que estava chorando pelo menos parou de soluçar por tempo o suficiente para ouvir, mas agora vejo seus olhos correndo em busca de uma saída.

— Sei que isso parece loucura. E, provavelmente, não parece justo — continua John. — Alguns dias atrás, vocês estavam levando vidas normais. Agora, sem aviso, existem alienígenas em seu planeta e vocês podem mover objetos com a mente. Certo? Quer dizer... existe alguém aqui que ainda *não tem* telecinesia?

Algumas mãos se levantam, incluindo as do garoto que chora.

— Ah, bem — diz John. — Então, vocês devem estar realmente confusos. Tentem fazer isso quando saírem daqui. Só, hmmm... visualizem algo se movendo pelo ar em sua casa. Procurem se concentrar de verdade nisso. Vai funcionar, eu prometo. Vocês vão se surpreender e seus pais provavelmente vão surtar. — John pensa por um instante. — Alguém aqui já desenvolveu algum outro poder, além da telecinesia? Nós os chamamos de Legados, aliás. Alguém mais...?

Um cara em uma das fileiras do meio se levanta. Ele é forte, com um cabelo castanho cheio, e me faz lembrar um bicho de pelúcia. Quando ele fala, noto um leve sotaque alemão.

— Meu nome é Bertrand — diz ele, olhando nervosamente em volta. — Minha família, nós somos apicultores. Ontem, eu notei, hmmm, as abelhas... elas falam comigo. Achei que estava ficando maluco, mas o enxame vai para onde eu mando, então...

— Que coisa — sussurra Nove para mim. — Apicultor.

John bate palmas.

— Isso é incrível, Bertrand. Você desenvolveu bem rápido um Legado. Prometo que o restante de vocês vai desenvolver outros também, e nem todos serão falar com insetos. Podemos treinar vocês para usá-los. Temos pessoas que sabem, pessoas com experiência... — Nesse momento, John olha para a mesa. Acho que todos seremos Cêpans agora. — De qualquer forma, há uma razão para vocês terem recebido esses Legados, principalmente agora. Caso ainda não tenham percebido... é porque vocês vão nos ajudar a defender a Terra.

Isso faz o falatório se espalhar pela sala. Algumas pessoas realmente comemoram, como se estivessem prontas para lutar, mas a maioria murmura meio incerta, conversando entre si.

— John... — diz Ella, os dentes cerrados agora. — Acelere as coisas, por favor.

Olho para Setrákus Ra. Ele se debate de forma cada vez mais violenta.

John levanta as mãos pedindo silêncio.

— Não vou mentir dizendo que o que estou pedindo a vocês não é perigoso. Com certeza é. Estou pedindo que deixem suas vidas para trás, que deixem suas famílias para trás e se juntem a nós em uma luta que começou em uma galáxia completamente diferente.

Algo na forma como John diz tudo isso me faz pensar que ele já praticou antes. Percebo que ele olha para a garota sentada ao lado de Sam. Ela sorri para ele.

— Eu, obviamente, não posso obrigá-los a se juntarem a nós. Em alguns minutos, vocês vão acordar desse pequeno encontro de volta onde estavam

antes. Em um lugar seguro, eu espero. E talvez aqueles de nós que cheguem a lutar, talvez os exércitos do mundo, todos nós... talvez isso seja suficiente. Talvez possamos expulsar os mogadorianos e salvar a Terra. Mas se falharmos, mesmo que vocês não estejam na linha de frente nesta batalha... eles *virão* atrás de vocês. Então estou pedindo a todos vocês, mesmo que não me conheçam, mesmo que a gente tenha abalado completamente suas vidas... fiquem do nosso lado. E nos ajudem a salvar o mundo.

— Claro que sim — diz Nove, batendo palmas para John. — Vocês o ouviram, novatos. Deixem de ser covardes e juntem-se à maldita luta!

O silêncio respeitoso que se instalou durante o discurso de John acaba quando Nove abre a boca, como se de repente estivéssemos em uma coletiva de imprensa. Ouvimos perguntas vindas de todas as direções.

— É um mogadoriano aí na mesa?

— Voltem para a sua galáxia, seus esquisitos!

— Como paro de quebrar as coisas com a minha telecinesia?

— Eu quero ir para casa!

— Como podemos detê-los?

— Qual é a desse tapa-olho, cara?

— Aquele cara assustador pode nos ver?

— Por que eles querem nos matar?

E, em seguida, elevando-se acima da cacofonia, um rapaz magro com um moicano descolorido levanta-se em sua cadeira e bate o pé com força. Acho que o jeito bruto de seus coturnos se traduz para o mundo dos sonhos, porque o som é alto o suficiente para fazer todos se calarem.

— Você estão na América, certo, companheiro? — pergunta o punk a John, falando com um forte sotaque inglês. — Digamos que eu queira participar da luta para combater esses babacas desbotados. E como vou chegar até vocês? Caso não tenha notado, não está saindo nenhum maldito voo transatlântico em razão dessas naves espaciais gigantes.

John esfrega a nuca, sem saber o que responder.

— Eu...

As mãos de Ella ficam tensas na mesa.

— Posso responder isso — diz ela em uma voz vibrante e melodiosa que com certeza não é sua. É Legado falando através dela.

Acima de nós, pontos de luz no mapa do mundo brilham firmemente. Todos voltam sua atenção para o teto. Me lembro dos mais brilhantes como sendo os locais das pedras de loralite que costumávamos teletransportar, porém existem outras, luzes mais fracas tomando forma por todo o globo.

— São os locais onde há pedras de loralite — diz Ella. — Os mais brilhantes existem neste planeta há muito tempo. Os outros só agora estão começando a se desenvolver à medida que me ligo à Terra. Logo, vão aparecer.

Marina fala:

— Nós precisamos... — Ela hesita, e procura se acalmar. — Precisamos de um Legado de teletransporte para usá-las antes.

— Não mais. Não agora que acordei — diz Legado, através de Ella. — As loralites estão em sintonia com os seus Legados. Quando vocês estiverem perto, sentirão a força que emanam. Tudo o que precisam fazer é tocar uma delas e imaginar a localização de outra pedra. A loralite fará o resto.

— Aquilo ali é o Stonehenge? — pergunta o inglês, estreitando os olhos em direção ao mapa. — Tudo bem, então. Dá para fazer.

— Hmm, acho que uma delas está na Somália — diz outra pessoa.

— Haverá mais mudanças em seu ambiente... — continua Ella, mas para de repente, sacudindo o corpo violentamente. Suas mãos agarram a mesa e parecem se desfazer na madeira, faíscas saindo dela. Quando volta a falar, é com sua própria voz, e não a de Legado.

— Ele está fugindo! — grita Ella.

As correntes luminosas que prendem Setrákus Ra ao seu lugar se rompem. Os elos quebrados retinem pela mesa enquanto passam inofensivamente por nós. Ella deve ter perdido o controle telepático sobre o botão que silenciava

Setrákus Ra. Ele não está mais isolado do resto de nós. Em um movimento fluido, o antigo Ancião e atual líder dos mogadorianos se levanta, a cadeira tombando para trás, e arranca o capuz. Pessoas na galeria gritam e começam a sair depressa de seus bancos, embora não haja para onde escapar.

Setrákus Ra coloca a mão no ombro de Ella. A luz nos olhos da menina se acende, mas fora isso ela não se move, mantendo o foco. Diante da apatia da neta, ele se vira para olhar para o Garde mais próximo. Que por acaso é Cinco. Setrákus Ra dá uma risada.

— Olá, garoto. Gostaria de ser o primeiro a se ajoelhar?

Cinco recua, apavorado, afastando-se da mesa. Os Gardes estão de pé agora. Estou pronta para atacar, mas, ao meu lado, Nove não parece muito preocupado.

— Ele não pode fazer nada aqui — diz Nove para mim. — Descobri isso quando tentei acertar o Cinco.

Setrákus Ra volta seu olhar para os Gardes humanos na plateia. Eu sei o que está fazendo. Está memorizando o rosto deles.

— Ele *pode* fazer alguma coisa — digo. — Não deixe que ele os veja, Ella! Tire-nos daqui!

— Não sei o que eles lhes disseram! — grita Setrákus Ra para as pessoas em volta. — Eu lhes asseguro, é tolice. Se vocês viram o que vi, então sabem como os lorienos tentaram me matar apenas por ser curioso. Venham! Jurem fidelidade ao seu Adorado Líder e vou lhes mostrar como realmente usar seus poderes.

Ninguém na multidão se move para jurar fidelidade ao mogadoriano psicótico, mas muitos deles parecem aterrorizados, e com razão.

— Estou liberando vocês — diz Ella. — Vai ser rápido. Estejam prontos.

E, em seguida, a luz nos olhos dela escurece. Ela desaba. Espero que não seja a última vez que eu tenha falado com ela.

— Seis... — É John. Ele está bem ao meu lado. — Entraremos em contato em breve. Traga todos de volta em segurança.

Então ele e Nove abruptamente somem dali.

O mapa no teto começa a desvanecer. A sala começa a se apagar. A visão está terminando.

Muitos dos novos Gardes já desapareceram, de volta ao mundo real. Sam e a garota ao lado dele já foram. Mas ainda restam alguns na galeria, e Setrákus Ra concentra-se neles.

— Eu vi seus rostos! — grita Setrákus Ra para os humanos, ignorando completamente o restante de nós. — E vou caçá-los! Eu vou matar vocês! Eu vou...

Bem, não vou deixar isso continuar.

Pulo na mesa, atravesso para o outro lado depressa e fico bem em frente a Setrákus Ra. Ele para de falar, seus olhos vazios e pretos olhando diretamente nos meus. Quico de um pé para o outro como um boxeador.

— Ei, babaca — digo. — Quando acordarmos, vou matar você.

— Vamos ver — responde Setrákus Ra.

Então começa a acontecer. Meu corpo fica transparente. Os detalhes da sala se tornam nebulosos. Sinto o cheiro da fumaça dos incêndios ao redor do Santuário, sinto a terra na minha pele. Preciso me mover rapidamente. Estou preparando meus músculos para partirem para a ação assim que puderem.

— Anda! — grito. — VAMOS LÁ!

É hora de acabar com isso.

CAPÍTULO

VINTE E TRÊS

TUDO ACONTECE MUITO rápido. Por mais real que o mundo de sonhos tenha parecido, não fazia justiça ao peso físico de realmente ter um corpo. Atirada sem cerimônia de volta ao lugar em que estava, todas as sensações voltam. O calor dos incêndios, a poeira sufocante, meus músculos doloridos. Meus joelhos estão fracos. Eu estive inconsciente por alguns instantes e meu corpo ficou sem forças. Logo, cair é inevitável.

Caio bem em cima de Setrákus Ra, que também volta à realidade com um tropeço. O cretino está tão desorientado quanto eu. Ouço um baque aos meus pés e percebo que Setrákus Ra deixou cair a espada de Adam.

Com um grito, eu o empurro para longe com toda força que consigo, arranhando as mãos nas placas sobrepostas de metal de sua armadura.

Vamos lá, Seis. Vamos lá!

Recupero o equilíbrio antes de Setrákus Ra. Isso só me dá um ou dois segundos de vantagem, mas é tudo de que preciso. Dou um salto mortal para a frente, pego a espada de Adam e a giro em direção à cabeça de Setrákus Ra no instante em que me coloco de pé.

No último segundo, Setrákus Ra levanta o braço. A lâmina afunda em sua armadura com um ruído metálico. Vejo o sangue escuro jorrar quando puxo a espada de volta. Esperava pelo menos ter arrancado seu braço, mas a armadura é muito forte, e o máximo que consigo é um corte leve. Mesmo assim, os olhos de Setrákus Ra estão arregalados — acho que ele sabe que ficou cara a cara com a morte. Recuperado do susto, força um sorriso, o equilíbrio recuperado, olhos fixos nos meus.

— Muito lenta, garota — rosna ele. — Agora vamos ver se você consegue mesmo fazer o que prometeu.

Cerro os dentes em resposta e giro a espada com toda a minha força. Setrákus Ra facilmente desvia a lâmina para o lado com um dos seus punhos protegidos pela armadura, evitando a ponta dessa vez, e então me dá um chute bem no estômago. Sou jogada para longe, aterrissando com força na terra, sem ar. Rolo de lado imediatamente para evitar que ele pise em mim em seguida e afunde meu rosto.

A lâmina fica presa embaixo de mim, fazendo um corte superficial na minha coxa. Nunca treinei com espadas antes, nunca vi sentido nisso. Com certeza agora seria de grande serventia saber usar uma. Sem os meus Legados, é a única arma que tenho contra Setrákus Ra. Ele é mais forte do que eu e tão rápido quanto. Estou começando a achar que deveria ter ouvido Marina.

Por falar em Marina, quando volto a ficar de pé a alguns metros de Setrákus Ra, olho em volta, procurando-a. Lá está ela — arrastando o corpo inconsciente de Adam para o outro lado da cratera. Enquanto observo, vejo tiros acertarem a terra ao redor de Marina, e ela é forçada a procurar abrigo atrás de uma pilha de tijolos de calcário bem na beirada da cratera. Pela direção dos tiros, parece que os mogs se reagruparam em torno da rampa de entrada da *Anúbis*. A enorme nave ainda paira sobre nós, e seu fundo de metal é agora nosso novo céu.

Recuo quando Setrákus Ra vem em minha direção, desviando de alguns golpes seus. Quando saio de seu alcance, ele usa a telecinesia para arremessar alguns tijolos soltos em mim. Eu os desvio com a espada, as mãos já suadas no cabo.

— Onde está toda aquela sua coragem agora, criança? — pergunta ele. — Por que está fugindo?

É melhor deixá-lo pensar que estou recuando. Quer dizer, *estou* recuando. Só que não é *tudo* o que eu estou fazendo. Meu real objetivo é levar Setrákus Ra para o mais longe possível de onde Marina está. Quando ela

estiver afastada do raio de anulação de Legado dele e puder curar Adam, teremos chance de virar o jogo.

Quando me escondo embaixo de outra rocha, vejo Marina aninhar a cabeça de Adam e pressionar as mãos contra seu rosto. Seus Legados devem estar funcionando! Agora só preciso continuar brincando de gato e rato até...

Uoou.

Meus calcanhares tropeçam em alguma coisa e eu caio para trás. Minha aterrissagem é amortecida por algo macio e levo um instante para perceber que esbarrei no corpo de Ella. A menina está pálida, completamente imóvel, e há uma trilha coagulada de gosma negra escorrendo de suas narinas. Ela ainda parece morta. Não tenho tempo de checar seu pulso. Setrákus Ra está bem à minha frente.

Ele para. Percebo que o corpo de Ella mexe com ele. Não sou boa em ler aquele rosto enrugado e seus olhos negros e vazios, mas, se tivesse que adivinhar, diria que Setrákus Ra está sentindo uma mistura horrível de remorso e decepção. Ele se preocupava com a neta da maneira mais bizarra possível, querendo transformá-la em um monstro como ele. Espero que o corra por dentro saber o quanto ele falhou.

— Ela odiava tudo a seu respeito — digo, então ergo a espada, a ponta virada para a virilha de Setrákus Ra.

Setrákus Ra tenta se afastar. A lâmina roça sua armadura, mas então dou sorte. A ponta da espada corre para o lado, encontra um espaço entre as placas de armadura e entra bem fundo na parte interna de sua coxa. Setrákus Ra berra de dor quando o perfuro, o sangue negro e viscoso esguichando por sua perna.

— Sua desgraçada! — esbraveja ele.

Em resposta, pego um punhado de terra e atiro em seus olhos.

Já estou de pé, apressada de novo, procurando por mais aberturas em sua armadura. Esses pontos estão, em sua maioria, em torno das juntas, para

oferecer flexibilidade: cotovelos, joelhos e, naturalmente, a cabeça e o pescoço marcado pela cicatriz. É onde eu tenho que mirar.

— Isso já foi longe demais! — grita Setrákus Ra, e não acho que ele esteja falando só da luta de agora.

Tentar nos caçar durante anos frustrou o velho, e agora estamos tentando destruir seus planos de invasão cuidadosamente elaborados. Ele está perdendo a calma. Posso usar isso para fazê-lo lutar sem cuidado.

Setrákus Ra cresce. No espaço de poucos segundos, ele vai de um gigante de dois metros e quarenta de altura a um colosso de seis metros que assoma muito acima de mim. A questão é que sua armadura cresce com ele, e isso faz com que os espaços em suas articulações pareçam grandes alvos.

Agora só tenho que evitar ser esmagada até a morte. Superfácil.

Não posso mais fugir dele. Agora será impossível não ser alcançada por ele, que continua avançando com rapidez. Eu me viro para encará-lo, tentando não colocar muito peso nas pontas dos pés. Meu plano é me esquivar de seu ataque, talvez passar por baixo de suas pernas e cortar a parte de trás de seus joelhos.

O punho de Setrákus Ra é do tamanho de um bloco de concreto. E vem direto para cima de mim. Não sei se vou conseguir me esquivar.

Não preciso. No último segundo, Setrákus Ra recua e leva as mãos ao rosto, uivando de dor. Um leão com a cabeça de uma águia, garras afiadas e lindas asas cobertas de penas passou voando e o cortou. Um grifo. Um grifo acabou de vir ao meu resgate.

Bernie Kosar. Deus te abençoe, BK.

Setrákus Ra se vira para enfrentar o Chimæra, que é um oponente com o tamanho bem mais próximo ao dele. BK rugue e ataca Setrákus Ra com suas garras. Por mais forte que ele seja, Setrákus Ra ainda consegue ser mais. Ele segura uma das garras de BK com a mão, então puxa o animal para a frente, dando-lhe uma gravata. Bernie Kosar uiva, obviamente com dor. Com um

grito feroz, tão animal quanto Bernie Kosar, se não mais, Setrákus Ra tenta quebrar o pescoço do Chimæra.

Mas eu o impeço. Enfio a espada na parte de trás do joelho de Setrákus Ra. O objeto desliza facilmente pelo tecido macio da perna e ele berra de dor, solta BK e tropeça para a frente. Com isso, a espada sai do meu alcance. Setrákus chuta para trás e, embora eu tente sair do caminho, sua grande bota acerta a lateral do meu corpo. Sinto algumas costelas se quebrando.

— Pegue-o, BK! — grito, enquanto sou jogada no chão.

Bernie Kosar está prestes a atacar quando a respiração ofegante de alguém um pouco mais atrás chama a nossa atenção.

Ella se senta, ainda sem fôlego, como se respirar fosse doloroso. Seus olhos praticamente voltaram ao normal, mas ainda há centelhas de energia lórica faiscando nos cantos. Aquela gosma negra continua a escorrer de seu nariz e ela a cospe.

Setrákus Ra tira a espada de trás da perna como se fosse uma farpa. A arma fica ridiculamente pequena em sua mão enorme. Ele a arremessa em direção a Bernie Kosar, impelindo-a com sua telecinesia. BK desvia no último segundo, mas a lâmina consegue deixar um corte sangrento na lateral de seu corpo. Ele está machucado e sua poderosa forma de grifo começa a voltar ao normal. BK balança a cabeça para a frente e para trás, rosnando, lutando para manter sua forma e continuar na batalha.

— Neta! — grita Setrákus, a voz estrondosa em razão de sua forma enorme. Ele manca em direção a Ella. E parece realmente aliviado em ver que ela está viva. — Estou indo ajudá-la.

Ella vomita mais daquela gosma negra. Qualquer que tenha sido a porcaria que Setrákus Ra injetou nela, com certeza parece que seu corpo está rejeitando. Não posso deixá-lo capturar Ella novamente.

— Bernie Kosar! — grito. — Tire-a daqui!

O Chimæra ferido olha para mim com seus afiados olhos de águia, mas não hesita. Ele desce em direção a Ella, chegando antes de Setrákus Ra, pega a

menina e a leva para a selva.

— Não! — grita Setrákus Ra. — Ela é minha!

Setrákus Ra começa a persegui-lo. Ele tenta deter Bernie Kosar com a telecinesia, conseguindo atrasar o Chimæra. Setrákus Ra está quase alcançando o animal quando um sincelo do tamanho de uma britadeira cai da borda da cratera, acertando o rosto do líder mogadoriano e arrancando um pedaço de sua orelha.

Marina. Ela está na beirada da cratera, já preparando outro projétil de gelo para arremessar em Setrákus Ra. Ao lado dela, Adam está de pé. Ele pisa forte e uma onda de energia sísmica se propaga pela cratera, tijolos soltos e pedaços de nave caindo em direção ao centro. Se eu já não estivesse no chão, a explosão teria me derrubado. Setrákus Ra, com as pernas já feridas, desaba. Talvez eu esteja vendo coisas, mas tenho a impressão de que ele encolhe um pouco quando seus pés saem do chão. Já fizemos tantas investidas e atrapalhamos tanto sua concentração que ele precisa se esforçar para manter todos os Legados. Tento usar a telecinesia para arremessar alguns destroços nele, mas ainda estou muito perto.

Disparos saem da *Anúbis* em direção a Marina e Adam, mas são respondidos na mesma moeda por Mark e Sarah, que correm pela borda da cratera. Entre seus disparos para nos proteger e as pedras quebradas do Santuário, conseguimos inadvertidamente separar Setrákus Ra do resto de suas forças.

De relance, vejo que Mark está sangrando de um corte no alto da cabeça e Sarah tem umas queimaduras bem feias pelo braço. Fora isso, parecem bem.

Na verdade, parecem estar melhores do que Setrákus Ra. O rosto machucado, sem uma orelha, as pernas com cortes. Ele se esforça para ficar de joelhos.

Nós o pegamos. Nós realmente o pegamos.

Marina atira outro sincelo em sua direção. Ele estende a mão e o estilhaça no ar.

— Não vou morrer nas mãos de crianças — esbraveja ele.

Mas quer saber? Ele não parece mais tão seguro.

Completamente dolorida e respirando com dificuldade, me coloco de pé e corro para o lado da cratera oposto ao que Marina e Adam estão. Se ficarmos separados, Setrákus Ra não tem como pegar todos nós no raio de seu campo de anulação de Legado. Podemos bombardeá-lo a distância.

Mark e Sarah me veem, mesmo trocando tiros com os mogs. Eles param de correr em volta da cratera a meio caminho entre mim e Marina e Adam. Eles trocam algumas palavras e, em seguida, Sarah vem em minha direção enquanto Mark corre até os outros.

— Achei que você gostaria de uma ajuda! — diz Sarah, descendo alguns passos para dentro da cratera para me ajudar a subir.

— Obrigada. Você está bem?

— Levando — responde ela.

Percebo que ela está tentando não olhar para as bolhas de queimaduras em seu braço.

Tenho uma visão muito melhor de nossa situação daqui de cima. Os mogs protegendo a *Anúbis* são surpreendentemente poucos. Os outros gardes devem ter matado vários deles enquanto lutavam com Setrákus Ra. Enquanto observo, Mark pulveriza mais um com um tiro na cabeça. Restam poucos.

Setrákus Ra não tem reforços.

Mas ele não vai desistir facilmente. O líder mogadoriano, ainda com seu tamanho ampliado, escala a cratera em direção a Marina e Adam. Como suas pernas estão feridas, ele usa as mãos para se impulsionar para cima. Inteligentemente, os outros não o deixam chegar perto. Adam continua desencadeando correntes sísmicas que fazem Setrákus Ra perder o equilíbrio e cair. Enquanto isso, Marina alterna entre congelar o chão sob os pés dele e arremessar pedaços de gelo. Setrákus Ra absorve a maioria dos impactos com sua armadura, mas não vai conseguir isso por muito tempo.

Ele já não faz mais nenhuma provocação. Em vez disso, parece estar meio desesperado.

— Você me dá cobertura? — pergunto a Sarah.

— Você sabe que sim.

Aceno com a cabeça e grito para Marina e Adam, do outro lado da cratera:

— Chegou a hora! Ataquem com tudo!

Sinto o chão tremer quando Adam aumenta a intensidade do terremoto e Marina começa a atirar ainda mais gelo. Sarah e Mark continuam disparando contra os mogs na rampa da *Anúbis*, matando alguns e mantendo os outros a distância. Levanto as mãos e me concentro, invocando a maior tempestade que consigo. A atmosfera à nossa volta fica pesada e úmida quando trago as nuvens para baixo, mesmo com a *Anúbis* pairando no alto. Em pouco tempo a nave é envolta por um espesso nevoeiro.

— Uau — ouço Sarah dizer.

Não é todo dia que alguém vê nuvens carregadas tão perto do chão.

Antes que eu possa terminar, ouço o ruído de metal se rasgando. Setrákus Ra desistiu de sair da cratera para ir atrás de Marina e Adam. Antes ele parecia excessivamente confiante e sedento por sangue. Agora está agindo de forma inteligente. Com sua telecinesia, ele rasga o que sobrou de seu duto da *Anúbis*. O imenso pedaço da máquina flutua no ar por um segundo antes de ele arremessá-lo para cima dos outros.

— Cuidado! — grita Mark. Ele e Adam se jogam para um lado, e Marina, para o outro. O duto bate no chão entre eles. Nenhum dos três está ferido, mas sem eles bombardeando-o com seus Legados, Setrákus Ra está livre para sair da cratera, seus enormes passos avançando rapidamente.

É minha vez de mantê-lo lá embaixo.

Giro as mãos pelo ar, controlando o clima. O vento aumenta, levantando detritos e terra. Pequenas pedras ferem meu rosto e meus olhos ardem com a poeira. Eu continuo. Estou criando um tornado, bem em cima de Setrákus Ra.

— Morra, seu miserável!

Minhas costas explodem de dor. Um disparo, bem entre minhas omoplatas. Caio de frente, me apoiando com as mãos e os joelhos, quase tombando na cratera. Minha concentração cai por terra comigo, o vento imediatamente começando a diminuir.

— Seis! — grita Sarah.

Ela me pega pela cintura e juntas rolamos para trás de uma pilha de escombros, escapando por pouco de mais disparos.

Os tiros não vêm da *Anúbis*. Vêm da selva.

— Proteger o Adorado Líder! — grita Phiri Dun-Ra enquanto se aproxima correndo e atirando novamente.

Ela lidera um pequeno grupo de guerreiros mogs. Eles devem ter entrado na selva, encontrado e libertado a nascida naturalmente e dado a volta por trás de nós. Vendo reforços, os mogs na *Anúbis* ficam mais ousados. De repente, estamos presos num fogo cruzado. Sarah tenta atirar de volta, mas o tiroteio é intenso. Ela se agacha ao meu lado.

— Seis, o que vamos fazer?

Coloco a cabeça para fora bem a tempo de ver Setrákus Ra alcançar o topo da cratera. Ele está com a espada de Adam e a usa quase como uma bengala.

Marina está bem em seu caminho.

— Marina! Sai daí! — grito. Ela não pode me ouvir. Então vejo tudo acontecer.

Marina estende as mãos, esperando que o gelo saia em direção a Setrákus Ra. Nada acontece. Seus Legados estão desligados. Setrákus Ra levanta uma das mãos no ar e, embora Marina lute, ela é arrancada do chão. Ele a levanta com sua telecinesia.

— Ah, Deus — diz Sarah. — Ah, não.

Setrákus Ra a atira no chão. Depois a levanta de novo. E a arremessa mais uma vez. Vejo o corpo de Marina ficar mole. Em cada ocasião, ele a levanta

quase uns seis metros no ar, então a arremessa de volta no chão duro. De novo e de novo.

É Mark quem a salva. Ele corre em volta do duto amassado e atira bem no rosto de Setrákus Ra, queimando o buraco ensanguentando onde ficava sua orelha. O mogadoriano grita de raiva e dor, e revida atirando Marina em direção a Mark. O corpo dela o acerta e os dois caem no chão. Mas Mark não perde o foco. Ele passa os braços em torno de Marina e tenta levantá-la.

Mesmo àquela distância, o corpo dela parece quebrado.

Não senti uma nova cicatriz se queimar em meu tornozelo. Ainda não. Ela continua viva.

Adam corre até Mark e juntos os dois pegam o corpo de Marina. Esquivando-se dos disparos, eles fogem para a selva.

Phiri Dun-Ra e os outros mogs alcançaram Setrákus Ra. Eles o cercam por todos os lados, embora ele recuse qualquer ajuda, afundando violentamente o crânio de um mog que teve a ousadia de tocá-lo. Eles o escoltam até a rampa. Setrákus está quase de volta a *Anúbis*.

— Merda, não — sibilo, forçando-me a me levantar, apesar da dor que queima minhas costas.

— Seis! — Sarah tenta me segurar. — Pare! Acabou!

Não aceito isso. Estávamos tão perto. Ele não pode escapar mais uma vez. Ainda posso matá-lo. Ainda podemos ganhar.

Saio de onde estou escondida e lanço as mãos para o ar, fazendo o vento aumentar novamente. Tijolos do Santuário, metal retorcido dos Escumadores que explodiram, pedaços afiados de vidro; tudo isso rodopia junto em um funil mortal. Phiri e seus mogs atiram em mim. Sinto um tiro arder em minha coxa, outro no meu ombro. Isso não me detém.

— Isso é suicídio! — grita Sarah em meu ouvido. Ela está ao meu lado, atirando de volta nos mogs.

— Volte — digo a ela. — Corra para a selva.

— Não vou deixar você! — responde ela, tentando novamente me puxar. Eu me solto dela.

Setrákus Ra chega ao topo da rampa. Grito e corro para a frente a toda, combinando meu Legado de clima com uma explosão violenta de telecinesia, atirando tudo que meus ventos pegaram para cima de Setrákus Ra.

Dois dos mogs sobreviventes viram cinza imediatamente, esmagados pelo meu bombardeio de detritos. Phiri Dun-Ra se encolhe, protegendo o rosto. Mas, à porta da *Anúbis*, Setrákus Ra continua firme. Ele se vira para mim, pedras e estilhaços ricocheteando em sua armadura, e revida. Sua própria telecinesia contra a minha.

Objetos voam em todas as direções. Pelo canto do olho, vejo a arma de Sarah ser arrancada de suas mãos. O para-brisa de um Escumador cai ao meu lado como uma lâmina de guilhotina. Sou atingida — várias e várias vezes — por coisas que mal consigo identificar. Ainda assim, me mantenho firme, os pés cravados na terra. E continuo.

Então acontece.

Um poste de metal com um símbolo de loralite entalhado nele, um pedaço do duto destruído de Setrákus Ra, voa pelo ar. A ponta é afiada. Denteada.

O poste mergulha direto no peito de Setrákus Ra. Eu o vejo se curvar e tropeçar para trás com o impacto. Vejo Phiri Dun-Ra gritar.

A força de sua telecinesia diminui. Eu o sinto enfraquecer.

Eu fiz isso.

Lágrimas escorrem pelo meu rosto.

Eu fiz isso.

Phiri Dun-Ra e os outros arrastam Setrákus Ra para a *Anúbis*. A porta se fecha. A rampa é recolhida.

Caio de joelhos. Ele está morto. Tem que estar morto. Tem que ter valido a pena.

Sarah passa os braços em volta de mim.

— Levante-se, Seis — diz ela, a voz tensa. Ela tosse, ofegante. Está ferida. Nós duas estamos. — Temos que ir!

Coloco minha mão em cima da de Sarah e nos torno invisíveis. Dessa forma, não tenho que ver o sangue.

Tanto sangue. Sangue demais.

Espero que tenha valido a pena.

CAPÍTULO

VINTE E QUATRO

FIZ UM MONTE de promessas lá na Câmara dos Anciões. Disse àqueles novos Gardes que os lideraria, que iríamos treiná-los, que juntos poderíamos salvar seu mundo. Foi bem impressionante ver todos eles lá. Sim, alguns deles pareciam assustados, alguns, completamente confusos, e uns poucos até francamente irritados por serem envolvidos nisso. Mas a maioria dos outros... eles pareciam prontos. Nervosos, sim, mas prontos e dispostos a se juntarem à luta.

Agora, para cumprir essas promessas, só tenho que sobreviver a um mogassauro terrivelmente furioso.

No segundo em que volto ao meu corpo, sinto uma rajada de ar quente do hálito fedorento da besta quando ela rugir. Está bem atrás de nós. Ainda estou com um braço em volta de Sam de quando o segurei antes de todos apagarmos. Ele recuperou os sentidos também, então tropeçamos um contra o outro, mas conseguimos nos equilibrar e sair correndo.

— Belo discurso! — grita Sam no meu ouvido. — Vamos morrer agora?

— É claro que não — respondo.

A reunião dos Gardes não é a única coisa que permaneceu na minha cabeça depois que saímos do espaço dos sonhos de Ella. Continuo pensando em Pittacus Lore em ação. Ximic, foi assim

que Loridas chamou o Legado de Pittacus Lore de copiar os outros Legados. E também teve o meu breve encontro com Henri.

Visualize, disse ele. *Visualize e lembre-se*.

A agente Walker para de gritar em seu telefone via satélite e olha para nós. Ela parece tão confusa com nosso despertar quanto deve ter ficado quando apagamos de repente alguns segundos atrás.

— Mas que diabos está acontecendo? — grita ela.

— Não se preocupe com isso! Faça seu pessoal vir nos dar cobertura! — grito, acenando os braços.

— Como vamos combater essa coisa? — pergunta Sam, olhando por cima do ombro.

— Não sei — respondo, sério.

— Nós o acertamos várias vezes — dispara Nove.

Walker e a maioria dos agentes usam a Estátua da Liberdade como cobertura. Não sei bem de que isso vai adiantar, considerando que o mogassauro é quase tão grande quanto a estátua. Um dos agentes, não lembro seu nome, está desesperado e tropeça quando o gigante se aproxima. A besta se move como um gorila, mantendo o peso nas patas da frente, as garras dos pés de trás fazendo sulcos no cimento à medida que busca um ponto de apoio. Para nossa sorte, o monstro recém-nascido ainda está aprendendo a andar.

Mas isso não salva o agente caído. Tento puxá-lo para trás com a minha telecinesia, mas não sou rápido o bastante. O mogassauro desce um dos punhos fechados e esmaga o pobre rapaz. Acho que a besta nem nota. Seus olhos, cada um pontilhado com o que tenho certeza de que é um pingente lórico roubado, estão fixos em nós.

É só uma questão de tempo até ele nos pegar. De repente, me vejo pensando na noite em que conheci Seis, lá em Paradise. Foi também a primeira vez que enfrentei um piken, embora não fosse nem de longe tão grande quanto esse colosso. Seis usou a invisibilidade para nos tirar de um monte de apuros naquela noite. Me lembro de como ela pegou minha mão. Me lembro da sensação atordoante de ver através do meu próprio corpo.

Lembre-se. Visualize.

— John? — grita Sam enquanto corremos. — JOHN?

— Qual é o problema? — grito, olhando para trás.

— Você... — Ele está olhando para mim e quase tropeça nos próprios pés. — Você simplesmente desapareceu.

Eu não desapareci, percebo. Fiquei invisível.

— Cacete, posso fazer isso — digo em voz alta.

— Fazer o quê? — pergunta Nove.

Não respondo. Minha mente está acelerada. Acabei de usar o Legado de invisibilidade de Seis, ainda que por pouco tempo. Simplesmente tive um estalo, como quando nos lembramos de um nome que pensávamos ter esquecido. Eu poderia nos tornar invisíveis. Poderíamos escapar. Mas isso significaria abandonar Walker e seus colegas.

Todo esse poder, bem na ponta dos meus dedos, bem ali ao meu alcance. E agora... o que vou fazer com isso? Preciso de tempo para praticar, para descobrir, para treinar.

Que Legados posso copiar nos próximos minutos que nos ajudariam a derrotar aquele monstro?

A agente Walker e seu grupo esvaziam suas armas na besta. As balas são todas engolidas pela pele grossa da coisa, não mais

eficazes do que a minha bola de fogo foi mais cedo. Apenas um bando de mosquitos para o mogassauo. Ele ignora completamente os agentes, vindo em direção a nós.

— Vamos lá! — grito. — Vamos levá-lo para o gramado!

Teremos mais espaço para combatê-lo lá e, considerando que o monstro me parece ser uma criatura bem desajeitada, provavelmente será melhor se o mantivermos em movimento. Com sorte, espero descobrir alguma coisa enquanto ele nos persegue.

— Ah, cara, não me sinto muito bem — diz Daniela. Normalmente uma corredora rápida e graciosa, Daniela tropeça nos próprios pés enquanto corremos em direção ao gramado. Eu a pego pelo braço e a puxo junto comigo. — Alguma coisa aconteceu comigo naquela droga de visão. Minha cabeça está latejando.

Pedaços de cimento voam com o mais recente passo do mogassauo e acertam meus ombros.

— Vou tentar uma coisa, Johnny! — diz Nove, e se separa de nós.

— Faça o que puder — digo, dando um voto de confiança em Nove.

Nove corre até a beira da praça, onde há uma fileira de binóculos de metal em hastes presas ao chão, que servem para os turistas admirarem a vista de Manhattan. Ele arranca dois desses do chão, segurando um em cada mão, como porretes. Em seguida, ele dispara em direção ao monstro. Sua supervelocidade entra em ação, e ele se transforma em um borrão cruzando a praça.

Eu poderia usar isso. Tento me concentrar em Nove, imagino a forma como seus músculos trabalham, como ele aumenta sua velocidade com o Legado. Mas nada acontece.

A criatura parece confusa quando Nove corre em direção a ela. A coisa hesita, tentando decidir se quer atacar Nove ou continuar perseguindo o resto de nós. Então, talvez concluindo em seu minúsculo cérebro que é mais fácil ficar parado, o mogassauro solta um grito para receber Nove. Em seguida, ergue uma das mãos gigantescas, preparando-se para golpear Nove assim que ele se aproximar.

— Ele sabe o que está fazendo? — pergunta Sam.

— Alguma vez ele já soube? — respondo.

Chegamos à beira do gramado em frente à Estátua da Liberdade. A essa altura, Daniela cai de joelhos, incapaz de ir mais longe.

— Ah, cara, minha cabeça vai explodir — geme ela. Ela se enrosca como uma bola e massageia os olhos com os pulsos.

— O que há de errado com ela? — pergunta Sam.

— Não sei!

Nossos olhos se encontram e nós dois percebemos algo ao mesmo tempo. Juntos, Sam e eu nos viramos para Daniela.

— Ela está recebendo um novo Legado! — diz Sam.

Eu me agacho ao lado dela.

— O que quer que esteja acontecendo com você, Daniela... deixe acontecer! Deixe que saia e... — Sou interrompido quando o mogassauro acerta Nove.

O impacto é violento. O animal deixa uma marca de dois metros de profundidade em forma de mão no concreto da praça. A princípio, penso que não há como Nove ter sobrevivido. Mas

então eu o vejo, usando seu Legado antigravidade para subir no braço musculoso e cheio de veias pretas do mogassauo.

O monstro rugiu, enfurecido, e golpeia Nove com a outra mão. Nove corre por baixo do braço da criatura no momento certo, evitando o impacto. Ele é rápido e está preso ao mogassauo, movendo-se cada vez mais para cima no braço dele como um pequeno inseto irritante. Não sei o que ele vai fazer quando chegar à cabeça do animal. Se eu tivesse que adivinhar, apostaria que Nove também ainda não sabe.

— John! — grita alguém atrás de mim. — John! Me solte!

Eu me viro e vejo Cinco de joelhos na grama, fazendo força para se soltar. Nós o deixamos amarrado ali com as cordas que pegamos no barco da Guarda Costeira. Ele não tem sua lâmina ou seu rolamento de esferas para mudar sua pele para metal, então está mais inofensivo do que nunca.

— Ah, de jeito nenhum — diz Sam, olhando para Cinco.

— Sei o que aquela coisa é — diz Cinco. Ele se apoia de novo nos joelhos, as mãos presas na frente, e olha para mim. — Sei como matá-lo. Posso ajudar vocês.

— Me diga como — digo.

— Setrákus Ra o chama de Caçador — diz Cinco. — Ele estava construindo a coisa quando eu ainda estava a bordo da *Anúbis*. Ela tem pingentes lóricos nos olhos e pode usá-los para encontrar qualquer Garde. Não há como fugir, temos que matá-lo.

Enquanto Cinco fala, Nove chega ao ombro do Caçador. A besta desiste de tentar golpeá-lo para longe. Agora, ela inclina a cabeça cheia de espinhos e tenta engolir Nove inteiro. Nove responde

enfiando a ponta quebrada de um dos postes de metal bem no céu da boca do monstro. A criatura vira a cabeça e uiva.

Perto de mim, Daniela geme. Sam se ajoelha ao lado dela e esfrega suas costas.

— Vamos, hã, faça o que John disse — tenta Sam, mas a única reação de Daniela é gemer. Ele olha para mim. — Precisamos pensar em alguma coisa! Se vocês têm algum poder novo incrível, é hora de usá-los!

— Ele precisa atacar os olhos, John — insiste Cinco, ignorando tudo, menos eu. — Me solte. Posso ajudar vocês.

— Por que diabos eu deveria confiar em você? — pergunto.

Cinco fecha a cara. Eu o vejo fazer força contra as cordas, testando-as. Ele olha para mim, e posso ver que ele está fazendo um grande esforço para controlar a raiva.

— Porque eu poderia me soltar daqui se realmente quisesse — responde Cinco. — Mas não vou. Você salvou minha vida, John, e, independentemente do que você pensa, eu não sou como *ele*.

Sei exatamente do que Cinco está falando. Setrákus Ra e Pittacus Lore. Compaixão seguida de traição.

— Eu quero ajudar — rosna Cinco. — Me deixe ajudar.

— Que se dane — diz Sam, tomando a decisão por mim. Ele pega a lâmina de Cinco, estende-a e desata as cordas que o prendem. — Toda ajuda é bem-vinda.

Olho de novo para o monstro. Nove crava seu outro poste de metal no pescoço do animal várias e várias vezes. Vejo o sangue preto espirrando, mas ele definitivamente não está fazendo um estrago muito grande. Então, aos gritos, o monstro tenta bater nele

novamente. Dessa vez, ele consegue acertar Nove, que é forçado a recuar para as costas do monstro.

Acima dos berros do Caçador, ouço o familiar *vup-vup-vup* de helicópteros. Um par de reluzentes Black Hawks acabou de decolar da ponte do Brooklyn e está a caminho. Então a agente Walker não é totalmente inútil, afinal.

— Pode me devolver isso? — pergunta Cinco a Sam, estendendo a mão para pegar sua arma.

— Não — digo, me colocando entre os dois. — Você disse que podia ajudar. Então vai ajudar.

Cinco suspira.

— Tudo bem. Vou fazer isso da maneira mais difícil. — Ele flutua a alguns metros do chão, em seguida olha para mim. — Está certo, John. Ateie fogo em mim.

— O quê?

— Ateie fogo em mim! — grita ele.

Não preciso de muito mais que isso para me convencer a ferir Cinco. Acendo meu Lúmen e atiro uma pequena bola de fogo nele. Ele se deixa acertar e imediatamente sua pele está coberta de chamas.

— Obrigado — diz ele, e risca o céu em direção ao Caçador, nosso próprio míssil flamejante.

Eu me agacho ao lado de Daniela e pressiono as mãos contra sua cabeça. Deixo o Legado de cura fluir, na esperança de aliviar sua dor. Mas não é meu Legado de cura de fato, não é mesmo? É o Ximic, e a cura é só o Legado que eu soube copiar muito bem. Ele não ajuda Daniela, mas algo acontece quando a energia flui entre

nós. De repente, identifico exatamente o que está acontecendo dentro dela.

Eu sinto também. Uma pressão por trás dos olhos. Um peso enorme que parece estar tentando perfurar meu rosto.

— Isso está acabando comigo! — grita Daniela.

— Ahhhh, eu sei! Também estou sentindo! — respondo, segurando os lados da cabeça como se meu crânio fosse se partir.

Enquanto isso, Cinco, pura velocidade e calor incandescente, voa direto para um dos olhos do Caçador. Ouvimos um barulho nauseante e o monstro grita mais alto do que nunca. Um instante depois, vemos explodir um buraco na parte de trás da cabeça dele e Cinco sair. Ele segura alguma coisa no alto. Deve ser um dos pingentes lóricos.

— Merda — diz Sam. — Isso foi horrível, mas funcionou.

Uma bala humana acabou de atravessar o cérebro do Caçador. Aposto que ele se sente mais ou menos como Daniela e eu no momento. O monstro não tomba morto, como eu esperava. Em vez disso, só fica mais irritado. Ele se lança em direção a Cinco, que escapa rapidamente. Ainda agarrado à besta, mas agora ciente de como realmente feri-lo, Nove começa a subir em direção aos olhos restantes.

É então que os Black Hawks chegam. Eles bombardeiam o Caçador com mísseis que só enfurecem ainda mais o monstro. Embora eu aprecie a ajuda, as armas deles não vão ferir essa coisa. E há uma boa chance de esses pilotos acabarem morrendo ou acertando Nove e Cinco por acidente.

O Caçador se debate, destruindo a praça e quase jogando longe um dos helicópteros. Isso dificulta muito o trabalho de Cinco, que

quer acertar outro golpe nos olhos da criatura.

Quando o Caçador inclina a cabeça para trás e ruge, a poderosa rajada de mau hálito é o suficiente para soprar Nove para longe da cara do monstro. Ele voa do corpo do Caçador e mergulha os cerca de trinta metros de volta ao chão de concreto. Tento alcançá-lo com a minha telecinesia, mas a distância é muito grande e minha cabeça está latejando tanto que não consigo me concentrar.

Cinco voa para baixo, as chamas apagadas. Em vez de se lançar em outro ataque, Cinco pega Nove pelo pulso no ar e o abaixa suavemente até o chão. Em resposta, Nove lhe dá um soco na cara. Porque é claro que sim.

Os pilotos do helicóptero estão voltando. No chão agora, Cinco e Nove estão bem no caminho do Caçador. As coisas estão se complicando rapidamente.

— Se vocês vão fazer alguma coisa, agora é a hora! — grita Sam.

Eu não sei o que fazer. Posso sentir esse Legado que copiei de Daniela aumentando dentro de mim, mas não tenho ideia do que ele faz ou de como usá-lo. Estou meio perdido. Tudo o que tenho é uma dor de cabeça lancinante. Deve haver mais do que isso.

Com um grito angustiado, Daniela fica de pé. Ela empurra nós dois para o lado e grita:

— Tenho que deixar sair!

Daniela abre os olhos e um raio concentrado de energia prateada dispara em direção ao Caçador. No início, ela está desorientada, o raio de energia parecendo dolorosamente grande ao sair de sua cabeça e ziguezagueando pelo corpo do monstro. Mas, depois de alguns segundos, Daniela pega o jeito. O raio se torna mais estreito e concentrado.

O resultado é melhor do que eu poderia ter esperado.

O Caçador emite um gemido confuso quando olha para seu imenso corpo e vê que está virando pedra.

Assim que vejo Daniela fazer isso, percebo que também consigo. Me concentro no peso atrás dos meus olhos — como uma pedra, ansiosa para rolar morro abaixo — e o empurro para fora. Minha visão assume uma tonalidade prateada quando o raio sai dos meus olhos. É difícil no início, já que tenho que controlá-lo com meus olhos, por isso não é fácil ser preciso, mas entendo rapidamente como funciona. Daniela também. Em pouco tempo, estamos pintando riscos de pedra por toda a imponente estrutura do monstro confuso.

O Caçador tenta se lançar para a frente para atacar Nove e Cinco, mas suas pernas já não estão mais funcionando. Viraram sólidos blocos de rocha.

Segundos mais tarde está tudo acabado. Erguendo-se próxima à Estátua da Liberdade está a lápide cinzenta da mais formidável criação mogadoriana que já vi, suas feições hediondas congeladas para sempre em uma máscara confusa de raiva. Nove e Cinco olham a coisa, confusos demais para lutarem entre si. Os helicópteros circulam à sua volta, obviamente detectando que a besta já não é mais uma ameaça, e sim apenas uma monstruosidade.

— Minha nossa — diz Daniela, e se apoia em mim. — Aquilo foi bem desagradável.

Esfrego o rosto.

— Nem me fale.

— Isso foi incrível! — grita Sam. — Você é como a Medusa.

— Esse *não* vai ser o meu nome de super-herói — responde - Daniela bruscamente. — Ugh.

— E você é como... como... — Sam está animado demais até mesmo para falar.

— Como Pittacus — termino para ele.

— Sim! Isso é grande. Você percebe como isso é grande?

— É grande.

— Você está roubando a atenção do meu novo Legado — resmungo Daniela.

Balanço a cabeça e sorrio, me sentindo realmente aliviado pela primeira vez em vários dias. Nove caminha em direção ao monumento monstruoso, as mãos nos quadris, e bate na pedra. Enquanto ele faz isso, Cinco volta para onde o restante de nós está. Percebo que ele pendurou o pingente lórico que arrancou do crânio do monstro no pescoço. Me pergunto se esse era o seu pingente, do qual abriu mão ou que foi tomado por Setrákus Ra, ou se pertencia a um dos Gardes mortos. Não toco no assunto agora. Ele estende as mãos.

— Bem, eu tentei — diz ele. — Você pode me prender de novo se quiser.

Troco um olhar rápido com Sam. Sei que Cinco acabou de nos ajudar e sei que ele disse que poderia ter se soltado daquelas cordas se precisasse, mas ainda me sinto mais confortável com ele amarrado. Ele é um louco e um assassino. Não sei se algum dia conseguirei realmente confiar nele.

Enquanto pego as cordas que Sam cortou alguns minutos atrás, a agente Walker e os sobreviventes de sua equipe caminham até nós. Ela está no meio de uma conversa em voz baixa em telefone

via satélite. Enquanto ela não está prestando atenção, o agente Murray sorri para nós e ergue os dois polegares.

Os helicópteros pousam um pouco afastados, em um dos pequenos pedaços da praça que não foi demolido pelo Caçador. Acho que eles vão nos levar de volta ao acampamento militar. Tenho que descobrir o que aconteceu com os outros Gardes. Não tenho nenhuma nova cicatriz no meu tornozelo, o que significa que venceram a batalha ou ela ainda está acontecendo. Preciso chegar até eles, até Setrákus Ra, e fazer bom uso desse novo Legado.

Bem, desde que eu descubra como usá-lo.

— Sim, senhor — diz a agente Walker ao telefone, então o afasta do rosto, piscando em choque como se não pudesse acreditar no que está acontecendo. Ela parece mais surpresa com sua conversa do que com a estátua monstruosa que Daniela e eu acabamos de criar. Ela cobre o bocal do telefone e o estende para mim. — John, hmmm, o presidente quer falar com você.

Fico olhando para ela.

— O quê? Sério?

Walker faz que sim.

— Ele aparentemente... hmmm, mudou de opinião e quer apoiar completamente os lorientos. Ele quer que você vá para Washington imediatamente para discutirem estratégias.

Entrego as cordas para Nove quando ele se aproxima de nós. Ele fica muito feliz em ser o responsável por amarrar Cinco.

— Me salvar não nos deixou quites — murmura ele para Cinco.

— Não, não deixou — responde Cinco calmamente.

Eu ignoro os dois por enquanto. Estou prestes a falar com o presidente. Balanço a cabeça, olhando para Walker.

— Isso não é nenhum tipo de truque, não é?

— Não — diz Walker, sacudindo o telefone em minha direção.
— Ele está falando sério. Parece loucura, mas aparentemente a filha mais velha dele teve um tipo de... visão? Onde você fez um discurso?

Sam não consegue conter o riso.

— Fala sério!

Walker olha para nós dois.

— Perdi alguma coisa?

— Não — digo, sorrindo e estendendo a mão para pegar o telefone. — Explico mais tarde.

Antes que eu possa pegar o telefone via satélite de Walker, o meu próprio começa a vibrar no meu bolso de trás. Só duas pessoas no mundo têm esse número — Sarah e Seis. A luta com Setrákus Ra deve ter acabado se elas estão me ligando. Mas que diabos, talvez tenham até matado aquele velho maldito.

— Desculpe — digo a Walker, pegando meu telefone. Ela olha para mim como se eu fosse louco. — Diga ao presidente para esperar um pouco. Tenho que atender essa ligação.

Atendo o telefone e imediatamente meu bom humor evapora. Posso ouvir o ar correndo, disparos distantes e muitos gritos. Acho que é Mark e ele parece completamente fora de si, gritando para alguém acordar. Sinto um nó no estômago.

E então Sarah começa a falar.

— John... — A voz dela é trêmula, fraca. — Escuta, eu não tenho muito tempo...

CAPÍTULO

VINTE E CINCO

— SEGUREM FIRME! — GRITA Lexa da cadeira do piloto, e a nave balança violentamente para o lado. Os disparos zunem pelo ar lá fora, quase nos atingindo. Ela faz outra manobra evasiva e inclina a nave com força para a direita.

A *Anúbis* nos persegue, acionando seus canhões de energia sempre que estamos mais ou menos na mira. Mas tenho fé de que Lexa vai conseguir nos tirar dali. Nossa nave é menor, mais rápida, e ela é uma excelente pilota.

— O que está acontecendo aí atrás? — grita ela, o suor escorrendo pelo rosto enquanto mergulha mais para perto da selva, usando as árvores para nos esconder. — Seis? Fala comigo, Seis!

Não consigo falar.

Do outro lado do corredor, Ella está sentada de costas para a parede, os joelhos junto ao peito. Ela se abraça e balança o corpo para a frente e para trás, chorando. Seu rosto está manchado com aquele lixo que parece óleo, mas pelo menos parou de sair dela. Ainda noto um crepitar ocasional de energia lórica em torno de sua cabeça.

— Eu o avisei — sussurra ela para si mesma repetidas vezes. — Avisei a todos vocês o que iria acontecer.

Marina está deitada em uma cama na parte de trás da nave, inconsciente e muito mal, seu corpo amarrado para não ser jogado de um lado para o outro durante nosso apressado voo de fuga. Nem quero imaginar quantos de seus ossos estão quebrados, ou se ela vai acordar novamente.

Isso não impede Mark, aos prantos, de sacudi-la violentamente.

— Acorda! — grita ele, olhando para ela. — É você que tem o poder da cura, droga! Você tem que acordar e curá-la!

Adam tenta tirá-lo dali. O mogadoriano joga Mark com força contra a parede e pressiona o braço em sua garganta. Mark luta com ele, então Adam só o deixa preso naquela posição até ele parar.

— Para! Você pode matá-la sacudindo-a desse jeito — rosna Adam.

— Eu preciso... — implora Mark.

Adam balança a cabeça firmemente.

— Não há nada que você possa fazer — diz ele, tentando não soar frio.

Mark pressiona a testa contra a de Adam e grita:

— Nós nunca devíamos ter vindo aqui!

Todo o caos não parece incomodar Sarah. Ela olha para mim e sorri serenamente. Está mais pálida do nunca. Um segundo atrás, dei a ela meu telefone via satélite para ligar para John.

— John... Escuta, eu não tenho muito tempo — diz ela, a voz baixa e fraca.

Minhas mãos estão cobertas com o sangue de Sarah. Estou fazendo o máximo para conter o sangramento, mas a ferida é enorme. Nem sei direito o que a atingiu, havia tantos objetos voando pelo ar. Algo grande e pontudo. Acertou-a acima dos quadris e depois saiu, levando grande parte de sua barriga junto. Levei alguns tiros durante aquele confronto com Setrákus Ra, mas vou sobreviver.

Sem Marina, Sarah não tem muito tempo.

Ela me arrastou para longe da pista de pouso quando eu ainda estava atordoada. Não sei como ela fez isso, sangrando desse jeito. Adrenalina? Sua força vacilou quando chegamos à selva. Tive que carregá-la o resto do caminho até a nave de Lexa.

O chão está coberto com seu sangue. Assim como as minhas roupas. E está em minhas mãos. Em todos os sentidos.

Isso aconteceu por minha causa. Porque ela não queria me deixar sozinha para enfrentar Setrákus Ra.

Garota estúpida. Ela provavelmente salvou minha vida.

— Por favor, John, não fale, só ouça... — diz Sarah. — Você tem que saber, desde o momento em que vi você na Paradise High, eu já sabia. Sabia que iríamos nos apaixonar. E nunca me arrependi disso nem por um segundo. Nem mesmo agora. Eu te amo com todo o meu coração, John. Sempre vou te amar. Isso... isso tudo valeu a pena.

A nave se inclina bruscamente para a esquerda. Se eu matei Setrákus Ra lá atrás, isso não deteve a *Anúbis* de tentar nos caçar. Como vou explicar isso para John? Como vou viver com isso?

Devia ter sido eu.

— Eu queria... queria poder ter visto você mais uma vez — diz Sarah, baixinho, as lágrimas brotando em seus olhos. — Talvez ainda veja. Vou ficar esperando por você, John, aonde quer que eu vá. Talvez vá ser... vá ser como Lorien. Ou como Paradise.

Bernie Kosar se deita ao lado de Sarah. Ele geme e lambe sua bochecha. Ela ri um pouco.

— BK está aqui — diz ela a John, parecendo cada vez mais distante. — Ele está dizendo *oi*.

Sarah arfa em busca de ar. Tosse. O sangue escorre dos cantos da sua boca, saído de dentro dela. Ela luta contra isso. Ela está se esforçando tanto para ficar.

— Me prometa, John... me prometa que vai continuar lutando. Prometa que vai vencer. Não deixe que isso tudo seja em vão, meu amor. Por favor, lembre-se, eu amo você, John. Eu sempre...

Sarah para de falar. Sua boca continua se movendo por mais um segundo, sem emitir nenhum som, e então para. Mantenho uma das mãos pressionando seu estômago e levo a outra ao seu pescoço, embora já saiba.

Ela se foi.

SOBRE O AUTOR



PITTACUS LORE é o Ancião a quem foi confiada a história dos lorienos. Passou os últimos anos na Terra, preparando-se para a guerra que decidirá o destino do planeta. Seu paradeiro é desconhecido.

www.serieoslegadosdelorien.com.br

CONHEÇA OS LIVROS DA SÉRIE

OS LEGADOS  DE LORIEN



Eu sou o Número Quatro
Livro I



O poder dos seis
Livro II



A ascensão dos nove
Livro III

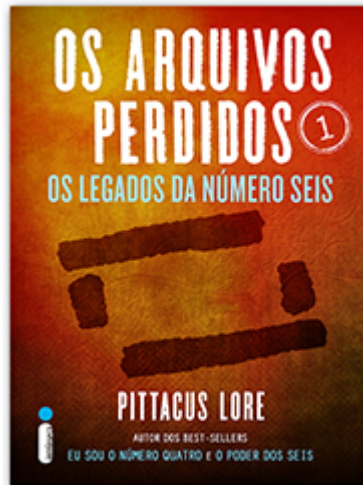


A queda dos cinco
Livro IV



A vingança dos sete
Livro V

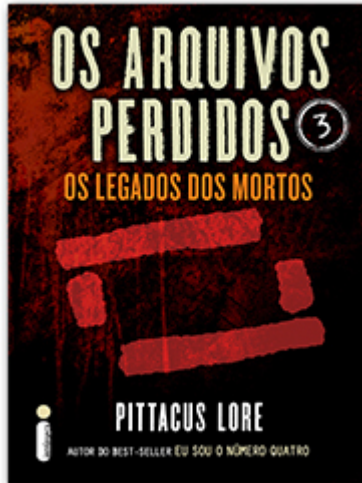
OS ARQUIVOS PERDIDOS
SÉRIE EXCLUSIVAMENTE EM E-BOOK



Os legados da Número Seis



Os legados do Número Nove



Os legados dos mortos



A busca por Sam



Os últimos dias de Lorien



Os esquecidos



Os legados do Número Cinco



De volta a Paradise



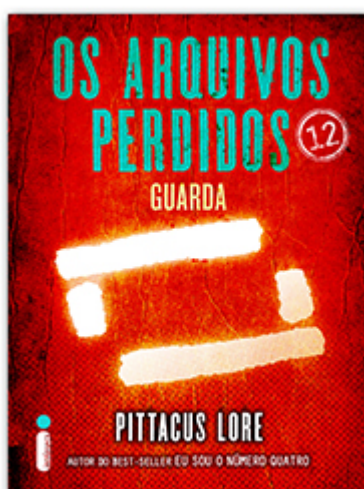
A traição do Número Cinco



A fuga



A navegadora



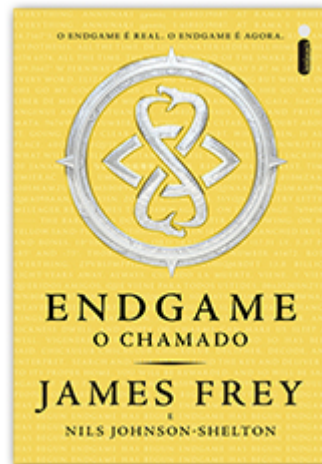
Guarda

BOX DIGITAL OS ARQUIVOS PERDIDOS

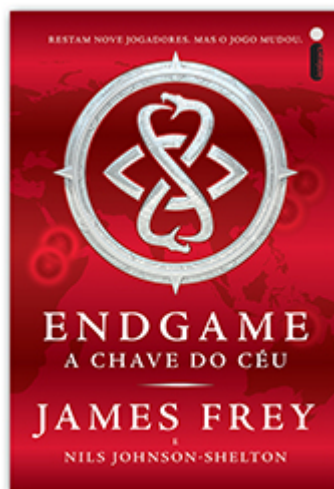


Box com os 12 volumes da série *Os arquivos perdidos*

LEIA TAMBÉM



Endgame: O Chamado
James Frey e Nils Johnson-Shelton



Endgame: A Chave do Céu
James Frey e Nils Johnson-Shelton



Endgame: Diários de Treinamento
Volume 1 – Origens
James Frey
(exclusivamente em e-book)



Endgame: Diários de Treinamento
Volume 2 – Descendência
James Frey
(exclusivamente em e-book)



Endgame: Diários de Treinamento
Volume 3 – Existência
James Frey
(exclusivamente em e-book)